



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES**

**NÉLIA LUCIA FONSECA**

**PRÁTICAS EDUCATIVAS EM ARTES VISUAIS E AS QUESTÕES  
AMBIENTAIS NA ESCOLA BOSQUE**

**BELÉM/PARÁ  
2024**

NELIA LUCIA FONSECA

**PRÁTICAS EDUCATIVAS EM ARTES VISUAIS E AS QUESTÕES  
AMBIENTAIS NA ESCOLA BOSQUE**

Tese apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Artes, do Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Doutora em Artes.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosangela Marques de Britto

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Del Tabor Vasconcelos Magalhães

BELÉM/PA  
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)  
autor(a)

---

F676p Fonseca, Nelia Lucia.  
Práticas Educativas em Artes Visuais e as Questões  
Ambientais na Escola Bosque / Nelia Lucia Fonseca. — 2024.  
216 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dra. Rosangela Marques de Bitto  
Coorientação: Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Del Tabor Vasconcelos  
Magalhães  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará,  
Instituto de Ciências da Arte, Programa de Pós-Graduação  
em Artes, Belém, 2024.

1. Arte na Educação. 2. Práticas Educativas. 3.  
Questões Ambientais. I. Título.

CDD 370.7108115

---



INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TESE DE DOUTORADO DO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO PARÁ.

Aos trinta (30) dias do mês de outubro do ano de dois mil e vinte e quatro (2024), às nove (09) horas, a Banca Examinadora instituída pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, reuniu-se sob a presidência da orientadora professora doutora Rosângela Marques de Britto, conforme o disposto nos artigos 73 ao 77 do Regimento do Programa de Pós-Graduação em Artes, para presenciar a defesa oral de Tese de Nélia Lucia Fonseca, intitulada: Práticas Educativas em Artes Visuais e as Questões Ambientais na Escola Bosque. Perante a Banca Examinadora, composta por: Rosângela Marques de Britto (Presidente); José Afonso Medeiros Souza (Examinador Interno); Ana Del Tabor Vasconcelos Magalhaes (Examinador Externo ao Programa); Lucia Gouvea Pimentel (Examinador Externo à Instituição); Sandra Christina Ferreira dos Santos (Examinador Externo à Instituição). Dando início aos trabalhos, a professora Rosângela Marques de Britto, passou a palavra à doutoranda, que apresentou a Tese, com duração de quarenta e cinco minutos, seguido pelas arguições dos membros da Banca Examinadora e as respectivas defesas pela doutoranda, após o que a sessão foi interrompida para que a Banca procedesse à análise e elaborasse os pareceres e conclusões. Reiniciada a sessão, foi lido o parecer, resultando em reprovação ( ) aprovação ( X ). A aprovação do trabalho final pelos membros será homologada pelo Colegiado após a apresentação, pela doutoranda, da versão definitiva do trabalho. E nada mais havendo a tratar, a professora Rosângela Marques de Britto agradeceu aos presentes, dando por encerrada a sessão. A presente ata que foi lavrada, após lida e aprovada, vai assinada, pelos membros da Banca e pela doutoranda. Belém-Pa, 30 de outubro de 2024.

  
Rosângela Marques de Britto (Presidente)

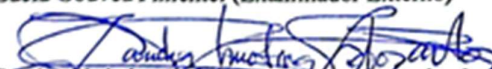
  
José Afonso Medeiros Souza (Examinador Interno)

  
Ana Del Tabor Vasconcelos Magalhaes (Examinador Externo)

Lucia Gouvea Pimentel (Examinador Externo)



Documento assinado digitalmente  
LUCIA GOUVEA PIMENTEL  
Data: 31/10/2024 12:56:12-0300  
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

  
Sandra Christina Ferreira dos Santos (Examinador Externo)

  
Nélia Lucia Fonseca (discente)

## DEDICATÓRIA

A Deus que me concedeu a graça de fazer parte desse curso e me sustentou nessa caminhada.

Aos meus pais (in memoriam) pelos exemplos e compartilhamentos de fé, de amor e de solidariedade.

Às minhas irmãs e irmãos pelo precioso apoio.

Às turmas da 4ª Totalidade da Educação de Jovens Adultos e Idosos da Fundação Escola Bosque Profº Eidorfe Moreira

A todas as pessoas que lutaram e lutam pela preservação ambiental e pelo respeito à vida dos povos originários do Brasil e de outros países do mundo. Que a justiça ambiental seja sempre a premissa para um mundo mais solidário, amoroso e esperançoso para futuras gerações.

## **AGRADECIMENTOS**

A todos e todas que me apoiaram e torceram por mim durante a realização deste curso.

À minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosangela Marques de Britto e minha coorientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Del Tabor Vasconcelos Magalhães, pelos ensinamentos, pela escuta, pelo apoio e por acreditarem em mim.

Às minhas irmãs Gorette, Claudia e Socorro, pela força, carinho e diálogos “filosóficos” compartilhados durante esse curso.

Aos meus irmãos Beto, Vitor, Marcos e Jota, pelo apoio e carinho nessa trajetória.

Ao meu filho Lucas, pelo apoio, carinho e paciência durante todo o caminhar do curso de doutorado.

Aos professores do curso de Doutorado do PPGARTES, pelos ensinamentos, pelos diálogos e pelo incentivo durante o curso.

A Jaqueline, Lília e Tarcísio, responsáveis pela Secretaria do PPGARTES e a Larissa bibliotecária do PPGARTES por sempre tirarem minhas dúvidas e responderem meus e-mails.

Aos meus amigos e amigas, pelo apoio, carinho e torcida durante a trajetória desse curso.

Aos meus colegas de curso pela acolhida, pelo apoio e diálogos compartilhados.

A Rita de Cássia Cabral Rodrigues de França, por compartilhar seus conhecimentos comigo, sempre me escutar e me apoiar nos momentos tortuosos de escrita da tese.

À Escola Bosque por me permitir pesquisar junto aos estudantes da Educação de Jovens Adultos e Idosos.

Aos Estudantes da Educação de Jovens Adultos e Idosos por aceitarem participar desta pesquisa, neste dualismo de ensinar/aprender com vocês eu aprendi mais do que ensinei.

“[...] estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vistas sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação sem politizar não é possível.

É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornam educáveis na medida em que se reconhecem inacabados. Não foi a educação que fez homens e mulheres educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade. É também na inconclusão de que nos tornamos conscientes e que nos insere no movimento permanente de procura que se alicerça a esperança. Não sou esperançoso, disse certa vez, por pura teimosia, mas por exigência ontológica”.

(Paulo Freire)

## RESUMO

A presente tese tem como temática o ensino/aprendizagem da Arte em diálogo com o meio ambiente, tendo como objeto de pesquisa as práticas educativas em Artes Visuais articuladas ao eixo ambiental. O objetivo geral é analisar como estudantes da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) da Escola Bosque, em Outeiro (Belém-PA), revelam, por meio de seus processos de criação artística, o tema do meio ambiente e seus desdobramentos. A pesquisa fundamenta-se no contexto sociopolítico regional e nacional, também influenciados pela crescente preocupação mundial com as mudanças climáticas, com o desmatamento da Amazônia, com a expressiva produção de resíduos sólidos nos centros urbanos e com a poluição dos oceanos por microplástico; considerando esse cenário, propõe caminhos que se fundamentam na pedagogia freireana e na transversalidade das questões ambientais, com ênfase na Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU). A metodologia adotada possui enfoque qualitativo e descritivo, tendo sido utilizados, como instrumentos de coleta de dados, diário de bordo, questionários aplicados via *Google Forms*, *blog*, planos de ensino e de aula com experiências artísticas, estéticas e culturais, além de documentos oficiais, como o Estatuto e o Projeto Político Pedagógico da Fundação Centro de Referência em Educação Ambiental Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira (Funbosque), bem como diretrizes do Ministério da Educação (MEC) e da Secretaria Municipal de Educação de Belém (Semec). Durante a pesquisa, foram analisados os materiais artísticos produzidos pelos(as) alunos(as) da EJAI e pela professora, como fotografias, pinturas, desenhos e vídeos, a fim de compreender como são produzidos registros por meio de dispositivos técnicos para expressar as marcas territoriais do ambiente em que vivem, investigando se essas criações apontam para linhas de fuga frente às formas e formatos vigentes ou se apenas refletem clichês visuais. É importante destacar que as aulas ocorreram no contexto da pandemia de Covid-19, em 2021, o que exigiu uma revisão das formas de ensinar e aprender Arte, considerando os desafios impostos pelo cenário pandêmico. Esses desafios demandaram resistência e criatividade para superar as dificuldades didático-pedagógicas, socioeconômicas e sanitárias do período.

**Palavras-chave:** Artes Visuais. Ensino/aprendizagem. Eixo ambiental. EJAI. Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira.



## **ABSTRACT**

This thesis explores the theme of teaching/learning in Art in dialogue with the environment, with the research object on educational practices in Visual Arts articulated around the environmental axis. The main objective is to analyze how students from the Youth, Adult, and Elderly Education Program (EJAI) at Escola Bosque, in Outeiro (Belém-PA), express the theme of the environment and its ramifications through their artistic creation processes. The research is based on regional and national sociopolitical contexts, which are also influenced by the growing global concern regarding climate change, Amazon deforestation, the significant production of solid waste in urban centers, and ocean pollution caused by microplastics. Considering this scenario, the study proposes pathways grounded in Freirean pedagogy and the transversality of environmental issues, with an emphasis on the United Nations (UN) 2030 Agenda. The adopted methodology has a qualitative and descriptive approach. The data collection instruments included logbook, questionnaires applied via Google Forms, a blog, teaching and lesson plans with artistic, aesthetic, and cultural experiences, as well as official documents such as the Statute and the Pedagogical Political Project of the Fundação Centro de Referência em Educação Ambiental Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira (Funbosque), along with guidelines from the Ministry of Education (MEC) and the Municipal Department of Education of Belém (Semec). During the research, artistic materials produced by EJAI students and the teacher, including photographs, paintings, drawings, and videos, were analyzed to understand how technical devices are used to record and express the territorial marks of the environment in which they live. The study investigates whether these creations suggest lines of flight from prevailing forms and formats or merely reflect visual clichés. It is important to highlight that the classes took place in the context of the Covid-19 pandemic in 2021, which required a revision of the ways of teaching and learning Art, considering the challenges imposed by the pandemic scenario. These challenges demanded resilience and creativity to overcome the didactic-pedagogical, socioeconomic, and health-related difficulties of the period.

**Keywords:** Visual Arts. Teaching/Learning Process. Environmental Axis. EJAI. Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira.

## LISTA DE SIGLAS

AT – Abordagem Triangular  
BNCC – Base Nacional Comum Curricular  
CEPE – Casa Escola da Pesca  
CONFAEB – Congresso da Federação de Arte/Educadores do Brasil  
EJAI – Educação de Jovens, Adultos e Idosos  
ERE – Ensino Remoto Emergencial  
FAV – Faculdade de Artes Visuais  
FAEB – Federação de Arte/Educadores do Brasil  
FUNBOSQUE – Fundação Centro de Referência em Educação Ambiental Profº Eidorfe Moreira  
IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IEP – Instituto de Educação do Pará  
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira  
IMAZON - Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia  
IPAM - Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia  
JEDUCA – Associação de Jornalista de Educação  
LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional  
ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável  
PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais  
PNLD - Plano Nacional do Livro Didático  
PNRS – Plano Nacional de Resíduos Sólidos  
PPP – Projeto Político Pedagógico  
SEMEC – Secretaria Municipal de Educação  
SIM – Sistema Integrado de Museus e Memoriais  
UDESC - Universidade Estadual de Santa Catarina  
UFPA – Universidade Federal do Pará

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imagem-força da Praia Grande, de Nelia Fonseca (2021) .....	20
Figura 2 – Pets, de Eduardo Srur .....	43
Figura 3 – Por uma arquitetura da natureza, de Frans Krajcberg (2022) .....	44
Figura 4 – Operários, de Tarsila do Amaral (1933) .....	50
Figura 5 – Operários de Brumadinho, de Mundano (2020) .....	50
Figura 6 – <i>Frames</i> do vídeo “Manifesto internacional para proteger os índios na pandemia”, de Sebastião Tapajós (2020) .....	51
Figura 7 - E Daí?, de Ribs (2020) .....	53
Figura 8 – Pororoca, de Lúcia Gomes (2003) .....	54
Figura 9 – Pipaz, de Lúcia Gomes (2004).....	57
Figura 10 – Recorte do distrito do DAOUT (em azul) .....	60
Figura 11 – Fotografia da Ponte Governador Eneias Pinheiro.....	61
Figura 12 – Fotografia da Entrada da Funbosque.....	62
Figura 13 – Biomapa da Sede da Funbosque.....	64
Figura 14 – Registro fotográfico da visita ao Arte Pará (2019).....	73
Figura 15 – Imagem feita através de foto de um documento gerado nas formações da Funbosque.....	78
Figura 16 – Registro fotográfico da aula “Fotografia em Perspectiva” .....	89
Figura 17 – Registro fotográfico de aula sobre pintura/colagem de resíduos sólidos .....	90
Figura 18 - <i>Print</i> da aula do dia 27 de maio de 2021 .....	96
Figura 19 – <i>Print</i> da aula do dia 27 de maio de 2021 .....	96
Figura 20 – <i>Card</i> criado para divulgação da ação da coleta de resíduos sólidos nas praias de Outeiro 2021.....	109
Figura 21 – Registro fotográfico dos resíduos coletados na Praia Grande, em Outeiro.....	111
Figura 22 – Fotografia do(a) estudante realizando a experiência artística com uso de resíduos sólidos e outros materiais .....	112
Figura 23 – Registro Fotográfico dos estudantes realizando suas produções artística com a utilização de resíduos sólidos.....	115
Figura 24 – Escultura inflável <i>Pintado</i> , de Eduardo Srur (2017).....	116
Figura 25 - <i>Fat Monkey</i> , estrutura inflável coberta com chinelo de borracha, de Florentijn Hofmam (2010).....	116

Figura 26 – Registro fotográfico de pintura em tecido (ação presencial) .....	120
Figura 27 – Registro fotográfico da pintura em tecido realizada por um(a) dos(as) estudantes.....	122
Figura 28 – <i>Print</i> da aula sobre Arte Indígena Contemporânea .....	142
Figura 29 – <i>Print</i> da aula sobre Arte Indígena Contemporânea .....	142
Figura 30– Registro fotográfico da experiência com pintura e colagem de resíduos sólidos .....	147
Figura 31 - Registro fotográfico do resultado das experiências com pintura e colagem de resíduos sólidos.....	148
Figura 32 – Registro fotográfico da exposição de quadros com pintura e colagem de resíduos sólidos (detalhes) .....	150
Figura 33 – Registro Fotográfico da exposição de quadros com pintura e colagem de resíduos sólidos (visão ampliada) .....	150
Figura 34 – Experiência de registro fotográfico realizado por A.4 <sup>a</sup> TEJAI2021..	167
Figura 35 – Experiência de Registro Fotográfico realizado por A.4 <sup>a</sup> TEJAI2021	167
Figura 36 – Experiência de registro fotográfico realizado por B4 <sup>a</sup> TEJAI2021.	168
Figura 37– Experiência de Registro Fotográfico realizado por B4 <sup>a</sup> TEJAI2021 .	169
Figura 38 – Experiência de fotografia em perspectiva.....	170
Figura 39 – Fotografia em perspectiva realizada em sala de aula pelo(a) estudante C4 <sup>a</sup> TEJAI2021 (2021) .....	171
Figura 40 – <i>Print</i> de conversa por mensagem direta.....	172
Figura 41 – Experiência fotográfica: balde com camarões dentro em vista superior de B4 <sup>a</sup> TEJAI2021.....	172
Figura 42 – <i>Art in Nature</i> : experiência artística realizada por D4 <sup>a</sup> TEJAI2021 ...	173
Figura 43 – <i>Art in Nature</i> : experiência artística realizada por E4 <sup>a</sup> TEJAI2021 ...	174
Figura 44 – <i>QRcode</i> 1: Plano de curso e material usado nas aulas de Arte .....	175
Figura 45 – <i>QRcode</i> 2 – Produções artística/estética dos estudantes da EJAI.	175

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Saneamento Básico.....	124
Gráfico 2: Água Encanada.....	125
Gráfico 3: Serviços de água.....	125
Gráfico 4: Qualidade da água.....	126
Gráfico 5: Renda governamental.....	127
Gráfico 6: Transporte Público.....	128
Gráfico 7: Arte e Conhecimento.....	130
Gráfico 8: Entendimento sobre meio ambiente.....	133
Gráfico 9: Enquadramento de imagem.....	134
Gráfico 10: Visita Museu de Arte.....	156
Gráfico 11: Visita ao Teatro.....	157
Gráfico 12: Show Musical presencial.....	158
Gráfico 13: Apresentação de Dança.....	159
Gráfico 14: Ida ao Cinema.....	160

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	14
1 ENTRE O FLUXO E O REFLUXO DAS MARÉS: FOCO NAS QUESTÕES AMBIENTAIS NA SALA DE AULA DA ARTE/ARTES VISUAIS .....	33
1.1 O mundo, o Brasil e a preocupação ambiental com a Amazônia .....	33
1.2 Questões ambientais na sala de aula .....	40
1.3 A Arte e o(a)s artistas .....	46
1.4 As reflexões críticas .....	55
2 NO TERRITÓRIO INSULAR: SEGUINDO AS PISTAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS (EJAI) DA FUNDAÇÃO ESCOLA BOSQUE (Funbosque) .....	60
2.1 Percorrendo o caminho da ponte à escola .....	60
2.2 Criando linhas de fuga .....	63
2.3 Nas trilhas da Escola Bosque .....	74
3 AS TRILHAS DAS QUESTÕES ARTÍSTICAS, ESTÉTICAS E AMBIENTAIS .....	82
3.1 Saindo da trilha: a pedagogia freireana e o ensino/aprendizagem de Artes Visuais no contexto do Ensino Remoto Emergencial .....	84
3.2. A proposta de ação educativa .....	95
3.3. Problematizar, refletir e agir .....	102
3.4. Experiência para além da sala de aula .....	110
4 AS EXPERIÊNCIAS NO ENSINO/APRENDIZAGEM DE ARTES VISUAIS .....	118
4.1 Seguindo as pistas, mas saindo da trilha .....	119
4.1.1 O perfil socioescolar e cultural .....	123
4.1.2 As experiências escolares cotidianas em Arte .....	129
4.2 Democratizando o acesso aos bens culturais .....	138
4.2.1 A descolonização do Ensino da Arte na Escola Bosque .....	141
4.3 Democratizando o acesso à Arte: uma revolução molecular? .....	151
4.4 O tema gerador e as aulas de Arte/Artes Visuais .....	164
4.4.1 – Outras experiências: fruindo com perspectiva e criando linhas de fuga .....	170
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	176
REFERÊNCIAS .....	182
APÊNDICE A – CARTA DE SOLICITAÇÃO PARA A PESQUISA DE DOUTORADO PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES .....	197
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	198
APÊNDICE C – AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM .....	200
APÊNDICE D – AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM PARA MENOR DE IDADE .....	201
APÊNDICE E - QUESTIONÁRIO – DISCENTE-EJAI .....	202
APÊNDICE F – <i>PRINTS</i> DO QUESTIONÁRIO RESPONDIDO (10 QUESTÕES) .....	207
APÊNDICE G – PLANO DE CURSO DA EJAI .....	210
ANEXO A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA ESCOLA BOSQUE .....	213
ANEXO B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM – TEMA GERADOR: “ESCASSEZ E QUALIDADE DA ÁGUA EM CARATATEUA: AMEÇA À CIDADANIA E AO BOM VIVER” .....	214

## INTRODUÇÃO

Com o objetivo de navegar, mergulhar e explorar as águas barrentas, escuras ou límpidas do território Amazônico, esta pesquisa originou-se com foco no ensino/aprendizagem<sup>1</sup> de Artes Visuais e nas questões ambientais, cujo propósito é analisar como o(a)s estudantes da Educação de Jovens, Adultos e Idosos – EJA<sup>2</sup> da Escola Bosque expressam, em seus processos de criação artística, a temática ambiental e seus desdobramentos. A investigação parte da seguinte questão norteadora: Como os estudantes da EJA da Escola Bosque revelam, em seus processos de criação artística, a temática das questões ambientais nas aulas de Arte/Artes Visuais?

Para aprofundar as discussões desta pesquisa, foram levantadas as seguintes questões complementares: 1) Quais são as relações existentes entre arte e questões ambientais, considerando as contribuições de artistas e pesquisadores da área de Artes? 2) Como as experiências artísticas, estéticas e culturais dos estudantes da EJA se relacionam com o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da Fundação Escola Bosque? 3) Quais ações educativas podem contribuir para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem de Artes Visuais alinhadas às questões ambientais? e 4) De que maneira os(as) estudantes se apropriam dos dispositivos técnicos para produzir imagens e expressar as marcas territoriais do meio ambiente em que vivem?

Já como objetivos específicos, elencamos: 1) Mapear os estudos realizados por pesquisadores da área de Artes sobre experiências artísticas, estéticas e culturais relacionadas às questões ambientais, que atribuem sentidos e significados ao tema central desta tese; 2) Identificar as relações entre as experiências artísticas, estéticas e culturais dos estudantes da EJA e o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da Fundação Escola Bosque; 3) Propor ações educativas que contribuam para o ensino e a aprendizagem de Artes Visuais, com foco na temática das questões ambientais; 4) Descrever e analisar como os estudantes da EJA se apropriam dos dispositivos técnicos (conforme postula

---

<sup>1</sup> Optamos por usar o termo ensino/aprendizagem, pois provoca uma ideia de alternância, ora se ensina, ora se aprende, conforme o contexto – seja em sala de aula ou em outra situação.

<sup>2</sup> Verifica-se, no contexto um aumento significativo no número de pessoas acima de 60 anos que voltaram a estudar. Por este motivo, foi acrescentada a vogal I na sigla da EJA ficando, agora, EJA I, por se tratar de Educação de Jovens, Adultos e Idosos, uma vez que ao usarmos a palavra Idoso (a), consideramos a especificidade da idade desses estudantes.

Agamben, 2005, p. 39-40) para produzir imagens e expressar as marcas territoriais do meio ambiente em que vivem.

Esta tese é de natureza qualitativa descritiva e adota múltiplas metodologias na condução da pesquisa, considerando a necessidade de abordar o objeto de estudo sob diferentes perspectivas. A combinação entre diversos instrumentos visa responder, da forma mais eficaz, aos distintos problemas analisados. No que se refere à utilização de metodologias variadas, Elisabeth Matallo de Pádua (1995, p. 153) explica que: “[..] dependendo da natureza do 'objeto' a ser pesquisado, podemos utilizar a pesquisa experimental, a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental ou uma combinação entre elas e outros recursos metodológicos”.

Neste sentido, o foco está na construção e reconstrução do diálogo com o outro, que é o(a) aluno(a). A voz da pesquisadora, representada pelo trilhar profissional como mapas, lugares e trajetos, mescla-se com o processo de ensino e aprendizagem em Arte/Artes Visuais. Esses trajetos se desenvolvem, também, com o auxílio do livro *Pistas do Método Cartográfico*, de Passos, Kastrup e Escóssia (2010) para acompanhar e demarcar os diversos processos — criativos, educativos, sociais, políticos, culturais, entre outros. Assim, para seguir as trilhas foram realizadas pesquisas bibliográficas e elaborados planos de trabalho que se transformaram e adaptaram ao longo do devir desta pesquisa.

Nesse contexto, o pesquisador planeja, implementa, descreve e avalia as mudanças necessárias, buscando aperfeiçoar sua prática enquanto aprende, ao longo do processo, tanto sobre a prática em si quanto sobre a investigação conduzida.

Nesta pesquisa, o espaço de aplicação é o ambiente escolar da Fundação Escola Bosque Centro de Referência em Educação Ambiental Prof. Eidorfe Moreira (Funbosque) e seus processos educativos em Arte/Artes Visuais para incentivar os participantes envolvidos a adotar atitudes reflexivas e promover mudanças nas práticas investigadas.

Para análise do material coletado, criamos um diário de bordo e um *blog* em que foram postadas todas as ações realizadas para mapear as experiências vividas pelos(as) participantes, bem como as respostas ao questionário estruturado, via *Google Forms*, com o propósito de conhecer o perfil sócio escolar dos(as) estudantes. No universo de três turmas, foi possível coletar as respostas de apenas 12 participantes em agosto de 2021, de forma presencial.



Essa limitação ocorreu devido à dificuldade de acesso à internet por parte dos(as) estudantes, uma vez que o uso de dados móveis para responder ao questionário era inviável, já que muitos não possuíam créditos suficientes em seus celulares. Realizamos, igualmente, experiências artísticas/estéticas presenciais para aproximar o(a)s estudantes da escola em função do período pandêmico de Covid-19. As experiências desenvolvidas estão descritas de forma mais detalhada na terceira e na quarta seções desta tese, nas quais apresentamos a pesquisa aos participantes e solicitamos o consentimento dos mesmos, sejam eles maiores de 18 anos ou, no caso de menores de idade, de seus responsáveis legais.

É importante esclarecer que, embora as turmas contassem com muitos estudantes matriculados, poucos conseguiram acessar as aulas remotas. Dessa forma, todo o material analisado provém dos interlocutores que participaram da pesquisa e que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), seja presencialmente ou por meio remoto. A autorização para uso de imagem, entretanto, foi obtida exclusivamente de forma presencial.

Vale destacar, também, que mesmo com a realização de algumas atividades presenciais, foram obtidas apenas 12 respostas ao questionário pré-estruturado. Uma descrição mais detalhada dessa situação será apresentada na quarta seção desta tese.

Foram criados registros fotográficos, vídeos, pinturas e desenhos, tanto pela pesquisadora quanto pelos(as) interlocutores(as), que foram posteriormente analisados com base nas concepções de Passos, Kastrup e Escossia (2010) – que discutem as pistas do método cartográfico – bem como na abordagem de Michel Thiollent (2011), que estruturou a Pesquisa-Ação. Dessa forma, buscou-se ressignificar as experiências dos estudantes da EJA1 na relação entre arte e meio ambiente.

A tese é uma escrita individual, com uma grande carga de percepção pessoal, no entanto, em muitos momentos, utilizarei o verbo em primeira pessoa do plural, pois nesses momentos, há um trabalho permeado pelas orientações tanto de minha professora orientadora, quanto de minha professora coorientadora. Desta feita, tomo a liberdade de usar o verbo na primeira pessoa do plural e quando se tratar de momentos e descrições de vivências pessoais, farei uso do verbo na primeira pessoa do singular.

Compreendemos que a tese, imersa na experiência de pesquisa, teve como dispositivo as turmas da EJA I da Fundação Escola Bosque, com aulas remotas e presenciais de Arte/Artes Visuais, para propor um ensino/aprendizagem que privilegiasse reflexões socioambientais, a partir da realidade dos participantes – estudantes com idades entre 15 e 60 anos. Nesse contexto, concordamos com Guattari ao afirmar que:

Os dispositivos de produção de subjetividade podem existir em escala de megalópoles, assim como em escala dos jogos de linguagem de um indivíduo. [...] [...] mas elas podem também se produzir em uma escala molecular-microfísica, no sentido de Foucault - em uma atividade política, em uma cura analítica, na instalação de um dispositivo para mudar a vida da vizinhança, para mudar o modo de funcionamento de uma escola, de uma instituição psiquiátrica (Guattari, 1992, p. 33-34).

Nesse sentido, o dispositivo tecnológico, nesse caso o celular e o aplicativo *WhatsApp*, mudou o funcionamento da escola, produzindo novos conhecimento e novas subjetividades. As análises dos materiais produzidos e respondidos pelos participantes têm como base as pistas apontadas pela cartografia, pois se trata de uma “[...] produção de conhecimento, produção de subjetividade” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2010, p.13) em diálogo com a relações das práticas docentes, de continua reflexão.

Da mesma forma, compreendemos a concepção da Pesquisa-Ação, conforme Thiollent (2011, p. 20) que “[...] é vista como uma forma de engajamento sociopolítico a serviço da causa das classes populares”. Considerando que os(as) estudantes e a própria Escola Bosque são advindos(as) da ilha de Caratateua, um lugar periférico, cercado de água, como mostra a Figura 1, intitulada *Imagem-força da Praia Grande*, em que se observa o vigor da Praia Grande, com sua árvore de raízes externas, que expressa a beleza e a resistência aos maus tratos ambientais.

Neste território-ilha cercado de água ainda faltam saneamento básico, água potável, dentre outros serviços, conforme veremos descritos e analisados no decorrer do texto da tese. Como expõem Guattari e Ronik (2011 p. 80), “[...] a singularidade é um conceito existencial”, logo, a Escola Bosque, ao se autodenominar como Centro de Referência em Educação Ambiental, tem essa singularidade existencial.

Como professora, tive uma jornada de trabalho de seis horas diárias, de segunda a sexta-feira, na Funbosque-Sede, o que me permitiu a elaboração de um caminhar por suas trilhas e bosques. À medida em que naveguei e mergulhei nas questões ambientais amazônicas, tanto no sentido local quanto global, criei agenciamentos coletivos com os(as) participantes para a reflexão-ação das experiências artísticas/estéticas/culturais.

**Figura 1** – *Imagem-força da Praia Grande*, de Nelia Fonseca



**Fonte:** Autora da tese (2021).

Como visto na Figura 1, as questões ambientais são evidenciadas não na imagem em si, mas no que conseguimos coletar de resíduos sólidos, de maneira presencial, nas ações realizadas na ilha, quais sejam: *Saindo da Trilha: a Pedagogia Freireana*, e *o Ensino/Aprendizagem em Artes Visuais*, desenvolvida durante o primeiro semestre de 2021 e *Problematizar, Refletir e Agir*, realizada no segundo semestre de 2021. Ambas são abordadas de forma mais detalhada no Capítulo 3 desta tese.

Assim sendo, o que me motivou a pesquisar a temática das Práticas Educativas em Artes Visuais e as questões ambientais foi minha inserção na Escola Bosque, em 2008, como professora na área de Artes Visuais. Nesse contexto, fui desafiada a articular arte e meio ambiente em práticas educativas que fossem construídas de forma inventiva, criativa e significativa no cenário da Amazônia, de forma a conceber

[...] a pesquisa como atividade artesanal, isto é, como um trabalho em que está presente a marca do autor, deve-se voltar a atenção, inicialmente para o pesquisador, em outras palavras, antes de tratar dos métodos e das técnicas, cabe uma reflexão sobre as motivações e sobre o perfil ideal daquele que será o principal responsável pela aplicação desses instrumentos, ou seja, daquele que definirá o que “pode servir” para uma bricolagem (Gondim; Lima, p.14, 2006, grifo dos autores).

Minhas motivações foram, justamente, interrelacionar o ensino e a aprendizagem da Arte/Artes Visuais com as questões ambientais, que são amplamente referendadas na Escola Bosque. Meu interesse pela Educação começou muito cedo, quando concluí o primeiro grau e, após ser aprovada em uma prova de seleção no Instituto de Educação do Pará (IEP), cursei o segundo grau. Naquele período, a nomenclatura utilizada para a Educação Básica era 'primeiro grau', abrangendo da primeira à oitava série, o que atualmente corresponde ao Ensino Fundamental. De 1984 a 1986, cursei o segundo grau, que compreendia da primeira à terceira série do atual Ensino Médio.

Posteriormente, formei-me como professora no magistério e atuei por alguns anos em uma escola localizada no bairro do Coqueiro, no município de Ananindeua, no Pará. Lá, ministrei aulas para crianças da primeira à quarta série. Durante essa experiência, fui incentivada a prestar vestibular para o curso de Licenciatura em Educação Artística, com habilitação em Desenho. Na época, já atuava como docente nos anos iniciais e considerei pertinente me especializar como professora de Educação Artística, pois sempre tive grande interesse pelas artes desde a infância, realizando diversas experiências nessa área.

Refletindo sobre minha trajetória acadêmica e profissional, compreendo que meu interesse em me tornar professora de Educação Artística surgiu do despertar para a docência, fruto das formações e experiências vivenciadas no Instituto de Educação do Pará (IEP).

Nesse percurso inicial, participei e acompanhei as lutas políticas de professores e pesquisadores da área de Artes, que buscavam a valorização e a qualidade do ensino desse componente curricular na Educação Básica. O engajamento foi especialmente marcante durante o Congresso da Federação de Arte/Educadores do Brasil (CONFAEB), realizado em Belém, no ano de 1992.

O movimento político liderado pela Federação de Arte/Educadores do Brasil (FAEB) foi fundamental para garantir a permanência e a obrigatoriedade do ensino de Arte, conforme estabelecido pela Lei de Diretrizes e Bases da

Educação Nacional (LDBEN) nº. 9394/96. Foi um momento histórico e inesquecível, em que presenciei a força política que emergiu da união de professores(as).

Contudo, não foi apenas a mobilização que garantiu esse avanço; a necessidade de boas argumentações foi crucial para refletir e transformar concepções equivocadas sobre o papel da Arte na Educação, afinal, não queremos a Arte enquanto mero 'enfeite' ou 'decoreação', mas como um conhecimento historicamente construído, como enfatiza Ana Mae Barbosa (2014)."

Voltando no tempo, em 2008, iniciei minha trajetória como professora de Arte/Artes Visuais na Fundação Escola Bosque Centro de Referência em Educação Ambiental Prof<sup>o</sup> Eidorfe Moreira. Após dois anos vivenciando a realidade da Funbosque, em 2011, fui aprovada no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Com isso, viajei para o Rio de Janeiro com o objetivo de cursar o mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas.

Durante o mestrado, desenvolvi estudos bibliográficos e realizei uma pesquisa de campo que resultou na produção da dissertação intitulada *Fazendo Filmes na Ilha: Produção de Audiovisual como Linha de Fuga em Cotijuba<sup>3</sup>, Periferia de Belém*. Esse trabalho refletiu meu interesse em explorar o audiovisual como ferramenta educativa e transformadora no contexto de uma comunidade periférica da Amazônia

Durante a pesquisa de campo do mestrado, no percurso Belém-Cotijuba-Belém, percebi como são fortes as relações que vivemos com o lugar e com as paisagens, que provocam um prazer estético indescritível, um sonhar acordado, um devaneio, conforme Bachelard expõe:

Habitando verdadeiramente todo o volume de seu espaço, o homem do devaneio está em toda parte *no* seu mundo, num *dentro* que não tem *fora*. Não é à toa que se costuma dizer que o sonhador está *imerso* no seu devaneio. O mundo já não está diante dele. O 'eu' não se opõe mais ao mundo. No devaneio já não existe não-eu. No devaneio o *não já* não tem função: tudo é acolhimento (Bachelard, 1988, p. 165).

---

<sup>3</sup> Cotijuba é uma ilha situada no extremo oeste de Belém e faz parte do Distrito Administrativo de Outeiro (DAOUT), pertencente à prefeitura deste município.

Esse ir e vir de barco pode facilmente nos levar ao devaneio, enquanto observamos a vastidão das águas que fazem a embarcação ondular, subir e descer em movimentos ora lentos e agradáveis, ora com certa ferocidade. Por vezes, as ondas pareciam levar o barco ao limite, quase ao ponto de virar e afundar, fosse em dias de chuva ou de sol. No entanto, isso nunca aconteceu e sempre alcançávamos o destino. Foi aproximadamente nessa época que comecei a imaginar e relacionar minhas aulas de Arte/Artes Visuais com as questões ambientais. Após defender minha dissertação, em 2013, retornei à sala de aula e passei a incluir, nas práticas educativas, conteúdos que conectavam arte, artistas e meio ambiente.

Paralelamente, recebi um convite da Coordenação Geral para assumir a função de coordenadora da Educação de Jovens, Adultos e Idosos. Esse trabalho me proporcionou uma visão mais ampla de como a escola funcionava como um todo. Compreendi a complexidade envolvida na organização dos horários de aula e na substituição de professores ausentes, especialmente quando não havia um planejamento estruturado e ordenado. Essa experiência foi essencial para ampliar meu olhar sobre a gestão escolar e sobre as demandas do ensino.

Em 2014, ainda como coordenadora, participei de várias ações junto à equipe de docentes responsáveis pela elaboração do Projeto Político Pedagógico da escola, iniciado neste referido ano, finalizado em 2015 e publicado em 2016. Nós, professores(as), além de responder a diversos questionários, organizamos debates envolvendo o(a)s estudantes da EJAI, com temas voltados para a Educação Ambiental (EA), uma vez que a Funbosque foi criada justamente com o intuito de ser um Centro de Referência em Educação Ambiental, portanto não é à toa que tenta preservar uma área de 120.000 m<sup>2</sup>, cerca de 12 hectares de floresta tropical secundária, onde apenas 4.100 m<sup>2</sup>, cerca de 34%, é ocupada com instalação física<sup>4</sup>.

Toda essa movimentação nos levou a refletir, com maior profundidade, sobre o ensino e a aprendizagem de Arte/Artes Visuais em conexão com as questões ambientais. No entanto, foi somente entre os anos de 2018 e 2019 que me vi efetivamente projetando uma pesquisa que pudesse aprofundar essa

---

<sup>4</sup> BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Escola Bosque** – Exemplo de Educação Ambiental ao alcance de todos. Ambiente Brasil. Disponível em: [https://ambientes.ambientebrasil.com.br/educacao/programas\\_ambientais/escola\\_bosque\\_-\\_exemplo\\_de\\_educacao\\_ambiental\\_ao\\_alcance\\_de\\_todos.html](https://ambientes.ambientebrasil.com.br/educacao/programas_ambientais/escola_bosque_-_exemplo_de_educacao_ambiental_ao_alcance_de_todos.html). Acesso em: 10 mar. 2022.

temática. Paralelamente a esse processo, iniciamos na escola uma reformulação curricular voltada para a EJA, uma vez que essa modalidade não estava contemplada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), publicada em 2018.

Como associada da Federação de Arte/Educadores do Brasil (FAEB) e durante o período de 2006 a 2008, atuei como presidente da Associação de Arte/Educadores do Pará (AAEPA). Nossa luta foi árdua, sempre em defesa da atuação de professores com licenciaturas específicas para a Educação Básica, bem como pela qualidade e valorização do ensino e aprendizagem de Arte. Essa trajetória reflete o compromisso com a formação de docentes qualificados e com a consolidação da Arte como um componente essencial no currículo escolar.

Combatemos a polivalência<sup>5</sup> pois entendemos que educação de qualidade exige investimento. O Estado, portanto, deve investir nas formações de professores de Arte, com suas devidas licenciaturas específicas e realizar concursos públicos para as quatro linguagens. Todos esses profissionais contribuem com a escola, atuando com qualidade, de preferência, em espaços organizados para receber os estudantes, com ateliês, sala de dança, anfiteatros/auditórios para peças teatrais e salas com instrumentos musicais e boa acústica.

Essa é a escola dos nossos sonhos, em que todos possam ter acesso à Arte, em todas as suas modalidades artísticas e com professores(as) atuantes, materiais e espaços planejados para receber o(a)s estudantes, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Entretanto, essa realidade ainda está distante de se concretizar, o que não nos impede de sonhar e de lutar para que esse sonho se realize.

No Capítulo 1, falaremos com mais detalhes sobre os critérios de escolha dos referidos documentos. Relembramos que o nosso objeto de estudo não é a Educação Ambiental e sim o ensino/aprendizagem de Arte/Artes Visuais com um determinado grupo de discentes. Desta feita, concordamos com o conceito de Educação Ambiental, segundo Reigota:

Quando afirmamos e definimos a educação ambiental como educação política, estamos afirmando que o que deve ser considerado prioritariamente na educação ambiental é a análise das relações políticas, econômicas, sociais e culturais entre a

---

<sup>5</sup> Segundo Silva e Alvarenga (2018, p. 1010), a “[...] polivalência é uma marca da Lei nº. 5.692/71, a Educação Artística foi concebida como a formação de um único profissional capaz de ministrar aulas de artes plásticas, educação musical e artes cênicas em um único programa”.

humanidade e a natureza e as relações entre os seres humanos, visando a superação dos mecanismos de controle e de dominação que impede a participação livre, consciente e democrática de todos (Reigota, 2016, p. 13).

Nesse sentido, cabe fazer as necessárias reflexões sobre arte, seres humanos e natureza, pois os conceitos vão além de reciclar ou reutilizar materiais que irão sujar ou poluir a natureza e a cidade, posto que traz à cena a diferença entre acidente e crime ambiental; a exploração sem medidas dos recursos naturais e do trabalho humano análogo à escravidão; o acúmulo de riqueza por um pequeno grupo de pessoas para manter seus privilégios.

O capitalismo explorador e ganancioso, que destrói tanto a natureza quanto as relações humanas, não cabe mais em um mundo em que a extrema pobreza coexiste. São pessoas passando fome *versus* pessoas com grande detenção de riquezas, que podem bancar viagens espaciais e desperdiçar alimentos. É incoerente e insensato. Desta feita, é preciso mudar esse sistema perverso, necropolítico, para um em que haja justiça social, econômica, cultural e ambiental, pois o que está em jogo é a nossa existência enquanto espécie humana.

Com isso, para o desenvolvimento da tese, disporemos de um diálogo com alguns autores para reflexões críticas que relacionam a produção artística, a educação e o meio ambiente, relatando experiências de ensino/aprendizagem no campo das Artes Visuais no contexto escolar.

Para desenvolver o conhecimento artístico e reflexivo dos(as) estudantes, consideramos que a leitura contextualizada de uma obra de arte possibilita uma melhor compreensão do que é visualizado. A partir disso, os(as) alunos(as) podem exercitar sua criatividade e imaginação por meio do fazer artístico. Todavia, esse não é um procedimento rígido, pois pode haver variações. Por exemplo, é possível iniciar pelo fazer artístico, partindo de uma temática, para só então contextualizar a obra por meio da leitura. Esse será o princípio adotado, fundamentado na Abordagem Triangular<sup>6</sup>, sistematizada por Ana Mae Barbosa (2014, p. XXVII).

---

<sup>6</sup> No prefácio intitulado *Proposta ou Abordagem Triangular: Uma Breve Revisão*, Barbosa (2014, p. XXVII) explica que a expressão “[...] proposta ou Abordagem Triangular substitui a prepotente designação Metodologia Triangular. Problemas semânticos nunca são apenas semânticos, mas envolvem conceituação. Por isso, tomei a liberdade de nesta edição revisada substituir o termo



Lucia Pimentel (2010) complementa essa perspectiva ao afirmar que os três eixos da triangulação são abordagens do processo de ensino/aprendizagem que têm o potencial de qualificar as práticas educativas em Arte, pois,

[...] não é um método a ser aplicado, mas uma proposta a ser estudada e pensada artisticamente. Sendo uma abordagem de arte/educação pós-moderna, favorece a ampliação de fronteiras culturais e interdisciplinares para o estudo da arte, pela compreensão histórica, social e cultural da arte nas sociedades, e pela elaboração da experimentação artística (Pimentel, 2010, p. 212).

Voltarei a tratar sobre a sistemática da Abordagem Triangular de forma mais específica e aprofundada no quarto capítulo da tese, pois foi utilizada como procedimento/estratégia para aulas do componente curricular Arte, durante a pesquisa de campo com três turmas da Educação de Jovens, Adultos e Idosos da Escola Bosque.

A partir desses pressupostos teóricos consideramos necessário propiciar a temática arte e meio ambiente, por um viés mais expandido, como os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ODS, da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas – ONU. Nesse sentido, há muitas possibilidades com base nos ODS, quais sejam: erradicação da pobreza, igualdade de gêneros, trabalho digno, energia limpa, bem-estar e fome zero. Ao todo, são dezessete Objetivos, mas pretendo fazer um recorte mais específico de seis, os quais considero relevante para a pesquisa, uma vez que é necessário considerar a realidade/contexto da escola pública e, mais objetivamente, o da Escola Bosque, pois no caso da EJAI, constatou-se quais os problemas na comunidade que mais afetam os estudantes em seu cotidiano.

Os seis Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 debatidos por meio dos objetos de conhecimentos de Artes Visuais são: 1) Erradicação da pobreza; 2) Fome zero e Agricultura sustentável; 3) Saúde e bem-estar; 4) Educação de qualidade; 5) Igualdade de gênero; e 6) Água Potável e Saneamento.

Esta escolha ocorreu pelo fato de que os seis itens englobam as várias situações-problemas vivenciadas pelos(as) estudantes em suas comunidades,

---

METODOLOGIA”. Optamos, portanto, por usar Abordagem e não proposta, pois é o termo balizado por outros pesquisadores e pela própria autora.

posto que são de uma classe social econômica desfavorecida, com muitas situações de fragilidades social. A pandemia que vivenciamos nos anos de 2020, 2021 e 2022<sup>7</sup>, tem confirmado essa condição de forma devastadora, pois o fato de não haver aulas presenciais<sup>8</sup>, impediu as crianças, jovens, adultos e idoso(a)s de se alimentarem, por meio da merenda escolar, além de incapacitar a escola para viabilizar um ensino remoto, uma vez que a maioria dos(as) estudantes não possui nem telefone, nem *tablet* e muito menos *internet*.

Durante o período de isolamento social, na tentativa de oferecer aulas remotas, os(as) professores(as) produziram conteúdos que foram impressos e entregues aos estudantes, os quais realizaram as atividades em casa. Paralelamente, para mitigar os impactos da insegurança alimentar, foi ofertada uma cesta básica para cada estudante ao longo do calendário escolar. No entanto, sabemos que tais medidas, embora amenizem, não resolvem os tais problemas, tampouco as dificuldades estruturais enfrentadas pelos estudantes para assistir às aulas remotas ou para ler e responder os materiais impressos.

Para refletir sobre o ensino remoto e seus desafios, trazemos para este diálogo o artigo *Educação e a Falácia do Ensino Remoto*, de Ana Carolina Galvão e Dermeval Saviani (2021). O texto expõe os inúmeros problemas relacionados à falta de investimento na educação brasileira e destaca como a pandemia de Covid-19 revelou, de forma brutal, aprofunda as desigualdades sociais do país, especialmente no âmbito educacional.

A necessidade desse diálogo surge exatamente porque nossas experiências pedagógicas foram interrompidas, e o retorno ao ensino presencial apresenta-se como um percurso repleto de desafios

Expor essa situação de fragilidade socioeconômica evidencia, acima de tudo, que as questões ambientais estão intrinsecamente ligadas às desigualdades, à ausência de justiça social, ao racismo e ao colonialismo. Com o objetivo de investigar a realidade cotidiana das vidas e dos problemas enfrentados pelos discentes, buscamos fundamentar nossa pesquisa na teoria crítica do currículo. Essa abordagem visa proporcionar uma dinâmica que permite aos estudantes desenvolver uma consciência crítica e autônoma,

---

<sup>7</sup> A tese foi escrita entre 2021 e 2024, mas a pesquisa foi realizada em 2021 e 2022.

<sup>8</sup> As aulas presenciais só retornaram em outubro de 2021, no entanto, de forma alternada, ou seja, metade da turma vinha em uma semana e a outra metade na semana seguinte, mas devido à baixa frequência dos estudantes da EJA, optou-se pela frequência de toda turma, desistindo assim do revezamento.

oferecendo-lhes informações que os instrumentalizem para enfrentar as situações-problema vivenciadas pela comunidade em que estão inseridos.

Além disso, é no exercício estético cotidiano promovido pelo ensino e aprendizagem da Arte na escola, que se pode despertar um olhar mais apurado, mais consciente de si e do entorno. Esse processo contribui para a formação de cidadãos capazes de refletir criticamente sobre a realidade em que vivem. Para fortalecer essas reflexões, as autoras Maria Cristina de Souza Lima Rizzi e Ana Cristina Chagas dos Anjos (2010) destacam:

Vivenciar a qualidade estética é uma experiência que transborda para todas as áreas do ser e do conhecimento. Nesse sentido, a pessoa esteticamente “afinada” por suas referências pessoais e culturais torna-se mais atenta à percepção de si e do meio. Sabe como dar forma às sensações e ideias. Sabe discriminar, escolher, conceber e atuar (Rizzi; Anjos, 2010, p-34, grifo das autoras).

Assim, é possível encontrar uma diversidade de olhares sobre o local de moradia, a casa, o bairro. Proporcionar esse exercício por meio das aulas de Arte/Artes Visuais pode abrir caminhos para questões igualmente significativas nas interrelações entre arte e meio ambiente, como a diversidade, que se manifesta tanto no meio ambiente quanto na própria produção artística dos estudantes.

Refletir sobre a diversidade ecológica e cultural é especialmente relevante em uma comunidade inserida na Amazônia. Essa região, rica em biodiversidade e culturas diversas, exige um olhar atento e crítico. Barbosa (1998) já demonstrava preocupação com a destruição da floresta Amazônica, e agora, em pleno século XXI, esse alerta tornou-se ainda mais urgente e necessário, pois

[...] a destruição da Floresta Amazônica está afetando todos os seres humanos não somente por comprometer o equilíbrio do meio ambiente, mas por envolver a destruição da diversidade da espécie da Terra. A diversidade conforme aponta Ítalo Calvino, será um dos sete objetos de atenção especial o próximo milênio. A diversidade cultural e a biodiversidade são os mais importantes aspectos dessa valoração da diversidade como princípio ético que presidirá as preocupações, as pesquisas e os padrões de vida da próxima geração (Barbosa, 1998, p. 114-115).

A autora aponta uma situação-problema que atinge não apenas quem habita a Amazônia, mas todos que vivem no planeta, destacando a importância da diversidade e da biodiversidade. A escola nos possibilita conviver com a diversidade e compreender sua riqueza, aprender a valorizar e a lidar com ela de forma respeitosa e democrática.

Diversidade é uma palavra que acompanha a vida no planeta Terra, pois a vida, em sua essência, é diversa. Ela coexiste neste mundo, desde bactérias e vírus invisíveis até criaturas gigantescas, como as baleias que habitam os oceanos. A própria vida humana é marcada por uma grande diversidade étnico-racial, cultural e social. Existem povos indígenas que habitam as florestas da Amazônia, povos africanos, diversos grupos no continente europeu, indianos, e muitos outros. O “povo brasileiro”, por exemplo, é resultado de uma vasta diversidade, sendo em sua maioria descendente de portugueses, africanos e indígenas, mas também de japoneses, árabes, turcos e tantos outros. O Brasil é, portanto, um país repleto de sotaques, modos de vida e expressões linguísticas únicas, que variam de acordo com cada região.

Na comunidade escolar, aprendemos a viver e a respeitar essa diversidade, pois, como diz o ditado, “somos iguais, mas somos diferentes”. Ou, ao menos, deveríamos aprender a refletir sobre isso: somos iguais em humanidade, mas possuímos diferenças étnicas e culturais que nos tornam únicos.

Perceber a necessidade de desfazer o legado hegemônico da cultura branca europeia é fundamental, uma vez que, até na própria Europa, há uma diversidade de povos e nações. Por isso, é importante combater a hegemonia da visão colonialista presente na educação, que coloca uma cultura em predominância sobre as demais. Nesse contexto, contamos com as Leis nº 10.639<sup>9</sup> (Brasil, 2003) e nº 11.645<sup>10</sup> (Brasil, 2008), que tornam obrigatória a

---

<sup>9</sup> BRASIL. Lei nº. 10639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 09 jan. 2003. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2003/L10.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm). Acesso em: 19 jun. 2022.

<sup>10</sup> BRASIL. Lei nº. 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 10 mar. 2008. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm). Acesso em: 19 jun. 2022.

inclusão do estudo da história e da cultura afro-brasileira e indígena nas escolas. Essas questões estão intrinsecamente relacionadas ao meio ambiente, pois são, de fato, questões ambientais, e o ensino/aprendizagem da Arte se insere nesse debate.

Nesse sentido, seguindo nossa metodologia de trabalho, podemos considerar as aulas de Arte/Artes Visuais como uma forma de agenciamento coletivo, a partir de dois eixos, de acordo com Deleuze e Guattari (1995). Esses dois eixos referem-se à natureza dos agenciamentos: o primeiro é horizontal e comporta dois segmentos: o segmento de conteúdo e o de expressão. Nesse contexto, argumentam que o agenciamento é maquínico, envolvendo corpos, ações e paixões. Ou seja, seria um amálgama de corpos reagindo uns sobre os outros.

No entanto, existe o outro lado do agenciamento, que seria o “[...] agenciamento coletivo de enunciação, de atos e de enunciados, com transformações incorpóreas sendo atribuídas aos corpos” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 31). Em relação ao segundo eixo, trata-se de um eixo vertical, no qual o agenciamento possui “[...] lados territoriais ou reterritorializados, que os estabilizam; por outro lado, os picos de agenciamento, que os desestabilizam” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 31).

Da definição acima, depreende-se que as aulas de Arte/Artes Visuais possuem esses dois eixos descritos por Deleuze e Guattari: o agenciamento maquínico de corpos, de paixões, e o agenciamento coletivo de enunciação, que se movem em torno de ideias, debates e discussões sobre a produção artística visual e as questões ambientais. Contudo, ao situarmos as aulas de Arte em uma escola localizada na periferia das cidades, para esses encontros de corpos, criam-se territórios de resistência à exclusão social no Brasil. E, sempre que partem para novas ações, esses territórios se desestabilizam, gerando suas desterritorializações.

Nesse sentido, é importante ressaltar que tais ações também representam uma forma de ruptura com a hegemonia branca e europeia do colonialismo, formando, portanto, uma linha de fuga e um movimento de desterritorialização<sup>11</sup>, como veremos nas experiências vivenciadas pelos

---

<sup>11</sup> Deleuze e Guattari (1997, p. 224), citados por Rogério Haesbaert e Glauco Bruce (2009, p. 8), explicam que, de forma simples, “[...] a desterritorialização é o movimento pelo qual se abandona o território, [...] é a operação da linha de fuga”.

estudantes durante o ano letivo de 2021 e em anos anteriores à pandemia, no Capítulo 2.

É importante destacar que, no campo do desenvolvimento teórico, a prática do(a) professor(a) de Arte e o uso das tecnologias contemporâneas se conectam, promovendo reflexões necessárias à área, como as feitas por Pimentel (2011):

As ações de artista, professor e pesquisador se formam não somente nos cursos universitários, mas também na prática diária de sala de aula, desde que o professor planeje e teorize sua prática. É preciso que o professor considere que teoria não é só o que os outros autores dizem ou escrevem, mas também o que ele próprio pensa sobre sua prática, discute e registra, revendo e renovando constantemente. Aliás, o registro e a divulgação da prática do professor são pontos importantíssimos para o avanço da construção de conhecimentos na área de ensino de Arte (Pimentel, 2011, p.766).

A autora fornece mais uma possibilidade de como trilhar uma linha de fuga da prática educativa na sala de aula, pois não basta considerar a teoria de diferentes pesquisas e estudos no campo da Arte/Educação, mas é preciso atentar e criar sua própria teorização da prática profissional, enquanto professor(a), artista, pesquisador(a).

Dessa forma, para refletir e teorizar sobre nossa própria prática, é pertinente conhecer pesquisas e teorias específicas do campo do ensino/aprendizagem da Arte/Artes Visuais, assim como seus campos conceitual e metodológico. Para corroborar, citamos Magalhães (2019), que argumenta sobre a importância de uma educação multicultural e interdisciplinar para enfrentar a exclusão nas escolas de Educação Básica, que afeta, sobretudo, a Educação de Jovens, Adultos e Idosos:

Repensar as práticas educativas numa dimensão multicultural é a tendência apontada nas discussões de professores/pesquisadores envolvidos com a Educação. Assim, as temáticas relativas à diversidade cultural são fundamentais na relação pedagógica em contextos escolares para enfrentar as diversas formas de exclusão (Magalhães, 2019, p. 21).

A EJAI da Funbosque possui muitos estudantes que pararam de estudar justamente por se sentirem excluídos do sistema regular de ensino e

compreenderam essa modalidade como uma possibilidade de retomarem os estudos e concluírem o Ensino Fundamental. Fonseca (2020) traz a seguinte explicação a respeito da modalidade de ensino da EJA:

[...] é uma modalidade de ensino que reduz o tempo de formação, sendo a 3ª totalidade correspondente ao 6º e 7º anos e a 4ª corresponde ao 8º e 9º anos. Legalmente é ofertada aos jovens, a partir de 15 anos, e aos adultos, no período noturno, pois muitos trabalham durante o dia, sendo, portanto, uma forma de adiantar/reduzir o tempo de formação regular àqueles que abandonaram os estudos muito cedo e ainda almejam concluí-los (Fonseca, 2020, p. 1148).

Portanto, para repensarmos nossa prática educativa na EJAI e levarmos em consideração as experiências vivenciadas pelos estudantes, precisamos estar em constante questionamento e diálogo — tanto entre nós, professores, quanto com os estudantes. Devemos buscar, em nossa formação continuada, debater a prática educativa interdisciplinar e multicultural, que vise ao diálogo e à autonomia de pensamento dos estudantes, para que se tornem capazes de pensar, refletir, analisar, criar e recriar, não apenas na Arte, mas em todos os campos do conhecimento, conforme nos ensina Paulo Freire (2019).

Para finalizar esta introdução, faço algumas considerações: as aulas do componente curricular Arte/Artes Visuais geraram e fomentaram debates com os estudantes da Educação de Jovens, Adultos e Idosos, o que, de certa forma, também nos permitiu compreender melhor o cotidiano deles(as), suas carências e necessidades. Muitas vezes, nós, professores, não temos plena consciência das dificuldades diárias enfrentadas pelos estudantes da educação básica, especialmente na EJAI.

As reuniões de reorientação curricular realizadas na escola antes da pandemia possibilitaram aos docentes discutirem entre si formas de pensar um currículo que favorecesse uma prática interdisciplinar, com o objetivo de desenvolver um projeto envolvendo diferentes disciplinas. Sendo assim, nesta tese, consideramos o conceito de Ivani Fazenda (2012), que assevera:

[...]interdisciplinaridade é definida como interação existente entre duas ou mais disciplinas, verificamos que tal definição pode nos encaminhar da simples comunicação das ideias até a integração mútua dos conceitos-chave da epistemologia, da terminologia, do procedimento, dos dados e da organização da pesquisa e do ensino, relacionando-os. (Fazenda, 2008, p-18)

As reflexões da autora são bastante contundentes para compreender a simples comunicação das ideias e a integração mútua dos conceitos-chave que envolve o fazer pedagógico coletivo no espaço escolar. É relevante, junto aos parceiros do projeto, verificar as dificuldades da prática diária na sala de aula, ou seja, como executar a interdisciplinaridade e o exercício crítico e reflexivo da realidade, respeitando as fronteiras e características pedagógicas de cada disciplina. Dessa forma, é possível criar estratégias para superar as dificuldades encontradas por estudantes e professores no desenvolvimento das ações pedagógicas.

A tese está estruturada em quatro capítulos. O primeiro, intitulado *Entre o Fluxo e o Refluxo das Marés: Foco nas Questões Ambientais na Sala de Aula do Ensino da Arte/Artes Visuais*, aborda as seguintes questões: o ensino/aprendizagem da Arte/Artes Visuais e sua relação com o meio ambiente; o ensino/aprendizagem de Artes Visuais e o debate das questões ambientais em sala de aula; e, por fim, a Arte, os Artistas e o Meio Ambiente.

O segundo capítulo tem como título *No Território Insular: Seguindo as Pistas na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) da Fundação Escola Bosque (Funbosque)*, onde será feita a contextualização da Fundação Centro de Referência em Educação Ambiental Escola Bosque Prof<sup>o</sup>. Eidorfe Moreira a partir destes questionamentos: Que escola é essa? De onde falo? Qual o contexto histórico, social e cultural da comunidade escolar? Posteriormente, estabeleceremos uma interrelação com o seu Projeto Político Pedagógico, o documento municipal da BNCC e as aulas de Arte.

No terceiro capítulo, cujo título é *As Trilhas das Questões Artísticas, Estéticas e Ambientais*, discorreremos sobre duas experiências de Estágio, levando em consideração o Plano de Ensino, a rede temática do tema gerador da EJAI e a Agenda 2030, visando pontuar os seis primeiros Objetivos de Desenvolvimento Sustentável por meio do componente curricular Arte/Artes Visuais.

O quarto e último capítulo tem como título: *As experiências no ensino/aprendizagem de artes visuais*, onde serão realizadas as descrições das ações e de como ocorreram os processos de criação, em conjunto com os/as discentes, além das etapas da pesquisa que envolveu a observação, registro e reflexão dessas produções a partir das fundamentações teórico-metodológicas da tese.



Por conseguinte, serão feitas as considerações finais, onde expomos reflexões acerca dos resultados da pesquisa, das experiências vivenciadas nas aulas *online*, dos encontros presenciais, dos diálogos realizados com os estudantes da EJA e com os estagiários discentes do curso de Licenciatura em Artes Visuais. Reflito, ainda, sobre as práticas educativas em Artes Visuais que interrelacionam as questões ambientais, tanto na leitura e contextualização de textos e obras artísticas quanto no meu fazer artístico e no dos estudantes.

## **1 ENTRE O FLUXO E O REFLUXO DAS MARÉS: FOCO NAS QUESTÕES AMBIENTAIS NA SALA DE AULA DA ARTE/ARTES VISUAIS**

Nesta seção, será apresentado o mapeamento dos estudos produzidos sobre as experiências artísticas, estéticas e culturais que abordam as questões ambientais realizadas por artistas e pesquisadores da área de Artes, os quais demarcam sentidos e significados relacionados ao tema da tese.

Foram discutidas nas aulas de Arte/Artes Visuais as contribuições de artistas e autores que abordam as questões ambientais, a partir de um contexto histórico sobre as primeiras conferências a respeito do tema, a criação das *Agendas 2021 e 2030 para o Meio Ambiente*, bem como os *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*, por meio da Organização das Nações Unidas. Além disso, veremos como artistas e pesquisadores têm abordado a inter-relação entre Arte e Meio Ambiente, e como o ensino/aprendizagem da Arte/Artes Visuais debate essa temática na educação básica.

### **1.1 O mundo, o Brasil e a preocupação ambiental com a Amazônia**

Guattari, em seu livro *As Três Ecologias* (1990), chama atenção para a maneira de viver sobre o planeta neste novo contexto de aceleração das mudanças técnico-científicas e do crescimento exponencial da população, fazendo o seguinte questionamento: O que fazer com o tempo disponível que pode vir do trabalho maquínico? Pessoas juntas, olhando para um celular, pedindo comida, jogando, conversando com pessoas distantes fisicamente; as pessoas estão solitárias; o que tem ocorrido com o trabalho? Se tornou empreendedorismo ser dono de seu próprio negócio?

Diante destas questões elencadas, Guattari (1990) expõe algumas reflexões:

O que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre o planeta, no contexto da aceleração das mutações técnico-científicas e do considerável crescimento demográfico. Em função do contínuo desenvolvimento do trabalho maquínico redobrado pela revolução informática, as forças produtivas vão tornar disponível uma quantidade cada vez maior do tempo de atividade humana potencial. Mas com que finalidade? A do desemprego? Da marginalidade opressiva, da solidão, da ociosidade, da angústia, da neurose, ou a da cultura, da criação, da pesquisa, da re-invenção do meio ambiente, do

enriquecimento dos modos de vida e de sensibilidade?  
(Guattari, 1990, p. 8-9)

O autor nos apresenta visões opostas do mundo e questiona como serão nossas escolhas: que tipo de mundo queremos? O mundo adoecido, da angústia, da opressão, da solidão? Ou o mundo da criação, da pesquisa, do pensamento crítico e libertador? Certamente, a escolha enfatizada nesta tese é a segunda, ou seja, enveredar pelas experiências artísticas, estéticas e culturais com os estudantes da Escola Bosque, para construirmos um mundo mais sustentável e saudável, tanto no sentido ambiental quanto humano.

Um dos questionamentos mais preocupantes da atualidade está relacionado ao meio ambiente e às ações humanas no planeta. O debate sobre esse tema é tão imprescindível que, em 2015, durante uma reunião global, a ONU criou a Agenda 2030, propondo dezessete Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ODS.

Em seu preâmbulo, no *site* da ONU, a Agenda é conceituada como:

[...] um plano de ação para as pessoas, para o planeta e para a prosperidade. Ela também busca fortalecer a paz universal com mais liberdade. Reconhecemos que a erradicação da pobreza em todas as suas formas e dimensões, incluindo a pobreza extrema, é o maior desafio global e um requisito indispensável para o desenvolvimento sustentável<sup>12</sup> (ONU, 2015).

O início do documento da ONU já evidencia a necessidade de erradicar a pobreza e de utilizar os recursos naturais de maneira equilibrada e parcimoniosa, o que representa um grande desafio, uma vez que ainda existem muitos problemas no mundo relacionados à pobreza extrema, aos conflitos por territórios, especialmente no Brasil, nos países árabes e, mais recentemente, em 2022, nas contendas pelo poder, que vão desde o imperialismo estadunidense até o conflito que gerou a guerra entre a Rússia e a Ucrânia em fevereiro de 2022.

Esses são apenas alguns exemplos recentes que colocam em pauta a possibilidade de uma Terceira Guerra Mundial ou, até mesmo, de uma guerra

---

<sup>12</sup> Esta citação foi retirada diretamente do *site* da Agenda 2030, da Organização das Nações Unidas. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentavel>. Acesso em: 15 mar. 2019.

nuclear. No entanto, há confrontos em todos os lugares, o tempo todo. Alguns são amplamente divulgados pela imprensa mundial, enquanto sobre outros pouco sabemos, pois, muitas vezes, o que está em jogo são os interesses econômicos dos países mais ricos.

Para corroborar com nossas reflexões, trazemos alguns fatos reportados por Serguei Monin (2022), jornalista do *site* Brasil de Fato (BdF):

A Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) aprovou uma nova doutrina estratégica que classifica a Rússia como a "ameaça mais significativa e direta" à segurança da aliança. Divulgado durante a cúpula da organização, realizada na semana passada em Madri, o documento também identifica a China como um país cujas políticas desafiam os "interesses, segurança e valores" da Otan (Monin, 2022, grifo do autor).

Observa-se que a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) posiciona Rússia e China como países que ameaçam essa Organização e, conseqüentemente, o mundo ocidental, além de desafiar a hegemonia dos países economicamente mais fortes. Esses países acabam exercendo uma dominação cultural e bélica sobre outras nações.

A dominação cultural e bélica sempre esteve presente na história, desde os impérios egípcios, que escravizaram judeus por volta de 3.200 a.C., até as histórias sangrentas do genocídio indígena durante o domínio das Américas por espanhóis, portugueses, ingleses e franceses, por volta do século XVI, como expõe Weigel:

[...] as estratégias de dominação e submissão dos povos indígenas não se deram de um mesmo modo nestes quase quatro séculos de conquista. Assim como também é possível observar um forte movimento de reação que dá um tom de resistência à orquestração da história das relações entre índios e brancos na região do alto rio Negro. A diferenciação de ritmos, estratégias e intensidade das formas de dominar, conjugada às possibilidades concretas de reação dos indígenas, delineiam em diferentes conjunturas históricas, marcando períodos de maior e de menor acirramento da destruição física e cultural na área (Weigel, 1998, p. 61).

Ao longo dos anos, temos observado a resistência tanto dos povos indígenas quanto do povo negro, que foi escravizado no Brasil. Novas leis foram criadas, como as Leis 11.645/2008 e 10.639/2003, além de associações e

movimentos de luta contra o racismo estrutural, que têm se manifestado e promovido mudanças, como a lei de cotas para negros e indígenas nas universidades públicas. Ou seja, é uma luta contra a hegemonia da cultura branca europeia, que ainda permeia a sociedade brasileira de norte a sul.

Com tantos conflitos acontecendo pelo mundo, inclusive de ordem ecológica<sup>13-14</sup>, como alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável até o ano de 2030? Essa é uma questão que se coloca hoje, em 2024, diante de tantos acontecimentos locais e mundiais que, de uma forma ou de outra, interferem diretamente no alcance desses ODS.

Logo, é possível considerar que a humanidade ainda está longe de viver em paz e com justiça social em muitos países, especialmente os economicamente mais pobres ou “subdesenvolvidos”. Por isso, o debate sobre esses objetivos é tão importante para o futuro da humanidade, e é urgente.

Diante dessas questões, compreendemos que, tanto na educação formal quanto na não formal, é preciso debater e refletir criticamente sobre os Objetivos, ainda que seja em uma escala local, pois, por meio da educação, sempre é possível mudar uma pequena comunidade, conforme diz Guattari (2011, p. 9) ao afirmar que é “[...] uma revolução molecular: não é uma palavra de ordem, um programa, é algo que eu sinto, que eu vivo, em encontro, em instituições, nos afetos, e através de algumas reflexões”.

Compreendemos que é por meio das reflexões, dos encontros e do que se vive, que é possível perceber/entender saídas para preservação ambiental, tanto de um lugar distante, que não se conhece, quanto da realidade local, da rua onde fica nossa casa, afinal todo lugar que estamos é meio ambiente, mesmo que esteja coberto de concreto, rua, asfalto, casas e prédios e não apenas de mato, rios e de floresta.

A Amazônia é um nome bastante conhecido e relacionado a um vasto território de fauna e flora. Localizada na região Norte do Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Amazônia Legal

---

<sup>13</sup> Para maiores informações, sugerimos assistir a entrevista: Garimpo ilegal, invasão e violência em terras indígenas, concedida ao Brasil de Fato. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RdVVNLVKTOI>. Acesso em: 20 de ago. 2021.

<sup>14</sup> Sugerimos, também, a leitura da reportagem intitulada: Inpe: Fogo queimou área de 4,2 mi campos de futebol na Amazônia, de Carlos Madero (2019). Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2019/09/03/inpe-fogo-queimou-area-de-34-mi-campos-de-futebol-na-amazonia-em-agosto.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 06 mai. 2020.

corresponde à área de atuação da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), conforme podemos ver a seguir:

A região é composta por 772 municípios distribuídos da seguinte forma: 52 municípios de Rondônia, 22 municípios do Acre, 62 do Amazonas, 15 de Roraima, 144 do Pará, 16 do Amapá, 139 do Tocantins, 141 do Mato Grosso, bem como, por 181 Municípios do Estado do Maranhão situados ao oeste do Meridiano 44º, dos quais, 21 deles, estão parcialmente integrados na Amazônia Legal. Possui uma superfície aproximada de 5.015.067,75 km<sup>2</sup>, correspondente a cerca de 58,9% do território brasileiro (IBGE, 2022).

O Estado do Pará possui grande parte de seu território coberto pela floresta amazônica, que vem sendo queimada, desmatada e garimpada a cada ano<sup>15</sup>. Para corroborar com essa dramática realidade, Davi Kopenawa (2022), liderança indígena Yanomami, em uma entrevista<sup>16</sup> concedida ao jornal *Extra*, falou sobre a invasão do garimpo nas terras indígenas e a contaminação dos rios.

Ao ser questionado sobre o apoio do presidente<sup>17</sup> da época, afirmou: “Não convidaria o Bolsonaro para ir à terra Yanomâmi. Eu convidaria um homem bom e honesto. Ele [o presidente] está deixando a nossa vida doente, deixando entrar garimpeiros, armas de fogo. É o pior governo de todos os tempos”.

As ações de um governo em um Estado democrático de direito deveriam ser voltadas à proteção de seu povo, em toda a sua diversidade (indígenas, quilombolas, jovens, crianças, idosos, proteção do meio ambiente etc.). No entanto, o governo de extrema direita que atuou no Brasil até recentemente foi racista, autoritário e negacionista da ciência, se negando a comprar vacinas, dificultando as recomendações da Organização Mundial da Saúde sobre o uso de máscara, instigando a população a utilizar medicação sem eficácia para a Covid-19, promovendo, assim, uma política de genocídio.

É importante ressaltar que o Brasil teve mais de 700 mil mortes durante a pandemia e muitos especialistas afirmaram que, pelo menos, metade dessas

---

<sup>15</sup> De acordo com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), o valor estimado do desmatamento foi de 11.568 km<sup>2</sup>, no período de 01 agosto de 2021 a 31 julho de 2022.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/eu-tenho-medo-de-morrer-de-bala-diz-davi-kopenawa-lider-mundial-na-defesa-da-caoisa-ianomami-25486664.html>. Acesso em: 04 de maio 2022.

<sup>17</sup> Na época em que escrevi essa parte da tese, entre 2021 e 2022, o presidente era Jair Bolsonaro. Portanto, Davi Kopenawa se refere a ele e ao seu governo de extrema direita.

mortes poderiam ter sido evitadas se tivéssemos um governo que realmente se preocupasse com sua população.

A cidade de Belém é uma das portas de entrada para a região amazônica, sendo um dos 144 municípios pertencentes à Amazônia Legal. É composta por sua parte continental e, segundo Guerra (2015), possui 43 ilhas<sup>18</sup>.

A Educação Ambiental tornou-se uma preocupação mundial desde o final da década de 1960. Reigota (2017) afirma que em 1968 ocorreu a primeira reunião de países industrializados para discutir o consumo e as reservas de recursos naturais e não renováveis, além do aumento da população mundial até o século XXI.

As conclusões do Clube de Roma deixaram clara a necessidade urgente para buscar meios para conservação dos recursos naturais e controlar o crescimento da população, além de se investir numa mudança radical na mentalidade de consumo e procriação (Reigota, 2017, p. 149).

Segundo o autor, a história da Educação Ambiental registra que depois que o Clube de Roma colocou tais questões em nível planetário, em 1972, a ONU realizou a primeira Conferência do Meio Ambiente Humano, ponto de partida para estabelecer a importância de se formar cidadãos e cidadãs aptos a resolverem problemas de ordem ambiental.

Posteriormente, em 1992, aconteceu a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, também conhecida como Rio 92, na cidade do Rio de Janeiro, cujos desdobramentos geraram a criação de vários documentos e ações, fazendo com que a Educação Ambiental deixasse de ser restrita a um grupo de ativistas preocupados com o futuro do planeta para transformar-se em uma agenda para todas as nações que fazem parte da ONU<sup>19</sup> seguirem. Assim, criou-se a Agenda 21, ampliando ainda mais o interesse e o acesso das pessoas ao tema.

---

<sup>18</sup> É preciso esclarecer que existem algumas divergências nesta informação. Alguns *sites*, como *Wikipédia*, informam a existência de 42 ilhas que pertencem à administração de Belém, com destaque para as de Caratateua, Mosqueiro, Cotijuba e Cumbú. Já no livro *Belém Ribeirinha. Marco Contextual*, elaborado por João Meirelles Filho, publicado pelo Instituto Peabiru em 15 de dezembro de 2014, consta que são 39 ilhas. Para mais informações, consultar: <https://peabiru.org.br/wp-content/uploads/2014/08/belemribeirinha-marcocontextual.pdf>. Não encontramos essa informação no *site* oficial da prefeitura, posto que destaca apenas as ilhas supracitadas.

<sup>19</sup> A Organização das Nações Unidas foi criada em 1942 e o Brasil é um de seus membros-fundadores.

As questões ambientais se desenrolam a partir de vários pontos de vista, desde a mudança comportamental, como “não desperdiçar água no chuveiro, na pia, ou lavando a calçada”, até a possibilidade de desenvolver uma consciência crítica sobre as grandes empresas que exploram tanto o trabalho humano quanto a natureza, como mineradoras, petrolíferas e agroindústrias.

Dessa forma, trazemos à tona questões que vão muito além de simplesmente derrubar uma árvore no quintal de casa, uma vez que ampliam a percepção sobre políticas que permitem a exploração da natureza sem qualquer preocupação com o “desenvolvimento sustentável” e com a degradação ambiental nas zonas em que a maioria da população é economicamente vulnerável.

Acselrad, Mello e Bezerra destacam alguns fatos históricos sobre as questões ambientais, que dão início a reflexões sobre as relações entre risco ambiental, pobreza e etnicidade:

A partir da década de 1980, nos EUA, uma série de lutas que articularam a questão ambiental com a desigualdade social foram capazes de dar fôlego a uma mobilização social mais abrangentes, que extrapolavam os limites anteriores, localizadas e específicas. Na verdade, aqueles militantes de base e/ou acadêmicos que inicialmente levantaram a bandeira da “justiça ambiental” diagnosticaram problemas e estabeleceram princípios e estratégias de luta que foram capazes de se fazer reconhecer e identificar por uma série de outras experiências mundo afora. Muito além da problemática das relações entre a alocação de resíduos tóxicos e da luta pelos direitos civis dos negros dos EUA, impulsionou-se uma reflexão geral sobre as relações entre risco ambiental, pobreza e etnicidade (Acselrad; Mello; Bezerra, 2009, p. 25, grifo dos autores).

Compreendemos que as expressões Justiça Ambiental e Justiça Climática passaram a ser foco de um debate que envolve, principalmente, os países pouco industrializados, como por exemplo, países da África e da América Latina, sendo mais fornecedores de matéria-prima para os países mais ricos como os países do norte global<sup>20</sup>. São nesses países do sul global que as

---

<sup>20</sup> De acordo com o professor Bruno Leal (2023), “[...] o conceito de Norte ou Sul Global é utilizado para descrever um grupo de países de acordo com características socioeconômicas e políticas. Estando o norte correlacionado com os países da Europa Ocidental, Estados Unidos, Austrália, Israel, Japão e Nova Zelândia, enquanto o Sul corresponde, em grande parte, aos países em desenvolvimento (anteriormente conhecidos como “Terceiro Mundo”) da Ásia, África, América Latina e Caribe (entre outros)”. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/glossary/norte->



desigualdades sociais também estão mais acentuadas e a degradação ambiental provocada pela exploração desordenada recai, sobretudo, nas populações mais desassistidas e que ocupam locais periféricos, onde as políticas públicas de saúde, educação, saneamento básico e transporte não chegam ou, então, são bastante precarizadas. Acselrad, Mello e Bezerra (2009) apontam, igualmente, que a injustiça ambiental afeta diretamente as populações mais pobres, pretas e periféricas.

Pensando nesse contexto, abordaremos, a seguir, a relação entre o ensino/aprendizagem de Arte e as questões ambientais, a partir do levantamento de pesquisas que deram a base teórica a esta tese.

## **1.2 Questões ambientais na sala de aula**

Em 2020, vivíamos uma crise ambiental que nos provocou a repensar os rumos do planeta. Há uma preocupação mundial com o aquecimento global, o desmatamento da Amazônia, a grande quantidade de resíduos sólidos produzidos nos centros urbanos e a poluição dos oceanos.

A preocupação com as justiça ambiental e climática nos países pouco industrializados ou sem indústrias traz para a pauta de debates o aquecimento global, que afeta principalmente os países mais periféricos e chamados subdesenvolvidos, pois são os que menos emitem gases poluentes ou de efeito estufa. Em contrapartida, são mais atingidos por tragédias 'naturais' advindas do aquecimento global.

Mas onde entra o ensino/aprendizagem de Arte/Artes Visuais para tratar das questões ambientais? Entra a partir do momento em que artistas e pesquisadores(as) da área de Artes começam a abordá-las em suas obras e pesquisas. Ou seja, diante de temas ecológicos ou ambientais, o(a)s artistas trazem para o debate artístico, estético e cultural a reflexão sobre o consumismo exagerado, as florestas queimadas, a reutilização de materiais, entre outros. Por ser uma temática transversal, chega à escola por meio de vários componentes curriculares e Arte é um deles.

Para continuar nosso mapeamento de artistas e pesquisadores que relacionam arte e questões ambientais para além do quadro que criamos,

abordamos outros autores que foram fundamentais para a escrita desta tese, como, por exemplo, Ana Mae Barbosa, que sempre nos chamou atenção para esta relação, principalmente em seu livro *Tópicos Utópicos*, de 1998, que traz reflexões relevantes no que diz respeito a(o)s artistas que produzem obras voltadas ao pensamento crítico sobre o meio ambiente e a abordagem para o ensino/aprendizagem da Arte.

Neste sentido, inclusive, a autora faz um alerta:

[...] é muito importante não esquecer que o equilíbrio ecológico e o equilíbrio social estão relacionados e são parte da mesma realidade. Não poderemos resolver os problemas do ambiente natural sem tomar conhecimentos dos problemas políticos, econômicos, sociais e educacionais que induz a ações predatórias que as permeiam. Os artistas e os arte-educadores têm importante papel a desempenhar nos esforços para preservar a natureza e os seres humanos na natureza (Barbosa, 1998 p. 116).

Barbosa (1998) destaca o importante papel que desempenha o artista e o(a) professor(a) de Arte para a preservação da natureza, ao mesmo tempo em que pontua que só resolveremos os problemas ambientais se resolvermos, também, as desigualdades sociais. Para iniciar esse processo de diminuição das desigualdades, é importante investir em políticas públicas para educação, saúde, saneamento básico e moradia digna, ou seja, o primeiro objetivo de desenvolvimento sustentável é a erradicação da pobreza.

Um outro ponto crucial no mundo é a água, que é um recurso renovável, mas não inesgotável. Para essa questão, temos o sexto ODS, que é Água Potável e Saneamento. Quando conversamos com os(as) estudantes da EJAI sobre a falta de água na comunidade, os relatos revelaram um problema realmente sério, uma vez que muitos moravam em casas que não tinham água na torneira e quando tinha, não era de boa qualidade e apresentava um cheiro desagradável. Para solucionar esse problema, alguns compravam garrafas de água mineral de 20 litros e usavam para beber e cozinhar.

Esses diálogos estão demarcados no campo das teorias e práticas educativas de Paulo Freire (2019), já que o autor estimula a dialogicidade e a escuta dos(as) estudantes. Nesta mesma linha temos Barbosa (2019), posto que evidencia a importância de contextualizar e estimular a leitura de obras artísticas

gerando, dessa forma, conversas críticas e reflexivas sobre as imagens, seu tempo histórico e a sociedade a que se dirige.

Portanto, a escuta e o diálogo com os estudantes são fundamentais para encaminhar a Abordagem Triangular como estratégia nas aulas de Arte, como citado pela autora:

Fomos alunos de Paulo Freire e com ele aprendemos a recusar a colonizadora cópia de modelos, mas a escolher, reconstruir, reorganizar, a partir da experiência direta com a realidade, com a cultura que nos cerca, com a cultura dos outros e com uma pletera de referenciais teóricos, intelectualmente desnacionalizados como diz Bourdieu, por nós escolhidos e não impostos pelo poder dominante. A Abordagem Triangular respeita a ecologia da educação (Barbosa, 2014, p. XXXI).

Barbosa (2014) adota a pedagogia freireana ao destacar a visão colonizadora presente na educação e como é importante recusar essa colonização, opondo-se à hegemonia das culturas branca, portuguesa, espanhola, inglesa e estadunidense. Embora exista um esforço para romper com esse domínio, ele ainda se impõe, tornando-se fundamental desenvolver uma consciência crítica na escolha dos conteúdos a serem estudados.

É pensando na Educação para a sustentabilidade ambiental, democrática e solidária — que se contraponha à cultura hegemônica e gananciosa do neoliberalismo, que corrompe e destrói a natureza — que professores(as) podem abordar em suas aulas artistas visuais que problematizam o meio ambiente, a exemplo de Eduardo Srur (2019), que criou *Pets* e “Pintado”, uma obra que questiona o consumo excessivo de plástico pelos seres humanos, como podemos observar na Figura 2, abaixo.

**Figura 2 – Pets**, de Eduardo Srur



Fonte: Ribeiro<sup>21</sup> (2008).

O artista Frans Krajcberg<sup>22</sup> (1994) coletava e expunha restos mortos e carbonizados de árvores, resultado de queimadas, visando justamente refletir sobre a destruição provocada pelo fogo às florestas de diferentes biomas do Brasil, quais sejam: Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal, conforme vemos na Figura 3, a seguir.

---

<sup>21</sup> RIBEIRO, Sílvia. Garrafas pet gigantes no Tietê poderão ser visitadas de barco. **G1 São Paulo**, 26 mar. 2008. Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL363123-5605,00-GARRAFAS+PET+GIGANTES+NO+TIETE+PODERAO+SER+VISITADAS+DE+BARCO.html>. Acesso em: 23 nov. 2024.

<sup>22</sup> Nascido em Koziénice, na Polônia, em 1921, foi naturalizado brasileiro e trabalhou com fotografia, pintura, gravura e intervenção urbana. Suas obras demonstram uma preocupação com a destruição da natureza. Faleceu em 2017, aos 96 anos, no Rio de Janeiro.

**Figura 3** – *Por uma arquitetura da natureza*, de Frans Krajcberg (2022)



**Fonte:** Portal de notícias do Estado Da Bahia. Disponível em: <https://www.comunicacao.ba.gov.br/2022/05/noticias/cultura/abertura-de-exposicao-frans-krajcberg-por-uma-arquitetura-da-natureza-reune-especialistas-e-amantes-da-arte-no-mube/>. Acesso em: 23 nov. 2024.

Podemos fundamentar essa prática educativa na ecopedagogia que, segundo Gadotti (2000, p. 80), foi um termo cunhado por Francisco Gutierrez com “origem na ‘educação problematizadora’ (Paulo Freire)”, conforme expõe em seu livro *Pedagogia da Terra*:

A ecopedagogia pretende desenvolver um **novo olhar** sobre a educação, um olhar global, uma nova maneira de ser e estar no mundo, um jeito de pensar a partir da vida cotidiana, que busca sentido a cada momento, em cada ato, que pensa a prática (Paulo Freire) em cada instante de nossas vidas, evitando a burocratização do olhar e do comportamento (Gadotti, 2000, p. 82, grifos do autor).

Gadotti (2000, p. 81) propõe uma nova pedagogia, ética, como a própria essência do ato educativo, em que assevera que “a democracia e a cidadania são partes integrantes hoje da reconstrução ético-política da educação (escola cidadã)”. Concordamos com o autor e consideramos primordial pensar a escola como um local onde se possa exercer a cidadania e a democracia de fato. Para isso é necessário o acesso à arte e à cultura de toda ordem, ou seja, é preciso

que os(as) estudantes possam conhecer desde um pequeno polo artesanal da comunidade onde moram até os museus mais elitista da cidade.

As ideias de Paulo Freire fundamentam o encaminhamento do ensino/aprendizagem da Arte/Artes Visuais, potencializando o diálogo com os(as) estudantes da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA), possibilitando a escuta das questões cotidianas e a busca por soluções para superá-las. O autor sustenta toda a metodologia de trabalho, que se pretende interdisciplinar, a partir de um tema gerador, lançado a toda a Educação de Jovens, Adultos e Idosos da Fundação Escola Bosque. É a partir desse tema e dos subtemas que os conteúdos são mediadores e construídos tanto por professores(as) quanto pelos estudantes.

Entre arte e questões ambientais, Félix Guattari (1990, p. 8) traz à tona um mundo em transformação, que afeta trabalhadores e a diversidade da vida no planeta, apontando para uma “articulação ético-política – [...] ecosofia – entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana), que poderiam esclarecer convenientemente tais questões”.

Com relação a esses três registros expostos por Guattari, cito a pesquisadora Mariana Garcia Barbosa (2008), que diz:

[...] construir um olhar ético e compromissado com o meio ambiente através de poéticas em Artes Visuais, atravessa uma educação do sensível e incorpora valores éticos e estéticos em seu apreender. É por esse motivo que a educação do olhar frente aos problemas de nossa sociedade deve fazer parte do processo de construção da aprendizagem aliado ao fazer artístico, pois o ato criador é fundante na construção criativa diante do cotidiano (Barbosa, 2008, p. 56).

Nesse sentido, o ensino/aprendizagem da Arte/Artes Visuais se insere como potência para o pensamento reflexivo e criativo que pode ser experimentado em sala de aula, possibilitando uma proposta de “ecosofia” e “ecopedagogia”.

Guattari (1990) e Gadotti (2000) propõem a “ecosofia” e a “ecopedagogia”, respectivamente, onde a primeira é entendida enquanto um movimento social e político e a segunda como uma articulação ético-política. Assim, é bom saber como surge o termo “ecologia”:

A palavra “ecologia” foi criada em 1866 pelo biólogo alemão Ernest Haeckel (1834-1919) com a publicação de seu livro *Morfologia geral dos organismos* como capítulo da biologia, para designar o estudo das relações existentes entre todos os seres vivos e não vivos entre si e com seu meio ambiente. Se levarmos em conta a palavra grega que lhe deu origem, *oikos*, “casa”, a ecologia poderia ser considerada a “ciência da casa”, da nossa casa, mas que é o planeta Terra (Gadotti, 2000, p. 89, grifos do autor).

Surge uma grande interseção entre as duas palavras: “eco” – como casa e como meio ambiente –, embora o que a defina seja a política, a ética e a pedagogia que aqui vemos como práticas educativas, essas são fatores que se fazem presentes na tese como rizomas, conforme expõe Deleuze e Guattari:

[...] Um rizoma como haste subterrânea distingue-se absolutamente das raízes e radículas. Os bulbos e os tubérculos são rizomas. Plantas com raízes e radículas podem ser rizomórficas num outro sentido inteiramente diferente: é uma questão de saber se a botânica em sua especificidade, não seriam inteiramente rizomórficas. Até animais o são, sob sua forma matilha, ratos são rizomas. As tocas o são com todas as suas funções de habitat, de provisão, de deslocamento, de evasão e de ruptura [...] (Deleuze; Guattari, 1995, p.21-22).

Na botânica os rizomas são como uma espécie de caule, bulbo ou tubérculo que se dispõe paralelamente. No entanto, para Deleuze e Guattari (2011), são como linhas que se espalham em uma multiplicidade e que se agenciam em conexões. Portanto, o meio ambiente é como a casa em que se agenciam a política, a ética e a pedagogia, nesse movimento rizomático em rede que forma conexões.

Na seção a seguir, abordaremos a interrelação entre a produção artística, o(a) artista e o meio ambiente.

### **1.3 A Arte e o(a)s artistas**

A relação entre Arte e Questões Ambientais envolve não apenas os materiais, mas também as representações visuais, musicais e cênicas de tudo o que encanta e desafia o olhar humano. Após séculos de exploração, muitas pessoas, dependendo de seu contexto social, cultural e econômico, parecem se afastar cada vez mais da natureza. Ou seja, em relação ao mundo natural, composto por plantas, animais, minerais, fenômenos físicos e pela vida em geral,

elas não se veem mais como pertencentes a ele, adotando um comportamento de dominação e destruição.

Essa exploração excessiva, iniciada a partir da Revolução Industrial, transforma a relação do homem com o meio ambiente. Segundo Eric Hobsbawm, a primeira indústria a se revolucionar foi a do algodão, um marco ocorrido na Grã-Bretanha.

Nem mesmo a máquina a vapor, embora aplicada a numerosas outras indústrias por volta de 1815, era usada fora da mineração, que a empregara pioneiramente. Em 1830, a “indústria” e a “fábrica” no sentido moderno ainda significavam quase que exclusivamente as áreas algodoeiras do Reino Unido (Hobsbawm, 2014, p. 89).

O autor afirma que o desenvolvimento da indústria traz consigo o surgimento da classe trabalhadora, ou proletariado, e que a indústria recorre à produção em massa. Isso implica que os materiais usados na indústria também precisam ser produzidos em larga escala, o que leva ao desmatamento das florestas nativas, como ocorreu no Reino Unido com o cultivo de algodão.

Essa lógica de exploração da natureza para atender à demanda industrial se perpetua até hoje no Brasil, especialmente no setor agroindustrial. Um exemplo claro disso é a mudança no cultivo de arroz e feijão para o de soja, como destaca a reportagem de Catarina Barbosa (2021): “O fator determinante desse aumento foi a destinação de extensões cada vez maiores de terra ao cultivo da soja”, o que, por sua vez, pode gerar desequilíbrios ecológicos.

Além disso, o surgimento do neoliberalismo no final do século XX intensificou ainda mais essa cultura predatória. Segundo Harvey (2005), esse modelo econômico exacerbado potencializa as desigualdades sociais e econômicas, promovendo uma exploração ainda mais agressiva da natureza e das populações marginalizadas, com foco em um crescimento econômico que desconsidera os impactos ambientais e sociais.

O neoliberalismo é em primeiro lugar uma teoria das práticas político-econômicas que propõe que o bem-estar humano pode ser melhor promovido liberando-se as liberdades e capacidades empreendedoras individuais no âmbito de uma estrutura institucional caracterizada por sólidos direitos à propriedade privada, livres mercados e livre comércio (Harvey, 2005, p. 06).



O neoliberalismo econômico, ao adotar a ideia de um estado mínimo, favorece uma forma de exploração que ignora as questões ambientais e o esgotamento dos recursos naturais. Isso promove um ciclo de degradação que coloca em risco os ecossistemas e as comunidades que dependem deles.

Na perspectiva de estimular o pensamento crítico entre os estudantes da EJA, a sala de aula se torna um espaço fundamental para refletir sobre questões como: a exploração predatória da natureza por indivíduos e corporações sem escrúpulos; a invasão ilegal de terras de povos tradicionais e indígenas; e o esgotamento dos ecossistemas e florestas que sustentam a vida no planeta.

Esses debates também podem abordar as consequências diretas dessas práticas, como a emergência climática, que resulta em fenômenos extremos, como enchentes e alagamentos nas grandes cidades, além de secas prolongadas que afetam áreas como o Pantanal e a Amazônia.

Ao conectar esses temas às realidades locais e às práticas pedagógicas de conscientização ambiental, o ensino de Arte/Artes Visuais pode ser uma ferramenta eficaz para que os estudantes não apenas compreendam os problemas ambientais, mas também se envolvam em soluções criativas e transformadoras, buscando novos modelos de interação com a natureza<sup>23</sup>.

Nesta mesma linha, outro fato relevante também pode ser abordado: no Brasil, há uma grande exploração de minérios, principalmente nos estados do Pará e de Minas Gerais. Em duas ocasiões, a empresa responsável pela mineração causou danos significativos à região mineira. Dois casos, em particular, geraram grande comoção e indignação, a saber: o rompimento de uma barragem, em novembro de 2015, no subdistrito de Bento Rodrigues, pertencente ao distrito de Santa Rita Durão, no município de Mariana, em Minas Gerais, e o desastre no município de Brumadinho, no mesmo estado, em janeiro de 2019.

O que justifica uma mineradora causar crimes ambientais de proporções tão gigantescas, a ponto de destruir ecossistemas, matar inúmeras pessoas e prejudicar cidades e seus cidadãos? Será que esses locais e seus moradores conseguirão superar esse trauma? As florestas e os rios poderão se recuperar

---

<sup>23</sup> Para mais informações, acessar o *site* da *National Geographic*, disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2024/06/pantanal-como-seca-mudancas-climaticas-e-devastacao-da-amazonia-ameacam-esse-bioma-brasileiro>. Acesso em: 30 nov. 2024.

totalmente? Essas questões podem ser tratadas em sala de aula, justamente para refletir sobre diversos temas, como: meio ambiente, cidadania, ecossistemas e culturas locais. Podemos, inclusive, ir além e fomentar um debate sobre se realmente se tratou de um ‘acidente’ ou de um ‘crime ambiental’. É aí que entra a criação artística, pois os artistas estão sempre representando e expondo o tempo presente, como faz o artista visual Mundano<sup>24</sup>.

Este artista criou uma pintura em um prédio de São Paulo (Figura 3), onde retrata as pessoas que morreram no “acidente/crime” ambiental na cidade de Brumadinho. Mundano usou lama tóxica, com pesquisa de cores e eternizou rostos de trabalhadores que moravam no local. A arte faz referência aos operários da fábrica de Tarsila do Amaral (Figura 4), o que nos remete à luta de classes, a rostos que não podem ser tratados como apenas números em uma estatística de mortos e ao fato de que não foi um acidente ambiental, mas um crime ambiental, em que morreram 272 pessoas<sup>25</sup>, sendo que 3 ainda estão desaparecidas<sup>26</sup>.

Por conta do teor de suas obras, Mundano se autodenomina como “ativista” esse termo tem sua origem em 1997 por conta de um encontro entre os artistas chicanos de Los Angeles e zapatistas em Chiapas no México, como já visto anteriormente trata-se de um neologismo que junta a palavra arte com ativismo.

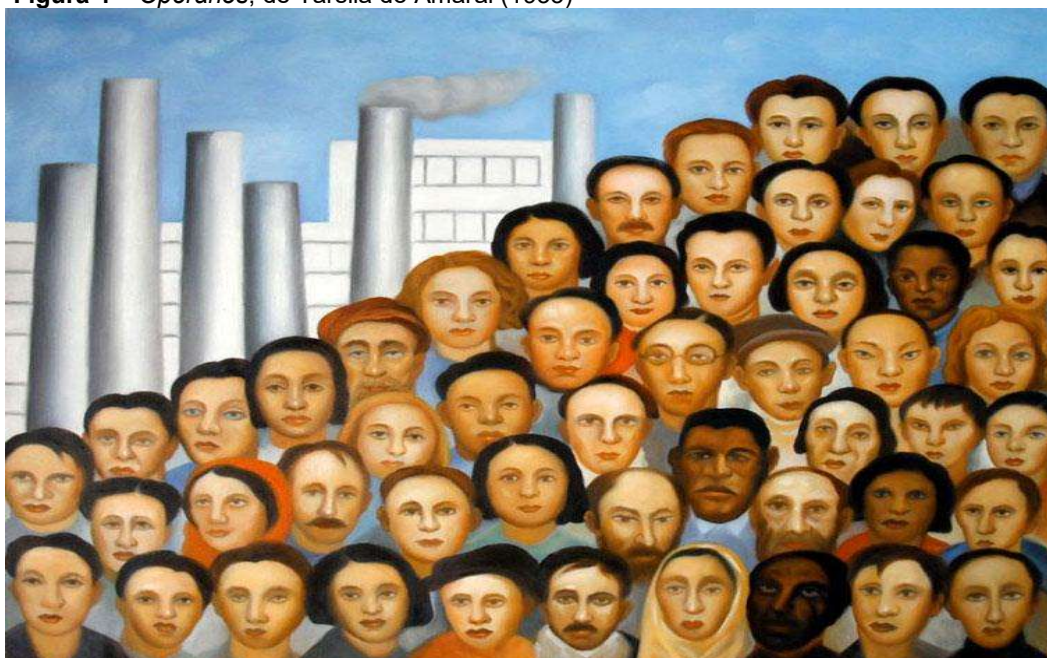
---

<sup>24</sup> Mundano é o nome artístico de Thiago Teixeira Leite Ackel, um artista de rua que nasceu em São Paulo, em 1986, e que ficou conhecido internacionalmente por seu grafite e ativismo socioambiental, com obras que chamam a atenção para o respeito aos direitos humanos e ao meio ambiente.

<sup>25</sup> Segundo o jornalista Léo Rodrigues, da Agência Brasil, foram contabilizadas 270 vítimas, mas a Associação dos Familiares das Vítimas e Atingidos pelo Rompimento da Barragem em Brumadinho (Avabrum), considera que são 272 pessoas mortas, posto que contam, também, com dois bebês de duas mulheres que estavam grávidas na ocasião do acidente. Para maiores informações, consultar: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-01/brumadinho-familias-confiam-que-3-vitimas-restantes-serao-encontradas>. Acesso em: 03 out. 2024.

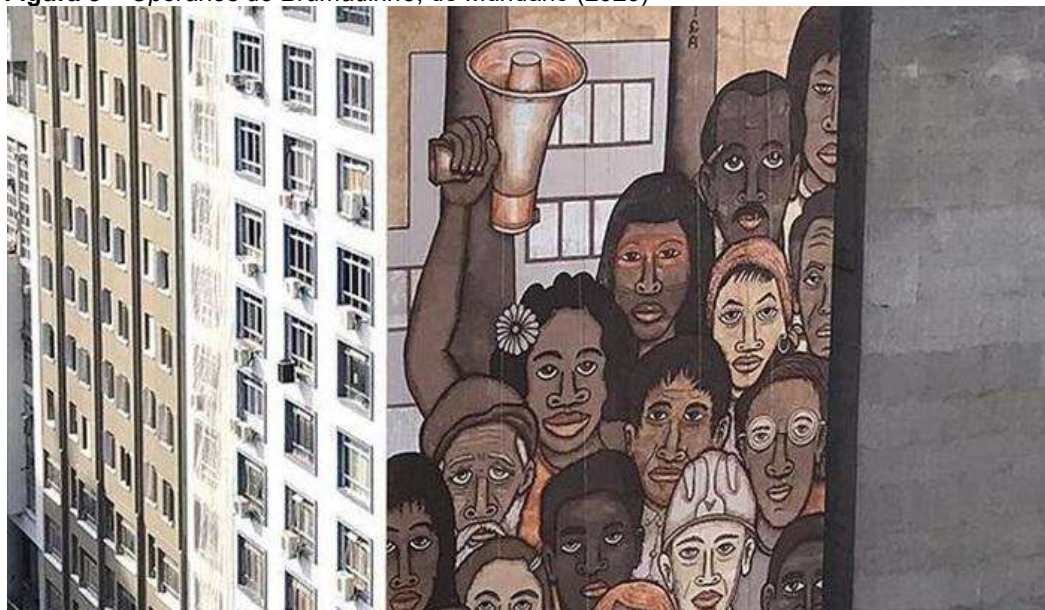
<sup>26</sup> Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-01/brumadinho-familias-confiam-que-3-vitimas-restantes-serao-encontradas>. Acesso em: 03 out. 2024.

**Figura 4 – Operários, de Tarsila do Amaral (1933)**



**Fonte:** Jornal *El País*. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/07/cultura/1518001616\\_829973.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/07/cultura/1518001616_829973.html). Acesso em: 15 abr. 2020.

**Figura 5 – Operários de Brumadinho, de Mundano (2020)**



**Fonte:** Arte fora do Museu. Disponível em: <https://arteforadomuseu.com.br/operarios-de-brumadinho/>. Acesso em: 15 abr. 2020.

Vindo para um momento ainda mais recente, chamamos a atenção para várias notícias acerca das ações ambientais que acontecem em tempos de pandemia, como, por exemplo, as operações do Instituto Brasileiro do Meio

Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) para impedir que garimpeiros possam invadir reservas indígenas.

Os artistas, por meio de suas produções, representam o tempo presente e as relações homem-natureza, arte e ativismo, a exemplo de Sebastião Salgado<sup>27</sup>, que produziu um vídeo<sup>28</sup> (Figura 6) para mostrar ao mundo e, principalmente ao Brasil e ao governo, o dever humano de proteção da vida, das florestas e dos povos indígenas.

**Figura 6** – *Frames* do vídeo “Manifesto internacional para proteger os índios na pandemia”, de Sebastião Tapajós



**Fonte:** Site Jornalistas Livres. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=u7G4JA1of\\_E](https://www.youtube.com/watch?v=u7G4JA1of_E). Acesso em: 23 nov. 2024.

Durante o isolamento social, observaram-se alguns pontos positivos no meio ambiente, como a diminuição da emissão de CO<sub>2</sub>, a exemplo do que se viu na China – com o fechamento temporário das fábricas, os satélites mostraram o

---

<sup>27</sup> Nascido em 1944, em Aimorés, Minas Gerais, o fotógrafo tornou-se conhecido internacionalmente ao trabalhar com fotojornalismo. Posteriormente, dedicou-se a retratar os excluídos da terra e os povos originários do Brasil.

<sup>28</sup> Para assistir ao vídeo-manifesto completo, acessar: [https://www.youtube.com/watch?v=u7G4JA1of\\_E](https://www.youtube.com/watch?v=u7G4JA1of_E). Acesso em: 23 nov. 2024.

céu mais limpo. Outra constatação foi em relação aos canais de Veneza, que ficaram límpidos e os peixes voltaram a nadar no local<sup>29</sup>.

Ao refletir sobre a Arte e o Meio Ambiente nota-se que essa relação não começou agora, pois advém desde que a cultura humana se estabeleceu no mundo. Neste sentido, a professora e antropóloga Margaret Mead [1901-1978], citada por Franklin Félix (2020) ao se reportar ao primeiro sinal da civilização, diz que:

[...] no reino animal, se você quebra a perna, você morre. Você não pode correr do perigo, ir até o rio beber água ou caçar comida. Você é carne fresca para os predadores. Nenhum animal sobrevive a uma perna quebrada por tempo suficiente para o osso sarar. Um fêmur quebrado que cicatrizou, acrescenta, é evidência de que alguém dispensou tempo para ficar com aquele que caiu, tratou da ferida, levou a pessoa à segurança e cuidou dela até que se recuperasse. Ajudar alguém durante a dificuldade é onde a civilização começa<sup>30</sup>.

Conforme o relato acima, constata-se que é o cuidado com o outro que nos torna verdadeiramente humanos. Para refletir sobre como a nossa atual ‘civilização’ tem tratado o planeta, a si mesma e aos seus semelhantes, os artistas, por meio da Arte, expressam esse contexto.

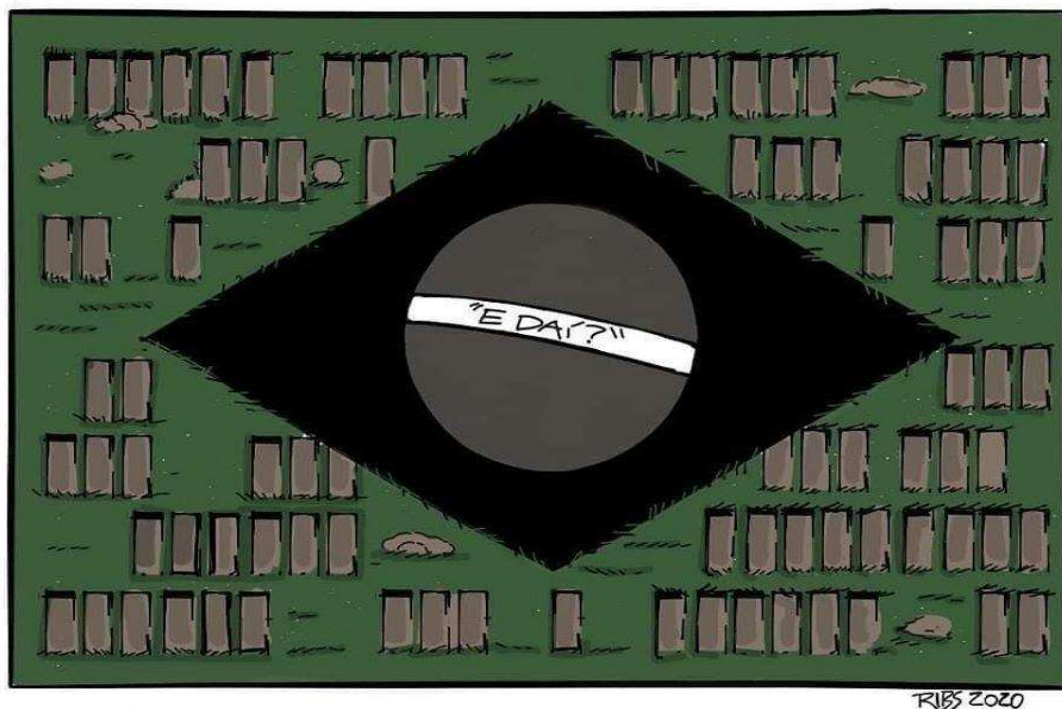
A charge criada pelo artista Matheus Ribs<sup>31</sup> denominada “E daí?” (Figura 7), foi amplamente compartilhada nas redes sociais e teve grande impacto. Nela, revela-se um país em luto pelas mortes e destaca a fala do então presidente da República que, ao ser questionado por uma repórter sobre o Brasil ter ultrapassado a China em número de mortos pela Covid-19 – chegando a 5.017 vítimas fatais –, respondeu: “E daí?”

<sup>29</sup> A imprensa reportou em 2020 que os canais da cidade de Veneza, na Itália, estavam límpidos devido a diminuição do tráfego das embarcações no local. Segundo Rafael Campos (2020), do site *Metrópoles*, “[...] com todo o país em quarentena e sem turistas, está sendo possível enxergar até mesmo os peixes nadando. Em um grupo de *Facebook*, intitulado *Venezia Pulita* (Veneza Limpa), várias imagens foram publicadas mostrando a situação das águas”. Disponível em: <https://www.metrolopes.com/mundo/coronavirus-aguas-nos-canais-de-veneza- ficam-mais-cristalinas>. Acesso em: 09 de nov. 2022.

<sup>30</sup> FÉLIX, Franklin. Empatia, esperança e fé: o que podemos aprender com a crise do coronavírus. **Carta Capital**, São Paulo, 16 mar. 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/empatia-esperanca-e-fe-o-que-podemos-aprender-com-a- crise-do-coronavirus/>. Acesso em: 15 abr. 2020.

<sup>31</sup> Cientista político e artista visual, nasceu na Rocinha, no Rio de Janeiro, e seus trabalhos são voltados para temáticas políticas e socioambientais.

Figura 7 – *E Dai?*, de Matheus Ribs (2020)



**Fonte:** Site Fonte 83. Disponível em: <https://fonte83.com.br/e-dai-de-bolsonaro-e-tema-das-charges-desta-quarta-veja>. Acesso em: 30 abr. 2020.

Observa-se que muitos artistas visuais têm trabalhado com temas ambientais, seja como forma de denúncia social, seja para pensar acerca do que temos feito com o meio ambiente ou, ainda, para criar uma poética expressiva ambientalista com vistas à reflexão sobre este assunto. Citamos Lúcia Gomes<sup>32</sup>, uma artista paraense que muito tem contribuído para o debate dos temas que abordam as questões ambientais e políticas do país.

---

<sup>32</sup> De acordo com a Enciclopédia Itaú Cultural, Edna Lúcia Gomes e Silva (Belém, Pará, 1966), é uma artista plástica e *performer*. Destaca-se pela atuação política por meio de obras participativas e performances de denúncia dos abusos de poder. A participação do público é essencial em suas obras e os diálogos, brincadeiras e intervenções são utilizados como forma de diálogo sobre as questões sociais. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa368971/lucia-gomes>. Acesso em: 03 mar. 2024.

**Figura 8** – *Pororoca*, de Lúcia Gomes (2003)



**Fonte:** Flickr. <https://www.flickr.com/photos/58087723@N03/5340031118/in/photostream/>. Acesso em: 30 jul. 2024.

A imagem traz uma questão fundamental, que é pensar sobre os resíduos sólidos, uma vez que a cidade de Belém vivencia um problema sério com a coleta de resíduos sólidos desde 2015, quando foi implementada a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS)<sup>33</sup> e foi fechado o lixão do Aurá, em Ananindeua.

De acordo com a PNRS, os lixões teriam que ser fechados até 2014, no entanto, ele ainda funcionou até 2015, quando foi criado o aterro sanitário no município de Marituba, que também estava previsto para funcionar até 2023, mas a justiça paraense prorrogou até fevereiro de 2025.

Em 2024, a Prefeitura de Belém iniciou um processo licitatório em que a empresa Terraplina venceu. Ainda assim, dois obstáculos surgiram: a organização eficiente da coleta e a destinação dos resíduos, bem como a necessidade de encontrar um local para o novo aterro sanitário<sup>34</sup>.

<sup>33</sup> BRASIL. Lei nº. 12.305, de 2 de agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 02 ago. 2010. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm). Acesso em: 04 jun. 2023.

<sup>34</sup> ARAÚJO, Raisia de. A crise do lixo em Belém: uma poderosa moeda política em 2024. **Amazônia Latitude**, 23 abr. 2024. Disponível em: <https://www.amazonialatitude.com/2024/04/23/crise-lixo-belem-moeda-politica/>. Acesso em: 02 out. 2024.

Desta feita, Lúcia Gomes, por meio de sua obra artística, provoca a reflexão sobre a destinação dos resíduos, além da importância da coleta seletiva e a necessidade de um local adequado para a criação de aterro sanitário, conforme indicação da PNRS.

A política brasileira do governo Bolsonaro (2019-2022) para o meio ambiente mostrou-se uma catástrofe, pois o desmatamento na Amazônia aumentou drasticamente em relação ao mesmo período no ano de 2019<sup>35</sup>. Assim sendo, considera-se oportuno aprofundar as reflexões sobre Arte/Artistas/Meio Ambiente, compreendendo a relevância das inter-relações das temáticas nos processos de ensino/aprendizagem em Artes Visuais.

#### 1.4 As reflexões críticas

As autoras Ferraz e Fusari (2018) trazem reflexões sobre o mundo contemporâneo, caracterizado por múltiplas visualidades e um fluxo constante de informações com as quais convivemos, assim como os(as) estudantes. Nesse contexto, torna-se fundamental que os(as) discentes desenvolvam habilidades para lidar com essas visualidades, expressando-se e comunicando-se de forma eficiente, posto que:

O desenho, a pintura, a escultura, a gravura, a arquitetura, o design, a fotografia, as artes gráficas, o cinema, a televisão, os vídeos, as artes tecnológicas são possibilidades de linguagem visual que podem ser estudados na escola, abrangendo os aspectos do fazer e do apreciar as formas visuais, com infinitas maneiras (Ferraz; Fusari, 2018, p.188).

Portanto, a linguagem visual tem se interrelacionado de maneira intrínseca com as questões ambientais, uma vez que, conforme apontam as autoras, essa diversidade de práticas artísticas viabiliza possibilidades ilimitadas.

Foi em meados do século XX que o conceito de Arte Contemporânea se consolidou. Arthur Danto (2006), no prefácio de seu livro *Após o Fim da Arte: A*

---

<sup>35</sup> Encontramos notícias em 2021 e 2022 que reportam ao aumento deste desmatamento. De acordo com o Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (IMAZON, 2022), “[...] a floresta amazônica viveu em 2021 o seu pior ano em uma década. De janeiro a dezembro, foram destruídos 10.362 km<sup>2</sup> de mata nativa, o que equivale à metade de Sergipe. Os dados são do Sistema de Alerta de Desmatamento (SAD) do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia [...]” (IMAZON, 2022). Disponível em: <https://imazon.org.br/imprensa/desmatamento-na-amazonia-cresce-29-em-2021-e-e-o-maior-dos-ultimos-10-anos/>. Acesso em: 09 set. 2022.



*Arte Contemporânea e os Limites da História*, discorre sobre como os pintores passaram a integrar mídias como vídeos e filmes em seus trabalhos, ampliando os horizontes da arte, pois,

[...] exemplifica a prática artística contemporânea. É a prática que os pintores não hesitam em usar para situar seus trabalhos por meio de dispositivos pertencentes a mídias completamente diferentes – esculturas, vídeos, filmes, instalações e assemelhados (Danto, 2006, p. XV).

Nesse contexto, a Arte Contemporânea tem produzido uma diversidade de imagens que expõem, reutilizam, reorganizam e debatem questões ambientais.

Ao investigarmos artistas que abordam temas relacionados ao meio ambiente – com o objetivo de estruturar os conteúdos a serem ministrados no componente curricular Arte/Artes Visuais –, encontramos desde aqueles que seguem uma linha mais naturalista, como a *land art* e a *art in nature*, até os que desenvolvem trabalhos voltados à arte pública e à intervenção urbana.

A Arte Contemporânea está inserida no cenário global de preocupação com o meio ambiente. Como mencionado anteriormente, as primeiras reuniões e encontros destinados a discutir questões ambientais datam do final da década de 1960, conforme fala Gláucia Villas Bôas (2014):

Os meados do século XX definiram-se, no Brasil, um período de grande efervescência cultural. O Concretismo nas artes plásticas e na poesia, a Bossa Nova e as proposições de grupo de teatro inovaram o fazer artístico [...] (Villas Bôas, 2014, p. 265).

Compreendemos, portanto, que a Arte Contemporânea, assim com todas as suas possíveis proposições artísticas – arte conceitual, *pop art*, *optical art*, *land art*, instalações, videoarte, minimalismo etc. – se alinhava, também, às preocupações ambientais em nível mundial, nos dando um leque de produções que podem inserir reflexões e debates sobre a referida temática em sala de aula.

Nesse sentido, trazemos novamente Lucia Gomes (2004) com a obra *Pipaz* (Figura 9).

**Figura 9** – *Pipaz*, de Lúcia Gomes (2004)



**Fonte:** Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/58087723@N03/5339375795/in/photostream/>. Acesso em: 30 jul. 2024.

Na obra de Gomes, diversas questões são apresentadas como possíveis caminhos a serem explorados em sala de aula. Um exemplo é a brincadeira de empinar pipas, prática bastante comum na região norte do Brasil durante o verão, período em que o volume de chuvas diminui significativamente em relação ao inverno amazônico. A autora nos convida a refletir sobre a paz, um tema especialmente relevante em tempos marcados pelo “ódio” fomentado por uma extrema direita global, incluindo o Brasil.

Por meio da internet e de telejornais, presenciamos cenas cruéis e aterradoras de violência e morte, como as promovidas por Israel contra a Faixa de Gaza, onde vive o povo palestino. Essa palavra tão pequena – paz – também evoca também evoca sua ausência em contextos como as invasões de terras indígenas por garimpeiros, que destroem a floresta e contaminam os rios.

Logo, a arte contemporânea produzida por Lucia Gomes oferece múltiplas possibilidades para pensar, refletir e criar em aulas de Artes Visuais, contribuindo para a formação crítica dos estudantes.

Ressaltamos que esta tese não tem a pretensão de estudar a Educação Ambiental exclusivamente por meio da Arte/Artes Visuais. Contudo,

compreendemos que a política de Educação Ambiental busca consolidar-se como um debate constante na vida das pessoas. A intenção não foi criar uma disciplina ou componente curricular específico para esse tema, já que a Educação Ambiental permeia, de maneira transversal, todos os componentes curriculares da escola. Dessa forma, entendemos que se trata de um tema transversal que deve ser integrado ao cotidiano escolar e abordado em diferentes áreas do conhecimento<sup>36</sup>.

A BNCC possui um guia prático sobre os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs), que oferece uma proposta a respeito da Educação Ambiental:

[...] a condição de explicitar a ligação entre os diferentes componentes curriculares de forma integrada, bem como de fazer sua conexão com situações vivenciadas pelos estudantes em suas realidades, contribuindo para trazer contexto e contemporaneidade aos objetos do conhecimento descritos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2019, p. 6).

O ensino/aprendizagem da Arte possibilitam a transversalidade das questões ambientais em sala de aula. No entanto, os objetos de conhecimento apresentados pela BNCC são amplos e, talvez, de forma indireta, possam ser contemplados nas dinâmicas desenvolvidas no ambiente escolar.

A pesquisa de procedimentos, estratégias de leitura, problematizações e reflexões nas práticas em sala de aula podem gerar novas alternativas e argumentos pedagógicos. Por meio desse conjunto de ações, nós, professores de Arte/Artes Visuais, aprimoramos nossas competências para a prática docente.

Nesse sentido, reconhecemos a importância da análise de documentos que regulamentam o currículo escolar municipal, como exemplificado por Lavelberg (2018), que compara os antigos PCN de Arte com a BNCC, evidenciando continuidades e discontinuidades entre eles.

Por exemplo, a autora observa que nos PCNs, a Arte era apresentada como uma área de conhecimento autônoma e em igualdade com as demais

---

<sup>36</sup> Os temas transversais expressam conceitos e valores básicos à democracia e à cidadania. A ética, o meio ambiente, a saúde, o trabalho e o consumo, a orientação sexual e a pluralidade cultural não são disciplinas autônomas, mas são temas que permeiam todas as áreas do conhecimento.

disciplinas. Já na BNCC, está inserida na área de Linguagens, ao lado de Educação Física e Língua Portuguesa, o que reflete mudanças na organização curricular.

Para darmos prosseguimento a essa tese, vamos esclarecer alguns pontos relacionados à Escola Bosque, tais como sua localização, área de floresta e onde se localizam os blocos de sala de aula e administrativo. Assim sendo, no próximo capítulo abordaremos as relações entre a escola, a BNCC e o Estatuto, bem como o Projeto Político Pedagógico (PPP) e algumas leis ambientais.

## 2 NO TERRITÓRIO INSULAR: SEGUINDO AS PISTAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS (EJAI) DA FUNDAÇÃO ESCOLA BOSQUE (Funbosque)

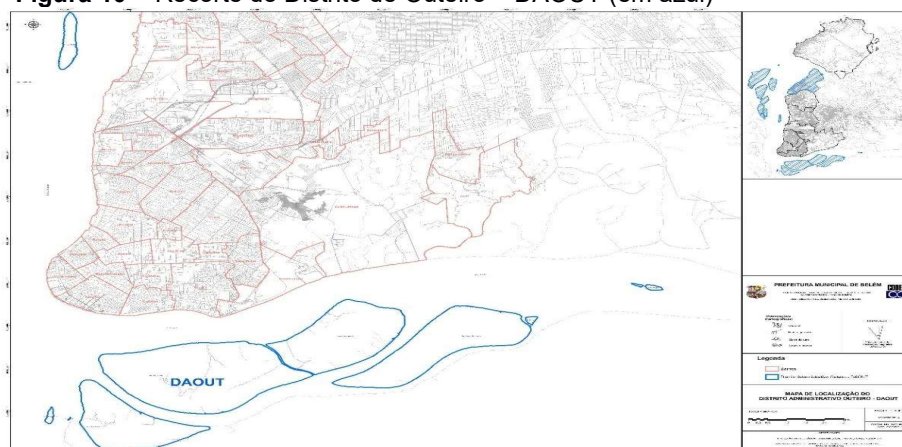
Nesta seção, contextualizamos o ponto de partida da pesquisa, detalhando a localização da Escola Bosque, a estrutura física, o funcionamento dos horários de aula, a quantidade de alunos(as) e professores(as), além de apresentar o Estatuto e seu Projeto Político Pedagógico (PPP).

Exploramos como o PPP se articula com o processo de ensino-aprendizagem da Arte/Artes Visuais na Funbosque, com foco na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI). O objetivo é identificar as relações existentes entre as experiências artísticas, estéticas e culturais vivenciadas pelos estudantes e as diretrizes pedagógicas definidas no PPP da Fundação.

### 2.1 Percorrendo o caminho da ponte à escola

A sede da Funbosque está localizada na Ilha de Caratateua, em Belém, uma das 26 ilhas que fazem parte da capital<sup>37</sup>. Em 1991, ocorreu o processo de distritalização do município, por meio da Lei nº. 680. Com isso, foi instituído o Distrito de Outeiro (DAOUT), com sede na referida ilha (Figura 10).

**Figura 10 – Recorte do Distrito de Outeiro – DAOUT (em azul)**



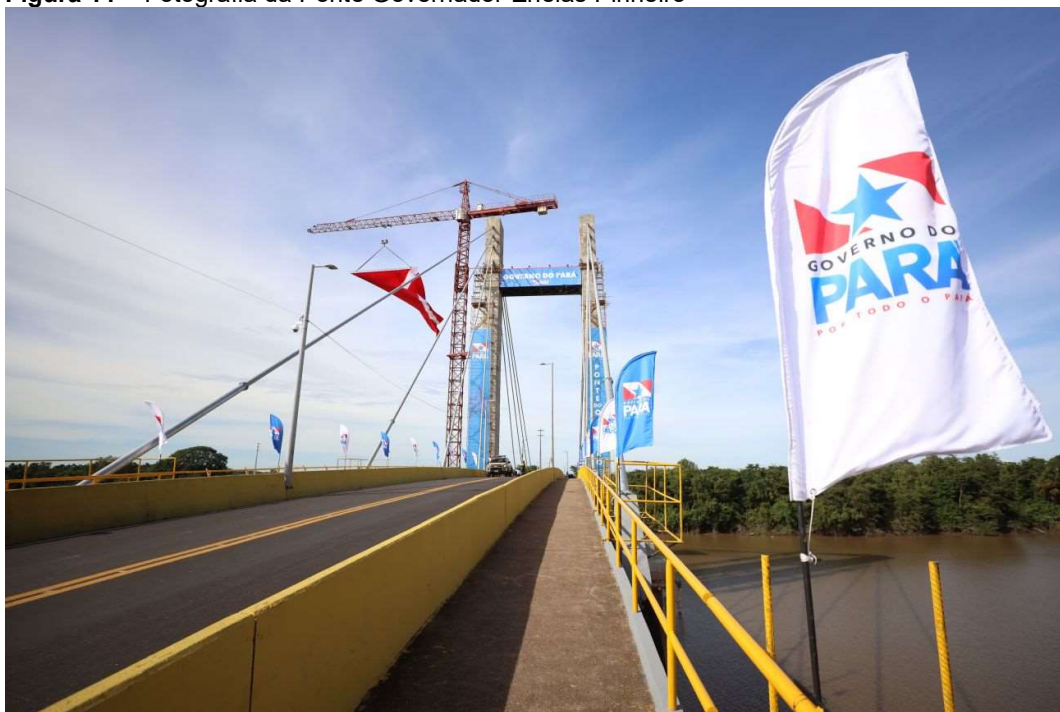
Fonte: Prefeitura de Belém<sup>38</sup>.

<sup>37</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM. **Ilhas de Belém**. Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/app/c2ms/v/?id=18&conteudo=4761>. Acesso em: 04 mai. 2022.

<sup>38</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM. Diretoria de Desenvolvimento Urbano (DDU). Mapa de localização da Ilha de Caratateua. Junho, 2014. Disponível em: [http://www.belem.pa.gov.br/codem\\_mapas/Mapas\\_PDF/Ilhas/Ilha%20de%20Caratateua.pdf](http://www.belem.pa.gov.br/codem_mapas/Mapas_PDF/Ilhas/Ilha%20de%20Caratateua.pdf). Acesso em: 19 ago. 2022.

*Caratateua* é uma palavra de origem indígena que significa “lugar de grandes batatas”. A ilha está situada a 18,8 km de Belém, acessível por transporte terrestre, e é conectada ao continente pela ponte Enéas Pinheiro (Figura 11). Seguiremos essa rota até chegarmos à Escola Bosque, que é o *locus* deste trabalho.

**Figura 11** – Fotografia da Ponte Governador Eneias Pinheiro



**Fonte:** Evaldo Junior (2023). Disponível em: <https://www.agenciapara.com.br/noticia/41634/governo-do-para-entrega-ponte-de-outeiro-reconstruida-e-beneficia-mais-de-100-mil-moradores>. Acesso em: 26 jan. 2025.

Ao atravessarmos a ponte nos deparamos com uma ilha formada por sete bairros, a saber: Água Boa, Itaiteua, Água Cristalina, São João do Outeiro, Brasília, Fama e Fidélis. De acordo com o Anuário Estatístico do Município de Belém<sup>39</sup>, essa região possui uma área de 31,4491 km<sup>2</sup>. Percorremos as ruas de Caratateua e chegamos à sede da Escola Bosque (Figura 12), situada na Rua Nossa Senhora da Conceição, no bairro de São João de Outeiro.

<sup>39</sup> Para mais informações, ver: [http://www.belem.pa.gov.br/app/ANUARIO\\_2011/1\\_01\\_Caracterizacao%20do%20Territorio.pdf](http://www.belem.pa.gov.br/app/ANUARIO_2011/1_01_Caracterizacao%20do%20Territorio.pdf). Acesso em: 29 jun. 2023.

**Figura 12** – Fotografia da Entrada da Funbosque



**Fonte:** G1 Pará. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2021/08/19/funbosque-abre-inscricoes-de-processo-seletivo-para-contratacao-de-profissionais-nesta-quinta-feira.ghtml>. Acesso em: 23 ago. 2022.

A Funbosque foi inaugurada em 26 de abril de 1996, em um período marcado por intensos debates sobre questões ambientais, o que estabeleceu, desde o início, o compromisso da instituição em ser referência em Educação Ambiental. No entanto, para um entendimento mais aprofundado, é necessário expandir esse contexto e compreender como a Educação Ambiental se tornou um foco de reflexão e discussão.

De acordo com relatos de antigos trabalhadores da Escola, um grupo de moradores se reunia em uma área de bosque — local que hoje pertence à Escola e é conhecido como 'Bosquinho' — onde foram realizados debates, planejamentos e, posteriormente, a criação da Fundação, durante a gestão do então prefeito Hélio da Costa Gueiros. Naquele período, a Secretária Municipal de Educação era a Professora Terezinha Gueiros.

O Centro de Referência em Educação Ambiental foi instituído pela Lei municipal nº. 7.747, de 02.01.1995, reordenado pelas Leis delegadas nº. 002 de 20.11.1995 e nº. 003 de 28.12.1995, regulamentado pelo decreto municipal nº. 28837/96 de 13.06.1996, com sede no Município de Belém, localizada na Av. Nossa Senhora da Conceição, s/n, Distrito de Outeiro. É uma Fundação de direito público, identificada como Funbosque, sem fins lucrativos, com prazo de duração indeterminado, regida por seu Estatuto, gozando de autonomia administrativa, financeira,

patrimonial e de pessoal, vinculada ao gabinete do prefeito (Belém, 1996, p. 2).

No Projeto Político Pedagógico (PPP) da Funbosque, de 2016, encontramos informações adicionais sobre a Escola, como, por exemplo, a contextualização histórica em que foi concebida como um Centro de Referência em Educação Ambiental. O cenário da época refletia uma preocupação crescente com o meio ambiente, um tema que já havia sido abordado em diversas conferências desde a década de 1970 e que continuou sendo discutido ao longo dos anos de 1990, período em que a Fundação foi criada. Esses debates culminaram na mais famosa dessas conferências: a Eco 92 (também conhecida como Rio 92).

O PPP também menciona o Conselho de Representantes da Ilha (Consilha), criado em 1991, com o objetivo de promover melhorias na qualidade de vida dos moradores de Caratateua. Dessa forma, podemos afirmar que a Escola surge a partir de um movimento dos moradores, marcado por suas preocupações e debates sobre questões ambientais.

Seguindo esse percurso, chegamos à Escola, que é o *locus* deste estudo. No próximo item, adentramos nesse espaço para conhecer seu funcionamento geral e, mais especificamente, a Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI).

## **2.2 Criando linhas de fuga**

A Funbosque, mesmo sendo parte do Sistema Municipal de Educação, não está submetida à SEMEC, sendo a única instituição municipal que oferece o Ensino Médio, uma vez que não é prerrogativa do poder municipal oferecer essa etapa de ensino.

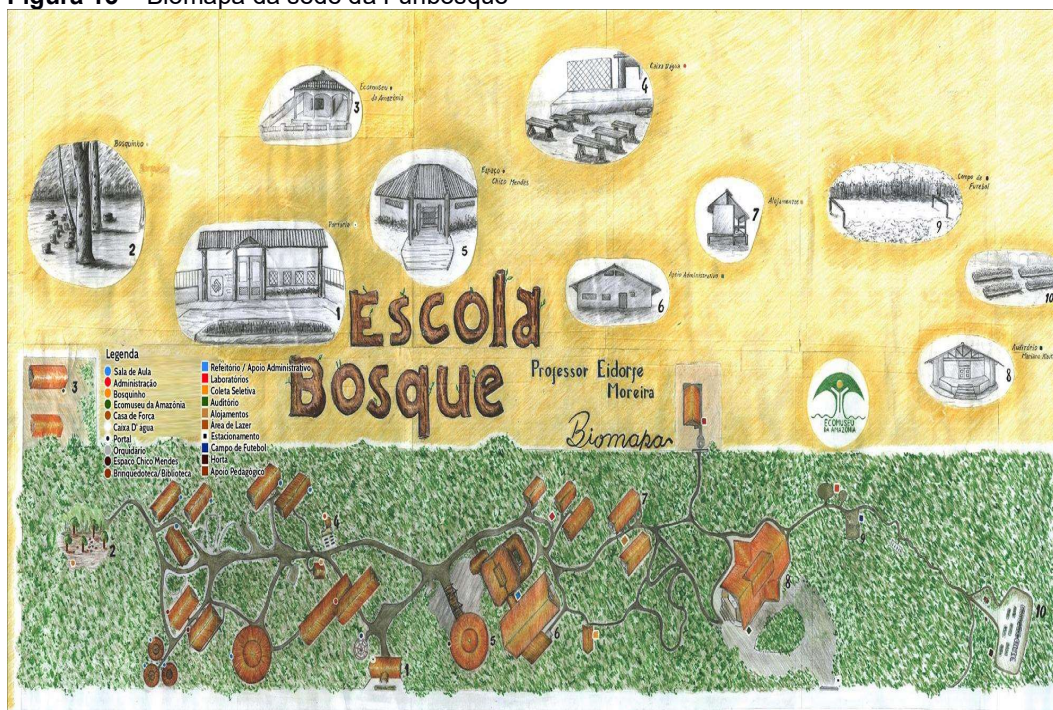
Ao adentramos no espaço, pela portaria e seguirmos em frente, veremos o prédio administrativo e a sala dos professores; à esquerda, ficam os blocos de sala de aula e a biblioteca; à direita, o Bloco Chico Mendes, onde ficam a Coordenação Pedagógica, a Secretaria, as salas do Atendimento da Educação Especial (AEE), do Núcleo de Apoio Pedagógico (NAP) e dos serviços de Psicologia e de Assistência Social. Todos esses espaços de convivência estão interligados por trilhas, algumas das quais são criadas espontaneamente pelos estudantes ao transitarem por locais onde ainda não havia um caminho definido, resultando, assim, na formação de novas trilhas.



Continuando ou saindo da trilha, veremos o refeitório e os antigos alojamentos que hoje dão lugar à sala do Conselho Escolar e ao Centro de Desenvolvimento Comunitário (CDC). Em seguida, as trilhas podem levar ao auditório, indo para a direita, e ao Casarão da Cultura Amarildo Matos, à esquerda. Se seguirmos em frente, chegaremos à quadra de esportes e, mais adiante, à horta.

A sede da Funbosque ocupa quase um quarteirão e todos esses locais ficam em uma área de floresta com uma grande quantidade de árvores, onde habitam animais de diversas espécies, como preguiças e iguanas. A Figura 13, a seguir, registra a organização espacial das salas de aula e de outras partes que compõem a Fundação.

**Figura 13 – Biomapa da sede da Funbosque**



**Fonte:** Site da Funbosque. Disponível em: <https://funbosque.belem.pa.gov.br/mapas/> Acesso em: 17 abr. 22.

Como podemos observar, a Escola foi concebida em blocos interligados por trilhas. De acordo com o PPP (2016, p. 24), o projeto arquitetônico foi elaborado por Dula Maria Bento de Lima, e “[...] as instalações físicas ocupam 3% de uma área total de 12 hectares de floresta tropical”.

A Fundação também foi idealizada para oferecer ensino desde a Educação Infantil até o Ensino Médio profissionalizante. Com o passar do tempo,

entretanto, expandiu suas atividades. Além dos anexos em outras ilhas, foi criada a Casa Escola da Pesca (CEPE), localizada em Caratateua, no bairro de Itaiteua, que adota a pedagogia de alternância.

O organograma da Fundação inclui o CDC, o Ecomuseu da Amazônia, a CEPE e a Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira, que está dividida entre a escola-sede, situada em Outeiro, e cinco Unidades Pedagógicas (UPs) localizadas nas ilhas de Cotijuba (UP Faveira, UP Seringal e UP Flexeira), do Jutuba (UP Jutuba) e no Furo do Jamaci (UP Jamaci). Vale destacar que, na região insular, apenas a Unidade Pedagógica da Faveira oferece o Ensino Fundamental II, ou seja, turmas do 6º ao 9º ano.

O PPP da Escola Bosque foi elaborado de forma coletiva em 2016, com a participação de professores e técnicos, tanto da escola-sede quanto dos anexos, com o objetivo de:

[...] atender o público da Educação Básica, sustentada no tripé do ensino, pesquisa e extensão como forma de atuar integrando a educação formal e ambiental voltados às demandas comunitárias. Nesse sentido, a escola é criada com o objetivo central de contribuir para o desenvolvimento do aluno a partir de uma educação focada no respeito interpessoal e ao meio ambiente (Belém, 2016, p.19).

A Escola atende desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, com uma aprendizagem direcionada à Educação Ambiental de forma transversal. Ao concluir os estudos, o estudante obtém a formação de Técnico em Meio Ambiente. Apesar de ser a única escola da rede municipal a oferecer essa modalidade de ensino, a gestão anterior, liderada pelo prefeito Zenaldo Coutinho, e sob a presidência de Beatriz Padovani, iniciou a retirada gradual do curso. Essa decisão foi evidenciada pela ausência de matrículas disponíveis para o primeiro ano do Ensino Médio em 2020.

Quando o planejamento para o ano letivo de 2020 já estava estabelecido, a pandemia do Corona vírus chegou ao Brasil. Originada na China e rapidamente disseminada pelo mundo, a Covid-19 trouxe desafios inéditos. Diante do desconhecimento sobre o vírus e da necessidade de evitar a propagação da doença, foi adotado o isolamento social como principal medida de proteção. Assim, as aulas presenciais precisaram ser transformadas em remotas, tema que será detalhado na quarta seção desta tese.

Para traçar as trilhas que orientam esta tese, buscamos subsídios em legislações vigentes, como: a Constituição Federal (CF) de 1988; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN), nº. 9.394/96; a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017; e o Projeto Político Pedagógico da Fundação Escola Bosque (PPP) de 2016. Esses documentos fundamentam nossas reflexões sobre o ensino de Arte e as questões ambientais na educação atual.

A Constituição Federal dispõe o seguinte:

Art. 255. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações (Brasil, 1988).

Logo, ressalta-se que a defesa e a preservação ambiental são responsabilidades tanto do poder público quanto da coletividade. Nesse contexto, a escola desempenha um papel de protagonismo essencial para o sucesso dessas ações.

O componente curricular Arte é obrigatório na Educação Básica, conforme estabelece a Lei nº. 13.278/2016, que dispõe no § 6º que: “As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo” (Brasil, 2016). Na EJAI, trabalhamos com objetos de conhecimento específicos das Artes Visuais, relacionando-os às questões ambientais, em consonância com a orientação do Ministério da Educação, que determina que os professores atuem de acordo com sua área de formação na graduação.

A pesquisa que fundamenta a tese explora justamente essa interseção, analisando como conteúdos, temas e produções artísticas visuais podem fomentar o pensamento crítico e a reflexão dos estudantes sobre as questões ambientais abordadas. O objetivo é promover uma compreensão mais aprofundada da realidade ambiental por meio da arte, tratando sobre temas como resíduos sólidos, poluição do ar e a urgência climática.

Nesse sentido, é relevante compreender como a Constituição Federal de 1988 especifica a Educação Ambiental em seu § 1º, a saber:

Para assegurar a efetividade desse direito, incumbe ao Poder Público:

[...]

VI – promover a Educação Ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente (Brasil, 1988).

Assim, faz-se lógico e necessário instituir uma política de Educação Ambiental, concretizada pela Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Vale destacar que a EJAI da Funbosque segue os princípios da pedagogia freireana, que, segundo a percepção coletiva de professores(as) e técnicos(as)-pedagógicos(as), envolve mais efetivamente os(as) estudantes em sua realidade local e na problematização de suas vivências

A matriz curricular da EJAI abrange todos os componentes curriculares do núcleo comum regular. Contudo, para que os(as) estudantes possam concluir o Ensino Fundamental em menos tempo, há uma redução no período de escolarização. Por exemplo, a 1ª Totalidade compreende os conteúdos do primeiro e segundo anos do Ensino Fundamental.

Entretanto, o currículo é permeado por disputas de poder entre os(as) responsáveis por sua elaboração. Isso se evidencia, por exemplo, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que insere o ensino/aprendizagem de Arte na área de Linguagens e organiza suas especificidades em Unidades Temáticas. Em nosso entendimento, a Arte deveria constituir uma área própria, subdividida em Artes Visuais, Dança, Música e Teatro.

Essa situação impõe à nossa área a constante necessidade de resistência para não se submeter aos discursos hegemônicos que descredibilizam seu ensino/aprendizagem, classificando-o como “desimportante” ou “desvalorizado”, conforme já mencionado na primeira seção desta tese, com base na pesquisa de Michele Sarlot (2016).

Assim, a elaboração de um plano de ensino bem estruturado e articulado dentro de sua especificidade — no caso, as Artes Visuais — torna-se uma estratégia essencial para garantir o espaço e valorizar a aprendizagem da arte no contexto escolar.

Magalhães e Pimentel (2018) corroboram com essa reflexão ao pontuarem a necessária competência para atuar em um campo de conhecimento, pois:

O currículo visa à formação de pessoas que atuarão em algum campo do conhecimento humano e que, portanto, terão que ter competência para tal. Trata-se da construção de conhecimentos específicos – e não de aquisição de conhecimento como produto pronto –, o que acarreta a necessidade de uso da imaginação para criar argumentações, novas alternativas de ensino/aprendizagem em Arte (Pimentel; Magalhães, 2018, p. 222).

Após as mudanças na prefeitura e na gestão da Funbosque, em 2021, foram oferecidas 60 vagas para o 1º ano do Ensino Médio, formando duas turmas de 30 alunos. No mesmo ano, período em que esta pesquisa foi realizada, a Escola também disponibilizava um curso técnico pós-médio em Gestão Ambiental, no período noturno.

Segundo Deleuze e Guattari (1997), um território existencial é constituído por marcas materiais e expressivas. Quando construímos uma casa com tijolos ou delimitamos a fronteira de um país com marcos, criamos um território material. Por outro lado, ao criar um hino, uma bandeira ou adotar uma língua, estabelecemos um território expressivo e simbólico. Com base nesse conceito, entendemos a Escola Bosque como um território material, situado em Caratateua, mas também como um agenciamento territorial no qual jovens, adultos e idosos constroem seus próprios ritmos expressivos, codificados por repetições periódicas.

Essa repetição pode ser entendida como uma forma de resistência à ausência de políticas públicas educacionais, especialmente no plano municipal. Durante a pandemia, muitos estudantes foram excluídos de seu direito à educação, seja por não possuírem celulares, seja por utilizarem aparelhos de baixa qualidade, ou, principalmente, pela falta de condições econômicas para adquirir pacotes de dados que lhes permitissem acompanhar as aulas *online*.

No que diz respeito ao quantitativo docente, a Funbosque contava, em 2021, com um total de 172 professores. No componente curricular Arte, havia sete docentes, sendo seis efetivos com formação na área de Artes Visuais e um contratado licenciado em Música<sup>40</sup>. Todos atuavam em diferentes níveis de ensino, o que faz com que o planejamento do componente curricular seja

---

<sup>40</sup> As outras modalidades artísticas como Teatro e Dança ainda não foram inseridas no quadro de professores de Arte da Escola, sendo necessário abrir concursos públicos específicos para preencher essas vagas.

realizado individualmente ou por segmento, seguindo as diretrizes da nova BNCC, implementada na escola a partir de 2018.

No entanto, como a EJAI não estava contemplada pela BNCC nesse período, foi desenvolvida uma reorientação curricular específica para debater e organizar um currículo adequado a esse segmento. Logo, ficamos encarregados de elaborar o planejamento letivo das 3ª e 4ª Totalidades, que correspondem ao Ensino Fundamental II, ou seja, aos anos finais do Ensino Fundamental.

Na EJAI, o conceito de Totalidade, conforme aponta Liane Borges (1999), refere-se à predominância do todo sobre as partes, pois:

Na experiência das TOTALIDADE DE CONHECIMENTO, os conteúdos se libertam da seriação, da fragmentação, da hierarquização, da descontextualização e das peculiaridades da escola tradicional, passando a ter uma conotação interdisciplinar. Considerando que o mundo material é dialético, isto é, está em constante movimento, as coisas estão em constante relação recíproca, ou seja, nenhum fenômeno da natureza pode ser compreendido fora do fenômeno que o rodeia (Borges, 1999, p.16-17, grifo da autora).

Consideramos necessário expor o conceito de Totalidade, dado que este foi um tema amplamente estudado e debatido durante a reorientação curricular, mas que ainda deixou muitos professores com dúvidas. É relevante destacar que essa denominação passou a ser utilizada em 1999, durante a I Conferência Municipal de Educação, realizada na cidade de Belém. Desde então, o termo foi adotado em toda a rede municipal de ensino e permanece em uso até o ano de 2024.

A EJAI é uma modalidade que reduz o tempo de formação, integrando todo o Ensino Fundamental em quatro Totalidades, da 1ª à 4ª. Se os(as) estudantes obtiverem bons resultados de aprendizagem, concluem seus estudos ao final da 4ª Totalidade, finalizando, assim, o Ensino Fundamental.

Legalmente, esta modalidade é ofertada para jovens a partir de 15 anos, no período noturno, considerando que muitos trabalham durante o dia. Isso representa uma forma de acelerar ou de reduzir o tempo de formação regular para aqueles(as) que abandonaram os estudos precocemente e ainda almejam concluí-los — sejam jovens, adultos ou idosos(as).

Nos últimos anos, observou-se um aumento no número de idosos(as) matriculados(as) nesse segmento. Por essa razão, a modalidade passou a ser designada como Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI)<sup>41</sup>.

De acordo com a reportagem publicada no *site* Jeduca<sup>42</sup>, a EJAI tem sofrido uma redução na oferta de vagas, pois “[...] as matrículas [...] caíram 20% entre 2019 e 2023, e o investimento do governo na modalidade em 2022 correspondeu a apenas 3% do valor aplicado há uma década”. Em Belém e no Estado do Pará como um todo, diversas vagas foram encerradas em várias escolas estaduais e municipais.

É imprescindível que haja um retorno significativo de investimento nesta modalidade, de modo a garantir o direito à escolarização dos(as) jovens, adultos(as) e idosos(as) trabalhadores(as) que buscam retornar à escola para concluir seus estudos.

Neste sentido, concordamos com Maria Margarido Machado quando afirma o seguinte:

Outra questão relevante é que tratamos o tema da EJA sob o olhar da legislação atual no Brasil, portanto, estamos falando de escolarização. Cabe ressaltar, todavia, que a EJA não se reduz a escolarização. Sua história, na realidade brasileira, e também na realidade latino-americana, abarca a luta pelo direito de acesso, permanência e conclusão da escolarização com qualidade, em consonância com inúmeras outras lutas: pelos direitos à saúde, ao trabalho, à moradia digna (seja no campo ou nas cidades), à igualdade de gênero, ao respeito às diversidades, dentre tantas outras, que a configuram como educação ao longo de toda a vida e pela construção de uma sociedade que, de fato, seja espaço de vivência e convivência de todas e todos (Machado, 2016, p.432).

O direito ao acesso, permanência e conclusão dos estudos exige um maior investimento na EJAI, o que inclui programas de distribuição de renda, como o Bolsa Família ou o Pé de Meia. Já para garantir o direito à escolarização de qualidade é fundamental o desenvolvimento de políticas públicas de inclusão específicas para este público. Nesse sentido, a Escola deveria contar com uma infraestrutura mais adequada, incluindo melhorias na iluminação, carteiras, salas de aula, livros didáticos, alimentação escolar, entre outros.

---

<sup>41</sup> Para mais informações, acessar: <https://www.camara.leg.br/noticias/1097945-projeto-inclui-idosos-na-modalidade-de-educacao-de-jovens-e-adultos/>. Acesso em: 30 de nov. 2024.

<sup>42</sup> Para mais informações, acessar: <https://jeduca.org.br/noticia/educacao-de-jovens-e-adultos-evasao-e-queda-de-investimento-sao-pontos-de-atencao-na-cobertura>. Acesso em: 25 jul. 2024.

Assim, reforçamos que o foco desta tese é o ensino/aprendizagem das Artes Visuais, a fim de evitar equívocos ou cobranças indevidas relacionadas a uma polivalência que buscamos superar. Além disso, o próprio documento das Diretrizes Curriculares da Rede Municipal de Ensino de Belém afirma o seguinte:

Visando garantir ao educando experiências significativas nas diversas linguagens artísticas, caberá ao professor do ensino de Artes da RME trabalhar sua habilitação específica de formação, elencar seus respectivos conteúdos significativos e métodos de avaliação em todos os ciclos de formação, com vistas a garantir aos alunos, durante o percurso escolar, projetos e trabalhos que inter-relacionem as demais linguagens artísticas e seus respectivos conteúdos, sem, contudo, apropriar-se de uma abordagem polivalente (Belém, 2012, p. 52).

Dessa forma, o ensino/aprendizagem de Arte segue uma linha específica para cada campo artístico, de acordo com a formação dos professores.

Com relação às questões particulares do ensino de Artes Visuais, trazemos os textos de Ana Mae Barbosa e de outros(as) autores(as) que sempre debatem sobre o ensino desse componente curricular, tanto nas escolas quanto em outros espaços educativos.

Barbosa (1998) destaca a necessidade de descolonizar os conteúdos escolares, sugerindo que as artes indígenas e afro-brasileiras devem ter o mesmo *status* da arte europeia. A autora também enfatiza o trabalho do ensino da arte em conexão com o meio ambiente, tema que se torna, neste contexto, nosso foco principal.

Temos destruído o nosso povo, negando habitação e todas as formas de assistência a milhões de crianças que estão morrendo às ruas, temos destruído a nossa economia, aprisionados por uma dívida externa, temos destruído nossa estabilidade social debaixo de ditaduras opressoras (Barbosa, 1998, p. 114).

Desde meados do século XX, existe uma crescente preocupação com a destruição do meio ambiente, que tem ocorrido de forma cada vez mais acelerada. Diante dessa situação, torna-se cada vez mais necessária uma educação que promova reflexão, conscientização e cuidado com a Terra. Sabemos que a destruição total das florestas tropicais, como a Amazônica, causará danos não apenas aos animais, plantas e povos indígenas, mas a toda a humanidade.



Atualmente, há um esforço para criar um currículo escolar que aborde as questões ambientais de forma transversal, e a Escola Bosque se destaca por apresentar esse objetivo claramente em seu PPP. Nas competências gerais da BNCC, o sétimo ponto afirma que é preciso:

Argumentar com bases em fatos, dados e informações confiáveis, para negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamentos éticos no cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta (Brasil, 2017, p. 07).

Observamos que o trabalho educativo envolvendo questões ambientais é essencial. No campo da Arte, especialmente, há debates significativos sobre esses temas, que são frequentemente abordados por meio das obras dos artistas. Este é o momento para refletirmos sobre como o ensino de Arte pode incorporar o debate artístico e ativista sobre o meio ambiente dentro da escola.

Barbosa (2005) nos provoca a pensar sobre a Arte/Educação a partir de questões como: Qual é o valor e a importância da Arte na educação escolar ou em outras instituições, como museus e espaços culturais? Por que, em algumas ocasiões, a Arte/Educação é desvalorizada, pouco considerada e, muitas vezes, negligenciada enquanto investimento intelectual e cultural?

Vale ressaltar que as visitas a esses locais são altamente valorizadas pelos estudantes da EJA, pois muitos deles não têm acesso a esses espaços, especialmente por viverem em periferias, longe do centro. Tais ambientes tornam-se acessíveis quando a visitação é planejada pelo(a) professor(a) e pela escola, tornando-se momentos verdadeiramente especiais para os estudantes.

Na Figura 14, abaixo, temos o registro de uma aula realizada durante a visita ao Museu de Arte do Estado, durante o Arte Pará<sup>43</sup>, em que as estudantes fizeram registros fotográficos da obra e anotações.

---

<sup>43</sup> O Arte Pará é um Salão de Arte fundado pelo jornalista Rômulo Maiorana, em 1982, e “[...] nasceu com a vocação de estabelecer a presença da Amazônia no mapa das artes como um salão. Ao longo de suas edições ininterruptas, tornou-se um projeto de arte e educação nacional e lugar de troca intelectual entre artistas, curadores e agentes culturais, além de espaço de reflexão e crítica, que legitima jovens artistas emergentes”. Disponível em: [https://projetoartepara.com.br/?page\\_id=14](https://projetoartepara.com.br/?page_id=14). Acesso em: 04 set. 2023.

**Figura 14:** Registro fotográfico da visita ao Arte Pará (2019)



**Fonte:** Acervo da autora (2019).

Fazendo um paralelo com Deleuze e Guattari (1995), podemos dizer que a visita dos alunos da EJAI ao Arte Pará foi uma linha de fuga, pois sai do lugar comum, da mesmice das aulas tradicionais, do dia a dia da sala, democratizando a arte e dando acesso ao local que se considera “elitizado”, onde os estudantes não costumam frequentar.

Ao abordarmos essas questões, voltamos à Barbosa (2005), que afirma que:

Através da Arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e de desenvolver a capacidade criadora de maneira a mudar a realidade que foi analisada (Barbosa, 2005, p. 100).

A proposta é explorar um currículo formal de ensino de Arte/Artes Visuais capaz de abordar e trabalhar com artistas que dialoguem com a pauta ambiental, ao mesmo tempo em que se conecta com o meio ambiente imediato dos estudantes: sua casa, sua comunidade, sua cultura local. Além disso, pretende-se estabelecer um contraponto entre esse universo local e o mundo, o Brasil, a região amazônica e seu acervo museal, por meio do Sistema Integrado de Museus e Memoriais da cidade de Belém, com destaque para o conjunto arquitetônico do Núcleo Feliz Lusitânia, localizado no centro histórico da cidade.

Britto (2008) nos ajuda a compreender tanto as tipologias museológicas quanto o processo de comunicação entre o público e o museu:

Os museus do Núcleo Cultural Feliz Lusitânia são compostos pelos edifícios históricos que integram a tessitura urbana do núcleo inicial da cidade de Belém e, conforme suas tipologias museológicas, seu acervo é composto por coleção de artefatos da arte sacra e popular, arqueologia e artes visuais dentre outros. O processo de informação comunicacional de recepção de museus é composto pela exposição permanente e os serviços educativos e socioeducacionais (Britto, 2008, p. 52).

Nesse sentido, a experiência extraclasse realizada com os estudantes permite o conhecimento do conjunto arquitetônico dos edifícios antigos da cidade, possibilitando a interpretação de objetos e obras visuais da cultura local, por meio das exposições e da percepção do trajeto percorrido da escola até o Núcleo Cultural Feliz Lusitânia.

A seguir, abordaremos a experiência vivenciada pelos alunos da EJAI da Escola Bosque, conforme o que foi discutido nas reuniões de reorientação curricular proposta pela Coordenação Pedagógica e pelo corpo docente.

### **2.3 Nas trilhas da Escola Bosque**

Desde o ano letivo de 2019, a Educação de Jovens, Adultos e Idosos da Fundação Escola Bosque se dedicou à construção de um tema gerador, iniciado a partir da palavra “água”. Para compreendermos melhor esse contexto, é necessário relatar como surgiu essa ideia. Destaca-se, aqui, a relação entre o tema e a pedagogia freireana, fundamentada nos estudos de Paulo Freire sobre a alfabetização de adultos e uma pedagogia crítica, que visa conduzir os estudantes à autonomia de pensamento e à reflexão sobre a realidade.

Segundo Freire (2014, p. 81), “[...] só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. É, também, uma busca esperançosa”. Em 2019 foi criado um grupo de estudo entre os professores da EJAI com o objetivo de realizar uma reorientação curricular, uma vez que esse segmento não foi contemplado de forma específica na Base Nacional Comum Curricular. Começamos os estudos esclarecendo e refletindo sobre a palavra “Totalidade”, que, desde 1999, substitui o termo “etapa” na Educação de Jovens, Adultos e

Idosos da rede municipal, conforme já mencionado, e esclarecendo a definição desse conceito.

Posteriormente, os profissionais responsáveis pela Sala de Informática realizaram uma diagnose com os estudantes da modalidade. Observou-se que a palavra “água” surgiu de forma marcante entre os temas de maior interesse dos alunos. Vale lembrar que a Funbosque foi criada em 1996 com o intuito de ser um Centro de Referência em Educação Ambiental na Amazônia, onde os estudantes iniciam seus estudos desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, com ênfase no estudo técnico de Gestão Ambiental, conforme exposto em seu Projeto Político Pedagógico:

[...] a Escola Bosque oferta a educação profissional técnica de nível médio com o Curso Técnico em Meio Ambiente, relacionado ao eixo tecnológico Recursos Naturais, de acordo o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos. No primeiro momento, essa formação abarcava a forma concomitante, seguindo para o modelo integrado, a partir do ano letivo de 2015 (Belém, 2016, p.141).

O Regimento Interno da Fundação permanece o mesmo desde 1996, ano em que foi homologado pelo então prefeito de Belém, Hélio da Mota Gueiros, e organiza a estrutura da escola, conforme consta no Título II: Da Estrutura Básica do Centro, e no Art. 5º, em que define as Coordenadorias Pedagógicas, estabelecendo a seguinte organização:

**Art. 5º** – As Coordenadorias Pedagógicas compreendem:  
I – Coordenadoria de Educação Infantil e Ensino Fundamental  
II – Coordenadoria de Educação do Ensino de 2º Grau (Belém, 2016).

Com as diversas mudanças nas gestões municipais, o projeto inicial da escola acabou se descaracterizando gradativamente. A instituição, que foi planejada para atender cerca de setecentos estudantes, passou a acolher aproximadamente dois mil alunos nos anos de 2022 e 2023. Destes, cerca de mil e setecentos estão matriculados na sede, em Outeiro, e cerca de trezentos nos anexos das ilhas e na Casa Escola da Pesca (CEPE). Esse aumento exponencial gerou um impacto ambiental nos bosques da escola e sobrecarregou a infraestrutura física. As salas de aula, por exemplo, ficaram

superlotadas, e a infraestrutura não consegue mais suportar essa demanda crescente.

Destaca-se que os estudantes da Fundação, mais especificamente os da EJAI, são provenientes das classes D e E<sup>44</sup>. Em 2019, houve um aumento no número de alunos adultos com idades entre 40 e 60 anos, muitos dos quais enfrentavam histórias de vida desafiadoras nos aspectos social, econômico e cultural. A maioria encontrava-se desempregada, subempregada, ocupando cargos informais, sem carteira assinada ou trabalhando de forma autônoma

Voltando ao tema gerador, após sua definição, elaboraram-se as questões que seriam respondidas durante os debates em sala de aula, o que resultou em falas e reflexões variadas. A seguir, apresentamos algumas das respostas à pergunta formulada coletivamente durante a reunião de reorientação curricular, realizada em 2019: “O que seria a água nossa de cada dia?” a) “Todo dia nós precisamos dela; sem ela, a vida seria muito difícil”; b) “Na minha casa, tem que esperar chegar a noite pra ter água; durante o dia não cai água”; c) “Mesmo quando tinha água na torneira, a água nunca foi boa pra tomar”.

O diálogo com a turma revelou a problemática da água na ilha de Caratateua, onde a atuação do poder público é ineficaz. Observou-se que tanto o estado quanto o município não demonstram preocupação em fornecer água potável para toda a população local.

De acordo com os relatos dos estudantes, diversas estratégias são adotadas para lidar com a situação. Eles armazenam água da chuva para a limpeza de banheiros e de outras áreas (e, em alguns casos, até para tomar banho), utilizam poços artesianos de vizinhos mediante o pagamento de uma taxa e compram água mineral engarrafada para cozinhar e beber.

Felix Guattari (1990), em seu livro *As Três Ecologias*, aborda algumas questões que nos levam a pensar e refletir sobre a realidade da ilha de Caratateua:

---

<sup>44</sup> De acordo com a estratificação dos domicílios, realizada pelo IBGE em 2022, a Classe A tem uma renda mensal domiciliar superior a 22 mil reais e corresponde a 2,8%; a Classe B tem uma renda domiciliar entre 7 mil e 22 mil e corresponde a 13,2%; a Classe C tem renda mensal de 2,9 mil a 7,1 mil e corresponde a 33,3%, já as classes D e E têm renda domiciliar de até 2,9 mil, correspondendo a 50,7 % da população. Para maiores informações, acessar: <https://www.infomoney.com.br/minhas-financas/classes-d-e-e-continuarao-a-ser-mais-da-metade-da-populacao-ate-2024-projeta-consultoria/>. Acesso em: 05 out. 2023.

O que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre esse planeta, no contexto da aceleração das mutações técnico-científicas e do considerável crescimento demográfico. Em função do contínuo desenvolvimento do trabalho maquinico redobrado pela revolução informática, as forças produtivas vão tornar disponível uma quantidade cada vez maior do tempo de atividade humana potencial (Guatarri, 1990, p. 08-09).

Vivemos cada vez mais o impacto do “contexto da aceleração técnico-científica e do crescimento demográfico”. De acordo com dados extraídos do documento intitulado *Tabela 33 - População das Ilhas do Município de Belém - 2000-2010*<sup>45</sup>, produzido pela Secretaria Municipal de Planejamento (SEGEP) com base nos dados do IBGE, no ano 2000, a Ilha de Caratateua saltou de 26.225 para 38.731 habitantes em 2010. Esse crescimento demográfico trouxe consequências significativas, como o aumento nos índices de violência e de desemprego, além da ampliação do trabalho informal. Esses problemas são frequentemente mencionados por estudantes mais velhos, que já residem na ilha há bastante tempo.

Além disso, os moradores enfrentam sérios problemas relacionados ao transporte público, que é de baixa qualidade. Os ônibus disponíveis geralmente estão sucateados e não conseguem atender às necessidades da população. É comum ouvir relatos de estudantes que dependem do transporte urbano, descrevendo ônibus constantemente lotados ou que frequentemente quebram por falta de manutenção.

A situação do transporte se agravou ainda mais no Distrito de Outeiro em janeiro de 2022, quando uma balsa abalou a estrutura da ponte local, resultando na interdição total do tráfego de veículos automotores, exceto motocicletas. Desde então, os moradores e trabalhadores da ilha precisaram utilizar uma balsa, que partia diariamente de um porto localizado no bairro da Brasília, para fazer a travessia até Icoaraci. Outra opção era atravessar a ponte a pé e pegar uma condução do outro lado.

Nesse contexto, a realidade vivida pelos(as) estudantes foi frequentemente comentada durante diálogos nas turmas, onde abordava-se temas como transporte, água e saneamento básico, serviços de saúde, emprego

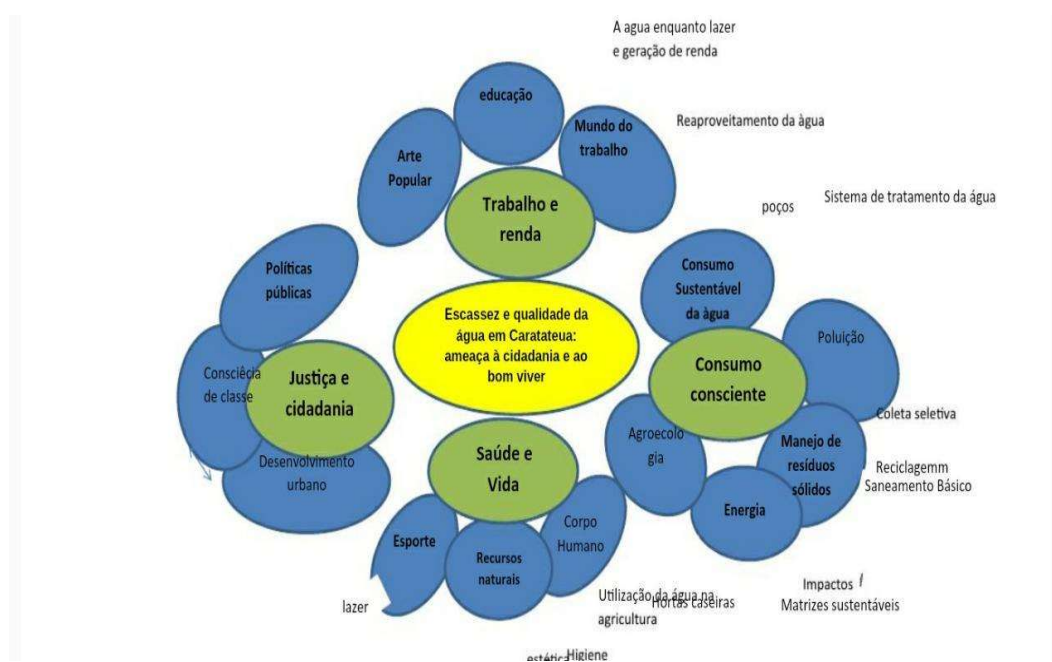
---

<sup>45</sup> Disponível em: <https://anuario.belem.pa.gov.br/wp-content/uploads/2020/12/Tabela-33-Demografia.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2023.

e renda. Esses comentários foram considerados e incorporados aos debates realizados nas reuniões de reorientação curricular, servindo como base para a definição do tema gerador.

Após várias reuniões de reorientação curricular foi definido o seguinte tema gerador: “Escassez e qualidade da água em Caratateua: ameaça à cidadania e ao bom viver”. Por conseguinte, elaborou-se uma rede temática, conforme ilustrado na Figura 15, a seguir, criada pela professora Dra. Edinilza Magalhães da Costa Souza, docente da Funbosque, durante as discussões. Cabe destacar que a referida imagem não foi publicada em nenhum material oficial e integra as anotações realizadas durante nossa participação.

**Figura 15** – Imagem feita através de foto de um documento gerado nas formações da Funbosque



**Fonte:** Souza, 2020.

As formações para discutir o tema gerador e a rede temática ocorriam uma vez por semana, no intervalo da hora pedagógica, entre o final do período vespertino e início do período noturno, pois a entrada do(a)s estudantes da EJA ocorre às 19h.

Essa fase teve como objetivo elaborar um planejamento fundamentado na pedagogia freireana, que promove o diálogo e a consciência crítica por meio da reflexão, com vistas a ampliar a visão de mundo dos estudantes, ao mesmo tempo em que instiga o(a) professor(a) a pensar e repensar sua prática

pedagógica por meio da “dialogicidade”, para alcançar uma prática pedagógica libertadora e participativa na vida em sociedade (Freire, 2014).

Ademais, o planejamento considerou, também, o PPP da Escola Bosque e a BNCC. Cabe destacar que este último documento contempla, em uma de suas competências gerais, ações e reflexões relacionadas às questões ambientais, conforme expressa na competência 7:

Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta (Brasil, 2017, p.7)

Essa competência orienta para os direitos humanos e as questões ambientais, destacando a importância do consumo responsável e do cuidado ético consigo mesmo e com os outros. Trata-se de uma competência que envolve diversas reflexões e ações a serem realizadas tanto em sala de aula quanto na escola como um todo, especialmente se houver um debate interdisciplinar sobre os temas abordados.

No que diz respeito ao Projeto Político-Pedagógico, é importante destacar, no contexto da EJAI, o fato de que os professores não reconhecem um diálogo efetivo entre a Educação Ambiental e o trabalho cotidiano realizado em sala de aula. O PPP expõe o seguinte:

A partir das considerações feitas pelos professores da EJA, no que diz respeito à prática da Educação Ambiental nessa modalidade de ensino, observa-se que não há um sistemático e efetivo diálogo entre o tema da Educação Ambiental e o trabalho cotidiano desenvolvido em sala de aula. Apesar de reconhecerem a importância e a necessidade de se trabalhar esse eixo na escola, que é intitulada como sendo referência no assunto, os professores não revelam uma concepção teórica claramente definida, apenas ensaiam discussões isoladas com os (as) alunos (as), sem grandes impactos na comunidade escolar (Belém, 2016, p.151).

Foi por meio da diagnose do PPP que a Coordenação Geral, a Coordenação da EJAI e os professores iniciaram uma reorientação curricular, que ocorreu entre 2018 e 2019. Desta feita, a partir de várias reuniões e diálogos, o laboratório de informática realizou a diagnose dos(as) estudantes. No entanto,



para se chegar ao tema gerador da EJAI, foi primordial a escuta dos estudantes sobre os problemas enfrentados no dia a dia do(a)s mesmo(a)s.

Iniciamos a produção do planejamento para 2020 visando a continuidade do trabalho com o tema gerador e sua rede temática. Passamos a relatar, aqui, uma experiência com a produção de vídeos realizados com os estudantes da 4ª Totalidade, no ano de 2019, sobre o olhar de cada um sobre o meio ambiente em que vive.

Nessa experiência, sugeriu-se que os discentes filmassem o ambiente em que moram, destacando os problemas enfrentados pela comunidade devido ao descaso da gestão pública e à falta de conscientização dos moradores. Alguns registraram a ausência de saneamento básico em suas ruas, as chuvas torrenciais e os alagamentos, o excesso de mato, lama e buracos nas vias públicas. Também foram filmados lixo e entulho acumulados em locais inadequados nas ruas, chamando atenção para essa questão, além da escassez de água nas residências, com depósitos de água e torneiras sem funcionamento.

Como essa experiência ocorreu no final do ano letivo de 2019 e devido à realização de outras atividades com as turmas, não foi possível fazer a leitura, a contextualização e a reflexão em sala de aula sobre as produções feitas pelos estudantes.

No início do ano letivo de 2020, já estávamos em processo de planejamento e retomada dos trabalhos quando fomos surpreendidos pela pandemia da Covid-19. As aulas foram suspensas em 18 de março de 2020. A escola, por meio dos professores, elaborou e imprimiu exercícios para entregar aos estudantes, mas a iniciativa não obteve sucesso, pois a maioria não compareceu para retirar o material.

Diante disso, as aulas continuaram suspensas e, em setembro, tentou-se o retorno por meio da plataforma *Teams*, mas exclusivamente para reuniões de professores, já que os estudantes não tinham acesso à tecnologia. Com o isolamento e sem a perspectiva de uma vacina, o ano letivo foi praticamente perdido em termos de ensino-aprendizagem, não apenas para o componente curricular de Arte, mas para todas as disciplinas.

Em 2021, houve uma mudança no governo municipal, e iniciou-se uma série de encontros *online*, sempre com o objetivo de organizar as aulas remotas para os alunos, realizar a busca ativa e garantir que os estudantes retirassem os materiais impressos na escola de forma ordenada. Dessa forma, as aulas no ano

de 2021 foram ministradas, na maior parte do tempo, de maneira remota, utilizando o *WhatsApp*. O retorno das aulas presenciais só ocorreu em outubro de 2021, após a aplicação das duas doses da vacina contra o Corona vírus.

No terceiro capítulo, abordaremos a escola sob a ótica das questões ambientais, considerando a pedagogia freireana e a Abordagem Triangular sistematizada por Ana Mae Barbosa, a partir da descrição de duas experiências vivenciadas durante o estágio supervisionado no contexto remoto.

Saindo da trilha convencional e criando linhas de fuga, discutiremos ações realizadas em conjunto com estagiários do curso de Licenciatura em Artes Visuais, além de experiências com a arte marajoara e o polo de artesanato do Paracuri, como o recolhimento de resíduos sólidos, a criação artística a partir do material coletado e outras produções de apoio para aulas remotas, como videoaulas e *podcasts*.

### 3 AS TRILHAS DAS QUESTÕES ARTÍSTICAS, ESTÉTICAS E AMBIENTAIS

Este capítulo aborda as experiências das aulas de Arte/Artes Visuais no contexto remoto, em função da pandemia de Covid-19, com base nas orientações e acompanhamentos das ações realizadas junto aos/às estudantes da EJAI do Ensino Fundamental e do Ensino Médio Técnico<sup>46</sup>. O objetivo principal foi propor ações educativas que contribuíssem com o ensino/aprendizagem em Artes Visuais, relacionadas à temática das questões ambientais.

Essas aulas foram observadas pelos estagiários(as) estudantes do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal do Pará.

Compreendo essas experiências como momentos enriquecedores de ensino/aprendizagem, uma vez que os estagiários conheceram o plano de ensino, perceberam a relação entre as aulas de Artes Visuais e as questões ambientais, participaram ativamente das aulas, elaborando material didático para as turmas que acompanhavam, além de planejar e ministrar uma aula com base no plano de ensino, o qual foi construído para contemplar o tema gerador.

Nesse sentido, considero o momento como parte relevante para a tese, em que eu me percebo ao mesmo tempo enquanto pesquisadora e participante da pesquisa.

Para descrever as experiências, é necessário contextualizar essas ações: a primeira experiência, denominada *Saindo da trilha: A Pedagogia Freireana, e o Ensino/Aprendizagem em Artes Visuais*, ocorreu no primeiro semestre de 2021 e descreve como se deram as aulas e a dinâmica do ensino remoto na escola.

A segunda, denominada *Problematizar, Refletir e Agir*, foi realizada no segundo semestre de 2021, partindo de uma ação de coleta de resíduos sólidos na Praia Grande de Caratateua e objetivou tanto a criação artística, como a relação com a temática das questões ambientais. Ambas as experiências tiveram como base o Plano de Ensino da professora de Artes Visuais centrado

---

<sup>46</sup> Por se tratar de uma descrição/relato que consideramos relevante devido a inter-relação entre o componente curricular Arte/Artes Visuais e as questões ambientais e se trata de um curso de nível médio técnico profissionalizante em Gestão Ambiental, nesse sentido, optamos por trazer a experiência do estágio supervisionado dos discentes da Licenciatura em Artes Visuais da UFPA junto aos/as estudantes do Ensino Médio da Escola Bosque como estratégia necessária para abordagem do tema desta tese.

no tema gerador – Escassez e qualidade da água em Caratateua: ameaça à cidadania e ao bom viver, conforme exposto no capítulo 2 desta tese.

Mediante as experiências artísticas, estéticas e ambientais no ensino/aprendizagem em Artes Visuais, também realizamos uma interrelação com as legislações ambientais, destacando a Política Nacional do Meio Ambiente, por meio da Lei nº. 6.938/81, e da Lei nº. 12.305/10, que trata da Política Nacional de Resíduos Sólidos. Ambos os documentos jurídicos oferecem instrumentos para a defesa de direitos e deveres em relação às questões ambientais, sendo temas fundamentais para o ensino/aprendizagem na área de Artes.

Com isso, abordamos a inserção dos seis primeiros Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), a saber: 1 - Erradicação da pobreza; 2 - Fome zero e agricultura sustentável; 3 - Saúde e bem-estar; 4 - Educação de qualidade; 5 - Igualdade de gênero; e 6 - Água potável e saneamento. Esses temas estão, de certa forma, imbricados com as experiências descritas e contextualizadas neste trabalho.

Para a construção do plano de ensino de Arte para a 4ª Totalidade do ano de 2021, que se encontra nos anexos desta tese, foram realizadas as reuniões para informes sobre o calendário escolar e como seriam as aulas, a organização dos nossos horários e as avaliações. Como já mencionado anteriormente, as reuniões foram remotas e a construção do plano foram compartilhadas via *Google Docs*<sup>47</sup>.

Considero que a construção deste plano de ensino foi um grande desafio, pois era necessário relacionar os conteúdos de Artes Visuais tanto com o tema gerador (“Escassez e qualidade da água em Caratateua: ameaça à cidadania e ao bom viver”), como com seu subtema (Consumo consciente), abrangendo tópicos como consumo sustentável da água, poluição, agroecologia, manejo de resíduos sólidos e energia, inseridos nos conteúdos de ensino.

É importante ressaltar que as aulas remotas só tiveram início no final de abril de 2021 devido a diversas situações vivenciadas no início do ano letivo, como o pico da pandemia de Covid-19, ajustes nas turmas para o formato *online*,

---

47

Disponível

em:

<https://docs.google.com/document/d/1Kuyy7xeWNUdjatWhfGsKDnHLM3jn7CUV/edit?usp=sharing&ouid=103077351475396583058&rtpof=true&sd=true>. Acesso em: 05 out. 2023.

além da adaptação de professores(as) e estudantes ao modelo de aulas remotas.

### **3.1 Saindo da trilha: a pedagogia freireana e o ensino/aprendizagem de Artes Visuais no contexto do Ensino Remoto Emergencial**

Nossa prioridade neste item é abordar a temática central da tese: a interrelação entre o ensino e a aprendizagem da Arte/Artes Visuais e as questões ambientais. Para isso, destacamos experiências relevantes vivenciadas durante a pandemia de Covid-19, tanto na EJAI quanto no Ensino Médio Técnico. Assim, apresentamos as práticas educativas bem-sucedidas que integraram a pesquisa e contribuíram para a construção da tese.

No primeiro semestre de 2021, ainda no contexto do Ensino Remoto Emergencial (ERE), foi ofertada a disciplina *Estágio em Ensino das Artes Visuais/Espaços Culturais* no curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Pará (UFPA). Na época, eu participava das aulas como estagiária docente do doutorado. Atendendo a um convite da professora responsável pela disciplina, aceitei receber os estagiários na Funbosque, promovendo a interação entre a formação acadêmica e as práticas pedagógicas desenvolvidas no local.

Relatamos, neste trabalho, as experiências vivenciadas durante o Estágio Supervisionado, realizado de forma remota, por três discentes do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais (FAV/UFPA). O estágio ocorreu no período de 3 de março a 16 de junho de 2021, na Escola Bosque, sob minha supervisão<sup>48</sup>, uma vez que sou responsável pelo componente curricular de Arte/Artes Visuais na 4ª Totalidade da EJAI, bem como no primeiro ano do Ensino Médio na instituição.

As aulas síncronas semanais na UFPA tiveram início com orientações e acompanhamento relacionados à dinâmica dos estágios, abordando aspectos legais, estruturais, políticos, pedagógicos, artísticos, éticos, estéticos e culturais. Destacou-se, ainda, a importância de realizar anotações criteriosas e de

---

<sup>48</sup> Importante esclarecer que realizei o Estágio Docente do Doutorado na Disciplina Estágio em Ensino das Artes Visuais/Espaços Culturais do curso de Licenciatura em Artes Visuais sob a responsabilidade da prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Del Tabor Vasconcelos Magalhães. Na ocasião fui a professora-supervisora do estágio de três discentes/estagiárias na Escola Bosque.

consultar referências específicas recomendadas. Além disso, foram promovidas palestras virtuais com profissionais convidados(as), com o objetivo de refletir sobre o ensino e a aprendizagem de Artes Visuais em espaços culturais, fundamentando as práticas educativas desenvolvidas pelos(as) discentes/estagiários(as) nas escolas.

A participação de especialistas na área de Arte/Artes Visuais nas orientações semanais dos estágios proporcionou fundamentações teórico-metodológicas, ampliando as possibilidades de práticas educativas. Entre os(as) convidados(as), a professora Dra. Sandra Cristina Ferreira dos Santos abordou temas como o funcionamento, a história e o conceito de museus, fornecendo subsídios valiosos para o planejamento, elaboração e execução de propostas de ação educativa e microensino pelas discentes/estagiárias.

As discentes/estagiárias passaram a acompanhar as aulas remotas realizadas via *WhatsApp* em duas turmas do primeiro ano do Ensino Médio, denominadas Ipê Rosa e Ipê Amarelo, cada uma com cerca de 28 estudantes que participam ativamente nos grupos. Outras duas discentes/estagiárias optaram por acompanhar turmas da EJA, sendo alocadas nas turmas Tucunaré, Pescada e Dourada.

A experiência mostrou-se bastante enriquecedora no que diz respeito ao requisito da prática educativa para o conhecimento do processo de ensino/aprendizagem em Artes Visuais, pois concordamos com o que assevera Pimentel:

Ensinar Arte significa possibilitar experiências e vivências significativas em apreciação, reflexão e elaboração artística. Para isso, é necessário que @ professor@ tenha uma base teórica que lhe possibilite uma amplidão de pensamento, tanto para conhecer os caminhos trilhados por seus(suas) alun@s quanto para propiciar momentos significativos que possibilitem encontrar novos processos individuais ou coletivos (Pimentel, 2009, p.179).

Desta feita, as experiências e vivências descritas mostraram processos significativos para que o estudante fizesse essa apreciação, reflexão e elaboração artística, em que pese todas as dificuldades encontradas nas aulas remotas.

Nesse contexto, apesar das dificuldades<sup>49</sup> inerentes à modalidade de ensino *online*, foi possível estabelecer um diálogo entre o papel de ser/estar discente/estagiária e, simultaneamente, ser/estar docente/estagiária. Essa mediação foi realizada tanto pela orientadora do estágio no curso de Licenciatura em Artes Visuais quanto pela autora desta tese, que atuou como supervisora do estágio durante as etapas de observação, participação, planejamento e regência das aulas na Escola Bosque.

Os Estágios Supervisionados do curso de Licenciatura em Artes Visuais são desenvolvidos ao longo de dois anos, com uma carga horária total de 408 horas obrigatórias, em conformidade com a legislação vigente. Segundo Magalhães (2019), são organizados em quatro etapas sequenciais, sendo que o trabalho realizado em cada fase constitui a base para a etapa seguinte.

O primeiro e o segundo estágios são realizados na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I e II, enquanto o terceiro estágio é focado no Ensino Médio. Já o quarto estágio abrange a relação entre arte e público nos espaços culturais, bem como as interfaces com as escolas ou campos de estágio. Nesse caso, o discente/estagiário tem a possibilidade de escolher a etapa de ensino, conforme o planejamento das instituições envolvidas.

De acordo com Magalhães (2019), o *Estágio em Ensino das Artes Visuais em Espaços Culturais* ocorre na escola, com ênfase na prática educativa voltada para os espaços culturais da cidade. O objetivo é proporcionar o conhecimento sobre os acervos presentes nesses locais, o que é fundamental para um processo de ensino e aprendizagem significativo e criativo.

Com a pandemia de Covid-19 ainda em curso, foi necessário nos adaptarmos às novas realidades para viabilizar a realização do estágio. Durante esse período, a vacinação ainda não estava amplamente disponível para toda a população brasileira, sendo aplicada prioritariamente a pessoas dos grupos de risco, como idosos(as), imunossuprimidos(as) e trabalhadores(as) da saúde.

Para evitar mais atrasos nos estudos, as aulas foram retomadas por meio do Ensino Remoto Emergencial (ERE) na UFPA. Em 2020, o semestre inteiro

---

<sup>49</sup> As principais dificuldades foram centradas no acesso à internet pelos estudantes, bem como possuir um telefone celular com boa qualidade. Vale salientar que devido a problemas econômicos, muitos não possuíam celulares e quando tinham, seus pacotes de dados eram bem restritos, muitas vezes impossibilitando de acessar material de estudo via link. Em muitas ocasiões, os estudantes expunham para nós, professores(as), em mensagens privadas que seu pacote de dados já tinha terminado.

havia sido suspenso devido ao protocolo de “ficar em casa” para prevenir o contágio, já que, naquele momento, ainda não se sabia como lidar adequadamente com a doença, e a única forma de proteção era o isolamento<sup>50</sup> social. Isso marcou o início de um grande desafio tanto para docentes quanto para discentes, pois seria a primeira vez que todos experimentaríamos o ensino remoto, tanto na universidade quanto nas escolas da Educação Básica.

Concordamos com Saviani e Galvão (2020, p. 38), que tecem uma crítica à forma como o Ensino Emergencial Remoto foi implementado. Segundo os autores:

Mesmo para funcionar como substituto, excepcional, transitório, emergencial, temporário etc., em que pesem as discordâncias que temos com o ensino não presencial e que iremos abordar, determinadas condições primárias precisariam ser preenchidas para colocar em prática o “ensino” remoto, tais como o acesso ao ambiente virtual propiciado por equipamentos adequados (e não apenas celulares); acesso à internet de qualidade; que todos estejam devidamente familiarizados com as tecnologias e, no caso de docentes, também preparados para o uso pedagógico de ferramentas virtuais. (Saviani e Galvão 2020, p.38).

Tais condições primárias nunca foram plenamente atendidas, sendo suplantadas pela urgência de retomar as aulas imediatamente. Como consequência, diversas situações-problema foram vivenciadas e, em alguns casos, superadas (ou não), de acordo com os recursos disponíveis na época. Um exemplo emblemático foi a dificuldade de ministrar uma disciplina de estágio supervisionado sem o funcionamento presencial das escolas de Educação Básica.

Para enfrentar essa questão, a professora orientadora do estágio entrou em contato com professores(as) de Arte/Artes Visuais que atuavam em escolas da rede pública, buscando estabelecer parcerias e mediações entre as instituições onde os(as) discentes/estagiários(as) foram alocados(as) e a universidade. Esse contato foi realizado de forma remota, por meio de reuniões *online*.

---

<sup>50</sup> Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), cerca de 99,3% das escolas suspenderam as aulas presenciais. Para mais informações, acessar: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2021-07/pesquisa-mostra-que-993-das-escolas-suspenderam-aulas-presenciais>. Acesso em: 04 mar. 2023.



Para iniciar o percurso do Estágio Supervisionado, foi criado um grupo no *WhatsApp* com o objetivo de facilitar a comunicação sobre as atividades síncronas e assíncronas. Além disso, o grupo serviu para organizar o cronograma das ações a serem desenvolvidas nos encontros semanais, tanto na sala de aula virtual da UFPA quanto na escola/campo de estágio.

Dessa forma, a elaboração e o envio de materiais pedagógicos contribuíram para facilitar o processo de ensino/aprendizagem, possibilitando o acesso aos conteúdos propostos. Foram realizadas *lives*, além do compartilhamento de textos, catálogos e outros materiais de estudo.

No início das aulas remotas síncronas, a orientadora da disciplina sugeriu a leitura do texto intitulado *Dilemas da Arte/Educação como Mediação Cultural em Namoro com as Tecnologias Contemporâneas*, de autoria de Ana Mae Barbosa (2005). Os(as) discentes foram orientados(as) a ler, refletir e problematizar o texto, trazendo suas análises para os debates realizados durante os encontros síncronos.

Um trecho que chamou atenção no texto foi a pesquisa de Barbosa (2005, p. 99) com artes-educadoras, na qual a autora apresenta reflexões que problematizam o conceito de ensino de arte: “Fiz uma pesquisa em 2000 sobre o que pensam as artes-educadoras do ensino de arte e 82% responderam que era o desenvolvimento da sensibilidade dos alunos”.

A autora critica esse tipo de concepção, visto que as professoras entendem a sensibilidade, na referida pesquisa, como sendo a capacidade de se emocionar e de obedecer às regras sociais. Ora, é de suma importância manter-nos atentas, enquanto professoras e/ou futuras professoras de Arte, sobre como se concebe e se compreende o objetivo de ensinar o componente curricular Arte. Nesse sentido, concordamos com Pimentel, que assevera:

Ensinar arte é uma tarefa extremamente complexa, porque lidamos com questões materiais, instrumentais e conceituais do que seja aprender e ensinar arte, do que seja a própria questão de criar uma rede da área de conhecimento *arte*, e inerente com as questões emotivas, sensível d@s alun@s. Essa tarefa que é bastante complexa, necessita de uma preparação bastante profunda e constante para ser bem-sucedida. Por isso a necessidade d@ profess@r de arte tenha tempo de pensar e experimentar questões de arte e possa estar em conexão com especialistas de outras áreas de conhecimento. O produto – necessário como consumação de um processo, mesmo que não

seja perene – é importante como registro do percurso dessa experiência (Pimentel, 2009, p.177, grifo da autora).

Portanto, o ensino/aprendizagem de Arte/Artes Visuais exigem, também, que o(a) professor(a) possua sua própria vivência com as artes e registre esse percurso, como exemplificado em diversas partes desta tese. Esses registros refletem muitas das experiências vivenciadas em um processo criativo que resultou em produtos artísticos, seja por estudantes da Educação Básica ou pela própria autora.

Para ilustrar essas experiências com dispositivos técnicos e abordar a perspectiva como conteúdo do Plano de Ensino de Artes Visuais, destaca-se a produção artística realizada com o aproveitamento de resíduos sólidos pelos estudantes (Figuras 16 e 17). Na imagem abaixo, apresentamos uma fotografia utilizada para explicar o tema “Fotografia em Perspectiva” durante as aulas.

**Figura 16** – Registro fotográfico da aula “Fotografia em Perspectiva”



**Fonte:** Acervo da autora (2021).

**Figura 17** – Registro fotográfico de aula sobre pintura/colagem de resíduos sólidos



**Fonte:** Acervo da autora (2021).

A Figura 13 tem como objetivo exemplificar para os estudantes como criar fotografias que sugerem a ideia de perspectiva, destacando a diferença entre o que está próximo ao olhar do observador e o que está distante, criando a ilusão de que a mão é gigante e pode pegar o arbusto. Já a Figura 14 visava demonstrar como produzir pinturas e colagens utilizando resíduos sólidos. Essas experiências estão descritas nesta tese, no capítulo 4.

Em outro encontro, solicitamos aos(as) discentes que enviassem para o *e-mail* da orientadora as referências lidas nas disciplinas centradas nos fundamentos de ensino/aprendizagem de Artes Visuais e estágios. No entanto, quatro discentes retornaram com respostas alegando diversos motivos, como “não lembravam dos autores” ou “não leram as referências anteriores”.

A orientadora, então, ressaltou a importância de entender o que os(as) discentes já conheciam em termos de leituras que fundamentassem o ensino/aprendizagem de Artes Visuais nos estágios anteriores, assim como aquelas que se relacionassem com espaços culturais. Enfatizou que, para elaborar um planejamento bem fundamentado, é essencial conhecer as referências das outras disciplinas, a fim de garantir uma prática educativa consciente e crítica.

No prosseguimento das ações de orientação e acompanhamento dos estágios, com a participação de docentes convidados, tivemos a colaboração da professora e supervisora Brisa Nunes, que atua em escola pública. Ela destacou as ideias desenvolvidas no artigo de sua autoria, publicado no XXVIII Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil (ConFAEB), no qual abordou as experiências realizadas na disciplina de Estágio em Ensino das Artes Visuais em Espaços Culturais.

A disciplina de Estágio em Espaços Culturais da UFPA propõe um caminho mediano entre os contextos formais e não formais, dedicando certa carga horária para o contato do licenciando com os diversos espaços da cidade especialmente em Belém do Pará: museu, galeria, centros culturais, associações comunitárias, coletivos, as próprias escolas e etc. A disciplina propõe o planejamento e realização de ações educativas para o público escolar sobre a supervisão dos professores da escola e da universidade, favorecendo assim, a troca de saberes entre os lugares de cultura e a Educação Básica (Nunes, 2018, p. 1174).

Concordamos com as palavras de Nunes, pois destacam os espaços culturais da cidade como locais de fruição e troca de conhecimentos, tanto para os(as) discentes do curso quanto para os(as) estudantes da Educação Básica. Durante sua exposição oral, Nunes compartilhou suas vivências como discente do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, no período em que foi aluna da disciplina *Estágio em Ensino das Artes Visuais em Espaços Culturais*, e posteriormente como professora substituta e orientadora de *Estágio Supervisionado* na Faculdade de Artes Visuais.

Em uma das aulas remotas, debatemos sobre o artigo de Janice Shirley Souza Lima (2008), intitulado *A Educação Museal no Enfrentamento das Relações de Poder*. Um trecho do texto chamou nossa atenção, vejamos:

Ser professor ou fazer carreira na educação está fora de cogitação para os jovens das classes média e alta. A visão generalizada que se tem é a de que esta é uma profissão para os menos favorecidos economicamente [...] (Lima, 2008, p. 35).

Esse pensamento reflete uma crise instalada no país sobre a profissão de professor(a) em contextos diversos, além de evidenciar como as licenciaturas são afetadas pelos preconceitos historicamente instituídos por governos neoliberais, o que contribui para a precarização da formação docente.

Destacamos, também, a palestra proferida pela professora Dra. Sandra Christina Ferreira dos Santos, que abordou o conceito de espaço museal. Santos, que era diretora do Espaço Cultural Casa das Onze Janelas, um dos locais mais frequentados de Belém/PA, fez uma apresentação com *slides* para contar, de forma resumida, a história da Casa das Onze Janelas, descrevendo-a como: “[...] uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade”<sup>51</sup>.

Durante essa exposição, compreendemos que o Espaço Cultural Casa das Onze Janelas desempenha um papel fundamental na preservação e no acesso público ao seu acervo material, especialmente por estar localizado em uma cidade da Amazônia. Além disso, ele resistiu à gestão do governo federal de Bolsonaro, que atacou as leis de incentivo com *fake News*, desvalorizando a diversidade cultural do país.

Nos demais encontros síncronos, ocorreram as orientações e o acompanhamento do estágio, onde esclarecemos sobre o processo de avaliação da disciplina. Foi organizada a apresentação das propostas de ação educativa/microensino, realizadas como parte da avaliação, ficando previamente estabelecido que as apresentações seriam abertas à equipe das discentes/estagiárias da Funbosque.

A proposta avaliativa visava desenvolver uma experiência de microensino, articulando os conteúdos com um espaço cultural da cidade de Belém, com o objetivo de promover o ensino/aprendizagem dos(as) estudantes da Educação Básica. A educação não formal nos espaços museais contribui para o acesso dos(as) discentes do curso de Licenciatura em Artes Visuais por meio da educação formal, sendo o acervo artístico um elemento de conhecimento que pode aproximar as escolas da Educação Básica. Dessa forma, uma grande diversidade de pessoas pode se apropriar de um conhecimento pedagogicamente elaborado.

Nos debates realizados durante as aulas síncronas, foi possível compreender as diferenças entre educação formal e não formal. Nesse sentido, Gadotti (2005) afirma que:

---

<sup>51</sup> Informação verbal proferida durante a palestra virtual, realizada no dia 14 de abril de 2021.

Toda educação é, de certa forma, educação formal, no sentido de ser intencional, mas o cenário pode ser diferente: o espaço da **escola** é marcado pela formalidade, pela regularidade, pela sequencialidade. O espaço da **cidade** (apenas para definir um cenário da educação não-formal) é marcado pela descontinuidade, pela eventualidade, pela informalidade. (Gadotti, 2005, p. 2, grifos do autor).

Ao enfatizar as diferenças entre a educação formal e a não formal, Gadotti (2005) nos faz refletir que ambas representam visões de educação. Entretanto, a educação não formal, especialmente no museu, continua sendo válida, pois é um local onde ocorre o ensino/aprendizagem da arte e de sua diversidade cultural. Logo, quando o espaço do museu está distante da escola, torna-se necessário criar estratégias para construir o conhecimento com os(as) estudantes a partir de suas vivências, experiências e do acesso à informação.

No que diz respeito a esse acesso, é importante destacar que os(as) estudantes das escolas públicas geralmente moram em áreas periféricas da cidade, geograficamente distantes de museus e outros espaços culturais, que frequentemente estão localizados nas áreas centrais. Assim, muitas vezes, esse acesso se dá por meio da escola, que viabiliza o transporte e a visita agendada.

Como durante o estágio todos os espaços culturais estavam fechados devido à pandemia, as propostas das experiências de microensino possibilitaram que os estudantes conhecessem esses locais de forma virtual, sem sair de casa. Portanto, ao refletirmos sobre a relevância desses espaços não formais no contexto das práticas educativas para o ensino/aprendizagem de Artes Visuais, nos formatos síncronos e assíncronos (ou seja, não presenciais no contexto dos estágios supervisionados), verificou-se a riqueza de possibilidades oferecidas pelos acervos artísticos. Estes servem como referências para o planejamento e elaboração das propostas educativas, ampliando o repertório artístico, estético e cultural dos(as) estudantes e professores(as).

Os seminários temáticos das aulas de *Estágio Supervisionado* aconteceram de forma remota e tiveram como foco a socialização das experiências de microensino planejadas pelos(as) estagiários(as) lotados(as) nas diversas escolas da cidade de Belém. Nas orientações dessas ações, cada estagiário(a) apresentou a relação do que pretendia abordar sobre o acervo dos espaços culturais da cidade, articulando-os com os conteúdos do plano de ensino dos(as) professores(as) supervisores.

Após as apresentações das propostas de microensino, realizamos rodas de conversa *online*, nas quais ocorreram indagações, debates e proposições que ajudaram a esclarecer dúvidas e contradições entre teoria e prática da ação educativa.

Os seminários temáticos proporcionaram a apresentação das propostas de microensino, gerando um rico debate de ideias e opiniões, fundamentado nas leituras indicadas pela orientadora do Estágio. Esse debate teve um impacto positivo na formação docente dos(as) estagiários(as).

Na primeira parte do estágio, eu e a estagiária produzimos diferentes materiais pedagógicos para utilizar durante as aulas, uma vez que, conforme mencionado anteriormente, esse tipo de aula foi um desafio para todos os envolvidos no processo educativo. A interação entre professora, estagiária e estudantes se deu exclusivamente por meio de mensagens no aplicativo *WhatsApp*. A Coordenação Pedagógica criou uma turma geral da escola, com a participação dos professores de todos os componentes curriculares, bem como do orientador das turmas e do próprio coordenador pedagógico.

Realizamos uma reunião pedagógica com o corpo docente, da qual a estagiária também participou, via *Google Meet*, para esclarecer os detalhes sobre as aulas remotas. Muitos professores(as) optaram por criar grupos específicos para o componente curricular que lecionavam. Eu, assim como meus colegas, criei dois grupos-sala (Sala Arte Ipê Rosa e Sala Arte Ipê Amarelo) para o componente curricular de Arte, com o objetivo de enviar os materiais didáticos elaborados durante as aulas interativas com os estudantes.

Nas turmas da EJAI, foram criados apenas grupos gerais das turmas, e todos os professores ministravam suas aulas nesses grupos, sem a criação de subgrupos por disciplina. As estagiárias acompanhavam as aulas ministradas todas as terças-feiras, das 19h às 20h.

Em todas as turmas, as aulas foram ministradas de forma simultânea e tinham duração aproximada de uma hora. Sempre solicitávamos que os estudantes colocassem seus nomes para identificarmos quem estava interagindo *online*. Os materiais didáticos eram disponibilizados nos *blogs*<sup>52</sup> das

---

<sup>52</sup> *Blog* Ensino /aprendizagem de Arte/Artes Visuais - AULA REMOTA - diário de bordo das turmas: Dourada, Pescada e Tucunaré - IV Totalidade – FUNBOSQUE. Disponível em: <https://ejai-ensino-aprendizagemartesvisuais.blogspot.com/2021/05/ensino-aprendizagem-de-arteartes.html>. Acesso em: 05 mai. 2021; *Blog* GRUPO/SALA DE ARTE - IPÊ AMARELO E IPÊ

turmas, para que os alunos pudessem acessá-los posteriormente, caso necessário.

Nesse sentido, é importante destacar que as experiências vivenciadas na Escola Bosque, com base no estágio doutoral e nos estágios supervisionados do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFPA, qualificaram as minhas práticas educativas e as dos estagiários. Essas experiências também possibilitaram novas perspectivas sobre a condução do ensino/aprendizagem no contexto da pandemia de Covid-19.

### **3.2. A proposta de ação educativa**

A discente/estagiária que acompanhava as turmas do Ensino Médio na Funbosque elaborou sua aula objetivando conhecer o espaço cultural Polo de Artesanato do Paracuri, que está localizado no bairro do mesmo nome, no Distrito de Icoaraci. Nesse bairro, há uma rua em que os artistas/artesãos produzem e vendem seus artesanatos feitos em cerâmica de diferentes tamanhos e formatos, pintados ou não. Desta feita, a aula tinha como objetivo levar ao conhecimento do(a)s estudantes um espaço cultural da comunidade do Paracuri em Icoaraci, local que fica próximo à Ilha de Caratateua, com cerca de 12 km de distância entre um e outro.

Para apresentar esse espaço, a estagiária inter-relacionou a produção da Feira Artesanal com a cerâmica da Arte Marajoara e Tapajônica, que fazia parte dos conteúdos que seriam abordados pela professora da escola (campo de estágio). Assim, a estagiária pesquisou o assunto Polo Artesanal de Icoaraci, elaborou um texto, criou um exercício pelo *Google Forms* e produziu um pequeno vídeo, para apresentar aos(às) estudantes do primeiro ano do Ensino Médio; a aula foi realizada via *WhatsApp*.

As Figuras 18 e 19, a seguir, apresentam os *prints* de postagem, que são memórias visuais da aula mediada no *WhatsApp*, mostrando o material elaborado, a interação da turma e a reação de alguns estudantes no término da aula.

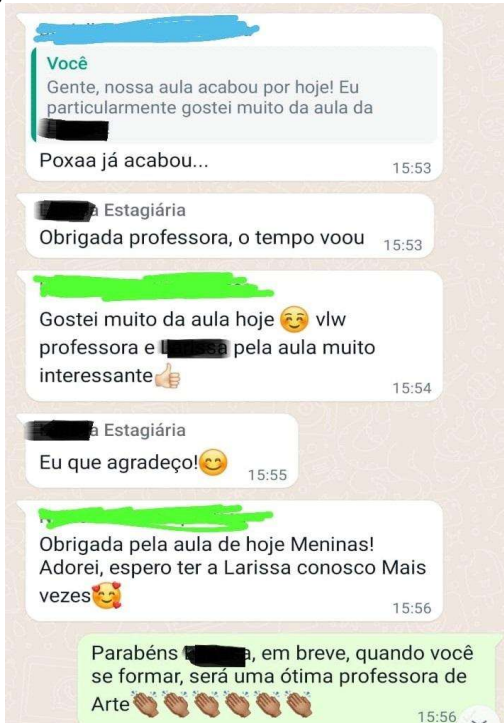


Figura 18– Print da aula do dia 27 de maio de 2021



Fonte: Acervo da autora (2021).

Figura 19 – Print da aula do dia 27 de maio de 2021



Fonte: Acervo da autora (2021).

A escolha deste tema decorreu do fato de o Polo Artesanal de Icoaraci estar localizado próximo à ilha de Caratateua, onde se encontra a Escola Bosque. O fato de ambos estarem na mesma região torna o tema relevante, pois

possibilita que os estudantes conheçam esse espaço, o que pode "enriquecer a comunicação, a imaginação e a expressão", conforme descrito no documento PNAIC (Brasil, 2015, p. 11).

Esses são caminhos pedagógicos importantes na educação escolar, pois promovem sentimentos de pertencimento, reconhecimento e valorização da cultura regional. Concordamos com Ferraz e Fusari (2018) quando argumentam que:

As práticas educativas, assim como as outras áreas de conhecimento, surgem de mobilizações políticas, sociais, pedagógicas, filosóficas, e no caso de arte, também de teoria e proposições artísticas e estéticas. Quando aprofundamos nossos conhecimentos sobre essas articulações, em cada momento histórico, certamente aprendemos a compreender melhor a questão do processo educacional e sua relação com nossa vida. (Ferraz; Fusari, 2018, p.39).

Nesse sentido, ao escolher o Polo Artesanal de Icoaraci como tema para a aula, a estagiária criou práticas educativas que mediaram as mobilizações mencionadas pelas autoras, permitindo o aperfeiçoamento de novos conhecimentos relacionados ao processo educacional e à realidade dos estudantes no contexto histórico que estavam vivenciando.

É relevante destacar que um ensino/aprendizagem bem planejado na área de Artes proporciona diferentes tipos de conhecimento. Corroboramos com Marques e Brasil (2014), ao fazerem importantes reflexões sobre o papel do professor de Arte comprometido com o conhecimento:

O professor comprometido com a linguagem da arte propicia aos estudantes conhecimento – inerente aos trabalhos artísticos – de como vivem e convivem outros povos, gêneros, etnias, religiões, classes sociais etc.; aprende mais sobre a tolerância, o respeito e o diálogo com o diferente e o plural nas diversas leituras de mundo e nas contextualizações históricas-sociais compreendidos nos trabalhos de arte. (Marques e Brasil, 2014, p. 37)

Com isso, uma aula bem planejada e organizada propicia novos conhecimentos tanto para os estudantes quanto para o(a) professor(a), que pode observar o contexto histórico, social e cultural dos alunos e debater questões religiosas, étnicas e várias outras que surgem ao longo do processo.

Segundo Barbosa (2005), o componente curricular Arte é o mediador entre a arte e o ensino, seja em espaços formais ou não formais. Por meio da arte, o estudante terá condições de identificar, reconhecer e valorizar as diferentes produções culturais e artísticas mundiais, mas, principalmente, as de sua própria localidade.

As experiências foram planejadas considerando o contexto pandêmico. Assim, elaboramos materiais que pudessem ser acessados tanto de forma virtual quanto impressa, para contemplar os(as) estudantes que não tinham acesso à internet. Por meio de pesquisas virtuais, produzimos trabalhos e tarefas para apoiar a apresentação, como vídeos, *quizzes*, textos em *Word* e PDF. Também foram enviados *links* de vídeos no *YouTube* para oferecer maior suporte aos conteúdos abordados.

Todas as aulas foram pensadas e planejadas com foco na acessibilidade dos estudantes, ou seja, os vídeos tinham curta duração (em torno de 3 a 5 minutos), os textos eram disponibilizados em formato *Word* ou PDF e as explicações eram enviadas por áudio, garantindo que os alunos tivessem acesso à ação educativa por meio dos materiais postados no aplicativo *WhatsApp*.

Em reunião, antes de iniciar o estágio, propus desenvolver materiais didáticos para as aulas remotas. Para dar um tom mais dinâmico, elaboramos, dentre esses materiais, caça-palavras, cruzadinhas e *podcasts*, que foram apresentados e inseridos nas aulas conforme os assuntos ministrados.

Ressalta-se que o *blog*, criado por mim, tinha como propósito centralizar todos os materiais didáticos desenvolvidos, para que os estudantes pudessem consultá-los, sendo postados semanalmente, conforme os temas abordados nas aulas. Quanto ao material que produzimos, destaca-se que ele foi resultado de pesquisas realizadas, seja por meio da internet, de livros didáticos, vídeos e aplicativos, que nos possibilitaram criar conteúdo próprios, pois, de acordo com Loyola (2026),

[...] a concepção de materiais didático-pedagógicos, portanto, envolve pesquisa acerca da expressão artística, implica em reflexão estética. A estética lida com critérios de percepção e julgamento dos valores sensíveis contidos num objeto de arte. Além das questões formais e materiais, envolve reflexões acerca da ideia de criação e do conceito do que seja uma obra de arte, da temporalidade da sua produção, das proposições conceituais que a obra traz etc (Loyola, 2016, p.15).

Assim, consideramos de suma importância essa pesquisa para a produção do material, bem como o diálogo realizado com os estagiários sobre essa experiência. Sempre tínhamos que pensar e planejar a melhor maneira de utilizar os recursos, ou seja, refletir se funcionariam bem nas aulas *online* ou se teríamos dificuldades ou desafios a superar.

Marques e Brasil (2014, p.101) contribuíram em nossos diálogos de planejamento, ao questionarem: “Arte se planeja?”, considerando que o senso comum aponta a arte como uma livre expressão e liberdade de ação, enquanto a escola é vista como o lugar do conservadorismo e imobilismo. A arte, portanto, não poderia estar presa a planejamentos, uma vez que é inspirada pela intuição. Nas reflexões apresentadas pelos autores, compreendemos que a importância do planejamento reside justamente em fugir do “antigo e ultrapassado *laissez-faire*” (Marques; Brasil, 2014, p.104).

Nesse sentido, os autores argumentam que escolas conservadoras e tradicionais reproduzem uma sociedade desigual, formando estudantes pouco questionadores e problematizadores. Portanto, se desejamos transformar a visão do senso comum sobre o ensino/aprendizagem da arte, é necessário planejar.

Planejamento não é preencher coluninhas estanques num papel que será arquivado e esquecido na secretaria da escola. Precisamos de planejamento na área de Arte para que possamos olhar o passado e planejar o que queremos como futuro, para que o desejo de futuro transforme as vivências presentes. Planejar serve para podermos ver adiante, sonhar, desejar, crer, projetar, vislumbrar caminhos de ação e de transformação com a contribuição da Arte na vida dos estudantes. Planejamento na área de Arte permite-nos articular as diferentes esferas de conhecimento, as práticas de ensino e as relações que podem ser traçadas entre arte, ensino e sociedade (Marques; Brasil, 2014, p. 106).

Concordamos com os autores, pois consideramos o planejamento fundamental para pensar e organizar as práticas educativas do componente curricular Arte/Artes Visuais, especialmente quando buscamos interrelacionar os conteúdos com questões ambientais.

Para o bom andamento das práticas educativas nas aulas, realizamos reuniões com as estagiárias para apresentar o plano de ensino e explicar como seria a dinâmica da escola durante o ensino remoto. Isso se configurou como

um desafio, uma vez que, até então, as aulas sempre foram presenciais, onde o(a) docente observava os comportamentos e as reações dos/das estudantes, além de poder tirar dúvidas no momento ou após as exposições orais dos conteúdos de Artes Visuais.

Outra reunião importante foi a que apresentou as estagiárias à Coordenação Pedagógica, com o objetivo principal de conhecerem o funcionamento da escola, seu organograma, o calendário escolar, os horários dos turnos e das aulas.

Criei um calendário de reuniões semanais com as estagiárias para explicitar a organização do trabalho com as turmas e suas demandas de material pedagógico. Esses materiais, como já mencionado, foram produzidos com a participação ativa das estagiárias. Após a reunião de apresentação geral, elas foram convidadas a participar das reuniões pedagógicas da escola como observadoras/participantes, a fim de compreender a dinâmica escolar.

Em uma das reuniões, houve a avaliação e reorganização do trabalho docente, onde foi aconselhado aos/as professores/as que diminuíssem o volume de materiais impressos, visto que muitos/as estudantes consideraram excessivo o número de conteúdos e experiências, dificultando a leitura e a produção. Essas vivências proporcionaram às discentes/estagiárias uma maior percepção das ações e das problemáticas da escola.

Novamente, Marques e Brasil (2014) contribuem com nossas ações e reflexões ao destacarem a importância do planejamento na área de Artes:

É no momento do planejamento que articulamos o passado – a história da arte e dos povos – para compreender o presente – as histórias e vivências pessoais, dos estudantes e da comunidade – projetar o futuro – o que queremos do mundo, em que sociedade pretendemos viver, e qual a nossa contribuição nessa construção em permanente movimento (Marques; Brasil, 2014, p.106).

Esse convívio na escola nos faz conhecer a realidade dos estudantes e da comunidade, possibilitando pensar e organizar o planejamento de ensino e das aulas, articulando o passado, como afirmam Marques e Brasil (2016), para compreender o presente e projetar o futuro.

Outra forma de contribuir para a formação docente das estagiárias foi a proposta de assistirem a três palestras virtuais, por meio do *YouTube*. Os cartazes de divulgação e os *links* para acesso foram enviados via *WhatsApp*.

A primeira *live*, *O Ensino de Artes no Brasil: As Leis e Políticas Públicas*<sup>53</sup>, abordou as leis e políticas que regem o ensino de artes no Brasil. A palestrante, Professora Dra. Ana Del Tabor, problematizou a nova BNCC, destacando os problemas que surgiram para o ensino de Arte e suas modalidades artísticas; pontuou, igualmente, a importância de estarmos organizados/as politicamente, no sentido de conseguirmos uma atuação efetiva por meio da luta coletiva, ressaltando a importância de manter, sempre, em estado de alerta.

Já na segunda *live*, intitulada *Seminário de Residência Pedagógica*<sup>54</sup>, tratou, na mesa de abertura pela manhã, acerca das políticas nacionais necessárias para a educação. A palestrante, Professora Ivete M. Krauser, argumentou sobre as bolsas que foram ofertadas para os alunos de teatro, música e artes visuais e a importância da inserção dos/as estudantes de graduação nas residências pedagógicas, visto que a prática docente vivenciada nas instituições é um momento imprescindível para a aprendizagem do ofício de ser professor(a).

A terceira *live*, *O Lugar da Arte na Infância*<sup>55</sup>, contou com a participação da professora/orientadora do estágio Ana Del Tabor, cuja fala inicial partiu de suas vivências e experiências nos cursos de Licenciatura em Artes Visuais e em Pedagogia, ambas pela UFPA, enquanto docente das disciplinas do *Estágio Supervisionado na Licenciatura em Artes Visuais e Arte e Educação* no Curso de Pedagogia.

Essas *lives* contribuíram para a formação dos/as discentes/estagiários, uma vez que os desafios impostos pela pandemia só puderam ser atenuados por meio dos instrumentos tecnológicos disponíveis e que ajudaram, sobremaneira, e de forma objetiva, a transpor as barreiras do isolamento social impostas pela pandemia de Covid-19.

A disciplina de *Estágio* permitiu observar diferentes situações pedagógicas e estruturais, oferecendo uma visão mais ampla sobre o cenário atual das escolas. As limitações enfrentadas pelos(as) professores(as) e as barreiras que os(as) estudantes encontram para acessar as aulas e os materiais sensibilizaram-nos e provocaram reflexões sobre o direito à educação. Esse direito, garantido pelo Art. 206 da Constituição Federal, destaca que:

---

<sup>53</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jsw2ZsTKCSM>. Acesso em: 30 abr. 2021.

<sup>54</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3ub9lf4CD5Q>. Acesso em: 22 mai. 2021.

<sup>55</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CTsk9atqO14&t=859s>. Acesso em: 17 mai. 2021.

[...] o ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; [...]. (Brasil, 1988, p.109).

Entretanto, cabe perguntar: até que ponto há igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola? Em situações adversas, é possível garantir a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber? Essas são questões que surgem diante das grandes desigualdades evidenciadas pela pandemia e que os(as) estagiários(as) puderam observar e vivenciar.

A Escola Bosque, enquanto espaço de construção de conhecimentos, proporcionou o exercício da docência por meio do *Estágio Supervisionado*, contribuindo para uma formação docente singular e inovadora frente às diversas realidades impostas pela pandemia. Aprender a lidar com as dificuldades e superá-las foi o maior desafio enfrentado por estagiários(as) e professores(as) nesse contexto — uma experiência que jamais será esquecida!

No próximo subitem, descreveremos as experiências vivenciadas pelos estudantes da universidade e da EJAI durante a ação de coleta de resíduos sólidos na Praia Grande. Essa atividade foi proposta por uma estagiária do curso de Licenciatura em Artes Visuais, com base no plano de ensino do componente curricular Arte/Artes Visuais, como veremos a seguir.

### **3.3. Problematizar, refletir e agir**

Neste subitem, relataremos outra experiência desenvolvida com as turmas da 4ª Totalidade, a partir da proposta de uma das estagiárias que acompanhavam as aulas de Arte/Artes Visuais. O objetivo foi refletir, problematizar e agir sobre as artes visuais e a questão dos resíduos sólidos. Nesse contexto, iniciamos nossas reflexões sobre o ensino remoto, que, segundo jornais e sites de notícias, foi amplamente questionado e criticado pela sociedade durante a pandemia.

De acordo com um levantamento do Unicef, o Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância, em novembro de 2020, quase 1,5 milhão de crianças e adolescentes de 6 a 17 anos não frequentavam a escola (remota

ou presencialmente) no Brasil. Outros 3,7 milhões de estudantes matriculados não tiveram acesso a atividades escolares e não conseguiram estudar em casa (Sousa, 2021).

Diante desse cenário, muitos desafios foram enfrentados por professores(as) e estudantes, tanto na abordagem pedagógica quanto nos resultados obtidos, especialmente no ensino de Arte no contexto da escola pública. O fazer artístico, conforme proposto pela tríade da Abordagem Triangular — ler, fazer e contextualizar —, torna-se ainda mais complexo. Para os(as) estudantes, o “fazer artístico” frequentemente se mostra difícil de ser realizado, já que, na maioria das vezes, eles(as) não dispõem dos materiais necessários em casa.

Com isso, surgiu a necessidade de repensar as práticas docentes, tornando-as mais dialógicas, problematizadoras e reflexivas, conforme já destacado nas obras de Freire (2019). Concordamos com o pensamento freireano em relação à educação, posto que essas práticas promovem tanto o processo de formação do professor quanto do estudante, além de estabelecer uma convivência pedagógica que prioriza a relação horizontal de ensino-aprendizagem, em oposição à chamada educação bancária. Nessa perspectiva, de acordo com Freire (2019, p. 82), “[...] o educador é o que sabe e o educando o que não sabe”.

Freire (2019, p. 28) também ressalta que “[...] aprender criticamente é possível”, mas, para isso, “[...] exige a presença de educadores e educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes”. Assim, para superar o modelo de educação bancária, é necessário sermos persistentes, repensar constantemente nossa prática educativa, planejar nossas ações com cuidado e, sobretudo, dialogar com os estudantes, valorizando a escuta e o compartilhamento de experiências.

Freire (2019) afirma que construímos conhecimento e que devemos carregar conosco a intencionalidade de profissionais que buscam o saber e promovem a ciência por meio dos conhecimentos que construímos e ainda podemos construir ao longo de toda a nossa trajetória educacional.

Retomando o contexto, a EJAI da Funbosque, escola onde foi realizado o estágio em Arte/Artes Visuais, adotou o trabalho com temas geradores, resultado da reorientação curricular feita em 2019. Esse processo envolveu várias etapas, desde a formação semanal dos(as) professores(as) até a diagnose dos(as)



alunos(as). Nesse levantamento, a palavra “água” destacou-se como o tema mais citado entre os interesses dos estudantes.

Diante do exposto, surgiu, durante as primeiras semanas do estágio, a proposta de uma ação educativa integrada, aproximando as linhas de pesquisa e estudos de dois projetos de extensão da Universidade Federal do Pará: “Arte Pública em Ação”, vinculado ao Instituto de Ciências das Artes (ICA), sob a coordenação do Dr. Uiraécio da Silva Malheiros e o “Conecta Década<sup>56</sup>”, do Instituto de Geociências (IG), coordenado pelo professor Dr. Marcelo Rollnic.

Ambos os projetos, em parceria com a Funbosque, foram os responsáveis por promover a ação de coleta de resíduos sólidos na Praia Grande, localizada próxima à escola, estabelecendo uma interrelação com os conteúdos abordados nas aulas de Arte/Artes Visuais, conforme o plano de ensino da professora da turma da 4ª Totalidade.

As iniciativas buscaram estabelecer diálogos entre diferentes áreas do conhecimento, promovendo a transdisciplinaridade<sup>57</sup> no desenvolvimento da experiência dentro do estágio supervisionado. A proposta convergiu para o Tema Gerador<sup>58</sup> da EJA/Funbosque: “Escassez e qualidade da água em Caratateua: ameaça à cidadania e ao bom viver”.

O resultado foi uma escola que acolheu a ideia, integrando, por meio das práticas de trans e interdisciplinaridade, questões relacionadas ao contexto social e ambiental em que os(as) alunos(as) estão inseridos, conectando-se diretamente às suas vivências.

Nesse sentido, concordamos com Zitzke e Lemes:

A problematização do mundo através da metodologia do Tema Gerador visa a oportunizar, nesse sentido, a construção de um

---

<sup>56</sup> É um projeto de extensão da Faculdade de Oceanografia da Universidade Federal do Pará, criado especificamente para atuar durante a “Década do Oceano”. Visa mobilizar diversas áreas do conhecimento, promovendo uma atuação conjunta e efetiva ao longo dos próximos 10 anos, com o objetivo de informar e influenciar a sociedade sobre práticas de conservação dos oceanos. Disponível em: <https://ufpa.br/projeto-conecta-decada-promove-aco-es-de-conscientizacao-sobre-a-importancia-dos-oceanos/>. Acesso em: 10 out. 2021.

<sup>57</sup> De acordo com Isac Nikos Iribarry, “[...] A transdisciplinaridade visa promover um diálogo entre diferentes áreas do conhecimento e seus dispositivos. O diálogo serve como ensejo para uma situação de cooperação entre as diferentes áreas. Transdisciplinaridade é, portanto, diálogo e cooperação entre diferentes áreas do conhecimento[...].” Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/D4YgwJqvQh495Lgd6JGSHLz/?lang=pt#:~:text=A%20transdisciplinaridade%20visa%20promover%20um,entre%20diferentes%20%C3%A1reas%20do%20conhecimento>. Acesso em: 13 mar.2023.

<sup>58</sup> Sugerimos ver o terceiro capítulo da obra *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire (1987), que fala sobre Temas Geradores.

conhecimento inovador, capaz de captar o dinamismo da realidade e as transformações intrínsecas ao processo dialético da relação consciência-mundo. Nesse processo, o conhecimento se faz e refaz constantemente através da inserção crítica do ser humano no mundo. O desafio da efetiva práxis transformadora da realidade requer a coerência entre teoria e prática, reflexão e ação, desencadeada pelo processo dialógico e pelo debate problematizador do mundo intersubjetivamente construído (Zitkoski; Lemes, 2015, p. 8).

Com isso, a 4ª Totalidade da EJAI na Funbosque desenvolveu um processo de ensino/aprendizagem dialógico e com base na realidade vivenciada pelos(as) estudantes em suas comunidades. Tal fato não torna esse processo mais fácil, pelo contrário, há um constante avaliar e reavaliar para prosseguir com o andamento das experiências e ações propostas.

Desta feita, faremos a descrição/relato e análise da proposta da ação de intervenção artística com base no conteúdo ministrado sobre este assunto, realizado de maneira remota, nos grupos-salas de *WhatsApp*. Tal ação fazia parte da regência de estágio, que trouxesse para dentro do ensino da Arte/Artes Visuais uma reflexão sobre a problemática abordada no tema gerador da escola “Escassez e qualidade da água em Caratateua: ameaça à cidadania e ao bom viver”, que trabalha o contexto vivenciado pela comunidade local, refletindo na poluição ambiental principalmente dos rios e praias que são próximos da escola, onde apresenta uma ameaça à cidadania e ao bom viver.

O Projeto Conecta Década tem como objetivo criar uma rede multidisciplinar, reunindo diversos cursos e áreas de conhecimento para atuar conjuntamente durante a “Década do Oceano” (2021-2030). A proposta é promover ações de conscientização sobre a importância dos oceanos e mobilizar atores públicos, privados e da sociedade civil para ações que favoreçam a saúde e a sustentabilidade dos mares, com base nos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) estabelecidos pela Agenda 2030 das Nações Unidas (ONU).

O Projeto criou uma rede multidisciplinar na UFPA, aberta à participação e colaboração de representantes de diversos cursos e universidades de todo o Brasil. O foco é articular uma rede colaborativa e interdisciplinar na região amazônica, divulgando noções básicas sobre os oceanos e desenvolvendo produtos voltados aos resultados sociais desejados. Esses resultados estão

divididos em seis grupos de trabalho: um oceano limpo; saudável e resiliente; previsível; seguro; sustentável e produtivo; e transparente e acessível.

Durante a redação desta tese, o Conecta Década já estava atuando na divulgação de conteúdos informativos por meio de suas redes sociais<sup>59</sup>, com o intuito de estimular a reflexão sobre o pensamento colaborativo da sociedade em prol do desenvolvimento sustentável dos oceanos, tanto local quanto globalmente. Devido à sua abertura para conexões com diversas áreas de ensino, decidimos estreitar os laços e colaborar com o “Projeto Arte Pública em Ação”, que se dispôs a realizar uma ação na Funbosque durante o período de estágio.

Após reuniões com os respectivos projetos e a escola, apresentamos a proposta de ação colaborativa, e, a partir disso, elaborou-se um plano de aula cuidadosamente pensado para se entrelaçar com o tema gerador e o subtema da Funbosque.

O Projeto de Extensão “Arte Pública em Ação”, vinculado ao curso de Artes Visuais da UFPA e coordenado pelo Profº Drº Ubiraélcio Malheiros, tem como objetivo promover um diálogo entre a arte e os espaços públicos, entendendo a cidade como conteúdo. Neste contexto, a escola e a comunidade foram os nossos focos. Esse projeto se alinha com a missão da UFPA, que visa gerar, difundir e aplicar o conhecimento nas áreas de Artes e nas diversas formas de ensino e extensão.

Dessa forma, ficou evidente a pertinência de promover o diálogo entre as turmas da EJA I – IV Totalidade da Funbosque, o “Arte Pública em Ação” (UFPA/Artes Visuais) e os voluntários do “Conecta Década” (UFPA/Oceanografia), para dar continuidade à experiência de ensino-aprendizagem em Arte/Artes Visuais, com foco nas aulas *online* e na coleta de resíduos sólidos.

Sob o título “Arte Pública em Ação pelas Águas de Outeiro/PA”, decidimos ministrar as aulas de Artes Visuais com conteúdos relacionados a alguns conceitos básicos sobre arte pública, intervenção artística e urbana. Além disso, apresentamos artistas que abordavam questões ambientais em suas obras, adaptados ao ensino remoto, que estava em vigor até aquele momento. Essa preparação visava oferecer aos estudantes uma introdução à experiência

---

<sup>59</sup> No *Instagram* está disponível em: [https://www.instagram.com/conecta\\_decada/](https://www.instagram.com/conecta_decada/). Acesso em:

prática que seria desenvolvida, respeitando todos os protocolos de segurança sanitária.

Uma escola que se abre para novas possibilidades, ideias e propostas é uma escola com um perfil promissor, que motiva o trabalho docente, mesmo diante das dificuldades, oferecendo ferramentas e apoio total. Mesmo em um cenário pandêmico, essa escola se mostrou uma fonte de motivação para seguir em frente, sem desistir das práticas educativas.

No primeiro momento, apresentamos o material criado para leitura de apoio, intitulado “Mas... O que é Intervenção Artística?”, que define e exemplifica de forma clara e objetiva o conceito em questão, além de explorar outros relacionados, como arte pública e intervenção urbana. O material também traz exemplos de artistas e obras que exemplificam esse tipo de ação.

Visando colocar em prática os conhecimentos trabalhados nas aulas presenciais e virtuais, em parceria com os projetos mencionados, realizamos uma ação colaborativa com os(as) estudantes, que consistiu em uma intervenção de coleta de resíduos sólidos nas praias de Outeiro, abordando a questão da poluição ambiental e destacando como a arte pode ser uma ferramenta poderosa para combater esse problema.

A arte não se limita à reflexão por meio das representações visuais, mas também se configura como uma linguagem viva e ativa, projetando-se em uma intervenção artística. Essa abordagem conecta diversas percepções sobre uma questão que merece um olhar mais atento e cuidadoso. Segundo Margaret Imbroisi, as intervenções transmitem mensagens, sendo um tipo de arte questionadora.

A Intervenção lança no espaço público questões que provocam discussões em toda a população. De uma maneira ou de outra, ela faz com que as pessoas parem sua rotina por alguns minutos, seja para questionar, criticar ou simplesmente contemplar a arte. Sua finalidade é provocar o público para questões políticas, sociais, ideológicas e estéticas (Imbroisi, 2016).

Durante a aula sobre o tema, foi enviado aos estudantes um texto ilustrado, com diversas imagens, e pequenos textos explicativos, que contextualizavam e exemplificavam o conceito de intervenção artística. No entanto, foi necessário esclarecer como eles poderiam realizar as pinturas com colagem de resíduos sólidos. Esses trabalhos participaram de uma exposição

fora da escola, mas não geraram debates dentro da instituição, ou seja, não houve uma intervenção artística efetiva na escola, se considerarmos as ideias expostas por Imbroise (2016) sobre este conceito.

Apesar de não termos conseguido realizar a intervenção artística na escola, especialmente devido à situação pandêmica que enfrentávamos na época, acreditamos que houve uma boa repercussão dos trabalhos entre os próprios estudantes.

Retornando ao relato da nossa experiência de coleta de resíduos sólidos, a escola contou com a colaboração presencial de cinco voluntários do Projeto Conecta Década, três artistas/estudantes do curso de Artes Visuais da UFPA (um deles também voluntário do Projeto Arte Pública em Ação), além da presença do coordenador da Educação de Jovens, Adultos e Idosos e professor de Matemática da Escola Bosque, Professor Carlos Nobre.

Esta primeira ação enfrentou dificuldades em conseguir mais voluntários, bem como não poder articular tantas pessoas, por ainda estar em contexto de pandemia. Contudo, o comprometimento dos(as) estudantes universitários envolvidos, se mostrou potente para o prosseguimento com a ação. Além dos(as) supracitados(as) participantes, contamos com a presença de seis alunos(as) da EJAII, de seus(suas) professores de Arte e de Matemática.

A ação de coleta de resíduos se desdobrava em outra experiência que era a utilização dos resíduos coletados em uma intervenção artística, que seria posteriormente realizada com a retomada das aulas presenciais que já estavam previstas para acontecer no final de setembro.

Para a organização da ação de coleta de resíduos foi criado um *card* (Figura 20) para ser divulgado nos grupos-salas de *WhatsApp*, convidando os(as) estudantes para participar. A professora de Arte e a coordenação também enviaram o *card* de forma individual, tentando, dessa forma, atingir o maior número de estudantes possível.

**Figura 20** – Card criado para divulgação da ação da coleta de resíduos sólidos nas praias de Outeiro



Fonte: Andreza Santos (2021).

Mesmo estando ali para uma experiência focada na coleta de resíduos, foi possível aproveitar o ambiente, nos revigorando e nos tornando ainda mais ativos e envolvidos com a ação. Ao mesmo tempo, éramos provocados a refletir sobre a poluição, a arte e a natureza, evidenciando cada vez mais o contraste entre a beleza da natureza e o lixo, que pode contaminá-la de forma alarmante. Não demorou muito para encontrarmos os vestígios da poluição humana no ambiente, pois recolhemos vários sacos de lixo com resíduos descartados na praia.

As pessoas presentes na praia perceberam nossa ação. Algumas nos elogiaram pela atitude, enquanto outras perguntaram o que estávamos fazendo e retornaram com tampinhas e outros resíduos para ajudar na coleta. Mesmo sendo uma mobilização pequena, gerou muitos olhares reflexivos e inquietos, além de envolver a comunidade local.

Compreendemos que alcançamos um dos principais objetivos da ação, que é o ato de intervir, contribuir e provocar um estranhamento na rotina cotidiana, incentivando a reflexão sobre as ações. Isso nos coloca, conforme Fusari e Ferraz (1999), no processo de planejar e encaminhar o processo educativo, enfatizando:

[...] as opções e atos pelos quais são encaminhados o processo educativo escolar na área artística devem ser continuamente discutidos, propostos e avaliados pelos professores durante os planejamentos (processo de decisão) individuais e coletivos. Concomitantemente, precisam ser frequentemente registrados ou anotados em roteiros (planos, registros explicitando as decisões) que ajudem no desenvolvimento do curso e aulas de Arte (Fusari; Ferraz, 1999, p.101).

Todo o processo da ação foi cuidadosamente planejado e discutido com os atores envolvidos, criando um roteiro que abrangeu desde o planejamento das aulas até a realização de uma intervenção artística com os resíduos sólidos coletados na praia. Durante esse processo, foi possível observar uma avaliação positiva das ações por parte dos participantes. Com base nessa avaliação, propôs-se tornar a atividade de coleta de resíduos sólidos uma ação semestral ou anual, envolvendo os alunos da EJA1 e outros possíveis convidados.

#### **3.4. Experiência para além da sala de aula**

Como mencionado acima, foi marcado outro dia para a criação da intervenção artística<sup>60</sup> com a utilização dos resíduos coletados. Para isso, selecionamos as tampinhas de garrafas de cerveja e de refrigerante, tanto de plástico, como de metal, bem como garrafas *pet* e de vidro, sendo que houve uma coleta significativa desses resíduos, como pode ser observado na Figura 21, a seguir. Todo esse material selecionado foi higienizado pela escola.

---

<sup>60</sup> Apesar de inicialmente ter sido pensada como uma intervenção urbana, após a coleta, verificamos que não tínhamos um espaço urbano para criar tal intervenção, desta feita, passamos a considerar apenas a intervenção artística.

**Figura 21** – Registro fotográfico dos resíduos coletados na Praia Grande, em Outeiro



Fonte: Autora da pesquisa (2021).

No dia da aula de Artes Visuais, após o retorno das atividades presenciais da escola, apenas dois alunos compareceram, devido à chuva torrencial que caiu neste dia. Mesmo assim, realizamos a ação planejada, utilizando telas (novas e recicladas) e dando liberdade para que cada um dos presentes explorasse as possibilidades de expressão e comunicação através das cores, texturas, volumes e tudo o que fosse possível.

Apresentamos algumas técnicas, como o uso de espátulas, palitos de picolé e fundos de garrafas, como base para misturas com massa acrílica, tintas, entre outros materiais. O objetivo era permitir que os alunos se sentissem à vontade para criar, repensar o mundo das águas e reinventá-lo, como podemos observar na Figura 22.



**Figura 22** – Fotografia do(a) estudante realizando a experiência artística com uso de resíduos sólidos e outros materiais



Fonte: Autora da pesquisa (2021).

As experiências vividas pelos(as) estudantes produzem subjetividade. Nesse sentido, concordamos com o que assinalam Guattari e Rolnik (2011), visto que:

A subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares. O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização (Guattari; Rolnik, 2011, p. 42).

A ação do fazer artístico mobilizou a expressão e a criação dos(as) estudantes, produzindo um processo de singularização, como expõem Guattari e Rolnik (2011), no qual cada um pensa e se expressa à sua maneira. O tema escolhido foi a água, mas, a partir dele, surgiram imagens variadas, desde personagens mitológicos como a lara até estrelas do mar, tartarugas, peixes, sol, barcos, mar, entre outros.

As experiências geradas são rizomáticas, pois criam conexões e seguem continuamente pelo processo criativo, expondo uma multiplicidade de ideias,

formas e possibilidades. Elas estabelecem ritornos, por serem movimentos de territorialização. Existe a necessidade de expressar seu território existencial, a ilha, suas formas de deslocamento, e a ditadura das águas que se impõem aos moradores, como quando a ponte quebra, por exemplo. Mostrar esse mundo é expor as singularidades, o modo de vida, a relação com a escola e o quanto, por mais disciplinar e tradicional que ela seja, ela continua a ser importante para a aquisição de arte e cultura.

É uma linha de fuga, pois a experiência com o fazer artístico nas Artes Visuais não é comum em suas vidas. Através da frequência à escola e da participação nas nossas ações e experiências, eles passam a fazer, ler e contextualizar. Ou seja, torna-se um movimento de desestratificação e desterritorialização, já que começam a fazer algo que nunca tinham feito antes, e a pesquisadora também se coloca como participante dessa ação, experimentando o fazer artístico junto com os estudantes.

Após o primeiro dia da ação, em que apenas dois estudantes compareceram, a atividade foi continuada para que mais alunos pudessem participar. Assim, conseguimos alcançar um total de vinte e dois estudantes das três turmas de IV Totalidade, o que consideramos significativo e instigante, considerando o contexto vivido.

Para enriquecer essa experiência artística, trazemos a contribuição de Fayga Ostrower (1987), que nos expõe o seguinte:

Toda atividade humana está inserida numa realidade social, cujas carências e cujos recursos materiais e espirituais constituem o contexto de vida para o indivíduo. São esses aspectos transformadores em valores culturais, que solicitam o indivíduo e o motivam para agir. Sua ação se circunscreve dentro dos possíveis objetivos de sua época. Assim, o conceito de materialidade não indica apenas um determinado campo de ação humana. Indica também certas possibilidades do contexto cultural, a partir de normas e meios disponíveis. Com efeito, para o indivíduo que vai lidar com uma matéria, ela já surge em algum nível de informação e já de certo modo configurada – isso, em todas as culturas; já vem impregnada de valores culturais (Ostrower, 1987, p.43).

Nesse sentido, concordamos com a autora, pois os diálogos que tivemos com os(as) estudantes mediaram o processo de criação do trabalho artístico, uma vez que tudo está inserido dentro de um contexto cultural vivido pelos estudantes da EJAI, ao mesmo tempo que está relacionado com os objetivos de

nossa época, sendo um deles o cuidado com as questões ambientais. O fazer artístico mediado por essas questões ambientais aponta para as possibilidades a partir das normas e meios disponíveis.

Neste percurso, percebemos a urgência do tema abordado, pois não se trata apenas de lixo nas ruas, mas de uma quantidade gigantesca, especialmente se considerarmos o aumento demográfico da população mundial e da comunidade de Outeiro. Imaginemos quanto de lixo vai parar nos rios, praias e mares quando não há coleta seletiva e as pessoas descartam resíduos em qualquer lugar. Quantos resíduos vão parar nos bueiros e esgotos, entupindo-os e gerando alagamentos, prejudicando a qualidade de vida na sociedade.

São essas reflexões e conscientizações que tentamos gerar, buscando germinar a conscientização ambiental na vida dos estudantes, por meio da leitura e contextualização das obras artísticas e do próprio fazer artístico dos alunos da EJA nas aulas de Arte/Artes Visuais. Garcia, Miranda e Costa (2022) também corroboram com nossas reflexões, ao abordarem a sustentabilidade e o uso de materiais em sala de aula, bem como a reutilização desses materiais:

É importante, ao abordar a temática sustentabilidade em sala de aula, questionar a própria ideia de consumo humano e os materiais utilizados nas aulas. Desse modo, refletir com os(as) estudantes se é realmente necessário consumir todos os objetos propostos pela sociedade como bens indispensáveis. Questionar se é possível substituir os materiais sintéticos por materiais biológicos ou biodegradáveis e pensar em como reutilizá-los (Garcia; Miranda; Costa, 2022, p. 30).

As questões ambientais apresentadas pelos autores ressaltam a necessidade de refletir, junto aos estudantes, sobre vários aspectos, como o consumo, os materiais sintéticos e biodegradáveis, além da possibilidade de sua reutilização. Nesse sentido, encaminhamos diversas pautas ambientais para a reflexão e o debate nas aulas de Artes Visuais.

Apesar do pouco tempo para realizar a prática artística, foi possível alcançar bons resultados em uma experiência singular, culminando em outras experiências significativas que expressaram a reflexão sobre a poluição ambiental que enfrentamos.

A ação demonstrou o impacto positivo dessa abordagem e, apesar das dificuldades, foi vista como essencial, envolvendo a comunidade escolar da

Funbosque em colaboração com projetos de extensão da UFPA, em uma ação participativa e colaborativa (Figura 23), com outros estudantes vivenciando o processo artístico por meio do uso dos resíduos sólidos coletados.

**Figura 23** – Registro fotográfico dos estudantes realizando suas produções artística com a utilização de resíduos sólidos



Fonte: Autora da pesquisa (2021).

A vivência da produção artística teve como base os fundamentos teórico-metodológicos da Abordagem Triangular, o estudo da intervenção artística e a leitura/contextualização de obras de intervenções artísticas urbanas. Durante a leitura do texto, foram apresentadas as obras de Eduardo Srur<sup>61</sup> (Figura 24) e de Florentijn Hofman<sup>62</sup> (Figura 25) como exemplos, para, então, dar sequência à ação de coleta de resíduos na praia e à produção artística.

No entanto, é importante ressaltar que poderíamos ter seguido outra ordem de ações, pois não há uma disposição hierárquica fixa na referida abordagem. Dessa forma, poderíamos ter iniciado pela coleta de resíduos sólidos e, em seguida, feito a leitura das obras, entre outras possibilidades.

<sup>61</sup> A obra intitulada *Pintado*, trata-se de um objeto com forma de peixe, em grandes proporções, que intervém em rios contaminados e cheio de resíduos sólidos.

<sup>62</sup> A obra de Hofman, *Fat Monkey*, é um objeto, também em grandes proporções, com forma humana, criada com sandálias de borracha. O objeto intervém em uma praça pública.

**Figura 24** – Escultura inflável *Pintado*, de Eduardo Srur (2017)



**Fonte:** Eduardo Srur (2017). Disponível em: <https://www.attack.art.br/cases/pintado>. Acesso em: 2 out.. 2024.

**Figura 25** – *Fat Monkey*, estrutura inflável coberta com chinelo de borracha, de Florentijn Hofmam (2010)



**Fonte:** Florentijn Hofmam (2010). Disponível em: <https://itsartscoop.wordpress.com/tag/florentijn-hoffman/>. Acesso em: 10 ago. 2024.

As Figuras 24 e 25 foram apresentadas durante a aula sobre Intervenção Artística, ministrada pelas estagiárias no dia 9 de setembro de 2021, de forma remota. Essas imagens, por sua vez, representaram diferentes ações

encaminhadas a partir dessa aula, que se tornaram experiências que ultrapassam os limites da sala de aula.

Nessa perspectiva, a experiência educativa no estágio supervisionado não ensina ninguém a ser professor(a), mas apresenta elementos discursivos, dinâmicas com outros saberes e a inquietação diante das problemáticas enfrentadas diariamente, que podem ser propulsoras na construção de uma identidade profissional, com um possível perfil diferencial de se tornar um(a) professor(a) pesquisador(a) reflexivo(a).

Os estudos desenvolvidos, a dedicação e o esforço dentro de um contexto atípico nos moldam como profissionais competentes, como almejamos ser. Afinal, a ciência não diz respeito apenas a cálculos e estudos físicos ou químicos; não é um campo restrito, mas uma ação e construção constantes em qualquer campo de conhecimento, inclusive no ensino/aprendizagem da área de Artes. Sendo todo um sistema de estudos, pesquisa, experimentação, que nos demanda tempo, esforço mental, psicológico e até físico, a fim de produzirmos resultados para a sociedade.

Contribuir com o conhecimento, compreendê-lo ou até levantar novas questões sobre o universo que nos cerca são formas de buscar soluções, seja para a nossa vida cotidiana, seja para pensar o futuro do planeta. Nesse sentido, o estágio supervisionado no Ensino Fundamental, integrando as pesquisas e extensão da UFPA no campo das Artes Visuais, proporcionou experiências de ensino/aprendizagem únicas e significativas para todos os envolvidos nesse processo. Como diria Guattari (2011), essa é a revolução molecular das micropolíticas sociais.

No próximo capítulo, traçaremos o perfil socioescolar dos estudantes da EJAI, além de descrever e analisar as experiências artísticas, estéticas e culturais, com base na interlocução entre o ensino/aprendizagem das Artes Visuais e as questões ambientais, para responder à questão central ou aos objetivos desta tese.

#### 4 AS EXPERIÊNCIAS NO ENSINO/APRENDIZAGEM DE ARTES VISUAIS

No primeiro encontro presencial, seguimos todas as regras de segurança, como o uso de máscara, distanciamento social e o uso de álcool 70%. Além disso, solicitamos autorização para a participação na pesquisa por meio de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e autorização para o uso de imagens nas respostas do questionário. Essas medidas permitiram seguir os critérios de análise estabelecidos anteriormente e responder à questão central desta pesquisa.

Na primeira atividade, conseguimos reunir seis estudantes/participantes da pesquisa. O refeitório<sup>63</sup> foi escolhido como o local mais apropriado para realizar a experiência de pintura em tecido, devido as novas regras de convivência impostas pela pandemia de Covid-19. Este espaço possibilitou a expressão e a comunicação dos estudantes, alcançando os objetivos propostos.

Este capítulo tem como objetivo descrever e analisar como os estudantes da EJAI se apropriam dos dispositivos técnicos para produzir imagens e expressar as marcas territoriais do meio ambiente em que vivem. Também busca identificar e refletir sobre as modalidades de ações políticas envolvidas no papel de ser professora de Arte/Artes Visuais. Com base nos achados da pesquisa que fundamenta esta tese, apresentamos ações e reflexões que podem/puderam contribuir com o ensino/aprendizagem de Artes Visuais alinhadas com a temática das questões ambientais.

Para o desenvolvimento do plano de experiências, traçamos o perfil socioescolar dos estudantes, fornecendo dados sobre a realidade de cada um, baseados em um questionário disponibilizado pelo *Google Forms*. Posteriormente, criamos o plano de ensino para a disciplina de Arte/Artes Visuais, ajustando e modificando conforme o decorrer das ações e práticas educativas que interrelacionaram o ensino/aprendizagem com as questões ambientais na Escola Bosque.

---

<sup>63</sup> A escola não possui sala de Arte e sempre usamos o refeitório para realizar atividades artísticas de pintura, pois é um local amplo e possui pia para lavar os pinceis, mesas grandes e compridas e bancos de madeira.

#### 4.1 Seguindo as pistas, mas saindo da trilha

Para traçar o perfil socioescolar dos participantes, obtivemos as respostas do questionário aplicado a doze estudantes da IV Totalidade, último ano do Ensino Fundamental da EJA. A aplicação foi viabilizada mediante uma solicitação à coordenação pedagógica da escola, que nos permitiu localizar os discentes presencialmente. Esse procedimento foi necessário, pois a realização *online* não seria adequada devido à necessidade de esclarecimentos sobre o TCLE e a autorização para uso de imagem. Além disso, a aplicação virtual geraria custos aos estudantes, considerando o uso de seus pacotes de dados para responder ao questionário.

Dessa forma, tornou-se imprescindível agendar ações educativas presenciais para explicar o objetivo da pesquisa e identificar quem tinha interesse em participar. Com isso, conseguimos coletar 12 respostas. A estratégia para promover os encontros presenciais consistiu na convocação dos participantes para integrarem experiências artísticas, estéticas e culturais, planejadas no contexto da disciplina de Arte/Artes Visuais. A referência inicial dessas atividades foi a pintura em tecido<sup>64</sup>. Outras ações, como o desenho em papel e a coleta de resíduos sólidos na Praia Grande (conforme exposto no capítulo 3), foram fundamentais para a continuidade das análises apresentadas nesta seção.

Para a seleção das produções artísticas, foram estabelecidos critérios de análise previamente definidos, focados em questões ambientais e nos elementos visuais compositivos predominantes nos desenhos, pinturas e fotografias. A primeira ação realizada foi a pintura em tecido (Figura 26), uma experiência que contou com a participação de seis estudantes da EJA.

---

<sup>64</sup> A pintura em tecido foi proposta em função dos participantes desenvolverem experiências que se aproximavam com os interesses da faixa etária e favorecesse processos de criação artísticas a partir do uso de técnicas de desenho e pintura como estratégias viáveis no período da pandemia.



**Figura 26** – Registro fotográfico de pintura em tecido (ação presencial)



**Fonte:** Acervo da autora (2021).

Na imagem, observamos os estudantes concentrados na realização da pintura, demonstrando cuidado em não ultrapassar os limites das formas desenhadas. A escolha das cores é bastante convencional, com folhas verdes e flores vermelhas, o que reflete expectativas comuns. Contudo, é importante destacar aos estudantes que a arte permite o uso de cores além do clichê, já que a diversidade da natureza é ampla, e, na criação artística, é possível explorar combinações inusitadas e criativas.

A escolha dessa prática artística foi motivada pelo interesse demonstrado pelos discentes em atividades similares realizadas em anos anteriores. Nessas experiências de ensino/aprendizagem de Arte/Artes Visuais, os participantes mostraram paciência, envolvimento e pouca dificuldade na execução das pinturas. No entanto, observei ao longo do tempo, enquanto docente da EJAI, alguns desafios recorrentes, como o tempo limitado para a realização das atividades, dificuldades na escolha de um tema ou forma a ser retratada e, em alguns casos, na execução de determinados traços.

Diante dessas situações, optei por sugerir imagens previamente desenhadas no papel, que os estudantes poderiam reproduzir. Também introduzi a técnica de transferência de imagem utilizando papel carbono,

aplicada ao tecido, o que facilita a criação e auxilia na superação de dificuldades técnicas, permitindo que os participantes desenvolvam suas próprias formas com mais confiança.

A questão do tempo foi um ponto particularmente relevante nessa prática. Era necessário que o trabalho artístico fosse iniciado e concluído no mesmo dia, pois, em experiências anteriores, a ausência de alguns estudantes e a falta de estrutura da escola dificultavam a continuidade e a finalização das atividades. Por não haver uma sala específica para a produção e armazenamento dos materiais e trabalhos artísticos, era preciso criar ocasiões propícias para concluir os projetos iniciados. Essa limitação reforça a importância de planejar ações que considerem o tempo e as condições disponíveis para garantir o envolvimento e o sucesso das atividades propostas.

Outro aspecto importante, observado refere-se à autoestima dos(as) estudantes da EJAI, que, em algumas situações, não se sentiram capazes de realizar uma pintura. Esse sentimento é percebido em diálogos durante as aulas, nos quais relatam: “Professora, eu nunca pintei, acho que não vou conseguir fazer”. No entanto, ao vivenciarem a pintura em tecido por meio de uma técnica facilitadora, conseguiram se enxergar como pessoas capazes de realizar experiências artísticas, sentindo orgulho de suas produções.

No caso aqui descrito, todos(as) os(as) que realizaram as pinturas e participaram do questionário da pesquisa voltaram à escola em outro dia para buscar suas obras em tecido e levá-las para casa. Esse gesto demonstra o impacto positivo da atividade não apenas na autoestima, mas também na valorização do trabalho artístico que criaram.

Diante dessa experiência, tornou-se mais produtivo permitir que os(as) estudantes se concentrassem em pintar, escolhendo as cores de sua preferência. Durante o processo, também foram introduzidas técnicas simples, como a variação entre claro e escuro, para criar efeitos de tridimensionalidade nas formas retratadas (Figura 27). Essas estratégias ajudaram a enriquecer a experiência artística, ampliando a percepção dos(as) estudantes sobre suas próprias capacidades criativas e técnicas.

**Figura 27** – Registro fotográfico da pintura em tecido realizada por um(a) dos(as) estudantes



**Fonte:** Acervo da autora (2021).

Enquanto os(as) estudantes trabalhavam nas pinturas, realizamos o questionário no *Google Forms*, contando com o apoio de duas professoras que disponibilizaram seus celulares e dados móveis para registrar as respostas dos(as) participantes. Dessa forma, durante essa primeira experiência presencial de pintura em tecido, obtivemos seis respostas ao questionário.

Antes de iniciar, acessamos o *link*<sup>65</sup> do formulário, que continha o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Explicamos detalhadamente aos(às) estudantes os pormenores da pesquisa e, após a concordância em participar, demos início às perguntas.

É importante ressaltar que, para alcançar o total de 12 estudantes durante o período da pandemia, realizamos mais duas experiências presenciais, totalizando, ao todo, três encontros. Nos dois primeiros encontros, desenvolvemos duas atividades artísticas: a pintura em tecido, já mencionada, e o desenho em papel, que reuniu mais cinco estudantes. A terceira experiência foi a coleta de resíduos sólidos, durante a qual conseguimos registrar a resposta de mais um estudante, uma vez que os demais já haviam respondido ao questionário em ocasiões anteriores.

Podemos afirmar que esse grupo de estudantes demonstrava uma participação recorrente tanto nas atividades presenciais quanto nas remotas, o

---

<sup>65</sup> Disponível em: <https://forms.gle/7TWmsKHqv2Pp2PWi7>. Acesso em: 02 ago. 2021.

que reforça o engajamento e o interesse no desenvolvimento das experiências propostas.

#### 4.1.1 O perfil socioescolar e cultural

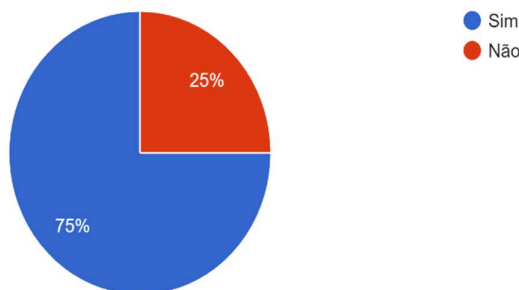
No subitem desta seção, apresento os dados coletados por meio do questionário pré-estruturado, cujo objetivo foi traçar o perfil socioescolar dos(as) estudantes. Ao longo da exposição dos gráficos, serão feitos comentários explicativos, e, ao final, será realizada a análise dos dados coletados. É importante esclarecer que nem todas as perguntas e respostas do questionário foram utilizadas; selecionamos apenas aquelas que consideramos relevantes para os objetivos da pesquisa.

Na parte relacionada ao saneamento básico, incluímos algumas perguntas que julgamos fundamentais sobre a questão da água. Isso se deve ao fato de, na diagnose realizada na sala de informática, a palavra mais citada pelos(as) estudantes ter sido “água”.

Abaixo, apresento algumas das respostas relacionadas ao saneamento básico nos locais de residência dos(as) estudantes:

**Gráfico 1:** Saneamento básico

6- Sua casa possui esgoto e fossa?  
12 respostas



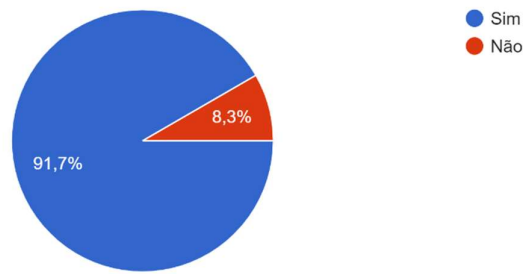
**Fonte:** Questionário do *Google Forms* respondido pelos estudantes (2021).

Como podemos constatar, neste grupo de estudantes, cerca de 25% ainda não possuem esgoto ou fossa em suas residências.

Em relação à água encanada, a maioria afirmou que possui acesso em casa. No entanto, ainda existe uma pequena parcela que não dispõe desse serviço em suas moradias.

**Gráfico 2:** Água encanada

7- Sua casa tem água encanada?  
12 respostas

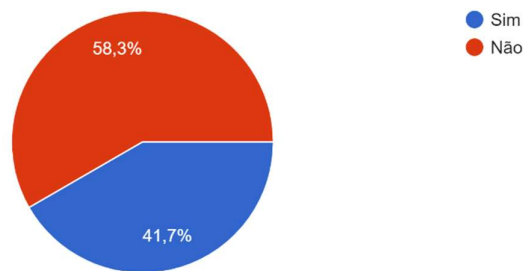


**Fonte:** Questionário do *Google Forms* respondido pelos estudantes (2021)

Ainda sobre a água, na próxima pergunta, constatamos que a maioria não paga serviços de água, mas há uma parte significativa que paga.

**Gráfico 3:** Serviços de água

Você paga serviço de água?  
12 respostas



**Fonte:** Questionário do *Google Forms* respondido pelos estudantes (2021).

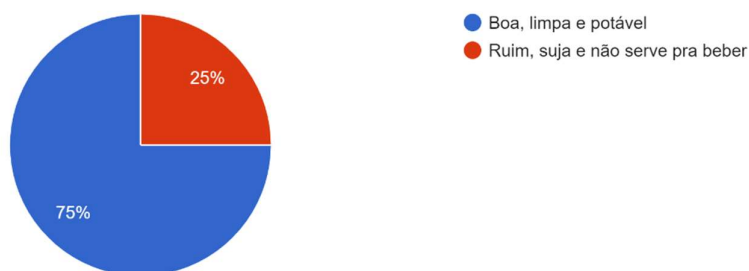
A próxima pergunta foi: “Como é a qualidade da água de sua casa?” Neste grupo, observamos que a maioria dos(as) estudantes considera a água como boa, limpa e potável. No entanto, é interessante destacar que, na diagnose realizada na sala de leitura em 2019, a percepção predominante era de que a água representava um problema a ser solucionado pelo poder público.

Ainda assim, dentro do grupo atual, há um número significativo de estudantes que avaliam a água de suas casas como ruim e suja, evidenciando que a questão da qualidade ainda é uma preocupação relevante para parte dos participantes.

**Gráfico 4:** Qualidade da água

Como é a qualidade da água de sua casa?

12 respostas



**Fonte:** Questionário do *Google Forms* respondido pelos estudantes (2021).

Os dados coletados sobre água e esgoto nos levam a refletir e analisar a realidade social e ambiental vivenciada pelos(as) estudantes da EJAI. Como constatado, apesar de estarmos no século XXI, ainda persistem muitas fragilidades sociais relacionadas ao saneamento básico, incluindo o acesso à água e ao esgoto. Esses dados corroboram com as informações já divulgadas pelo IBGE sobre a situação em todo o país.

A proporção de domicílios com acesso à rede de coleta de esgoto no Brasil chegou a 62,5% em 2022, registrando aumento em relação a 2000 (44,4%) e 2010 (52,8%). Dados do Censo Demográfico 2022 revelam que as duas soluções de esgotamento sanitário mais comuns no Brasil eram por "Rede geral ou pluvial" (58,3%) e "Fossa séptica ou fossa filtro não ligada à rede" (13,2%), solução individual não ligada à rede, mas considerada adequada pelo Plano Nacional de Saneamento Básico (PLANSAB). "Fossa séptica ou fossa filtro ligada à rede" representou 4,2%. Por outro lado, 49,0 milhões de pessoas (24,3%) ainda usavam recursos precários de esgotamento sanitário (IBGE, 2024)<sup>66</sup>.

<sup>66</sup> Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39237-censo-2022-rede-de-esgoto-alcanca-62-5-da-populacao-mas-desigualdades-regionais-e-por-cor-e-raca-persistem>. Acesso: 04 jun. 2024.

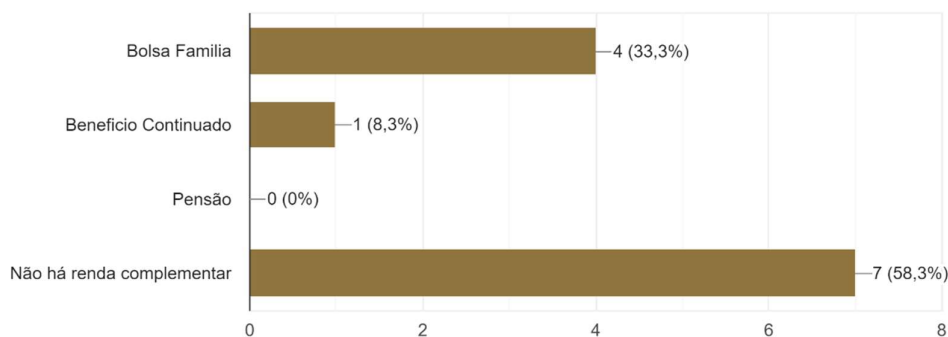
Nesse sentido, podemos afirmar que nossos estudantes integram o grupo das 49 milhões de pessoas que ainda dependem de recursos precários de esgotamento sanitário. Esse dado reflete a necessidade de maior atenção às questões sociais e ambientais por parte do poder público, para que, de fato, os problemas relacionados à água e ao esgoto sejam solucionados de forma eficaz para toda a população da ilha.

Outro ponto que merece destaque é o recebimento de auxílio governamental. Cabe ressaltar que, durante o período em que a pesquisa foi realizada, estávamos em plena pandemia e sob o governo de extrema direita de Jair Bolsonaro. Os resultados obtidos estão apresentados no Gráfico 5, abaixo.

**Gráfico 5:** Renda governamental

10 - Você recebe alguma renda do governo?

12 respostas



**Fonte:** Questionário *do Google Forms* respondido pelos estudantes (2021)

Nas próximas questões, apresentaremos apenas as perguntas e os resultados das respostas, sem os gráficos, com foco nos principais achados da pesquisa. Perguntamos sobre as opções de lazer na Ilha e 100% dos entrevistados indicaram a praia como a principal forma de lazer. As festas de aparelhagem e as festas juninas foram mencionadas por 16,7%, enquanto o carnaval ficou em último lugar, com 8,3%. Nenhum estudante mencionou praças ou parques.

Na pergunta seguinte, sobre os utensílios domésticos, 100% dos estudantes afirmaram possuir fogão e geladeira. 41,7% indicaram possuir liquidificador e micro-ondas, 75% possuíam liquidificador e 8,3% tinham panela

elétrica. O ventilador foi mencionado nas respostas, mas não foi incluído na lista de utensílios analisados.

Em relação aos aparelhos eletrônicos, 100% afirmaram ter televisão e telefone celular; 16,7% tinham tablet; 8,3% possuíam um console de Xbox e 58,3% tinham caixa de som. Nenhum estudante afirmou ter computador.

Um dado importante diz respeito ao acesso à internet. Constatamos que 58,3% dos estudantes acessavam a internet exclusivamente por pacotes de dados móveis, enquanto 41,7% possuíam Wi-Fi. Embora todos tivessem acesso à internet de alguma forma, durante a aplicação do questionário, foi relatado que, quando os dados móveis se esgotavam, não conseguiam acompanhar as aulas *online*.

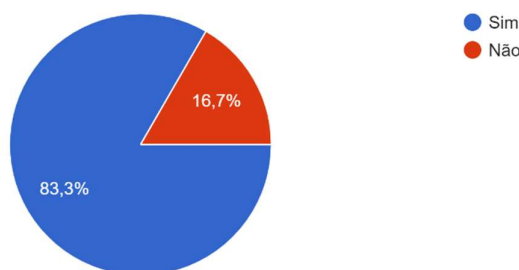
Nas duas questões seguintes, indagamos sobre o uso de redes sociais. 91,7% dos estudantes disseram ter redes sociais, enquanto 8,3% afirmaram não ter. Ao questioná-los sobre quais redes sociais utilizavam, responderam o seguinte: oito indicaram possuir o *WhatsApp* e outras redes sociais, um estudante não soube responder e dois mencionaram redes sociais como *Instagram* e *Facebook*, mas não o *WhatsApp*.

Para finalizar esta primeira parte do questionário, perguntamos se os estudantes usavam transporte público para ir à escola.

#### Gráfico 6: Transporte público

17 - Você usa transporte público para ir à escola?

12 respostas



**Fonte:** Questionário do *Google Forms* respondido pelos estudantes (2021).

Observamos que a maioria dos estudantes utiliza o transporte público para ir à escola. No entanto, é importante destacar que, nos anos anteriores à



pandemia de Covid-19, a escola oferecia transporte escolar, e um número significativo de estudantes utilizava o ônibus escolar para retornar às suas casas. Já em relação à questão do transporte público na ilha, a maioria dos entrevistados o descreveu como “precário, ruim, péssimo, não atende à população e vive quebrando”. Esses relatos evidenciam que o serviço de ainda é extremamente insatisfatório para os moradores da ilha de Caratateua.

Com base nos dados coletados sobre a situação social e ambiental dos nossos estudantes, compreendemos que há muito a ser melhorado em áreas como serviços de transporte, acesso à internet e moradia digna. Essas são questões que demandam investimentos públicos. Nesse contexto, trazemos uma reflexão de Paulo Freire (2019), que nos convida a pensar sobre a transformação da realidade. Não podemos naturalizar situações ruins, precárias ou de insegurança social, pois estas não devem ser vistas como algo determinado ou imutável.

[...] É possível que a notícia tenha provocado em pragmáticos neoliberais sua reação habitual e fatalista sempre em favor dos poderosos. “É triste, mas o que fazer? A realidade é mesmo esta”. A realidade, porém, não é inexoravelmente. Está sendo está como poderia ser outra, e é para que seja outra que precisamos, os progressistas, lutar. Eu me sentiria mais do que triste, desolado e sem achar sentido para minha presença no mundo, se fortes e indestrutíveis razões me convencessem de que a existência humana se dá no domínio da determinação. Domínio em que dificilmente se poderia falar de opções, de decisão, de liberdade, de ética (Freire, 2019, p. 73).

Sendo assim, compreendemos, com as palavras de Freire (2019), que as fragilidades sociais podem e precisam ser superadas, visando a melhoria da vida das pessoas e o seu desenvolvimento para o bem-estar social. Nesse sentido, nós, enquanto professores, precisamos estar atentos para compreender o mundo e questionar as injustiças sociais que se impõem nas mais diversas situações. Freire ainda corrobora com nossas reflexões ao afirmar:

[...] A mudança no mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho. É a partir desse saber fundamental – mudar é difícil, mas é possível – que vamos programar nossa ação político-pedagógica, não importa se o projeto com o qual nos comprometemos é de alfabetização de adultos ou de crianças, se de ação sanitária, se de evangelização, se formação de mão de obra técnica (Freire, 2019, p. 77).

Desta feita, concordamos com Freire, pois é “[...] difícil mudar, mas é possível”, portanto, nos cabe pensar criticamente em diálogo com os estudantes sobre as diferentes questões socioambientais que nos assolam e pensar sua superação.

Dando prosseguimento ao perfil sócio escolar, no próximo subitem, traçaremos como os estudantes perceberam as experiências escolares cotidianas em Arte.

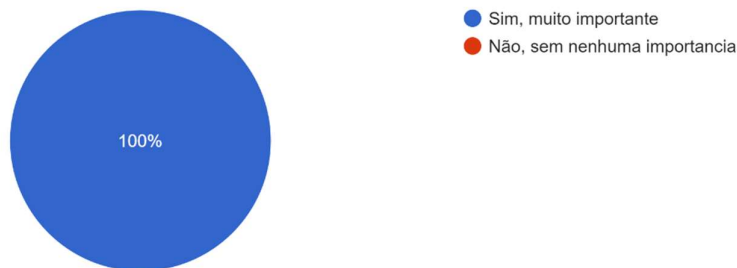
#### 4.1.2 As experiências escolares cotidianas em Arte

Nesta segunda do perfil sócio escolar, observamos como os estudantes perceberam as experiências escolares cotidianas em Arte.

#### Gráfico 7: Arte como conhecimento

1 - Você considera a arte um conhecimento importante?

12 respostas



**Fonte:** Questionário do *Google Forms* respondido pelos estudantes (2021).

Como pode-se observar, 100% consideram arte um conhecimento importante. Ao perguntarmos o porquê, obtivemos diferentes tipos de respostas, inclusive dois estudantes que não souberam responder. Seguem as respostas<sup>67</sup> dadas.

“Não sei o porquê” (A4<sup>a</sup>TEJAI2021).

“Sim, muito importante pra mim (B4<sup>a</sup>EJAI2021).

“Porque está relacionado com ver direito, conhecer” (C4<sup>a</sup>EJAI2021).

“Ativa uma terapia. Além de aprender é bom para o estresse” (D4<sup>a</sup>EJAI2021).

<sup>67</sup> Para manter o anonimato dos participantes desta pesquisa, usamos uma letra do alfabeto e a identificação de 4<sup>a</sup>EJAI2021.

“Ela chama a atenção. Faz a gente se expressar” (E4ªEJAI2021).  
 “Aprende a cultivar arte e conhecer mais” (F4ªEJAI2021).  
 “Porque inspira as pessoas (G4ªEJAI2021).  
 “Tô sem resposta” (H4ªEJAI2021).  
 “Porque achei bonito” (I4ªEJAI2021).

Podemos identificar cinco respostas que interligam a arte ao conhecimento, como, por exemplo, a resposta do(a) entrevistado C4ªEJAI2021. Observamos que ao utilizar suas próprias palavras, o estudante respondeu de forma coerente, articulando o conhecimento artístico com o ato de “aprender a ver”. Nesse contexto, Ana Mae Barbosa reforça a importância da construção do conhecimento artístico ao destacar mudanças no ensino da arte, mencionando questões levantadas por professores(as) e declarando:

Ênfase na inter-relação entre o fazer, a leitura da obra de Arte (apreciação interpretativa) e a contextualização histórica, social, antropológica e/ou estética da obra. Para isso, os arte-educadores baseiam-se na construção do conhecimento em Arte, que se dá, segundo pesquisadores (Eliot Eisner,99 e Brent Wilson,99) na interseção da experimentação, decodificação e informação (Barbosa, 2012, p. 18).

Os(as) estudantes, ao considerarem a arte uma forma de conhecimento, reconhecem sua importância para aprender a ler, expressar-se e contextualizar obras artísticas. Assim, ao observarem uma obra visual, seja por meio de projeções, livros didáticos ou visitas a museus de arte, realizam a leitura e a contextualização da obra por meio de diálogos. Contudo, percebemos, a partir das respostas dos(as) estudantes, que a carga horária destinada às aulas de Arte ainda é insuficiente para permitir um exercício mais frequente dessas práticas, como ler, contextualizar e criar.

Na questão 3, que abordou as experiências escolares, perguntamos aos(às) estudantes se já haviam tido contato com temas ambientais. Os dados obtidos mostraram que 58,3% responderam “sim” e 41,7% responderam “não”. Na questão seguinte, caso a resposta fosse afirmativa, solicitamos que descrevessem como se deu esse contato com os temas ambientais. Obtivemos sete respostas.

“Em aulas e no museu” (A4ªEJAI2021).  
 “Na escola” (B4ªEJAI2021).  
 “Na escola, na vizinhança, na cidade, tv” (C4ªEJAI2021).  
 “Não lembro” (D4ªEJAI2021).

“Nas aulas de Arte, em que a professora solicitou a fotografia de um local sujo e um local limpo próximo da minha casa” (E4ªEJAI2021).  
“Sem resposta” (F4ªEJAI2021).  
“Sim, um dos nossos bem maior é o meio ambiente” (G4ªEJAI2021).

Conforme podemos verificar, a estudante E4ªEJAI2021 menciona as aulas de Arte como uma forma de contato com temas ambientais. Dessa maneira, constatamos que as aulas possibilitaram a relação com o tema ambiental. Observamos que as respostas indicam uma “consciência do mundo”, conforme destacado por Paulo Freire:

A consciência do mundo que implica a consciência de mim no mundo, com ele e com os outros, que implica também a nossa capacidade de perceber o mundo, de compreendê-lo, não se reduz a uma experiência racionalista. É como uma totalidade — razão, sentimentos, emoções, desejos — que meu corpo consciente do mundo e de mim capta o mundo a que se intenciona (Freire, 2015, p.145).

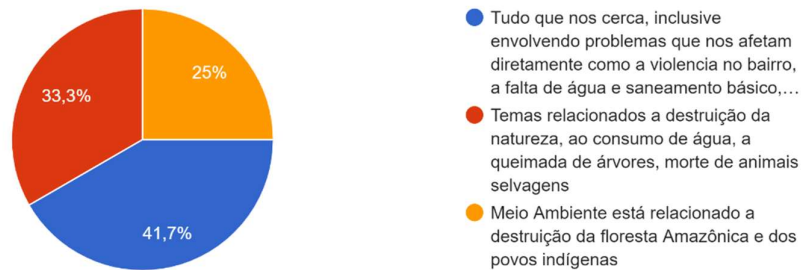
Quando os(as) estudantes mencionam ter tido contato com temas ambientais na “escola, na vizinhança, na cidade, na TV” e recordam as aulas de Arte, referindo-se ao trabalho fotográfico sobre locais limpos e sujos, demonstram sua capacidade de perceber e compreender o mundo. Como afirma Freire (2015), essa compreensão não se limita a uma experiência racionalista, mas envolve a razão, a emoção e o desejo.

Na pergunta seguinte, que abordava o entendimento sobre o meio ambiente, 41,7% afirmaram compreendê-lo como “[...] tudo que está em volta e que os afeta diretamente”. Essa percepção está alinhada ao pensamento de autores como Marcos Reigota (2016), que destaca o seguinte: “[...] a educação ambiental como educação política enfatiza a necessidade de dialogar sobre e com as mais diversas definições” de meio ambiente.

**Gráfico 8:** Entendimento sobre Meio Ambiente

5 – O que você entende por meio ambiente?

12 respostas



**Fonte:** Questionário do Google Forms respondido pelos estudantes (2021).

Outro ponto relevante a se refletir é sobre o “novo contexto planetário”, pois, como assevera Reigota, é nele que

[...]a ecologia passa a ter *status* de prioridade política, “múltiplas vozes” querem se fazer ouvir e reivindicar espaços para apresentar suas opções e alternativas, na busca de soluções aos problemas locais e globais (Reigota, 2011, p. 60, grifo do autor).

Nesse sentido, os estudantes da EJAI também querem ser ouvidos sobre os problemas do meio ambiente em que vivem, como a falta de água potável e encanada, por exemplo, bem como buscar soluções para o que os afeta e deteriora sua qualidade de vida.

A próxima pergunta indagou se os(as) estudantes conheciam algum artista que abordasse o tema meio ambiente em sua produção artística. Todos(as) responderam que não conheciam, totalizando 100% dos entrevistados. Logo, a pergunta seguinte, que solicitava o registro do nome do artista caso a resposta fosse afirmativa, permaneceu sem respostas.

É importante destacar que a escola não promove um planejamento coletivo para o componente curricular Arte/Artes Visuais, o que resulta na ausência de uma seleção sistemática de artistas a serem abordados. Nesse sentido, torna-se fundamental a elaboração de um planejamento coletivo que inclua a escolha de temas e artistas a serem trabalhados ao longo dos ciclos e anos escolares, abrangendo desde o ensino fundamental (anos iniciais e finais)

até o ensino médio. Apenas a educação infantil ficaria fora desse planejamento, uma vez que não há professores especialistas em Artes atuando nesse nível de ensino.

Foram feitas duas perguntas sobre o uso do celular: 1) se ele era capaz de filmar; 2) se tinha câmera fotográfica. Novamente, 100% dos(as) estudantes responderam afirmativamente.

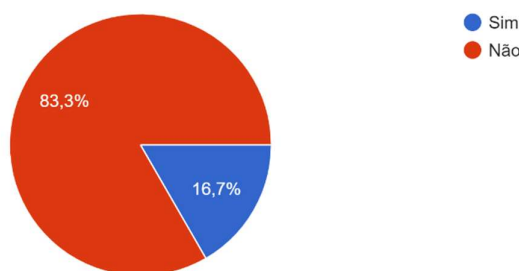
Algumas perguntas, originalmente formuladas, estavam relacionadas ao tema inicial da pesquisa, que abordava filmes e produção de vídeos. No entanto, devido à pandemia, foi preciso adaptá-las, usando uma nova abordagem, o que fez com que essas perguntas perdessem o sentido em relação aos dados revelados.

Por esse motivo, não iremos analisá-las nesta etapa e passaremos diretamente à questão 15, que está vinculada ao nosso plano de experiência. A seguir, apresentamos a pergunta e o respectivo gráfico:

**Gráfico 9:** Enquadramento de imagem

15 - você sabe o que é enquadramento de imagem ?

12 respostas



**Fonte:** Questionário do Google Forms respondido pelos estudantes (2021).

A pergunta seguinte solicitava que, caso soubessem, explicassem o que é o enquadramento de imagem. Das duas respostas obtidas, apenas uma indicou que se tratava de “pegar toda a imagem”, demonstrando uma certa noção de enquadramento.

Na questão 16, perguntamos: “Você conhece o que é primeiro plano, segundo plano, *close*?”. A maioria, 83,3%, respondeu que não sabia o que significava, enquanto 16,7% afirmaram saber. No entanto, ao pedirmos explicações na pergunta seguinte, ambas as respostas indicaram que o

conhecimento vinha da “*internet*” ou que se tratava de “termos usados na internet”.

A última pergunta do questionário foi: “Como está sendo, para você, acompanhar as aulas remotas devido à pandemia de Covid-19?” Obtivemos 12 respostas:

“Não tá bom, não consigo acompanhar. Difícil!” (A4ªEJAI2021).

“Difícil. Muito rápido para acompanhar. No material as letras são pequenas” (B4ªEJAI2021).

“Ruim dificultoso. Por causa do bebê é bem difícil acompanhar” (C4ªEJAI2021).

“Muito ruim. Horário de aula é pouco. Não consigo acompanhar porque nem sempre eu tenho créditos” (D4ªEJAI2021).

“Tá indo bem tranquilo” (E4ªEJAI2021).

“Até que tá sendo legal” (F4ªEJAI2021).

“Normal, acompanhando pelo caderno impresso. Mas prefiro aula presencial” (G4ªEJAI2021).

“Complicado, difícil acompanhar” (H4ªEJAI2021).

“Tem lado bom e ruim, pois não preciso me deslocar até a escola o que acho bom, mas é mais complicado de aprender” (I4ªEJAI2021)

“Não tá sendo legal” (J4ªEJAI2021).

“Não está sendo bom, porque a pandemia atrapalha, mas eu venho pegar os trabalhos impressos” (K4ªEJAI2021).

“Não muito boa por causa do ensinamento direito que não estamos tendo” (L4ªEJAI2021).

Como podemos constatar, a maioria dos estudantes sente dificuldade em acompanhar as aulas remotas. No entanto, há dois que consideraram essa modalidade “tranquila” e “legal”, enquanto um considerou “normal”, mas prefere as aulas presenciais.

Seguindo com a análise, ao interpretarmos os dados, verificamos, na primeira parte do questionário, que a maioria dos estudantes que integram nosso grupo tem entre 15 e 20 anos. De acordo com o perfil socioeconômico, podemos afirmar que pertencem a famílias da classe E, com renda domiciliar de até R\$ 2,9 mil, representando 50,7% da população, conforme dados do IBGE (2020/2022).

Observamos também que os dados indicam que os discentes ainda enfrentam dificuldades para se conectar facilmente ao mundo digital. Isso porque, até mesmo o acesso ao computador, ocorre predominantemente na escola ou por meio do celular, utilizando pacotes de dados limitados, como evidenciado durante a aplicação do questionário.

O acesso a mais oportunidades de lazer e de estudo é fundamental para jovens, adultos e idosos. Os dados revelam a necessidade de avanço significativo em termos de qualidade de vida na ilha, que carece de serviços de saneamento básico adequados e enfrenta problemas no sistema de abastecimento de água. Além disso, o município não oferece políticas eficazes de emprego e renda para os jovens da região. É urgente que se criem alternativas de lazer além das tradicionais — praia, festas de aparelhagem e festas juninas — que são as opções mais frequentes para os moradores.

Nas perguntas sobre meio ambiente, a maioria dos estudantes demonstrou conhecimento sobre o tema. Um deles, inclusive, relacionou o conteúdo às aulas de Arte. No entanto, ao questionarmos sobre artistas que abordam temas ambientais, ficou claro que, apesar de o conteúdo ser discutido nas aulas de Arte/Artes Visuais, com exemplos de obras e artistas, não houve aprendizagem efetiva sobre esse assunto.

É importante salientar que o planejamento das aulas foi realizado de forma individual, embora a escola conte com sete professores de Arte/Artes Visuais<sup>68</sup>. Desses, um é da Ilha de Cotijuba e outro da Casa Escola da Pesca. Apesar de existir esse grupo, os planejamentos são elaborados de maneira individualizada.

O material fornecido pela escola apresenta limitações em termos de qualidade artística. Geralmente, os lápis de cor são duros, as tintas são guache escolar e os papéis têm gramatura baixa. Em diversas ocasiões, os professores acabam adquirindo, com seus próprios salários, materiais de melhor qualidade para utilizar com os estudantes.

Desde 2014, a escola tem recebido livros didáticos do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), porém, que não abrangem o conteúdo de todas as modalidades artísticas, ou seja, são bem gerais. Nos últimos anos, a EJAI não recebeu esses livros, o que aconteceu desde antes da pandemia de Covid-19. Consideramos isso uma grande perda para os estudantes, uma vez que a maioria não possui acesso a livros em casa para consulta ou estudo.

O uso do livro didático é de grande importância para os estudantes, mas isso não significa que esses materiais sejam isentos de falhas. É necessário um constante aprimoramento, tanto na produção — visando a criação de livros

---

<sup>68</sup> Não há professores de Teatro, Dança e Música na escola, caso a escola veja necessidade desses profissionais para trabalhar com projetos, há realização de processos seletivos para contratação desses profissionais.



específicos para cada linguagem — quanto na escolha e distribuição, para garantir que todos os discentes da EJAI tenham acesso a exemplares suficientes.

Contudo, desde 2018, os estudantes das terceiras e quartas totalidades não recebem mais livros didáticos e, quando disponíveis, nunca atenderam à totalidade das turmas. A ausência de uma seleção adequada de materiais, aliada à falta de livros de uso pessoal, evidencia a inexistência de um trabalho coletivo para mudar essa realidade.

Uma questão relevante ainda neste contexto dos livros didáticos é o uso de imagens, tanto da cultura popular quanto de obras artísticas canonizadas. Essas imagens podem ser uma poderosa ferramenta para promover discussões sobre temas como o meio ambiente.

Diante desse problema, uma solução adotada foi a curadoria realizada pela professora, que selecionava textos considerados relevantes que eram reproduzidos como material complementar e enriquecidos com informações adicionais obtidas na internet ou em livros de arte e história da arte.

Segundo Loyola (2016), é essencial que o docente desenvolva seu próprio material didático, pois ele desempenha um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem em Arte.

O material didático para o ensino-aprendizagem em Arte é um componente indispensável. Considerando que o ensino-aprendizagem não acontece de forma linear e os recursos didático-pedagógicos não funcionam como numa receita pronta, passo a passo, em Arte é fundamental o respeito às subjetividades dos alunos, o jeito próprio de cada um perceber o mundo e de se expressar no mundo e com o mundo (Loyola, 2016, p.13)

Na realidade do cotidiano escolar, a aprendizagem não ocorre de forma linear. Cada estudante tem seu próprio jeito e ritmo de aprender: enquanto alguns assimilam rapidamente, outros precisam de mais tempo. No entanto, cada um expressa sua maneira única de interpretar o mundo, como pode ser observado em um trabalho artístico, por exemplo.

Nesse contexto, o planejamento das aulas é essencial, pois permite antecipar, por exemplo, a organização dos materiais necessários para uma atividade de produção, como pintura em tecido ou em tela. Essa preparação pode ocorrer com o fornecimento da escola ou, em sua ausência, por meio de recursos próprios da professora.

Mais uma vez, remetemo-nos a Marques e Brasil (2014), que destacam a importância do planejamento no ensino de Arte:

É preciso planejar, planejar para que professores de Arte não se tornem meros bonecos à mercê de outros interesses e outras áreas de conhecimento – fazer as bandeirinhas da festa junina, o boneco articulado de Ciências, o mapa com relevo de Geografia, a maquete do Inglês e assim por diante. É preciso planejar para que os professores de Arte não sejam meros títeres sem meta, sem objetivo, sem confiança, sem autoestima, sem função profissional definida, no universo da educação sociopolítico-cultural dos cidadãos na escola (Marques; Brasil, 2014, p. 105-106).

Os autores nos convidam a refletir sobre duas questões fundamentais: a consciência política do professor de Arte e a valorização do componente curricular de Arte. Isso se manifesta, por exemplo, quando o professor, ao realizar seu planejamento, evita que a Arte seja reduzida a um papel secundário, como mero suporte para atender aos interesses pedagógicos de outros componentes curriculares.

Essas reflexões me remetem ao início de minha carreira docente. Lembro-me de uma situação em que a diretora de uma das escolas em que trabalhava solicitou que eu decorasse o espaço para a festa junina, juntamente com os estudantes. Respondi prontamente que essa não era minha função. No entanto, ressaltai que não me recusaria a participar, desde que todos os professores e a própria diretora também se engajassem no processo de produção decorativa. Quando nos organizamos, planejamos e temos clareza de nossas atribuições profissionais, evitamos nos sujeitar a atividades que não fazem parte das funções do professor de Arte.

Durante o acompanhamento do processo de encontros presenciais na Escola Bosque, ao realizarmos atividades planejadas com fotografia, constatamos algumas dificuldades relacionadas ao acesso aos materiais. Observamos que alguns estudantes possuíam celulares com baixa resolução de imagem. Além disso, em conversas com os discentes, identificamos que muitos não tinham celular próprio e precisavam usar o aparelho do pai, da mãe, da tia ou da avó.

Contudo, esses celulares emprestados eram utilizados apenas para verificar a disponibilidade de materiais impressos e não permitiam que os estudantes acompanhassem as aulas adequadamente, tampouco participassem

das experiências fotográficas. Nessas ocasiões, a única alternativa era utilizar o celular da professora durante os encontros presenciais para viabilizar a participação nas atividades práticas.

É importante destacar que, em algumas situações, os(as) estudantes ou seus responsáveis — no caso de menores de idade — entravam em contato com a professora de forma privada. Geralmente, isso ocorria para tirar dúvidas sobre a aula ou informar que o(a) discente estava doente e, por isso, não poderia participar das atividades. Em outros casos, avisavam que o estudante não poderia acompanhar as aulas porque não possuía um celular próprio e o responsável pelo aparelho — como a mãe, o pai, o tio ou a avó — precisava levá-lo consigo ao sair para trabalhar.

No próximo subitem, abordaremos a democratização do acesso às artes e à cultura, bem como a descolonização do ensino e aprendizagem da arte no ambiente escolar.

#### **4.2 Democratizando o acesso aos bens culturais**

Neste Item abordamos a democratização e acesso ao ensino da Arte para os estudantes da EJAII da Funbosque. Faço uma descrição/relato das minhas vivências enquanto professora de Arte, contextualizando este trabalho antes da pandemia de Covid-19.

Há algum tempo, em minha experiência como professora de Arte/Artes Visuais, percebi a necessidade de abordar a temática do meio ambiente, propondo ações educativas em espaços culturais, como museus, galerias, teatros e outros, durante o horário das aulas, no turno da noite. Contudo, um desafio evidente era o fato de que esses espaços culturais geralmente não funcionam nesse horário e no período vespertino, uma boa parte dos(as) estudantes está trabalhando. Ainda assim, considerou-se possível realizar tais ações e o primeiro passo foi identificar quem poderia participar no horário proposto. Em seguida, foi necessário organizar o agendamento, definindo o dia e a hora<sup>69</sup> da atividade.

Embora fosse esperado que, por se tratar de uma atividade no contraturno, poucos(as) discentes comparecessem, o interesse foi

---

<sup>69</sup> A escola possui ônibus próprio que pode ser disponibilizado para levar e trazer os(as) alunos(as), bem como lanche e água para ser consumido durante a visita.

surpreendentemente elevado. Conseguimos levar cerca de 25 alunos aos espaços culturais do Sistema Integrado de Museus e Memoriais (SIM)<sup>70</sup>, quase uma turma completa, considerando que estas geralmente são compostas por 30 a 35 alunos.

É importante destacar que o convite foi estendido a pelo menos duas turmas e entre 10 e 15 estudantes de cada uma se inscreviam para participar. Além disso, alguns demonstraram ainda mais compromisso, saindo diretamente do trabalho para encontrar o grupo nos espaços culturais.

A Escola Bosque oferece um privilégio aos(às) estudantes que residem nas periferias, proporcionando-lhes o mínimo de acesso à produção cultural local, nacional e internacional. No entanto, vai além disso a necessidade de assegurar que os(as) estudantes da EJAI contem com uma escola bem estruturada, que já dispõe de biblioteca, auditório e outros espaços. Ainda assim, faz falta um espaço específico para as artes, como um ateliê, uma sala de espelho para dança e teatro, uma sala de música equipada com instrumentos musicais e professores(as) especializados em cada modalidade artística.

Nos encontros de formação de professores(as) de Arte, os diálogos entre colegas frequentemente traziam à tona a visão de que uma escola com toda essa estrutura parecia um sonho distante. Para alcançá-la, é imprescindível que haja investimentos significativos na educação pública.

Paulo Freire (1982) oferece uma reflexão pertinente para compreendermos o sonho dos(as) professores(as) de Arte: o de imaginar e concretizar uma prática educativa em uma escola bem estruturada.

Uma outra pergunta que eu me venho fazendo de alguns anos para cá, se faz em torno do que eu chamo um lugar na educação ou na política educativa para os sonhos possíveis. Corro o risco de parecer ingênuo, mas na verdade nada aí é ingênuo, eu diria a vocês. Ai de nós educadores se deixarmos de sonhar sonhos possíveis. E o que eu quero dizer com sonhar o sonho possível? Em primeiro lugar, quando eu digo sonho possível, é porque há na verdade sonhos impossíveis, e o critério da possibilidade dos sonhos é um critério histórico-social e não individual (Freire, 1982, p 99).

---

<sup>70</sup> O Sistema Integrado de Museus e Memoriais reúne vários museus do Estado do Pará, sendo a maioria deles localizado na cidade de Belém. Três desses museus ficam bem próximos, como o Forte do Presépio, A Casa das Onze Janelas e o Museu de Arte do Pará (MEP).

A Escola Bosque possui uma estrutura satisfatória quando comparada a outras da rede municipal de Belém. Nesse contexto, encontramos escolas bem equipadas e com o corpo docente completo, mas também sabemos que há as com recursos limitados, falta de materiais e carência de professores(as). No entanto, destacar essas diferenças não implica afirmar que a qualidade da educação seja determinada apenas pela estrutura física. Uma educação pública de qualidade depende de múltiplos fatores, como aponta Freire (1982), incluindo a avaliação do trabalho docente — seja pelo supervisor, pelo educando ou pelo próprio professor(a) —, a formação com qualidade, além da estrutura pedagógica e administrativa, entre outros aspectos.

Freire (2019, p. 24), ao refletir sobre a relação entre teoria e prática na atuação docente, adverte que “[...] a teoria pode ir virando mero blá-blá-blá e a prática ativismo. [...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar a possibilidade para a sua produção ou a sua construção”. Assim, a construção de conhecimentos pedagógicos, artísticos, estéticos e culturais passa pela leitura e contextualização de obras artísticas. Isso não deve se limitar à projeção de imagens em sala de aula, mas incluir visitas a espaços expositivos, como discutido em alguns exemplos do capítulo 2 desta tese.

Essas ações educativas ampliam o acesso ao acervo de imagens e obras artísticas, promovendo não apenas o aprendizado, mas também o sentimento de pertencimento e apropriação da cultura local, nacional e internacional.

Nos cabe destacar algumas situações próprias da EJAI, como, por exemplo, se adequar às necessidades da comunidade a qual atende para a permanência e continuidade dos estudos, pois se trata de uma determinação da LDBN nº. 9394/96:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si (BRASIL, 1996, p.13).

Nesse sentido, é importante destacar que, na realidade da EJAI, o poder público tem encerrado diversas turmas em vários municípios, incluindo Belém do Pará. Essa prática contraria as premissas LDBN anteriormente mencionada.

#### 4.2.1 A descolonização do Ensino da Arte na Escola Bosque

Na sociedade capitalista, a produção de Arte e Cultura é estratificada, como aponta Marilena Chauí (2012). Esses estratos — configurados em cultura erudita, cultura de massa, cultura popular, cultura científica e artística — geram estranhamentos que, conseqüentemente, dificultam o acesso e a democratização dos bens culturais.

Dessa forma, percebemos a complexidade de aproximar as camadas sociais economicamente desfavorecidas do patrimônio artístico e cultural. Nesse contexto, a escola se torna um espaço fundamental para promover a democratização dos saberes culturais e de sua diversidade, como destacado por Barbosa (1998).

Hoje a necessidade de uma educação democrática está sendo reivindicada internacionalmente. Contudo, somente uma educação que fortalece a diversidade cultural pode ser entendida como democrática (Barbosa, 1998, p.80).

Nesse contexto, é relevante destacar situações apresentadas na 34ª Bienal de Arte de São Paulo, realizada em 2021, que provocaram reflexões sobre a produção de artistas historicamente excluídos desses espaços institucionalizados da arte, como museus, galerias e salões. Um exemplo significativo é a Arte Indígena, que tem impulsionado debates sobre a descolonização da arte, buscando visibilizar e valorizar as culturas indígenas e africanas.

Trouxemos para a sala de aula obras de artistas indígenas expostas na 34ª Bienal, como forma de aprofundar essas discussões. Entre os artistas abordados estavam Don Abel, Jaider Esbel e Daiara Tukano, todos participantes dessa edição da Bienal (Figuras 28 e 29). Essas obras serviram como ponto de partida para explorar temas relacionados à valorização das culturas tradicionalmente marginalizadas e à importância de reconhecer sua contribuição no cenário artístico contemporâneo.

**Figura 28** – *Print* da aula sobre Arte Indígena Contemporânea



Fonte: Acervo da autora (2021).

**Figura 29** – *Print* da aula sobre Arte Indígena Contemporânea



Fonte: Acervo da autora (2021).

Essas imagens, especialmente as de Don Abel, despertaram grande atenção durante o desenvolvimento das aulas. Os(as) estudantes expressaram suas impressões com comentários como “achei essa linda” e “gostei mais dessa”. De maneira geral, foi possível perceber que alguns deles ficaram admirados com as pinturas indígenas contemporâneas.

Vale destacar que, ao utilizarmos essas imagens, seguimos os princípios da Abordagem Triangular, realizando a leitura e a contextualização das obras criadas por Don Abel, dialogando com os(as) estudantes. Dessa forma, buscamos ressignificar o ensino da arte a partir de uma perspectiva descolonizadora, considerando a riqueza da diversidade cultural brasileira e mundial.

O ensino das artes, de modo geral, e o componente curricular Arte, em particular, proporcionam uma oportunidade singular de trazer para o debate em sala de aula temas contemporâneos amplamente discutidos nos noticiários. Entre esses temas, destacam-se: diversidade cultural, interculturalidade, racismo, antirracismo, colonialismo, decolonialismo, desmatamento, reflorestamento, ecossistema, capitalismo, comunismo, justiça, questões étnico-raciais, desigualdade social, igualdade, água potável, poluição, sustentabilidade, aumento demográfico, entre outros. Todos esses temas convergem para um eixo central: o meio ambiente, que, conforme Marcos Reigota (2016), é:

[...] um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relação dinâmica e constante interação os aspectos naturais e sociais. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade (Reigota, 2016, p.36).

Ao abordar a ampla definição de meio ambiente proposta por Reigota (2016) – que compreende um processo sociocultural e histórico dinâmico, em constante interação com os aspectos naturais e sociais –, somos convidados(as) a refletir sobre o futuro do planeta e de nós mesmos. Essa relação depende exclusivamente da forma como o ser humano interage com o meio ambiente. O nosso *habitat* pode ser preservado ou destruído, mas, ao aniquilarmos o meio ambiente, não extinguímos o planeta, mas sim a nós mesmos. A Terra encontrará maneiras de seguir sem nós, como bem afirmou Stephen Jay Gould



(1993). Ao afirmar que “[...] se quisermos preservar o planeta, temos que tratá-lo com decência; se não, ele se livra de nós e segue sua vida<sup>71</sup>”.

No que se refere às questões étnico-raciais e seu debate nas escolas, iniciado no final da década de 1990 e início dos anos 2000, destaca-se a homologação da Lei nº. 10.639, de 2003, que tornou obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira. Posteriormente, em 2008, a Lei nº 11.645 ampliou essa obrigatoriedade, incluindo também a história e a cultura indígena. Esses avanços legislativos vêm sendo discutidos no ensino superior, como evidenciado nos apontamentos de Marisa Mokarzel (2021):

As primeiras inquietações apareceram no final dos anos 1990 e início de 2000, quando ainda ensinava a disciplina História da Arte, na Universidade da Amazônia, em Belém do Pará. O conteúdo ainda trazia a estrutura ocidental, europeia, de um modelo colonizador de ensino. Assim aprendi, assim seguia ensinando. Algumas vezes entrecruzando outros dados, de outra ordem que poderiam suscitar algum pensamento crítico. Mas não era suficiente, pois as regras e os hábitos seculares se impunham, trazendo o apagamento de uma rede importante de conhecimentos e relações. Distante ficávamos de nós mesmos, de nossas histórias, das dos povos originários, das histórias de outras procedências que também constituíam as nossas narrativas, como as vindas da África ou as da própria América Latina tão próxima geograficamente, tão distante culturalmente (Mokarzel, 2021, p.175).

As reflexões da autora destacam como as mudanças em nosso comportamento, enquanto professores(as), não ocorrem de forma imediata, visto que estamos lidando com hábitos seculares de uma tradição cultural que, por muito tempo, deu visibilidade quase exclusiva à cultura europeia ocidental. Contudo, ao introduzir ideias e pensamentos sobre as relações étnico-raciais e a necessidade desse debate, tanto nas escolas de educação básica quanto nas universidades, passamos a construir um novo olhar sobre a diversidade cultural do Brasil. Além disso, esse debate reforça sua relevância enquanto questão social e ambiental.

Compartilhamos a definição de meio ambiente proposta por Reigota (2016), quando afirma que o meio ambiente é

---

<sup>71</sup> Esta frase foi retirada de um artigo publicado no jornal O Estado de São Paulo, em 6 de junho de 1993.

[...] um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relação dinâmica e em constante interação os aspectos naturais e sociais. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformações da natureza e da sociedade (Reigota, 2016, p.36).

A sociedade, em seu diálogo com a arte e a cultura, desenvolve, por meio de uma educação emancipadora, uma consciência crítica e política diretamente relacionada a diversas questões ambientais, pois essas também são questões sociais. Tudo o que afeta o meio ambiente afeta a sociedade como um todo.

Concordamos com o presidente Lula, quando diz que “[...] arte e cultura estão entrelaçadas com a política e com nossos ideais de liberdade e democracia”<sup>72</sup>. Nesse sentido, entendemos que é democrático e libertador conhecer e visibilizar de forma igualitária as diferentes culturas e seus respectivos amálgamas, que formam o Brasil em sua diversidade e constituem o currículo do ensino/aprendizagem de Arte na Educação Básica.

Realizemos uma leitura atenta da competência um descrita na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o componente curricular Arte, conforme segue:

Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades (Brasil, 2017, p. 200).

Feita esta leitura, compreendemos que as matrizes culturais de nosso país precisam estar inseridas em nosso currículo para todas as modalidades artísticas, pois dessa forma iremos garantir o direito do(a) estudante de conhecer as matrizes culturais do legado artístico e cultural local, nacional e internacional.

Ao longo dos anos, as escolas e as políticas educacionais que regem a educação escolar têm sofrido inúmeras mudanças curriculares. Algumas dessas se dá por meio das leis, como por exemplo: a Lei 13.278/2016 que modifica a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN nº 9394/96 e inclui as

---

<sup>72</sup> SILVA, Luís Inácio Lula da. **A vasta contribuição** [...]. 24 abr. 2023. Twitter: @LulaOficial. Disponível em: <https://twitter.com/LulaOficial/status/1650537405672218626>. Acesso em: 24 abril 2023.

artes visuais, a dança, a música e o teatro nos currículos das diversas etapas da educação básica.

Assim, é preciso garantir políticas educacionais específicas para o ensino/aprendizagem da Arte nas escolas, pois, de acordo com Magalhães (2021),

[...] há muitas dificuldades em seguir as orientações dos documentos oficiais para o componente curricular Arte em função de não existir, na maioria das escolas, todas as modalidades artísticas e professores com a formação específica para as Artes Visuais, a Dança, a Música e o Teatro, dentre tantas outras situações apresentadas (Magalhães, 2021, p.195).

Esse fato demonstra que ainda precisamos problematizar essa situação, tanto no que diz respeito à falta de professores especializados em cada modalidade artística, quanto à necessidade de repensar a infraestrutura para as aulas de Arte, pois isso se trata de um “sonho possível”. Em uma escola bem estruturada, como a Escola Bosque, que conta com biblioteca, quadra poliesportiva, laboratório de informática e auditório, também seria essencial a criação de um “espaço das artes”, com salas específicas para música, teatro, dança e artes visuais.

É importante ressaltar que a quadra poliesportiva da escola só foi construída no ano de 2020, sendo uma reivindicação antiga dos professores de Educação Física. Como Belém é uma cidade com grande índice de chuvas, as aulas ao ar livre se tornavam inviáveis, obrigando professores e estudantes a permanecerem na sala de aula. No que tange ao ensino de Arte, seus professores e professoras, assim como os de Educação Física, precisam se unir e lutar por um “espaço das artes”, deixando de utilizar o refeitório para a realização de atividades artísticas.

No entanto, mesmo considerando a importância de uma boa estrutura escolar, não impede o professor de ministrar suas aulas de Arte de forma competente, construindo de maneira auspiciosa o conhecimento artístico com seus alunos e alunas. Posso falar com conhecimento de causa, pois já ministrei aulas de Arte/Artes Visuais em escolas com pouca ou quase nenhuma estrutura, no interior do Pará, durante o período em que trabalhei no Sistema Modular de Ensino, de 1994 a 2000.

Em muitos desses locais, não havia material artístico para utilizar com as turmas, exceto o básico. Mesmo assim, as aulas foram bastante criativas. Por exemplo, criamos tintas a partir de pigmentos naturais e colagens com materiais provenientes de resíduos sólidos, como tampas de garrafa, garrafas PET, embalagens Tetra Pak, entre outros. Também foram produzidos trabalhos artísticos usando resíduos sólidos para tratar o tema da água, em telas realizadas pelos estudantes da EJAI.

Em uma delas, foram utilizadas tampas de refrigerante e/ou cerveja para definir a forma de um peixe. A estudante pintou o fundo de azul para remeter à água, e a figura do peixe foi pintada em amarelo, criando um contraste e, ao mesmo tempo, surgindo nuances de verde na forma do peixe (Figura 30).

**Figura 30** – Registro fotográfico da experiência com pintura e colagem de resíduos sólidos



**Fonte:** Acervo da autora (2021).

**Figura 31** – Registro fotográfico da experiência com pintura e colagem de resíduos sólidos



Fonte: Acervo da autora (2021).

Já na imagem acima, observamos que o estudante produziu a forma de uma tartaruga, colou as fichas sobre a forma do casco e pintou o fundo de azul, criando nuances de claro e escuro, como se quisesse sugerir a ideia do animal nadando no oceano, carregando todos aqueles resíduos em seu casco. Ambas as imagens contribuem para a construção do conhecimento dos estudantes, seja no que diz respeito à arte — no uso das cores, das formas, e das técnicas de produção — seja nas questões ambientais, que provocam reflexão sobre os resíduos sólidos e seu descarte.

Compreendemos a escola democrática como aquela em que professores e estudantes têm voz e vez, garantindo, dessa forma, o direito a um ensino/aprendizagem de arte com compromisso e qualidade na construção do conhecimento. A experiência descrita acima evidencia isso, pois, ao criar sua composição artística, o estudante está construindo conhecimento, como expõe Magalhães (2021), ao se referir à atuação dos professores de Arte. O autor destaca que essa atuação pode provocar as mudanças necessárias para garantir às crianças, jovens e adultos o direito ao acesso aos conhecimentos artísticos, estéticos e culturais na escola. Acrescenta ainda que:

[...] a atuação crítica/reflexiva/política é importante para fortalecer o poder dos docentes, discentes e demais envolvidos com ensino/aprendizagem de Arte nos espaços educativos, objetivando garantir a presença do componente curricular Arte

na educação básica conforme determina a LDBEN nº 9.394/96 (Magalhães, 2021, p.197).

Estamos de acordo com a autora em sua afirmação, pois é por meio de uma atuação crítica, reflexiva e política que problematizamos as situações e cobramos mudanças para garantir maior qualidade no ensino-aprendizagem do componente Arte dentro do contexto escolar. Na Escola Bosque Sede, os(as) professores(as) de Arte são apenas cinco, todos(as) especializados(as) em Artes Visuais. Sendo assim, a escola precisa avançar e contar em seu quadro docente com licenciados em Dança, Música e Teatro, para que os estudantes tenham um acesso mais democrático a esses conhecimentos.

Dessa forma, para descolonizar o ensino da Arte na instituição, construímos propostas que se alinham a uma atuação crítica, reflexiva e política, em que as práticas educativas foram planejadas de forma dialógica, buscando ouvir e considerar a voz dos estudantes.

Para finalizar as ações decorrentes da produção de pintura e colagem com resíduos sólidos, apresentamos uma exposição desses trabalhos (Figuras 32 e 33) na Feira Cultural e Gastronômica, que ocorreu no último pavilhão da Estação das Docas<sup>73</sup>. Os trabalhos ficaram expostos em um estande oferecido à Escola Bosque.

---

<sup>73</sup> A Estação das Docas é um conjunto arquitetônico, turístico e cultural, apresenta um espaço multiambiente localizado no centro histórico da cidade de Belém, no bairro da Campina. Foi criado no ano 2000; o conjunto arquitetônico foi edificado em 1909 como Porto do município.

**Figura 32** – Registro fotográfico da exposição de quadros com pintura e colagem de resíduos sólidos (detalhes)



Fonte: Acervo da autora (2021).

**Figura 33** – Registro Fotográfico da exposição de quadros com pintura e colagem de resíduos sólidos (visão ampliada)



Fonte: Acervo da autora (2021).

Após o encerramento da exposição, os quadros foram devolvidos aos seus respectivos autores. Ao saberem que seus trabalhos haviam sido expostos em um local turístico e famoso de Belém, os estudantes demonstraram orgulho, alegria e o desejo de ter ido à exposição para ver seus quadros expostos. Essa ação de exibição dos trabalhos ocorreu em novembro de 2021, quando as aulas presenciais já haviam retornado, mas os cuidados pós-Covid-19 ainda estavam sendo mantidos. Como não estava sendo realizado o agendamento de atividades fora da escola, os estudantes não puderam comparecer à exposição.

#### **4.3 Democratizando o acesso à Arte: uma revolução molecular<sup>74</sup>?**

Tendo como base a revolução molecular preconizada por Guattari (2011), consideramos de extrema importância os(as) estudantes terem acesso aos bens culturais por meio da escola, uma vez que seu ensino e aprendizagem podem levá-los, literalmente os(as), a locais como museus, teatros, salas de concertos musicais, locais diferentes da sala de aula e onde temos contato direto com a obra artística e com o artista.

Esse acesso de que falamos não se limita apenas à produção de trabalhos artísticos, que, na Abordagem Triangular, é denominado “fazer artístico”, mas também inclui a capacidade de ler e contextualizar a obra artística em suas diferentes modalidades, em seu local apropriado de exposição e/ou apresentação. Ou seja, ter a possibilidade de frequentar museus, galerias, teatros e salas de concerto são ações nem sempre efetivadas, seja por professores(as), seja por estudantes, seja no cotidiano de vida, seja no contexto escolar urbano.

Esses momentos, em que os estudantes saem da sala de aula/escola e se dirigem a outros locais, tornam-se “acontecimentos” para eles, especialmente para os da EJAI, pois estão saindo completamente de seu cotidiano, inclusive do vivido na escola. Ao realizarmos uma breve análise com esses discentes, percebemos que ir ao cinema, ao teatro, ouvir um concerto musical ou assistir a um show não é uma experiência ordinária, mas sim extraordinária. Quando

---

<sup>74</sup> Segundo Guattari, a revolução molecular consiste em produzir as condições de uma vida coletiva, mas também da encarnação da vida para si próprio, tanto no campo material, quanto no campo subjetivo (Guattari; Rolnik, 2011, p. 55).



somos movidos por interesses comuns, criamos agenciamentos coletivos. Nesse sentido, compreendemos a visita a um museu ou a ida ao teatro ou cinema como “agenciamentos”.

Como já discutido na seção introdutória desta tese sobre os agenciamentos, as aulas-visitas, que também são aulas de Artes Visuais, possuem os dois eixos descritos por Deleuze e Guattari: o agenciamento maquínico de corpos, de paixões, e o agenciamento coletivo de enunciação, que se movimentam em torno de ideias, debates e discussões acerca do que veem e percebem durante a aula-visita.

O que importa aqui não é unicamente o confronto de uma nova matéria de expressão, é a constituição de complexos de subjetivação: indivíduo-grupo-máquina-trocas múltiplas que oferecem às pessoas possibilidades diversificadas de recompor uma corporeidade existencial, de sair de seus impasses repetitivos e, de alguma forma, de se re-singularizar (Guattari, 2005, p.17).

Compreendemos, à luz da exposição de Guattari, que as aulas-visita rompem com os impasses repetitivos da sala de aula e da escola, possibilitando ao estudante e ao professor recompor outra corporeidade existencial. Nesse sentido, há uma interação professor(a)-estudante que propicia novos conhecimentos artísticos, estéticos e culturais. Dessa forma, nos apropriamos do pensamento de Paulo Freire (2019), que destaca a importância de o professor conhecer seus estudantes, especialmente no que diz respeito ao que já trazem de conhecimento, posto que é fundamental saber escutá-los sobre suas vivências, uma vez que não são tábulas rasas em que o docente deposita conhecimentos. Pelo contrário, ambos precisam construir seus conhecimentos conjuntamente.

É preciso insistir: esse saber necessário ao professor – de que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa ser apreendido por ele e pelos educandos em suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica –, mas também precisa ser constantemente testemunhado e vivido (Freire 2019, p.47).

A partir das vivências nas aulas de Arte/Artes Visuais realizadas remotamente, surgiu a necessidade de dialogar com os(as) estudantes sobre o acesso a museus de arte, peças teatrais, concertos musicais e cinema. O

objetivo era identificar, de forma mais atenta, as experiências artísticas de fruição e leitura das produções que os(as) estudantes já conheciam.

Essa necessidade de compreensão emergiu durante uma aula em que lemos o texto de Jade Matarazzo, intitulado *A Democratização da Arte*, onde são mencionados artistas de rua que trabalham com grafite, performance e arte circense, o que nos levou a refletir sobre a real acessibilidade da produção artística e se ela, de fato, alcança a maioria das pessoas. Como desdobramento dessas reflexões, elaboramos um questionário com cinco perguntas para que os(as) estudantes pudessem compartilhar suas percepções sobre o acesso às produções artísticas.

Minha vivência como professora de Arte/Artes Visuais sempre foi motivada pela busca de compreender como os(as) discentes se aproximam da arte. Essa curiosidade era alimentada pelas nossas conversas sobre obras e artistas, que revelavam as diversas formas de interação deles(as) com o universo artístico.

Durante esses diálogos, fazia questionamentos como, por exemplo, se conheciam, com base nos livros didáticos, algum quadro ou artista visual brasileiro ou estrangeiro<sup>75</sup>. Poucos(as) se arriscavam a mencionar nomes de artistas que conheciam e geralmente diziam apenas que “já ouviram falar”. Quando perguntávamos sobre uma música erudita relativamente famosa, como *O Guarani*, de Carlos Gomes, ou mencionávamos atores ou atrizes de filmes de Hollywood, a maioria citava dois ou três nomes ou simplesmente dizia não conhecer<sup>76</sup>.

Essas observações chamaram nossa atenção e nos ajudaram a compreender a necessidade de uma abordagem mais direcionada nas aulas. Essa diagnose tornou-se essencial para a construção do plano de ensino, incluindo o planejamento de visitas ao cinema, ao teatro e ao museu. Também conversamos sobre a arte, os artistas e a música paraense. Nesse aspecto, os(as) estudantes demonstraram familiaridade com produções locais, como o

---

<sup>75</sup> Geralmente, os(as) estudantes citavam a *Monalisa*, de Leonardo da Vinci, o pintor Vincent van Gogh e a pintora Tarsila do Amaral. Um ou dois estudantes chegavam a descrever *O Abaporu* como “aquela pintura do homem de pé grande”, pois não sabiam mencionar o nome da obra. Curiosamente, essas produções artísticas, assim como obras de Pedro Américo ou Victor Meirelles, costumam estar presentes nos livros didáticos de Arte ou de História, o que evidencia uma relação superficial com o conteúdo estudado.

<sup>76</sup> Mas se colocasse “Primavera” para tocar, alguns estudantes diziam já ter escutado, mas não sabiam o nome da música.

*brega* e o *tecnobrega*, entre outros ritmos. No entanto, no campo das Artes Visuais, não identificaram artistas regionais, mas mencionaram elementos culturais, como as “aparelhagens”.

Os(as) estudantes da EJAI demonstram grande disposição para conhecer esses espaços culturais e os enxergam como uma oportunidade de sair da comunidade onde vivem e explorar outros lugares da cidade. No entanto, percebe-se que veem esses momentos mais como lazer ou passeio do que como uma prática educativa escolar. Esse entendimento ficou evidente em comentários como: “Professora, irei me encontrar com a senhora e a turma lá no museu, no dia do nosso passeio” ou: “Professora, quando será o passeio?”.

Uma pergunta que considero muito marcante foi sobre se já haviam ido ao cinema. Embora morem em uma ilha conectada por ponte à parte continental de uma região metropolitana que possui cinemas, frequentemente encontramos estudantes que nunca frequentaram este local. Geralmente, os que relatam nunca terem ido ao cinema são oriundos de municípios do interior do estado e se mudaram para a cidade em busca de melhores oportunidades de trabalho e estudo. Por esse motivo, possuem um conhecimento limitado sobre a cidade, restringindo-se, na maioria das vezes, ao bairro onde se estabeleceram<sup>77</sup>.

Diante dessas situações, concordamos com as reflexões de Ana Mae Barbosa sobre o acesso à arte, pois:

Sem conhecimento de arte e história não é possível a consciência de identidade nacional. A escola seria o lugar em que se poderia exercer o princípio democrático de acesso à informação e formação estética de todas as classes sociais, propiciando-se na multiculturalidade brasileira uma aproximação de códigos culturais de diferentes grupos (Barbosa, 2014, p.34).

Nesse sentido, compreendemos que o acesso à arte e à cultura por meio da escola é primordial, posto que constitui uma ação que possibilita uma experiência artística, estética e cultural capaz de fomentar o exercício do princípio democrático. Essa ideia está alinhada à “revolução molecular” apontada por Felix Guattari, bem como à vivência de uma experiência singular, conforme expõe John Dewey (2010), pois

---

<sup>77</sup> Essas informações foram colhidas a partir de diálogos com os estudantes em sala, durante a aula de Arte, e posteriormente anotados em nosso diário de pesquisa.

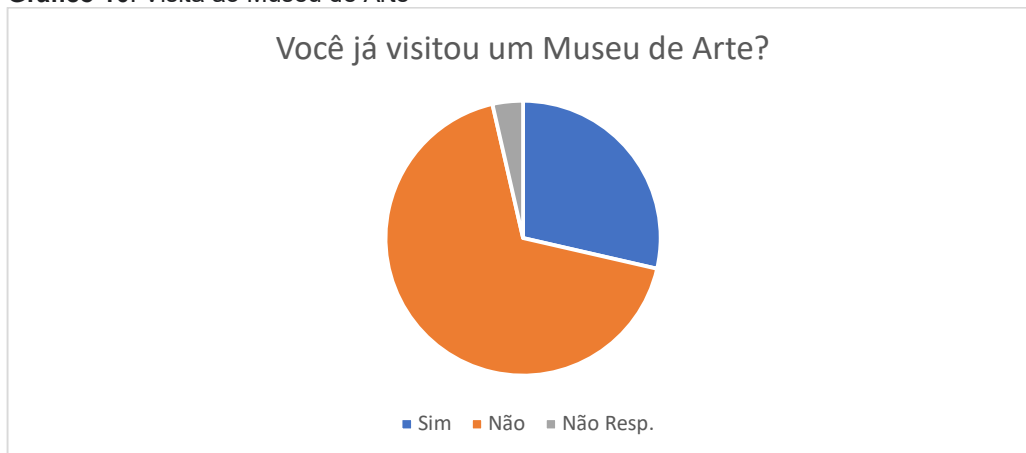
[...] temos uma experiência singular quando o material vivenciado faz o percurso até sua consecução. Então, e só então ela é integrada e demarcada no fluxo geral da experiência proveniente de outras experiências. Conclui-se uma obra de modo satisfatório; um problema recebe sua solução; um jogo é praticado até o fim, uma situação, seja a de fazer uma refeição; jogar uma partida de xadrez; conduzir uma conversa; escrever um livro ou participar de uma campanha política, conclui-se de tal modo que seu encerramento é uma consumação e não uma cessação. Essa experiência é um todo e carrega em si seu caráter individualizador e sua autossuficiência. Trata-se de uma experiência (Dewey, 2010, p.110).

Nesse sentido, ao propiciar aos estudantes experiências artísticas, estéticas e culturais, buscamos oferecer a oportunidade de “ler, contextualizar e fazer”, de modo que a experiência seja consumada e não interrompida.

Nos conteúdos desenvolvidos com a IV Totalidade da EJA, exploramos as modalidades artísticas e o acesso à produção artística e cultural, buscando compreender o contexto sociocultural dos(as) estudantes. Para alcançar esse objetivo, elaboramos um questionário que gerou os seguintes dados: Recebemos um total de 18 exercícios respondidos de forma impressa e 12 respostas enviadas via *Google Forms*, somando 30 respostas. Contudo, não contabilizamos os(as) três estudantes que responderam por ambas as vias, considerando apenas as respostas impressas. Assim, o total final foi de 27 respostas, abrangendo três turmas.

Segue, abaixo, o Gráfico 15, com as respostas para a pergunta: “Você já visitou um museu de arte?”

**Gráfico 10:** Visita ao Museu de Arte

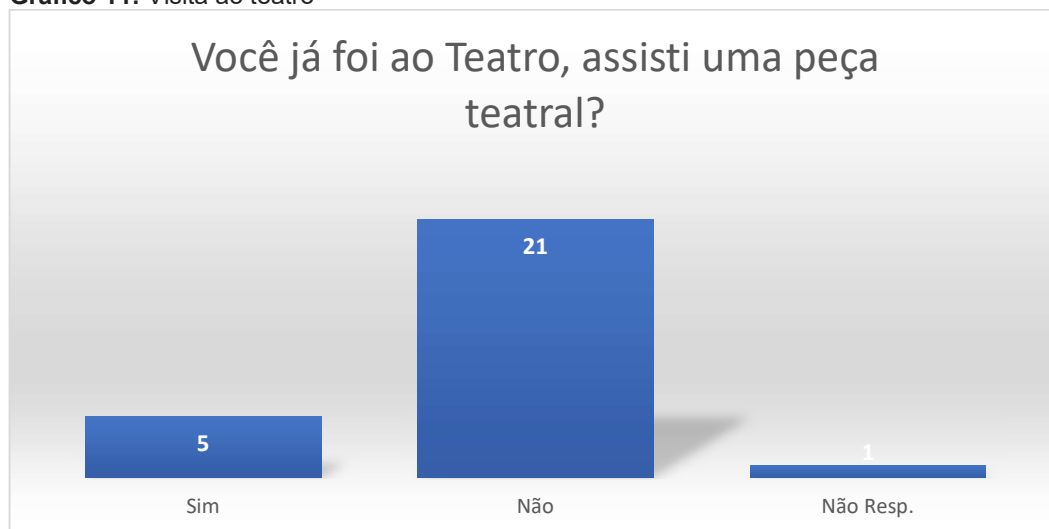


**Fonte:** Autora da pesquisa (2021).

A pergunta também incluía a questão: “Se sua resposta for sim, diga qual o museu.” Desses, 19 estudantes responderam “Não” e 8 responderam “Sim”. Entre os que responderam afirmativamente: *i)* Um mencionou ter visitado o Museu de Arte de Belém; *ii)* Um indicou apenas: “Qual é o museu?”, sem responder à questão; *iii)* Um afirmou ter visitado o Museu de Arte Sacra; *iv)* Dois disseram ter visitado o Museu Emílio Goeldi<sup>78</sup>; *v)* Duas mencionaram ter visitado um museu na cidade de Cametá<sup>79</sup>; *vi)* Uma respondeu que visitou o Museu Brigadeiro Sampaio, em Fortaleza/CE; *vii)* Uma respondeu apenas “Sim”, mas não especificou qual museu; *viii)* E um estudante respondeu: “Sim, mas foi na escola, vi várias artes lá”. Esta última resposta foi considerada como “Não”, pois consideramos o local como uma escola e não um museu, apesar da exposição artística ali apresentada.

O Gráfico 16, a seguir, mostra as respostas para a pergunta: “Você já foi ao teatro assistir uma peça teatral?”

**Gráfico 11:** Visita ao teatro



**Fonte:** Autora da pesquisa (2021).

A pergunta também incluía: “Se a resposta for sim, diga qual foi o teatro e a peça teatral”. Dentre as respostas, 21 alunos(as) afirmaram nunca ter ido ao teatro, enquanto 5 responderam “Sim”. Entre os que disseram ter ido, tivemos

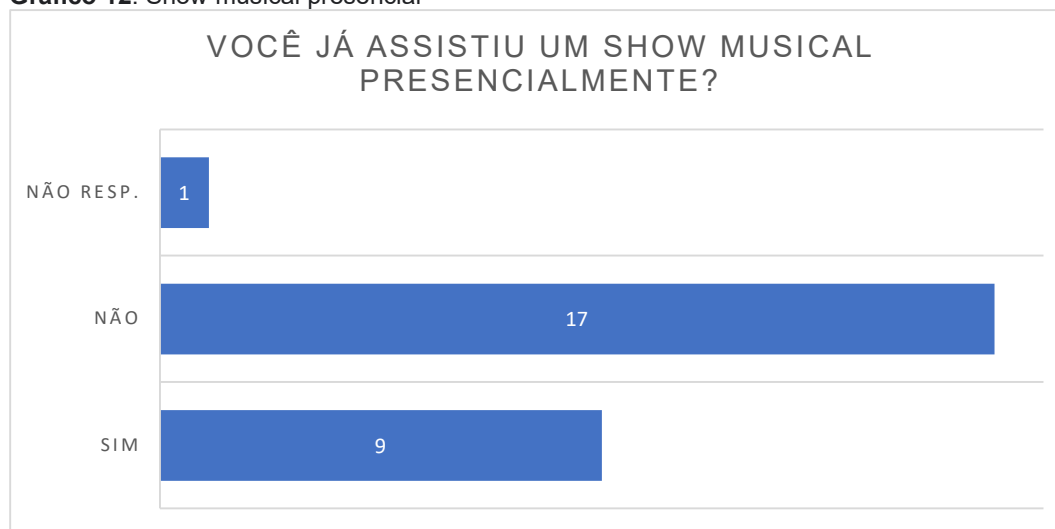
<sup>78</sup> O Parque Zoobotânico Museu Emílio Goeldi, conhecido como Museu Emílio Goeldi, tem 158 anos e proporciona à comunidade exposições de Arte Indígena, Arte Rupestre, Artesanato Local, dentre outras.

<sup>79</sup> Município do Estado do Pará localizado na margem esquerda do rio Tocantins, mesorregião do nordeste paraense.

as seguintes respostas: *i)* Uma mencionou ter assistido a uma peça no Teatro São Luís, em Fortaleza/CE, mas não lembrava o nome da peça; *ii)* Quatro afirmaram ter ido ao Teatro da Paz; *iii)* Uma assistiu à peça “Os Intrusos”; *iv)* Outra disse ter visto a peça “As Pastorinhas”; *v)* Outros dois não se lembravam das peças, pois as assistiram há muito tempo.

No Gráfico 17, constam as respostas para a pergunta: “Você já assistiu um *show* musical presencialmente?”

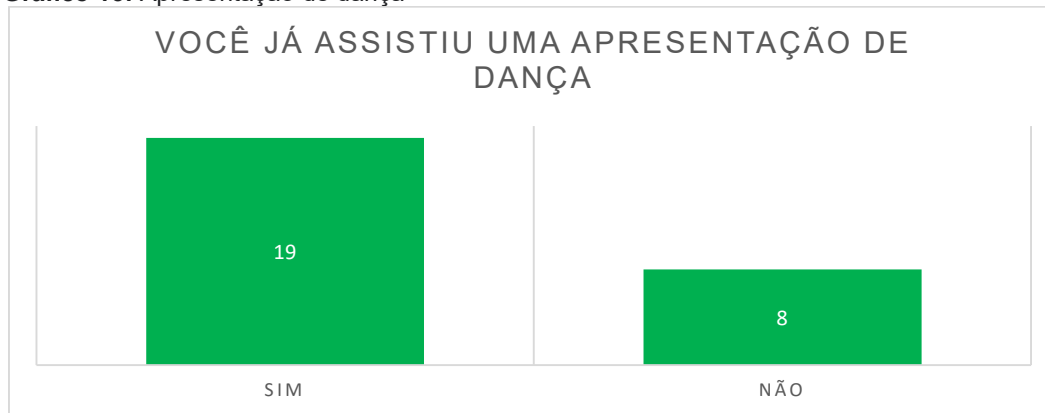
**Gráfico 12:** Show musical presencial



**Fonte:** Autora da pesquisa (2021).

A continuação da pergunta pedia que, caso a resposta fosse “Sim”, o entrevistado dissesse qual show havia assistido. Desses, 17 estudantes responderam “Não terem assistido a um show presencialmente”, enquanto 9 responderam “Sim”. Entre os que afirmaram ter assistido a um show, obtivemos as respostas: *i)* Um mencionou ter assistido ao show de Martinho da Vila na Estação das Docas; *ii)* Um respondeu: “No nosso sítio, a Banda 007”; *iii)* Um respondeu apenas “Gospel”; *iv)* Um disse “Nelsinho Rodrigues”; *v)* Um mencionou “Pinduca e Banda Eletro”; *vi)* Um respondeu “Trilogia, Lucinha Bastos, Marco Monteiro e Nilson Chaves”; *vii)* Um respondeu: “Pablo, no Cidade Folia”; *viii)* Um respondeu “Claudinha Leite, Chiclete com Banana”; *ix)* Um mencionou “Várias bandas”; *x)* Uma resposta não foi considerada, pois o estudante escreveu apenas “Se sim”, como se estivesse repetindo a pergunta.

O Gráfico 18, abaixo, mostra as respostas para a pergunta: “Você já assistiu uma apresentação de dança?”

**Gráfico 13:** Apresentação de dança

**Fonte:** Autora da pesquisa (2021).

Na continuação da pergunta, que pedia que, caso a resposta fosse “Sim”, os interlocutores especificassem a dança e o local da apresentação, tivemos 19 alunos(as) que responderam “Sim” e 8 alunos(as) que responderam “Não”, como podemos verificar no Gráfico acima. Dentre as respostas dos que afirmaram ter assistido a apresentações de dança, tivemos as seguintes informações: *i)* Seis disseram ter assistido a apresentações na escola, destacando danças do período junino, como carimbó, quadrilha, xote e boi bumbá, além de funk e tango; *ii)* Três relataram ter assistido a apresentações de dança na igreja, mas não especificaram o tipo de dança; *iii)* Dois alunos(as) mencionaram ter assistido a apresentações de hip hop na praça; *iv)* Sete alunos(as) disseram ter assistido a danças do período junino, como quadrilha, Boi Pavulagem<sup>80</sup>, Carimbó e Cordão de Pássaro<sup>81</sup>, em locais diversos, como em praças, na orla de Icoaraci e na Estação das Docas<sup>82</sup>.

Esses dados revelam que a maioria dos(as) estudantes teve acesso a apresentações de dança, evidenciando também que muitas dessas apresentações pertencem à cultura popular e ocorrem em locais de fácil acesso, como escolas e praças. Outro aspecto relevante é que as escolas públicas têm em seu calendário os festejos da quadra junina. Na própria Funbosque, por exemplo, os ensaios de danças folclóricas começam no final de maio e mobilizam toda a escola, nos três turnos.

<sup>80</sup> Famoso Boi Bumbá de Belém que se apresenta na Praça da República, no centro da capital, durante os domingos do mês de junho.

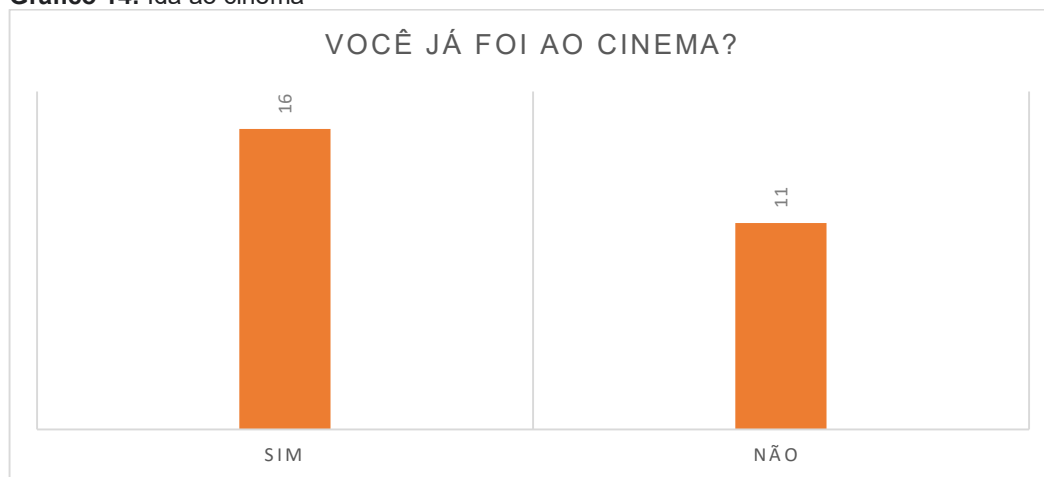
<sup>81</sup> O Cordão de Pássaro é uma espécie de opereta em que os personagens cantam e dançam contando a história do pássaro que dá nome ao cordão. Essa opereta é tipicamente paraense.

<sup>82</sup> Orla de Icoaraci e Estação das Docas são locais turísticos de Belém, sendo que a Orla de Icoaraci fica mais próxima da Escola Bosque.

Um dado importante é que no Distrito de Outeiro existe um famoso Cordão de Pássaros, o *Colibri*, que geralmente se apresenta na escola e em outros espaços da cidade durante a quadra junina. Diante desse cenário, é preciso considerar que, apesar da maioria já ter assistido a apresentações de dança, estas ainda estão muito restritas às danças populares dos períodos comemorativos.

No Gráfico 19, mostraremos as respostas à última pergunta: “Você já foi ao cinema?”

**Gráfico 14:** Ida ao cinema



**Fonte:** Autora da pesquisa (2021).

Na continuação da pergunta, solicitamos que, caso respondessem “Sim”, fossem especificados o cinema e o filme assistido. Desses, 16 alunos(as) responderam “Sim” e 11 responderam “Não”, como podemos observar no Gráfico acima. Entre os que afirmaram ter ido ao cinema, as respostas foram as seguintes: *i)* Um foi ao shopping Castanheira e assistiu *300: A Ascensão de um Império*; *ii)* Um foi ao Cinépolis do Park Shopping e assistiu *Carros*; *iii)* Um respondeu apenas “Sim” e assistiu *Os Dez Mandamentos*; *iv)* Um afirmou: “Sim, várias vezes, assisti *Aquaman*, *Alvin e os Esquilos*, e outros”; *v)* Um disse: “Sim, já fui ao cinema, não lembro o nome do cinema, mas o filme foi *Frozen*”; *vi)* Um respondeu: “Sim, *Minha Mãe é uma Peça 2*”; *vii)* Um mencionou: “Sim, *Minha Mãe é uma Peça*”; *viii)* Dois disseram: “Sim, no shopping Castanheira”, mas não citaram o nome do filme; *ix)* Um respondeu: “Sim, no cinema de Augusto Montenegro, o filme foi *Vingadores*”; *x)* Um disse: “Sim, em Paragominas, assisti



*Parque dos Dinossauros*"; xi) Um respondeu: "Sim, no Grão Pará, assisti *Godzilla vs. King Kong*"; xii) Um afirmou: "Sim, *Titanic*"; xiii) Um disse: "Sim, assisti *Homem de Ferro, Mulher Maravilha, Piratas do Caribe, ET, Annabelle* e outros que não lembro"; xiv) Um respondeu: "Sim, *Detona Ralph*".

Ao analisar as respostas dos estudantes, percebemos que, de modo geral, a maioria não tem acesso à arte em seus diferentes campos. Esse acesso, discutido aqui, não se refere à prática artística realizada pelos alunos, mas sim à oportunidade de frequentar espaços de leitura, apreciação artística e estética enquanto público/espectador.

Nesse contexto, até mesmo o cinema, que é considerado uma das formas de arte mais acessíveis devido aos ingressos relativamente baratos, revelou limitações: 13 estudantes afirmaram nunca ter ido ao, apesar de viverem em uma cidade com várias salas de exibição.

A dança foi a modalidade com maior número de acessos relatados pelos estudantes. Contudo, destaca-se que as mais acessadas pertencem à cultura popular e folclórica. Em contrapartida, o teatro apresentou os piores índices de acesso, com 24 entrevistados afirmando nunca terem assistido a uma peça teatral, o que evidencia um elevado grau de exclusão cultural. As artes visuais também demonstraram um cenário preocupante, com um número expressivo de estudantes que nunca visitaram um museu de arte.

Esses dados corroboram com a reflexão de Barbosa (2019), que aponta para a urgência de democratizar o acesso à arte e à cultura como formas essenciais de inclusão e desenvolvimento sociocultural.

Se pretendemos uma educação não apenas intelectual, mas principalmente humanizadora, a necessidade da arte é ainda mais crucial para desenvolver a percepção e a imaginação, para captar a realidade circundante e desenvolver a capacidade criadora necessária à modificação desta realidade (Barbosa, 2014, p. 5-6).

As reflexões da autora evidenciam a necessidade urgente de se investir na democratização e no acesso à arte para estudantes. Nesse sentido, torna-se fundamental pensar em políticas públicas e investimentos na educação para que a socialização da arte seja efetivamente uma realidade nas escolas.

Com base nos dados do questionário aplicado, é possível planejar ações que ampliem o contato dos estudantes com a arte, como visitas a museus, idas

ao teatro e performances de grupos musicais no auditório escolar. Essas iniciativas visam proporcionar experiências estéticas que fomentem o aprendizado e promovam a inclusão cultural.

O processo de ensino/aprendizagem, no contexto pandêmico, revelou-se um grande desafio tanto para professores(as) quanto para estudantes, especialmente no que diz respeito à busca de soluções para ministrar e acompanhar as aulas. Apesar das dificuldades, esse período também foi um momento de intensa aprendizagem para todos(as).

Nesse contexto, as palavras de Paulo Freire (2019, p. 25) oferecem uma reflexão potente: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Além disso, enfatiza a importância de reconhecer o papel formador da indignação diante das injustiças sociais, já que

[...] está errada a educação que não reconhece na justa raiva, na raiva que protesta contra as injustiças, contra a deslealdade, contra o desamor, contra a exploração e contra a violência um papel altamente formador (Freire, 2019, p. 41).

As reflexões do autor reforçam a necessidade de combater as injustiças sociais que, historicamente, marcam o país. Para alcançar um mundo mais justo, fraterno e amoroso, é imprescindível lutar contra as deslealdades, a exploração e a desigualdade. A justiça social e ambiental, nesse sentido, deve ser um pilar fundamental das práticas educativas, especialmente no campo das Artes/Artes Visuais, como desenvolvido nesta tese.

Durante a pandemia de Covid-19, as aulas migraram para o formato remoto, e o direito de estudar foi ameaçado pela desigualdade e pela ausência de políticas públicas que garantissem acesso pleno ao ensino-aprendizagem. Faltaram dispositivos tecnológicos — como celulares, computadores e *tablets* — e, principalmente, uma internet livre e irrestrita para docentes e alunos (as).

Essas mudanças abruptas, embora desafiadoras, evidenciam a importância de investir em formação continuada e infraestrutura para que a educação seja um direito acessível e de qualidade para todos(as), independentemente do contexto social ou das condições econômicas.

No início do ano de 2021, vivenciamos a segunda onda<sup>83</sup> da pandemia de Covid-19, o que novamente adiou o retorno presencial das aulas. Conforme mencionado no capítulo 3 desta tese, foram criadas turmas específicas via *WhatsApp* para atender as demandas do ensino remoto. No caso da EJAI, os grupos foram organizados por sala, onde os materiais de estudo eram postados. Cada componente curricular contava com uma hora semanal de aula remota.

As aulas de Arte/Artes Visuais eram realizadas todas as terças-feiras, das 19h às 20h. Nesse período, os(as) professores(as) utilizavam diferentes recursos para abordar os conteúdos, como textos em *Word* e PDF, gravações de áudio explicativas, videoaulas, vídeos do *YouTube* e *podcasts*<sup>84</sup>.

O ensino remoto apresentou grandes desafios para toda a comunidade escolar. Se no ensino presencial já enfrentávamos diversas dificuldades no processo de ensino-aprendizagem, no formato remoto esses problemas foram igualmente intensos. A principal barreira estava no acesso às aulas *online*, limitando ainda mais a efetividade do aprendizado.

Diante desse contexto, concordamos com Saviani e Galvão (2020) quando afirmam que:

Mesmo considerando todos esses limites, redes de ensino estaduais e municipais, assim como diversas instituições públicas de ensino superior, lançaram mão do “ensino” remoto para cumprir o calendário escolar e o que se observou de maneira geral foi que as condições mínimas não foram preenchidas para a grande maioria dos alunos e também para uma parcela significativa dos professores, que, no mais das vezes, acabaram arcando com os custos e prejuízos de saúde física e mental decorrentes da intensificação e precarização do trabalho (Saviani; Galvão 2020, p.38-39, grifo dos autores).

Tais “condições mínimas” não foram atendidas na Escola Bosque, uma vez que a instituição não forneceu internet, computadores, celulares e/ou *tablets*, nem para os professores, nem para os estudantes, o que mostra uma carência estrutural que reflete a realidade das escolas públicas localizadas nas ilhas de Belém, como é o caso da ilha de Caratateua, onde está situada a Funbosque.

---

<sup>83</sup> Convencionou-se chamar de primeira, segunda e terceira “onda” de Covid-19 devido ao grande número de pessoas que se infectavam e que chegavam a preencher quase 100% dos leitos dos hospitais.

<sup>84</sup> Disponível em: <https://arterespireduoc.blogspot.com/2020/07/arteeducacao-e-o-chao-da-escola.html>. Acesso em: 4 abr. 2022.

Em quase todas as aulas, perguntávamos quais estudantes estavam *online*, não com o objetivo de registrar presença ou ausência, mas para verificar quantos conseguiam, aparentemente, acompanhar as aulas remotas. Conforme mencionado no capítulo 3, os participantes da pesquisa foram três turmas da 4ª Totalidade<sup>85</sup> no período noturno da EJA, totalizando 110 alunos(as).

No entanto, ao observar a frequência nas aulas do componente curricular Arte, o número de estudantes que registravam sua presença ficava em torno de 9 a 13 alunos, no máximo, nas três turmas, já que as aulas eram realizadas de forma simultânea. Alguns não participavam nos grupos, mas enviavam mensagens diretas com um “boa noite” à professora. Nessas situações, sempre solicitávamos que registrassem seus nomes nos grupos/salas para termos um levantamento mais preciso de quem estava online e conseguia acompanhar as aulas.

Outros discentes justificavam suas ausências alegando falta de internet, o que, na prática, significava que seus pacotes de dados tinham se esgotado e que não dispunham de recursos financeiros para adquirir novos créditos. Além disso, muitos não possuíam aplicativos adequados para abrir arquivos em *Word* ou PDF em seus celulares. Por esse motivo, os textos e exercícios eram enviados em ambos os formatos. Para facilitar o acesso, foi criado um *blog* onde o material didático e atividades de Arte/Artes Visuais ficavam disponíveis remotamente para quem conseguisse acessá-lo. Contudo, não há registro de que os estudantes tenham utilizado este recurso.

O *blog* representou uma boa alternativa para organizar os exercícios e experiências artísticas e estéticas e para atender às solicitações de orientações por parte dos estudantes. Entretanto, o contexto geral revelou limitações significativas no acesso ao ensino remoto.

Diante das situações apresentadas, compreendemos que houve exclusões no processo de ensino-aprendizagem que comprometeram o direito de estudar dos jovens, adultos e idosos da Escola Bosque durante o sistema remoto de ensino público no ano letivo de 2021.

---

<sup>85</sup> Segundo Liana Borges (1999, p. 16-17): “Na experiência das totalidades de conhecimento, os conteúdos se libertam da seriação, da fragmentação, da hierarquização, da descontextualização e das peculiaridades da escola tradicional, passando a ter uma conotação interdisciplinar”.

Os (as) estudantes se dirigiam à escola em um período agendado e pegavam seus cadernos de textos e atividades. Entretanto, muitos(as), mesmo tendo acesso às aulas e ao material remoto, preferiam estudar pelo caderno impresso. Ao perguntarmos o porquê, respondiam: “É melhor para ler”; “Não consigo fazer as atividades pelo celular”; “A letra do celular é muito miúda e não consigo enxergar”. Tal situação nos remete, mais uma vez, ao que Saviani e Galvão enfatizam sobre a precarização do sistema remoto no ensino/aprendizagem abordado no capítulo 3.

#### **4.4 O tema gerador e as aulas de Arte/Artes Visuais**

Os planos de ensino de todos os componentes curriculares abordaram o tema mencionado, derivado da palavra geradora “Água”. Ao tratar de temas geradores, Marília Freitas de Campos Tozoni-Reis (2006) afirma que:

[...] são, no Método Paulo Freire, o eixo da proposta metodológica. Entendemos que o Método é o próprio pensamento de Paulo Freire, é o conjunto de fundamentos filosófico-políticos presentes na sua teoria do conhecimento, conhecimento e ação no mundo, a educação libertadora (Tozoni-Reis, 2006, p. 102).

O tema gerador parte da realidade concreta dos(as) estudantes, tornando-se primordial adotar aulas dialogadas que privilegiem a escuta, o conhecimento do universo vocabular e o contexto sociocultural no qual estão inseridos. Foi a partir dessa escuta que se chegou ao tema gerador citado e aos seus subtemas.

Dessa forma, o plano de ensino de Arte/Artes Visuais foi organizado contextualizando e dialogando com os(as) estudantes sobre suas casas, as ruas onde vivem e as dificuldades enfrentadas no cotidiano, como o transporte na ilha e o acesso à água nas residências, entre outras questões, que foram apresentadas no subitem do perfil socioescolar.

No primeiro trimestre de 2021, trabalhou-se o subtema Consumo Consciente, com os seguintes objetos de conhecimento para o componente curricular Arte/Artes Visuais: 1) A arte nos diversos contextos históricos/estéticos e culturais; 1.1) Definições e concepções de Arte; 1.2) As modalidades artísticas; 2) Histórias e técnicas das Artes Visuais e Audiovisuais a partir do tema: “Consumo sustentável da água”; 2.1) A representação da natureza pelos artistas;

2.2) A preocupação com o meio ambiente; 2.3) Arte e meio ambiente; 2.4) *Land Art* e *Art in Nature*.

Ao iniciarmos os conteúdos, fazíamos as seguintes perguntas: O que vocês entendem por arte? O que já estudaram sobre arte? Conhecem as modalidades artísticas? Sabem há quanto tempo a arte existe? Alguns estudantes mandavam áudios respondendo às perguntas, mas raramente colocavam suas intervenções nos grupos/salas, optando por enviar diretamente à professora. A aula prosseguia com o envio de imagens e áudios para contextualizar, e mesmo com uma “conversa em monólogo” nos grupos/salas, mantinha-se um diálogo simultâneo por mensagens diretas.

Como procedimento de trabalho com os estudantes, as experiências foram fundamentadas na Abordagem Triangular (AT): leitura da imagem, sua contextualização e a produção artística dos(as) estudantes. No entanto, essa sequência não é fixa, como destaca Medeiros (2021, p. 144), uma vez que: “Fazer, ler, contextualizar. Três verbos no infinitivo. Três signos verbais que denotam ação e agenciamento”.

Assim, a AT permite flexibilidade na abordagem, podendo começar pelo fazer, seguido da leitura e contextualização, ou qualquer outra sequência que atenda ao interesse dos(as) estudantes e da professora.

É importante ressaltar que, para aplicar a Abordagem Triangular, foi necessário oportunizar a escuta ativa dos(as) estudantes, de modo a conhecer suas realidades e contextos socioambientais. Nesse sentido, Freire é enfático ao afirmar que:

[...] observando quão importante e necessário é *saber escutar*. Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a *escutar*, mas é *escutando* que aprendemos a *falar com eles* (Freire, 2019, p.111, grifos do autor).

Nos meses de abril a junho de 2021, foram enviadas três propostas de ação educativa no campo das Artes Visuais com o objetivo de verificar o contexto socioambiental em que vivem os(as) estudantes. Esses locais precisavam estar próximos às suas residências, pois, como nos alerta Freire, “[...] como ensinar,

como formar sem estar aberto ao contorno geográfico, social dos educandos?” (2019, p. 134).

Uma dessas propostas de experiência estética consistia em dois registros fotográficos feitos pelo(a) mesmo(a) estudante: um evidenciando locais limpos e cuidados, e outro mostrando o acúmulo de resíduos sólidos negligenciados. Sobre essa experiência, foram analisadas as devolutivas de dois estudantes, um do sexo masculino e outro do sexo feminino.

Para embasar a descrição e análise das imagens, partimos da compreensão de Richter (2003, p. 24) sobre a estética do cotidiano. Segundo o autor, “[...] trabalhar com a estética do cotidiano no ensino das artes visuais supõe ampliar o conceito de arte, de um sentido mais restrito e excludente para um sentido mais amplo de experiência estética”. Dessa forma, entendemos que os registros fotográficos que abordaram o tema do cuidado e/ou negligência ambiental proporcionaram aos(as) estudantes uma experiência estética enraizada em seu cotidiano.

Os registros apresentados evidenciam a realidade local em que um dos discentes está inserido. De acordo com o relato, o estudante A.4<sup>a</sup>TEJAI2021<sup>86</sup> mora em uma empresa, onde seu pai é gerente de uma serraria. O estudante afirma que não percebe, no local onde vive ou em suas proximidades, acúmulo de resíduos sólidos, o que se confirma ao observar a foto do interior do terreno da empresa (Figuras 34 e 35).

Entretanto, o ambiente também não apresenta arborização, plantas, gramados ou jardins. Essa característica, no entanto, não parece desagradar ao estudante nem chamar sua atenção. Isso se justifica por sua percepção estética estar relacionada à normalização do espaço como parte de seu cotidiano. A ausência de vegetação e os aspectos próprios de uma serraria são compreendidos pelo estudante como naturais para aquele ambiente, refletindo a forma como o contexto em que vive influencia sua experiência estética.

---

<sup>86</sup> As fotos de autoria dos estudantes não foram identificadas para garantir o anonimato. No entanto, para que haja uma sistematização, usou-se uma letra do alfabeto, seguida de ‘4<sup>a</sup>T’ para sinalizar a 4<sup>a</sup> Totalidade da EJA, além do ano da turma, ficando, portanto, A.4<sup>a</sup>TEJAI2021.

**Figura 34** – Experiência de registro fotográfico realizado por A.4<sup>a</sup>TEJAI2021



**Fonte:** Acervo do estudante<sup>87</sup>.

**Figura 35** – Experiência de Registro Fotográfico realizado por A.4<sup>a</sup>TEJAI2021



**Fonte:** Acervo do estudante (2021).

A Figura 35, mostra o olhar do estudante, que relata que na parte exterior não há acúmulo de resíduos, apenas um matagal. Nesta área não percebeu nenhum descuido, o que mostra, mais uma vez, que encara o aspecto do local como algo cotidiano, sendo, portanto, corriqueiro possuir esse aspecto visual.

Já a Figura 36 mostra com bastante ênfase um local cheio de resíduos sólidos acumulados e espalhados que, segundo o(a) estudante, fica do lado de fora de onde morava.

---

<sup>87</sup> O celular do estudante possui uma baixa resolução de imagem.



**Figura 36** – Experiência de registro fotográfico realizado por B4<sup>ª</sup>TEJAI2021



**Fonte:** Acervo da estudante (2021).

A estudante B4<sup>ª</sup>TEJAI2021 relatou que, embora se faça a limpeza e a remoção de resíduos em determinado local, “os moradores voltam a jogar novamente”. Na imagem enviada, ela reconheceu o espaço como sendo sujo e descuidado, destacando que, por ser uma via por onde passa diariamente, sente-se frequentemente obrigada a recolher ou agrupar os resíduos para evitar que a rua fique tomada pelo lixo, permitindo, assim, que possa atravessá-la sem pisar nos mesmos.

Por outro lado, ao enviar a foto da rua de sua residência (Figura 37), a estudante reconheceu ser um ambiente limpo e bem cuidado. Mencionou que tanto ela quanto outros moradores têm o hábito de cuidar do espaço, evitando o descarte inadequado de resíduos sólidos. Apesar de a rua não ser asfaltada, apresenta uma aparência limpa e arborizada, transmitindo a ideia de um ambiente organizado e que não apresenta dificuldades para o tráfego de pessoas.

**Figura 37** – Experiência de Registro Fotográfico realizado por B4<sup>a</sup>TEJAI2021



**Fonte:** Acervo da estudante (2021).

A atividade observada evidencia como os alunos percebem seus locais de moradia e como os(as) professores(as), enquanto seus(suas) interlocutores(as), podem conhecer esses lugares a partir de um olhar particular, da estética do cotidiano ou de um ecossistema estético. Segundo Medeiros e Pimentel (2013), “[...] os ecossistemas estéticos são engendrados por vários sistemas e mantêm uma reciprocidade entre si, perpassando as relações das pessoas com seus espaços socioambientais”. As imagens fotográficas revelam um pouco da geografia socioambiental desses espaços, seja mostrando a parte interna ou externa de uma serraria, seja a rua arborizada, mas sem asfalto, ou ainda, a rua asfaltada e cheia de resíduos.

Outro aspecto que chama a atenção é o fato de que o estudante A4<sup>a</sup>TEJAI2021 fotografou, colocando o celular na posição horizontal em ambas as fotos, como se pretendesse mostrar um ângulo ou um campo visual mais amplo. Já a estudante B4<sup>a</sup>TEJAI2021, ao fotografar a rua cheia de resíduos sólidos, também posicionou o celular na horizontal, mas focou exclusivamente nos resíduos acumulados, como se quisesse dar um close no problema,

mostrando-o de forma mais detalhada. Mas, ao fotografar a rua de sua casa, posicionou o celular de maneira vertical. Ambos demonstraram uma compreensão do que foi abordado sobre o posicionamento da câmera, ainda que de forma empírica, ao escolherem o ângulo e/ou campo visual/espacial que queriam mostrar.

#### 4.4.1 – Outras experiências: fruindo com perspectiva e criando linhas de fuga

Essa experiência foi realizada no retorno presencial das aulas, no mês de outubro de 2021, com o objetivo de dialogar sobre os elementos da linguagem visual, como enquadramentos, perspectiva, cor, luz e sombra, e texturas por meio da fotografia. Dessa forma, abordamos também a história da fotografia.

Esses conteúdos faziam parte do nosso plano de ensino para a 4ª Totalidade, com a participação de cerca de dois a três estudantes por vez na sala de aula.

Nas experiências com fotografia em perspectiva, os estudantes demonstraram capacidade de compreender as diferentes perspectivas que uma imagem pode ter ao criar suas fotos, encenando poses ao se aproximar e se distanciar da lente do fotógrafo (Figuras 38 e 39).

**Figura 38** – Experiência de fotografia em perspectiva



**Fonte:** Acervo da autora (2021).

**Figura 39** – Fotografia em perspectiva realizada em sala de aula pelo(a) estudante C4<sup>a</sup>TEJAI2021 (2021)



**Fonte:** Acervo da autora (2021).

Na Figura 38, a foto foi tirada pela autora desta tese, com seu celular na sala de aula, com o objetivo de demonstrar que o que está mais próximo da lente do celular parece maior, enquanto o que está mais distante fica menor. Essa ação foi realizada no retorno presencial das aulas, ainda com pouca participação dos estudantes. Já na Figura 39, a autora da tese é a modelo na foto, sendo o fotógrafo um dos estudantes presentes naquele dia.

De todo o material fotográfico recebido, encontramos uma nova linha de fuga por parte de uma de nossas alunas, que vai além do que foi solicitado durante as aulas, enviando um registro de pescaria com a família, além de relatar a experiência vivida.

Dessa forma, ela criou uma linha de fuga, se desterritorializando no que tange à produção e à experimentação artística, já que tais imagens não foram requisitadas. No entanto, ao mesmo tempo, se reterritorializa ao contar suas histórias e reviver memórias passadas com sua família, criando, assim, um ritornelo, como podemos observar na Figura 40, em que a estudante envia uma *selfie* e compartilha uma memória afetiva junto à sua família.

**Figura 40** – Print de conversa por mensagem direta



**Fonte:** Acervo da autora (2021).

**Figura 41** – Experiência fotográfica: balde com camarões dentro em vista superior de B4<sup>o</sup>TEJAI2021



**Fonte:** Acervo da autora (2021).

A Figura 41 mostra, por meio da experimentação fotográfica, uma vista superior do balde oriundo da pesca de camarões, porém não centralizado.

Observamos que nas duas imagens (Figuras 40 e 41), há uma noção de um meio ambiente essencial para uma vida simples, mesmo que, por vezes, difícil e desafiadora. Parece que o local onde se vive é, em algum momento, um espaço de alívio.

Ainda durante o período de aula remota, recebemos dos estudantes produções que traçam a relação entre arte e natureza. A partir de uma pesquisa no *Google*, utilizando os descritores “arte” e “meio ambiente”, foi criado um texto com informações extraídas dos *sites* pesquisados, intitulado “Arte, Meio Ambiente e Consumo Consciente”.

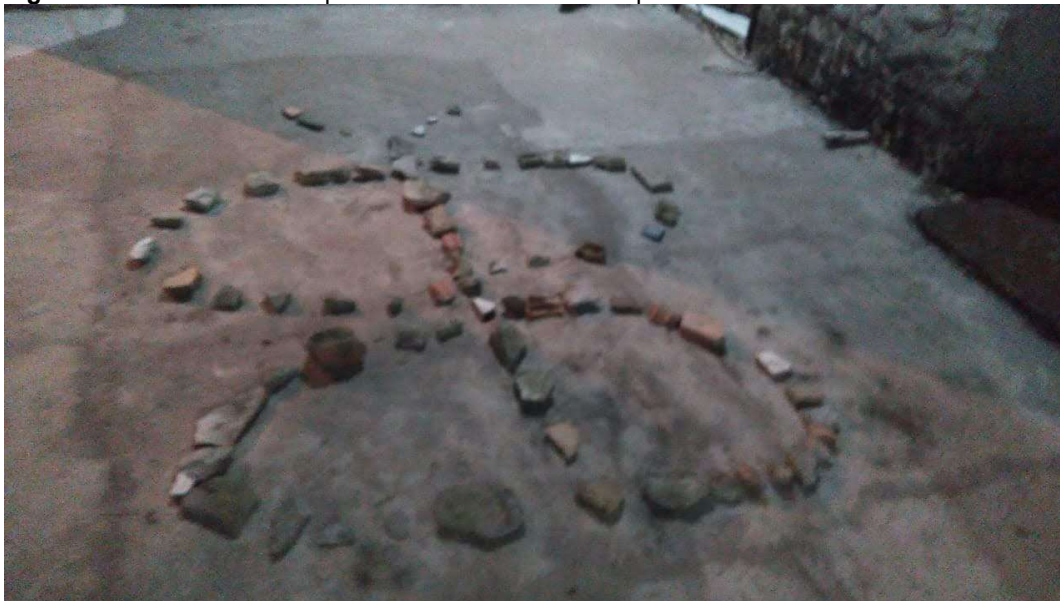
Após a leitura, enviamos via grupo de *WhatsApp* imagens de obras artísticas relacionadas ao tema e realizamos a leitura e contextualização das imagens. Em seguida, solicitamos um trabalho no qual os estudantes poderiam utilizar qualquer material natural (*Art in Nature*), como pedras, folhas, conchas e musgo. As Figuras 42 e 43 exemplificam os resultados do trabalho solicitado.

**Figura 42** – *Art in Nature*: experiência artística realizada por D4<sup>a</sup>TEJAI2021



Fonte: Acervo do(a) estudante (2021).

**Figura 43** – *Art in Nature*: experiência artística realizada por E4<sup>o</sup>TEJAI2021

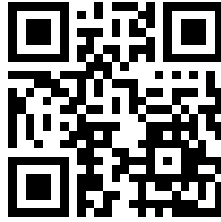


**Fonte:** Acervo do(a) estudante (2021).

Nesta experiência, expus que na ilha de Caratateua há artistas e artesãos que trabalham com materiais extraídos diretamente da natureza – como sementes, folhas, madeira, sisal, capim dourado, cerâmica, entre outros –, criando peças como colares, anéis, pulseiras e brincos. Essas produções são chamadas de biojóias. Em anos anteriores à pandemia, os estudantes da EJAI já tiveram a oportunidade de participar de uma ação de criação de biojóias. Por isso, consideramos pertinente trazer essa informação, a fim de mostrar que é possível criar peças artísticas com materiais coletados diretamente da natureza, e que, a partir de seu beneficiamento, a criatividade pode conduzir o processo. Assim, foi possível abordar, nas nossas experiências e reflexões, além do trabalho criativo com materiais naturais, a economia criativa e sustentável dos artistas e artesãos da Ilha.

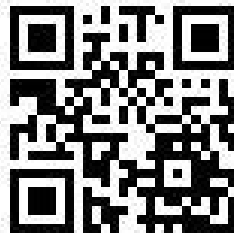
Para finalizar esta seção, seguem dois *QR codes* e dois *links*: o primeiro contém o plano de curso e o material das aulas de Arte (textos, vídeos, *podcasts*, atividades, imagens) e o segundo dá acesso às demais produções artísticas, estéticas e culturais realizadas pelos(as) estudantes, que não foram expostas integralmente nesta tese, mas que podem ser consultadas.

**Figura 44 – QRcode 1:** Plano de curso e material usado nas aulas de Arte



**Fonte:** Disponível em: Disponível em: <https://ejai-ensino-aprendizagemartesvisuais.blogspot.com/2021/05/ensino-aprendizagem-de-arteartes.html>. Acesso em: 05 mai. 2021.

**Figura 45 – QRcode 2 –** Produções artística/estética dos estudantes da EJAI



**Fonte:** Disponível em: <https://arterespireduuc.blogspot.com/2022/11/material-de-producao-dos-estudantes-da.html>. Acesso em: 05 mai. 2021.

Após as experiências estéticas/artísticas/culturais vivenciadas com os (as) estudantes, apresentamos as nossas considerações finais que serão expostas a seguir.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese analisou as práticas educativas do ensino/aprendizagem em Arte/Artes Visuais e suas interrelações com questões ambientais, utilizando tecnologias de comunicação e informação. Tratando-se de uma pesquisa, foi criado um dispositivo para vivências que formaram agenciamentos coletivos, rizomas, estabeleceram seus ritornelos territoriais, traçaram linhas de fuga e produziram subjetividade.

Os autores que discutem essa temática foram primordiais para contextualizar e fundamentar as análises e interpretações dos dados qualitativos, visando propor ações educativas que contribuam para o ensino/aprendizagem da Arte.

Dentre essas ações, podemos citar a aula sobre *Intervenção Artística* relatada no capítulo 3, ministrada por nossas estagiárias, que envolveu três etapas: leitura de texto sobre intervenção artística, apresentação de obras de artistas criadas com resíduos sólidos em exposição nos espaços urbanos da cidade, coleta de resíduos sólidos na Praia Grande, realização de pinturas e colagens com resíduos sólidos e exposição dos trabalhos. Todas essas ações demonstram como uma aula de Arte pode se desdobrar em diferentes possibilidades comunicacionais

A tese objetivou analisar como os(as) estudantes da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) da Escola Bosque revelam, em seus processos de criação artística, estética e cultural, a temática do meio ambiente e seus desdobramentos.

A metodologia adotada foi de cunho qualitativo descritivo, permitiu sobrevoar e mergulhar nas trilhas que constituem a narrativa da tese.

Para construir esta narrativa, interagimos com os(as) interlocutores(as) da pesquisa, que foram as turmas da EJAI na Funbosque, onde propusemos dispositivos para desenvolver experiências artísticas, estéticas e culturais.

Ao longo da pesquisa, observamos como as práticas educativas em Arte/Artes Visuais podem operar no campo da educação formal a partir de um tema gerador, que também foi um tema transversal: “Escassez e qualidade da água em Caratateua: ameaça à cidadania e ao bom viver”. Por meio desse tema, estabeleceu-se um diálogo com os estudantes e as interrelações com essa

comunidade escolar, criando um encadeamento de ideias, ações e experiências que promoveram diferentes agenciamentos coletivos.

A experiência que criamos esteve diretamente relacionada à reciprocidade entre Arte e Meio Ambiente, que é demarcada no título da tese como questões ambientais. Essa relação foi observada e vivenciada a partir de diferentes dispositivos, como o tema gerador, o plano de ensino, as aulas remotas, as ações presenciais, os diálogos, a escuta atenta, o fazer artístico, as leituras e as contextualizações sociais, artísticas, culturais, históricas e geográficas.

Acompanhamos, participamos e mediamos toda essa experiência, apoiados nos quatro estágios da atenção, perpassando por diferentes ações e experiências, conforme assinala Kastrup (2010, p. 43-44). O primeiro estágio, o rastreo, é uma espécie de varredura, um plano geral do dispositivo de pesquisa mostrado o capítulo 1.

O toque é como uma rápida sensação, um vislumbre, um afeto que se destaca do plano geral como um close, ou seja, as trilhas que levam às entradas e saídas da Escola Bosque, o *lócus* desta tese, que demarcamos no capítulo 2. O pouso, uma espécie de *zoom*, permitiu a aproximação do objeto em close, isto é, a experiência do ensino/aprendizagem das Artes Visuais no contexto da pandemia de Covid-19. Esse pouso vai sendo reconfigurado a partir das diferentes trilhas que seguimos para obter as experiências artísticas, estéticas e culturais. Por fim, o reconhecimento atento nos permitirá reconhecer as trilhas que traçam e que ao mesmo tempo saem dessas referidas trilhas, expostos nos capítulos 3 e 4.

Enunciamos as práticas educativas em Artes Visuais diante da realidade das aulas remotas devido à pandemia. Os desafios foram diversos e evidenciados pelas desigualdades sociais. De acordo com Saviani e Galvão (2021, p. 39, grifo dos autores), “[...] com o “ensino” remoto, nossos problemas não acabaram; apenas se enraizaram ainda mais”.

Enfrentar esses desafios se fez premente. No entanto, quando iniciou o processo pós-pandêmico, não podemos esquecer que as aulas presenciais, que visam construir um processo educativo, são muito melhores do que as remotas, afinal, “[...] deve-se ter presente que, pela sua própria natureza, a educação não pode não ser presencial” (Saviani; Galvão, 2021, p. 39). A educação democrática só é possível se todos tiverem acesso a tempos, espaços e materiais que

viabilizem o processo de ensino/aprendizagem, seja dentro ou fora da escola, por meio remoto ou presencial.

Isso posto, nosso objeto de pesquisa – As práticas educativas em Artes Visuais no contexto das questões ambientais – trouxe em seu cerne o problema: Como os(as) estudantes da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) revelam, em seus processos de criação artística, a temática centrada nas questões ambientais nas aulas de Arte/Artes Visuais? Compreendemos que há muitas revelações advindas desses processos, por isso, retomamos nosso objetivo principal de analisar como esses(as) estudantes mostram, em seus processos de criação artística, estética e cultural, a temática do meio ambiente e seus desdobramentos.

Certamente, já vislumbramos, por meio de todos os dados coletados, como os(as) estudantes revelam as questões ambientais, suas aprendizagens ou não aprendizagens, seu pouco acesso aos bens culturais hegemônicos e às políticas públicas que melhorariam suas comunidades em termos de transporte, emprego e renda, saúde, água e saneamento básico. Mas ainda há uma trilha a percorrer, seguindo as pistas registradas por eles/elas em suas experimentações estéticas/visuais, que podem percorrer linhas de fuga, no entanto, continuam a fazer movimentos rizomáticos, sem hierarquias, criando conexões de heterogeneidade e multiplicidade.

Para a escola ter qualidade no ensino/aprendizagem, não basta ser bem estruturada; precisa de muitos outros fatores que interponham possibilidades múltiplas, como uma educação problematizadora e dialógica, questionadora do autoritarismo, algo sempre muito enraizado na história do Brasil, tanto antiga quanto recente. É primordial que a prática educativa, considerada progressista, interpele esse autoritarismo para que se construa um conhecimento artístico crítico e reflexivo.

Conforme Freire (2019, p. 40) assinala a respeito da formação permanente dos(as) professores(as): “[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão sobre a prática”, pois é na formação permanente que se realizam as reflexões sobre nossas práticas educativas, nos faz rever e avaliar ações e omissões, buscar soluções e tentar novas atuações no processo de ensino/aprendizagem.

Outro fator importante na escola é a infraestrutura. Embora ela possa não impedir uma boa aula, nós, professores de arte, precisamos problematizar a falta

dessa infraestrutura nas escolas para nossas aulas. Muitas vezes não temos o básico e acabamos por dispor de nossos próprios recursos financeiros para comprar o que é necessário para trabalhar com os(as) estudantes, como cola, tesouras, lápis de cores, papel, pincéis, canetas, giz, marcadores etc.

A experiência também trouxe para nossas reflexões o estágio supervisionado e a importância de o(a) professor(a)-supervisor(a) estar aberto(a) a essas relações com os(as) discentes dos cursos de Licenciatura em Artes Visuais. Há uma relação de criação no planejamento das aulas, tanto do(a) professor(a) quanto do(a) discente da licenciatura, que vai além de se planejar o ordinário, mas também pensar no extraordinário, propondo novas ações e situações.

Um exemplo disso foi a proposta de coleta de resíduos na Praia Grande de Outeiro, relatada no capítulo 3 desta tese, que permitiu debater sobre a problemática da coleta de resíduos em Belém, compreendendo que é responsabilidade da prefeitura realizar este serviço, mas é responsabilidade do cidadão não os depositar em qualquer lugar. Portanto, apresentar as obras de Lúcia Gomes (2014) e de outros(as) artistas para pensar sobre os resíduos sólidos foi primordial na construção desse debate.

É esse cenário, cheio de referências da ilha e da realidade escolar, que observamos nas pinturas e fotografias capturadas pelos(as) estudantes da EJAI e pela autora desta tese, sobretudo nas imagens indiciais, que testemunham toda a influência da fluidez das águas na vida cotidiana desses(as) estudantes.

As ações e as experiências nos fizeram refletir criticamente sobre as práticas educativas do(a) professor(a) de Arte que atua na Educação de Jovens, Adultos e Idosos, dentro de uma escola que se percebe como referência em Educação Ambiental, mas que nem sempre essa percepção se faz presente no cotidiano escolar, mas temos a esperança, do verbo esperar, de que essa tese possa contribuir com ações e proposições sobre as práticas educativas envolvendo a Arte e o Meio Ambiente e que, nessa interlocução, possamos construir um mundo com mais amor, no sentido que Freire (2019) expõe, ou seja, cumprindo amorosamente nosso dever, mas sem deixar de lutar politicamente por nossos direitos e pelo respeito à dignidade de nossa tarefa como professores(as) de Arte.

Da mesma forma, buscamos a sustentabilidade do mundo, conforme Boff (2016, p. 34) assinala: "Sustentabilidade representa os procedimentos que

tomamos para permitir que a terra e seus biomas se mantenham vivos e alimentados [...]”. O conhecimento artístico advindo do ensino/aprendizagem da Arte/Artes Visuais tem as premissas necessárias para contribuir a esses propósitos.

Propomos diferentes tipos de práticas educativas interrelacionando as Artes Visuais com as questões ambientais. Por exemplo, tivemos uma aula remota abordando o Polo Artesanal de Icoaraci, apresentando vídeos sobre o local, bem como as produções em cerâmica dos mestres artesãos deste lugar.

Outra proposição foram as fotografias do meio ambiente onde moram os(as) estudantes, permitindo conhecer um pouco do que observa(m) ao seu redor, sua visão de um local limpo, sem resíduos sólidos nas vias públicas, e de um local sujo. Também propusemos ações de coleta de resíduos na Praia Grande para, depois, experienciar a ação de pintar e colar os resíduos coletados sobre tela, criando imagens de tartaruga, estrela do mar, peixes e de seres mitológicos, como a lara. Além disso, estudamos *Art in Nature* (Arte da Natureza) e criamos imagens usando materiais da própria natureza.

As práticas educativas supracitadas nos fizeram refletir que, mesmo nas adversidades decorrentes da pandemia de Covid-19, conseguimos criar e vivenciar momentos de ensino/aprendizagem, seja de forma presencial ou remota. O meio ambiente pode oferecer matéria-prima natural ou artificial, pode estar malcuidado ou bem cuidado, colocando em perspectiva as nossas escolhas para o meio ambiente em que queremos viver.

Nesse sentido, o poder público tem muito a fazer junto à comunidade da Ilha de Caratateua no que diz respeito ao saneamento básico, coleta de resíduos, transporte de qualidade e água potável. Todo esse debate volta com força após o anúncio de que Belém será a sede da Conferência das Partes (COP30), que ocorrerá em novembro de 2025. Consideramos muito relevante a cidade sediar este evento, pois os debates sobre as questões ambientais serão feitos a partir da Amazônia, como declarou o presidente Lula<sup>88</sup>:

Segundo o Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM), a Amazônia ocupa cerca de 7% da superfície total do planeta, sendo considerada

---

<sup>88</sup> Para mais informações, acessar: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/agenda-internacional/missoes-internacionais/cop28/cop-30-no-brasil#:~:text=O%20estado%20do%20Par%C3%A1%20se,os%20principais%20dias%20da%20Confer%C3%A2ncia>. Acesso em 04 jul. 2024.

a maior floresta tropical do mundo. Portanto, nada mais justo que a COP30 seja sediada em Belém e possa incluir e visibilizar todos os que moram aqui: os povos indígenas, os quilombolas, os ribeirinhos, os belenenses, os manauaras, de forma que possam participar dos mais importantes debates sobre as questões ambientais.

Os achados da tese, como a interrelação entre a Política Nacional do Meio Ambiente e a Política de Resíduos Sólidos, possibilitam a defesa de direitos e deveres em relação às questões ambientais, sendo assuntos necessários para o ensino/aprendizagem na área de Artes. Registros fotográficos que abordaram o tema do cuidado e/ou da negligência ambiental oportunizaram uma experiência estética com base no cotidiano dos estudantes. A pesquisa possibilitou refletir criticamente sobre as práticas educativas do(a) professor(a) de Arte que atua na Educação de Jovens, Adultos e Idosos dentro de uma escola que se percebe como referência em Educação Ambiental.

Alguns questionamentos tornaram-se reflexões que me conduziram ao longo das práticas como artista, professora e pesquisadora, e que compreendo como necessárias para aperfeiçoar ou aprimorar não apenas meu fazer artístico, minhas aulas e demais trabalhos pedagógicos e de pesquisa, como também melhorar o âmbito profissional e pessoal.

Como expõe Freire (2019, p. 26), “[...] quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e a seriedade”. Ademais, foram muitas ações, percepções e reflexões que essa tese me proporcionou, nesse ‘jogo’ de ensinar/aprender. A que considere mais relevante foi a visão de meio ambiente ampliada, que nos remeteu a ações políticas primordiais para o cuidado e sustentabilidade ambiental.

## REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Valéria Metroski; SILVA, Maria Cristina Rosa Fonseca da. Formação docente em Arte: percurso e expectativas a partir da Lei 13.278/16. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 1009-1030, jul./set. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623674153>. Acesso em: 20 jun. 2020.

ANJOS, Ana Cristina Chagas. **Arte-educação e educação ambiental**. Uma reflexão sobre a colaboração teórica e metodológica para Educação Ambiental. 228f. 2010. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, SP, 2010.

ARAÚJO, Raisa de. A crise do lixo em Belém: uma poderosa moeda política em 2024. **Amazônia Latitude**, 23 abr. 2024. Disponível em: <https://www.amazonialatitude.com/2024/04/23/crise-lixo-belem-moeda-politica/>. Acesso em: 02 out. 2024.

ARTE ambiente educação. **Produção artística/estética dos estudantes da EJAI** – Fundação Escola Bosque. 10 nov. 2021. Disponível em: <https://arterespireduuc.blogspot.com/2022/11/material-de-producao-dos-estudantes-da.html>. Acesso em: 05 mai. 2021.

ARTE fora do Museu. Disponível em: <https://arteforadomuseu.com.br/operarios-de-brumadinho/>. Acesso em: 15 abr. 2020.

ARTE Pará. Disponível em: [https://projetoartepara.com.br/?page\\_id=14](https://projetoartepara.com.br/?page_id=14). Acesso em: 04 set. 2023.

ARTSCOOP. *Fat Monkey* em São Paulo, Florentijn Hoffman. 25 out. 2011. Disponível em: <https://itsartscoop.wordpress.com/tag/florentijn-hoffman/>. Acesso em: 10 ago. 2024.

ABERTURA de exposição “Frans Krajcberg: por uma arquitetura da natureza” reúne especialistas e amantes da arte no MuBE. Portal de notícias do Estado da Bahia, Salvador, 08 mai. 2022. Disponível em: <https://www.comunicacao.ba.gov.br/2022/05/noticias/cultura/abertura-de-exposicao-frans-krajcberg-por-uma-arquitetura-da-natureza-reune-especialistas-e-amantes-da-arte-no-mube/>. Acesso em: 23 nov. 2024.

BAND Jornalismo. **Mulher é agredida em protesto pró-Bolsonaro**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c6uLslawBEY>. Acesso em: 05 mai. 2020.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2012.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no Ensino da Arte: anos 80 e novos tempos**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BARBOSA, Catarina. Monocultura da soja pode deixar o brasileiro sem arroz e feijão na mesa. **Brasil de Fato**, Belém, PA, 26 abr. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/04/26/monocultura-da-soja-pode-deixar-o-brasileiro-sem-arroz-e-feijao-na-mesa>. Acesso em 20 jul. 2024.

BARBOSA, Mariana Garcia. **Educação e Arte: entre os perdidos no meio ambiente e os achados na poética das Artes Visuais com professores de Artes Visuais**. 136f. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Editora 70, 2021.

BBC BRASIL. **Como epidemia de coronavírus pode ter efeito positivo no meio ambiente**. 2 mar. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51682790>. Acesso em: 28 abr. 2020.

BELÉM (Município). Decreto nº. 28.838, de 13 de junho de 1996. Aprova o Estatuto do Centro de Referência em Educação Ambiental – Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira. **Palácio Antônio Lemos**, Belém, PA, 13 jun. 1996.

BELÉM (Município). **Regimento Interno do Centro de Referência em Educação Ambiental Professor Eidorfe Moreira**. Belém, PA, 1996.

BELÉM (Município). **Projeto Político Pedagógico da Escola Bosque**. Belém: Secretaria Municipal de Educação; Fundação Centro de Referência em Educação Ambiental Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira, 2016.

BELÉM (Município). Secretaria Municipal de Planejamento. **Tabela 33 - População das Ilhas do Município de Belém - 2000-2010**. Disponível em: <https://anuario.belem.pa.gov.br/wp-content/uploads/2020/12/Tabela-33-Demografia.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2023.

BIANCHI, Marilda. **Arte e meio ambiente nas poéticas contemporâneas**. 78f. 2012. Dissertação (Mestrado em Arte) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

BIASETTO, Daniel. “Eu tenho medo de morrer de bala”, diz Davi Kopenawa, líder mundial na defesa da causa ianomâmi. **Jornal Extra**, Rio de Janeiro, RJ, 24 abr. 2022. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/eu-tenho-medo-de-morrer-de-bala-diz-davi-kopenawa-lider-mundial-na-defesa-da-causa-ianomami-25486664.html>. Acesso em: 04 mai. 2022.

*Blog Ensino/aprendizagem de Arte/Artes Visuais – Aula remota – Diário de bordo das turmas: Dourada, Pescada e Tucunaré – IV Totalidade – FUNBOSQUE*. Disponível em: <https://ejai-ensino->



aprendizagemartesvisuais.blogspot.com/2021/05/ensino-aprendizagem-de-arteartes.html. Acesso em: 05 mai. 2021.

*Blog Grupo/Sala de Arte: Ipê Amarelo e Ipê Rosa.* Disponível em: <https://arterespireduuc.blogspot.com/2020/07/arteeducacao-e-o-chao-da-escola.html>. Acesso em: 05 mai. 2021.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade** – O que é – o que não é. 5. ed. revista e ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes 2016.

BORGES, Liana. Bases teóricas para o conceito de Totalidades do Conhecimento. *In*: FÓRUM MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELÉM: RECONSTRUINDO O CURRÍCULO DE JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA CABANA, 2., 1999, Belém. **Caderno de textos**. Belém: SEMEC, 1999. p. 16-19.

BRASIL. **Rumo à COP 30**. Disponível em: [https://www.gov.br/planalto/pt-br/agenda-internacional/missoes-internacionais/cop28/cop-30-no-brasil#:~:text=O%20estado%20do%20Par%C3%A1%20se,os%20principais%20dias%20da%20Confer%C3%A7%C3%A3o](https://www.gov.br/planalto/pt-br/agenda-internacional/missoes-internacionais/cop28/cop-30-no-brasil#:~:text=O%20estado%20do%20Par%C3%A1%20se,os%20principais%20dias%20da%20Confer%C3%A7%C3%A3o.). Acesso em: 04 jul. 2024.

BRASIL. Lei nº. 6.938, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, 31 ago. 1981.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil (1988). **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, 5 out. 1988.

BRASIL. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 20 dez. 1996.

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 27 abr. 1999.

BRASIL. Lei nº. 10639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 09 jan. 2003. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2003/L10.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm). Acesso em: 19 jun. 2022.

BRASIL. Lei nº. 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". **Diário Oficial [da] República Federativa**

**do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 10 mar. 2008. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm). Acesso em: 19 jun. 2022.

BRASIL. Lei nº. 12.305, de 2 de agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 02 ago. 2010. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm). Acesso em: 04 jun. 2023.

BRASIL. Lei nº. 13.278, de 2 de maio de 2016. Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 2 mai. 2016.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Ministério da Educação. 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 03 dez. 2019.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Escola Bosque – Exemplo de Educação Ambiental ao alcance de todos. **Ambiente Brasil**, Curitiba. Disponível em: [https://ambientes.ambientebrasil.com.br/educacao/programas\\_ambientais/escola\\_bosque\\_-\\_exemplo\\_de\\_educacao\\_ambiental\\_ao\\_alcance\\_de\\_todos.html](https://ambientes.ambientebrasil.com.br/educacao/programas_ambientais/escola_bosque_-_exemplo_de_educacao_ambiental_ao_alcance_de_todos.html). Acesso em: 10 mar. 2022.

BRITTO, Rosangela Marques. Processos de ensino/aprendizagem em artes visuais: experiências vivenciadas com os discentes da Universidade Federal do Pará (UFPA). **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 9, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/126775> Acesso em: 30 set. 2024.

CAMPOS, Rafael. **Coronavírus**: águas nos canais de Veneza ficam mais cristalinas. Disponível em: <https://www.metropoles.com/mundo/coronavirus-aguas-nos-canais-de-veneza-ficam-mais-cristalinas>. Acesso em: 09 de nov. 2022.

CANDIDO, Marcia Cristina de Lima. **As artes visuais e o meio ambiente no Ensino Básico**: da teoria à prática. 33f. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) – Departamento de Artes Visuais, Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2011.

CHAIA, Miguel Wady. Artivismo – Política e Arte Hoje. **Revista de Filosofia Aurora**, Curitiba, PR, n. 1, p. 9-11, 20017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/6335/4643>. Acesso em: 16 jul. 2022.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia**. 2. ed. Secretaria de Cultura, Fundação Pedro Calmom, 2009. Salvador. Disponível em:

[http://www.cultura.ba.gov.br/arquivos/File/oqeculturavol\\_1\\_chaui.pdf](http://www.cultura.ba.gov.br/arquivos/File/oqeculturavol_1_chaui.pdf). Acesso em: 23 mai. 2023.

CLASSES D e E continuarão a ser mais da metade da população até 2024, projeta consultoria. **Infomoney**, 26 abr. 2022. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/minhas-financas/classes-d-e-e-continuarao-a-ser-mais-da-metade-da-populacao-ate-2024-projeta-consultoria/>. Acesso em: 05 out. 2023.

COACCESS LIVE. **O lugar da arte na infância**. 17 mai. 2021. *Live* transmitida pelo *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CTsk9atqO14&t=859s>. Acesso em: 17 mai. 2021.

DANTO, Arthur Coleman. **Após o fim da Arte: a arte contemporânea e os limites da história**. Tradução Saulo Krieger. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é Filosofia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**, Vol. 2. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Claudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1995.

DESMATAMENTO na Amazônia cresce 29% em 2021, e é o maior dos últimos anos. **Imazon**, Belém, PA, 17 jan. 2022. Disponível em: <https://imazon.org.br/imprensa/desmatamento-na-amazonia-cresce-29-em-2021-e-e-o-maior-dos-ultimos-10-anos>. Acesso em: 09 set. 2022.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DOSSE, François. **O desafio biográfico, escrever uma vida**. Tradução Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

“E DAÍ?”, de Bolsonaro, é tema das charges nesta quarta. **Fonte 83**, João Pessoa, PB, 28 de abr. 2020. Disponível em: <https://fonte83.com.br/e-dai-de-bolsonaro-e-tema-das-charges-desta-quarta-veja/>. Acesso em: 30 abr. 2020.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa368971/lucia-gomes>. Acesso em: 03 mar. 2024.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. **Frans Krajcberg**. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10730/frans-krajcberg/obras?p=2>. Acesso em: 18 set. 2022. (Verbete de Enciclopédia).

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. **Lúcia Gomes**. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa368971/lucia-gomes>. Acesso em: 30 jul. 2024. (Verbete de Enciclopédia).

FAZENDA, Ivani (org). **O que é Interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

FÉLIX, Franklin. Mundano usa lama tóxica de Brumadinho em painel inspirado em Tarsila do Amaral. **Hypeness**, São Paulo, 28 jan. 2020. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2020/01/mundano-usa-lama-toxica-de-brumadinho-em-painel-inspirado-em-tarsila-do-amaral/>. Acesso em: 03 mai. 2020.

FÉLIX, Franklin. Empatia, esperança e fé: o que podemos aprender com a crise do coronavírus. **Carta Capital**, São Paulo, 16 mar. 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/empatia-esperanca-e-fe-o-que-podemos-aprender-com-a-crise-do-coronavirus/>. Acesso em: 15 abr. 2020.

FERRAZ, Maria Helena C. de Toledo; FUSARI, Maria F. de Resende. **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 1999. Coleção magistério 2º. grau. Série: Formação do Professor.

FERRAZ, José Maria Gusman. **Agroecologia**. 22 dez. 2021. Disponível em: <https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/tematicas/agricultura-e-meio-ambiente/politicas/agroecologia>. Acesso em: 25 jun. 2023.

FILHO, João Meirelles. **Belém ribeirinha**. Marco contextual. Belém: Instituto Peabiru, 2014. Disponível em: <https://institutopeabiru.files.wordpress.com/2014/08/belemribeirinha-marcocontextual.pdf>. Acesso em: 20 fev.2022.

FONSECA, Nélia Lúcia. Temas ambientais e o ensino/aprendizagem de artes visuais: reflexões sobre uma poética ambientalista na sala de aula. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP, 29., 2020, Goiânia. **Anais [...]**. Universidade Federal de Goiânia, Faculdade de Artes Visuais, Goiânia, 2020. Disponível em: [http://anpap.org.br/anais/2020/pdf/Nelia\\_Lucia\\_Fonseca\\_ANPAP\\_2020\\_ArtigoF inal-108.pdf](http://anpap.org.br/anais/2020/pdf/Nelia_Lucia_Fonseca_ANPAP_2020_ArtigoF inal-108.pdf). Acesso em: 20 mar. 2021.

FERREIRA, Igor. Censo 2022: rede de esgoto alcança 62,5% da população, mas desigualdades regionais e por cor e raça persistem. **Agência IBGE Notícias**, 23 fev. 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39237-censo-2022-rede-de-esgoto-alcanca-62-5-da-populacao-mas-desigualdades-regionais-e-por-cor-e-raca-persistem>. Acesso: 04 jun. 2024.

FONSECA, Nélia Lucia. **Blog**: Educação de Jovens, Adultos e Idosos – Ensino/aprendizagem de Arte. Ensino /aprendizagem de Arte/Artes Visuais – AULA REMOTA – diário de bordo das turmas: Dourada, Pescada e Tucunaré,

IV Totalidade, FUNBOSQUE. 09 mai. 2021. Disponível em: <https://ejai-ensino-aprendizagemartesvisuais.blogspot.com/2021/05/ensino-aprendizagem-de-artesartes.html>. Acesso em: 07 abr. 2021.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 57. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. 59. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FUNBOSQUE realiza inscrição para Processo Seletivo Simplificado nesta quinta-feira. **Agência Belém**, Belém, PA, 18 ago. 2021. Disponível em: <https://agenciabelem.com.br/Noticia/221213/funbosque-realiza-inscricao-para-processo-seletivo-simplificado-nesta-quinta-feira>. Acesso em: 18 ago. 2022.

FUNBOSQUE abre inscrições de processo seletivo para contratação de profissionais nesta quinta-feira. **G1 Pará**, 19 ago. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2021/08/19/funbosque-abre-inscricoes-de-processo-seletivo-para-contratacao-de-profissionais-nesta-quinta-feira.ghtml>. Acesso em: 23 ago. 2022.

GARCIA, Leandro Alves; MIRANDA, Atena Pontes de; COSTA, Robson Xavier da. Sustentabilidade e moda no ensino das Artes Visuais. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 42, n. 116, p. 28-40, jan.-abr. 2022.

GARIMPO ilegal, invasão e violência em terras indígenas. **Brasil de Fato**, Rio de Janeiro, 11 jun. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RdVVNLVKTOI>. Acesso em: 20 de ago. 2021.

GIRARDI, Giovana; QUEIROZ, Thiago. Diário de Brumadinho: a cidade um ano após a tragédia. **Estadão**, São Paulo, 15 jan. 2020. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,diario-de-brumadinho-a-cidade-um-ano-depois-da-tragedia,70003157973>. Acesso em: 30 abr. 2020.

GOMES, Lúcia. **Pipaz**. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/58087723@N03/5339375795/in/photostream/>. Acesso em: 30 jul. 2024.

GOMES, Lúcia. **Pororoca**. 2003. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/58087723@N03/5340031118/in/photostream/>. Acesso em: 30 jul. 2024.

GOULD, Stephen Jay. É preciso arte para negociar com a Terra. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 6 de jun. 1993. Caderno Especial.

GUATARRI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Sueli. **Micropolíticas**: cartografias do desejo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GUERRA, Antonio Claret. Pesquisa mostra que 99,3% das escolas suspenderam aulas presenciais. **Agência Brasil**, Belo Horizonte, 12 jul. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2021-07/pesquisa-mostra-que-993-das-escolas-suspenderam-aulas-presenciais>. Acesso em: 04 mar. 2023.

GUERRA contra a Covid-19. Sebastião Salgado e a defesa dos índios da Amazônia contra a Covid-19. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jcrJCUAHQuo>. Acesso em: 26 abr. 2020.

HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. A Desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. **GEOgraphia**, Niterói, RJ, v. 4, n. 7, p. 7-22, 21 set. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2002.v4i7.a13419>. Acesso em: 23 jun. 2022.

HAMZE, Amélia. Os temas transversais na escola básica. **Canal do Educador**, Goiânia, GO. Disponível em: [https://educador.brasilescola.uol.com.br/gestao-educacional/os-temas-transversais-na-escola-basica.htm#:~:text=Os%20temas%20transversais%20s%C3%A3o%20constitu%C3%ADdos,Meio%20Ambiente%20\(Os%20ciclos%20da](https://educador.brasilescola.uol.com.br/gestao-educacional/os-temas-transversais-na-escola-basica.htm#:~:text=Os%20temas%20transversais%20s%C3%A3o%20constitu%C3%ADdos,Meio%20Ambiente%20(Os%20ciclos%20da). Acesso em: 05 ago. 2022.

HARVEY, David. **O neoliberalismo**: histórias e implicações. Tradução Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

HOBBSAWM, Erick. A era das revoluções. Tradução Maria Tereza Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. (Formato *E-pub*).

IABELBERG, Rosa. A Base Nacional Curricular Comum e a formação dos professores de arte. **Horizontes**, Itatiba, SP, v. 36, n. 1, p. 74-84, jan./abr. 2018.

IMBROISE, Margaret. **Intervenção artística urbana**. 22 jun. 2016. Disponível em <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/intervencao-artistica-urbana/>. Acesso em: 12 de ago. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Amazônia Legal**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-regionais/15819-amazonia-legal.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 21 mar. 2022.

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS (INPE). **Estimativa de desmatamento na Amazônia Legal para 2022 é de 11.568 km<sup>2</sup>**. 30 nov. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inpe/pt-br/assuntos/ultimas-noticias/estimativa-de-desmatamento-na-amazonia-legal-para-2022-e-de-11-568-km2>. Acesso em: 26 mai. 2023.

IRIBARRY, Isac Nikos. Aproximações sobre a transdisciplinaridade: algumas linhas históricas, fundamentos e princípios aplicados ao trabalho de equipe. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, n. 16, v. 3, mai. 2003.

JUNIOR, Evaldo. Governo do Pará entrega Ponte de Outeiro reconstruída e beneficia mais de 100 mil moradores. **Agência Pará**, Belém, PA, 26 fev. 2023. Disponível em: <https://www.agenciapara.com.br/noticia/41634/governo-do-para-entrega-ponte-de-outeiro-reconstruida-e-beneficia-mais-de-100-mil-moradores>. Acesso em: 26 jan. 2025.

LEAL, Bruno. Norte Global. **Café História**, 27 jan. 2023. Disponível em: [https://www.cafehistoria.com.br/glossary/norte-global/#:~:text=O%20Norte%20Global%20est%C3%A1%20correlacionado,e%20Caribe%20\(entre%20outros](https://www.cafehistoria.com.br/glossary/norte-global/#:~:text=O%20Norte%20Global%20est%C3%A1%20correlacionado,e%20Caribe%20(entre%20outros). Acesso em: 22 de nov. 2023.

LIFE UDESC. **Mesa de abertura**. Seminário do Programa Residência Pedagógica Udesc Ceart. 14 mai, 2021. *Live* transmitida pelo *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3ub9lf4CD5Q>. Acesso em: 22 mai. 2021.

LOYOLA, Geraldo Freire. **Professor-artista-professor**: materiais didático-pedagógicos e ensino-aprendizagem em Arte. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2016.

MACHADO, Maria Margarida. A educação de jovens e adultos Após 20 vinte anos da Lei nº 9.394, de 1996. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 10, n. 19, p. 429-451, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://www.esforce.org.br>. Acesso em: 27 jan. 2023.

MADEIRO, Carlos. Inpe: fogo queimou área de 4,2 mi campos de futebol na Amazônia. **UOL**, Macéio, AL, 03 set. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2019/09/03/inpe-fogo-queimou-area-de-34-mi-campos-de-futebol-na-amazonia-em-agosto.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 06 mai. 2020.

MAGALHÃES, Ana Del Tabor Vasconcelos. **Experiências de ensinar/aprender artes visuais**: o estágio curricular como campo de investigação na formação inicial docente. 194f. 2019. Tese (Doutorado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

MAGALHÃES, Ana Del Tabor Vasconcelos; MARQUES, Sílvia; NETTO, Joaquim. **Ensino de artes no Brasil: as leis e políticas públicas**. Grupo de pesquisa Estudos sobre Arte Moderna e Contemporânea. 30 abr. 2021. *Live* transmitida pelo *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jsw2ZsTKCSM>. Acesso em: 03 mai. 2021.

MARQUES, Isabel; BRASIL, Fábio. **Arte em questões**. 2. ed. São Paulo, Cortez, 2014.

MATARAZZO, Jade. A Democratização da Arte. **Acontece.com**, Miami, FL, 9 abr. 2019. Disponível em: <https://acontece.com/a-democratizacao-da-arte/#:~:text=A%20arte%20%C3%A9%20um%20direito,mais%20perif%C3%A9ricas%2C%20de%20maneira%20popular.&text=O%20grafite%2C%20por%20exemplo%2C%20E2%80%9C,da%20rela%C3%A7%C3%A3o%20arte%2Dp%C3%BAblico%20E2%80%9D>. Acesso em: 20 de fev.2021.

MEDEIROS, Afonso; PIMENTEL, Lúcia. **Ecossistemas estéticos**. 2013. Disponível em: [https://anpap.org.br/anais/2013/conferencias/Afonso\\_Medeiros-e-Lucia\\_Pimentel.pdf](https://anpap.org.br/anais/2013/conferencias/Afonso_Medeiros-e-Lucia_Pimentel.pdf). Acesso em: 17 out. 2023.

MEDEIROS, José Afonso. Ana, Paulo e John: apontamentos para uma filosofia multiplanar da arte através da educação. *In*: PETERSON, Sidiney; MIDORI, Amanda (eds.). **O ensino artístico que temos e o que queremos**: posturas, histórias e experiências no Brasil e em Portugal. Porto, PT: i2ADS edições, 2021. Disponível em: <https://i2ads.up.pt/wp-content/uploads/2021/11/dialogos.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2024.

MONIN, Serguei. Crise entre Rússia e Otan: da guerra híbrida ao risco de conflito militar. **Brasil de Fato**, Rio de Janeiro, 10 jul. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/07/10/crise-entre-russia-e-otan-da-guerra-hibrida-ao-risco-de-conflito-militar>. Acesso em: 6 jul. 2024.

MUSEU de Arte do Rio hasteia bandeira de Matheus Ribs. **DesArtes**, Rio de Janeiro, RJ, 16 dez. 2021. Disponível em: <https://dasartes.com.br/de-arte-az/museu-de-arte-do-rio-hasteia-bandeira-de-matheus-ribs/>. Acesso em: 05 out. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (Brasil). **Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável**. 15 set. 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentavel>. Acesso em: 15 mar. 2019.

OLIVEIRA, Eder. **Perpasse**, 2020. Óleo sobre tela, 135x190cm. Disponível em: <https://www.ederoliveira.net/obras#0>. Acesso em: 23 mai. 2023.

PÁDUA, Elisabeth Matallo Marchesini de. O trabalho monográfico como iniciação à pesquisa científica. *In*: CARVALHO, Maria Cecília M. de. (org.). **Construindo o saber** - Metodologia Científica: fundamentos e técnicas. 5. ed. Campinas: Papirus, 1995. p. 147-169.

PANTANAL: como seca, mudanças climáticas e devastação da Amazônia ameaçam esse bioma brasileiro. **NatGeo Brasil**, 26 jun. 2024. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2024/06/pantanal-como-seca-mudancas-climaticas-e-devastacao-da-amazonia-ameacam-esse-bioma-brasileiro>. Acesso em: 30 nov. 2024.

PASSOS, Marcus. Justiça prorroga funcionamento de aterro sanitário até fevereiro de 2025. **G1 Pará**, Belém, 29 nov. 2023. Disponível em:



<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2023/11/29/crise-do-lixo-na-grande-belem-justica-prorroga-funcionamento-de-aterro-ate-fevereiro-de-2025.ghtml>. Acesso: 24 de abr. de 2024.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Formação de Professores de Arte Novos Caminhos. *In*: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE EDUCADORES DO BRASIL, TRAJETÓRIAS E POLÍTICAS PARA O ENSINO DAS ARTES NO BRASIL, 15. 2009. **Anais do XV CONFAEB**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2009. p. 175-184.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Fruir, contextualizar e experimentar como possível estratégia básica para investigação e possibilidade de diversidade no ensino de arte: o contemporâneo de vinte anos. *In*: BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (org.). **Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 211-228.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Novas Territorialidades e identidades culturais: o ensino de Arte e as tecnologias contemporâneas. *In*: GERALDO, Sheila Cabo; COSTA, Luiz Cláudio (orgs.). **Anais do Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas** [Recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: ANPAP, 2011.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa; MAGALHÃES, Ana Del Tabor. Docência em Arte no contexto da BNCC: É preciso reinventar o ensino/aprendizagem em Arte? **Revista GEARTE**, Porto Alegre, RS, v. 5, n. 2, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/83234>. Acesso em: 9 nov. 2020.

PLANEJAMENTO EJAII estudo em casa. Agosto a dezembro de 2021. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1Kuyy7xeWNUdJatWhfGsKDnHLM3jn7CUV/edit>. Acesso em: 05 out. 2023.

POZZI, Sandro. A mulher que inventou arte moderna no Brasil chega ao MoMA. **El País**, NY/SP, 07. fev. 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/07/cultura/1518001616\\_829973.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/07/cultura/1518001616_829973.html). Acesso em: 15 abr. 2020.

PREFEITO Edmilson Rodrigues acompanha serviços para assegurar manutenção da travessia em Outeiro. **Agência Belém**, Belém, PA, 17 jan. 2022. Disponível em: <https://agenciabelem.com.br/Noticia/223229/prefeito-edmilson-rodrigues-acompanha-servicos-para-assegurar-manutencao-da-travessia-em-outeiro>. Acesso em: 17 ago. 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM. **Diretrizes curriculares do ensino fundamental** – ciclos I e II. Belém/PA: Secretaria Municipal de Educação/Diretoria de Educação, 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM. **Caratateua**. Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/ver-belem/detalhe.php?p=190&i=1#:~:text=Pela%20complexidade%20de%20press>

%C3%A3o%20urbana,significa%20lugar%20das%20grandes%20batatas.  
Acesso em: 16 ago. 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM. Diretoria de Desenvolvimento Urbano (DDU). **Mapa de localização da ilha de Caratateua**. Junho, 2014. Disponível em: [http://www.belem.pa.gov.br/codem\\_mapas/Mapas\\_PDF/Ilhas/Ilha%20de%20Caratateua.pdf](http://www.belem.pa.gov.br/codem_mapas/Mapas_PDF/Ilhas/Ilha%20de%20Caratateua.pdf). Acesso em: 19 ago. 22.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM. **Ilhas de Belém**. Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/app/c2ms/v/?id=18&conteudo=4761>. Acesso em: 04 mai. 2022.

PREFEITURA DE BELÉM. **Mapa DAOUT**. Disponível em: [http://www.belem.pa.gov.br/codem\\_mapas/Mapas\\_PDF/Distritos/A0/DAOUT\\_2.pdf](http://www.belem.pa.gov.br/codem_mapas/Mapas_PDF/Distritos/A0/DAOUT_2.pdf). Acesso em: 15 ago. 2022.

PREFEITURA DE BELÉM. **Anuário Estatístico do Município de Belém – 2011**. Capítulo 01: caracterização do território. Disponível em: [http://www.belem.pa.gov.br/app/ANUARIO\\_2011/1\\_01\\_Caracterizacao%20do%20Territorio.pdf](http://www.belem.pa.gov.br/app/ANUARIO_2011/1_01_Caracterizacao%20do%20Territorio.pdf). Acesso em: 29 jun. 2023.

QUESTIONÁRIO estudante da EJAI. Disponível em: <https://forms.gle/7TWmsKHqv2Pp2PWi7>. Acesso em: 02 ago. 2021.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2016. Coleção Primeiros Passos.

REIGOTA, Marcos. **A floresta e a escola**: por uma educação ambiental pós-moderna. 4. ed. São Paulo. 2011.

RIBEIRO, Bruna. Projeto Conecta Década promove ações de conscientização sobre a importância dos oceanos. **UFPA Notícias**, Belém, 28 jun. 2021. Disponível em: <https://ufpa.br/projeto-conecta-decada-promove-acoes-de-conscientizacao-sobre-a-importancia-dos-oceanos/>. Acesso em: 10 out. 2021.

RIBEIRO, Sílvia. Garrafas pet gigantes no Tietê poderão ser visitadas de barco. **G1 São Paulo**, 26 mar. 2008. Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL363123-5605,00-GARRAFAS+PET+GIGANTES+NO+TIETE+PODERAO+SER+VISITADAS+DE+BARCO.html>. Acesso em: 23 nov. 2024.

RICHTER, Ivone. Projeto Água: uma proposta interdisciplinar. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, RS, v. 1, n. 2, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/48499>. Acesso em: 8 jun. 2022.

RIZZI, Maria Christina de Souza Lima; ANJOS, Ana Cristina Chagas dos. Arte-educação e meio ambiente: apontamentos conceituais a partir de uma experiência de arte-educação e educação ambiental. **ARS**, São Paulo, v. 8, n. 15, p. 26-35, 2010.

RODRIGUES, Léo. Brumadinho: famílias confiam que 3 corpos restantes serão encontrados. **Agência Brasil**, Brasília, DF, 26 jan. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-01/brumadinho-familias-confiam-que-3-vitimas-restantes-serao-encontradas>. Acesso em: 03 out. 2024.

SANTANA, Ana Lucia. **Sebastião Salgado**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/biografias/sebastiao-salgado/>. Acesso em: 09 de nov. 2022.

SANTOS, Helena Cardoso dos. **A arte como elemento no ensino da educação ambiental no Brasil**: educação infantil e ensino fundamental I. 47f. 2014. Monografia (Especialização em Ensino de Ciências) – Pós-Graduação em Ensino de Ciências, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, *campus* Medianeira, Ibaiti, Paraná, 2014.

SARLOT, Michele Coelho. **O entrelaçamento entre o ensino de Arte e a Educação Ambiental**. Para construir, compartilhar e pertencer. 305f. 2016. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2016.

SAVIANI, Demeval; GALVÃO, Ana Carolina. Educação na pandemia: a falácia do “ensino” remoto. **Universidade e Sociedade**, Brasília, DF, ano XXXI, n. 67, jan. 2021. Disponível em: [https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada\\_1609774477.pdf](https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada_1609774477.pdf). Acesso em: 23 abr. 2021.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Luís Inácio Lula da. **A vasta contribuição [...]**. 24 abr. 2023. Twitter: @LulaOficial. Disponível em: <https://twitter.com/LulaOficial/status/1650537405672218626>. Acesso em: 24 abril 2023.

SILVA, Roberlilson Paulino; BATISTA, Maria Socorro Silva. Arte e educação ambiental como possibilidades de desenvolvimento da consciência crítica. **Educere at Educare**, Cascavel, PR, vol. 11, n. 22, jul./dez. 2016.

SIQUEIRA, Isabela. **Educação de Jovens e Adultos**: evasão e queda de investimento são pontos de atenção na cobertura. 24 abr. 2024. Disponível em: <https://jeduca.org.br/noticia/educacao-de-jovens-e-adultos-evasao-e-queda-de-investimento-sao-pontos-de-atencao-na-cobertura>. Acesso em: 25 jul. 2024.

SOUZA, Heluane Aparecida Lemos de. **Arte, política e educação ambiental**: a contribuição do pensamento de Theodor Adorno. 113f. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP, 2019.

SOUSA, Felipe. Ensino remoto na pandemia: os alunos ainda sem internet ou celular após um ano de aulas à distância. **G1 SP**, São Paulo, 03 mai. 2021. Disponível em <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/05/03/ensino->

remoto-na-pandemia-os-alunos-ainda-sem-internet-ou-celular-apos-um-ano-de-aulas-a-distancia.ghhtml. Acesso em: 17 out. 2021.

SOUZA, Murilo. Projeto inclui idosos na modalidade de educação de jovens e adultos. **Agência Câmara dos Deputados**, Brasília, DF, 22 out. 2024. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1097945-projeto-inclui-idosos-na-modalidade-de-educacao-de-jovens-e-adultos/>. Acesso em: 30 de nov. 2024.

SRUR, Eduardo. **Intervenções**. Disponível em: <https://www.eduardosrur.com.br/intervencoes>. Acesso em: 18 set. 2022.

SRUR, Eduardo. **Pintado**. 2017. Disponível em: <https://www.attack.art.br/cases/pintado> Acesso em: 02 out. 2024.

SUDRÉ, Lu. Desmatamento na Amazônia cresce 63,7% em abril: “Grileiro não faz *home office*”. **Brasil de Fato**, São Paulo, 08 mai. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/08/desmatamento-na-amazonia-cresce-63-7-em-abril-grileiro-nao-faz-home-office>. Acesso: 02 jun. 2020.

TAUBATÉ (Município). **Escola sem muros**: em casa também se aprende. Livro de Arte, 1º ano do ensino médio. Taubaté, SP, 2020. Disponível em: <https://www.taubate.sp.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/1%C2%BA-anoM-ARTE-ativ.-03-Interven%C3%A7%C3%A3o-art%C3%ADstica.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2021.

TIOLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. Edição. São Paulo: Cortez, 2011.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. Temas ambientais como “temas geradores”: contribuições para uma metodologia educativa ambiental crítica, transformadora e emancipatória. **Educar**, Curitiba, n. 27, p. 93-110, 2006.

TV BRASIL. **Homem, arte e meio ambiente**: quais são as relações entre homem, arte e meio ambiente? Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/brasilvisual/episodio/homem-arte-e-meio-ambiente>. Acesso em: 16 abr. 2020.

WEIGEL, Valeria Augusta Cerqueira de Medeiros. **Escolas de branco em malokas de índio**: formas e significados da educação dos Baniwa do Rio Içana. 294f. 1998. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 1998.

WILD life. OneRepublic. Human (Deluxe). Direction: Christian Lamb. Production: Black Dog Films. 27 aug. 2021. 1 video (4:31). Mosley Music/Interscope Records. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=NmAG\\_SpfUVs&list=RDcKWQ\\_gqZBrE&index=7](https://www.youtube.com/watch?v=NmAG_SpfUVs&list=RDcKWQ_gqZBrE&index=7). Acesso em: 30 mai. 2021.

ZITKOSKI, J. J.; LEMES R. K. O tema gerador segundo Freire: base para a interdisciplinaridade. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DIÁLOGOS COM PAULO

FREIRE: UTOPIA, ESPERANÇA E HUMANIZAÇÃO, 9. 2015. **Anais Paulo Freire**. Taquara, RS: FACCAT, 2015.

Disponível em:

[https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/zitkoski\\_lemes.pdf](https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/zitkoski_lemes.pdf). Acesso em: 20 ago. 2021.

**APÊNDICE A – CARTA DE SOLICITAÇÃO PARA A PESQUISA DE  
DOUTORADO PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

Eu, Nélia Lúcia Fonseca, estudante do Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará, e membro do grupo de pesquisa *Arte, Memória e Acervos na Amazônia*, venho através deste ofício solicitar autorização da presidência da Fundação Escola Bosque Centro de Referência em Educação Ambiental Prof<sup>o</sup>. Eidorfe Moreira (Funbosque), para realizar a pesquisa de doutorado cujo título é: *Da Imagem ao Vídeo: experiências em Artes Visuais e questões ambientais com a Educação de Jovens e Adultos na Fundação Escola Bosque Centro De Referência em Educação Ambiental Prof<sup>o</sup>. Eidorfe Moreira*.

Essa pesquisa tem como objetivo geral analisar, através de um processo de compreensão histórica, dialógica, educativa e ecológica, a produção de imagens fixas e em movimento criadas pelos estudantes da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) da Fundação Escola Bosque Centro de Referência em Educação Ambiental Prof<sup>o</sup>. Eidorfe Moreira, a partir de um processo pedagógico de ensino e aprendizagem.

A pesquisa está sendo orientada pela Prof<sup>a</sup>, Dra. Rosângela Marques de Britto, Coordenadora do grupo de pesquisa *Arte, Memória e Acervos na Amazônia* e Vice Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES).

Atenciosamente,

Nélia Lúcia Fonseca

Licenciada em Educação Artística com habilitação em Desenho. Mestre em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas., Professora de Arte concursada da Fundação Escola Bosque Centro de Referência em Educação Ambiental Prof<sup>o</sup>. Eidorfe Moreira. Contatos: (91)991123164. E-mail: nelia.fonseca@ica.ufpa.br, nelialucia@yahoo.com.br.

Prof<sup>a</sup>. Dra. Rosângela Marque de Britto (Orientadora)

Professora Associada da UFPA. Arte/educadora, Museóloga e Artista Plástica. Docente do Instituto de Ciências da Arte (ICA) lotada na Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal do Pará (UFPA), Curso de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais. Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGArtes)/ Rede PROFArtes. Líder do Grupo de Pesquisa CNPq: *Arte, Memórias e Acervos na Amazônia*: -dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9959530237942854. E-mail: rosangelamarquesbritto@gmail.com.

**APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PESQUISA.**

CIDADE UNIVERSITÁRIA PROF. JOSÉ DA SILVEIRA NETTO, RUA AUGUSTO CORRÊA, -01 CEP: 66075-900  
BELÉM-PA-BRASIL

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, Nélia Lúcia Fonseca, aluna do curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Artes (UFPA/ICA/PPGARTES), sob a orientação da Prof<sup>ª</sup> Doutora Rosângela Marques de Britto, estamos convidando-o (a) você, estudante da Educação de Jovens e Adultos da Fundação Escola Bosque a participar da pesquisa **DA IMAGEM AO VÍDEO: experiências em Artes Visuais e questões ambientais com a Educação de Jovens e Adultos na Fundação Escola Bosque.**

Essa pesquisa tem como objetivo analisar os processos de criação artística/estética dos estudantes da Fundação Escola Bosque Centro de Referência em Educação Ambiental Prof<sup>º</sup> Eidorfe Moreira, com ênfase para as questões ambientais partir de um processo artístico/estético/pedagógico de ensino e aprendizagem em Artes Visuais. Os riscos em participar desta pesquisa são mínimos, podendo haver eventual desconforto ou constrangimento diante de alguma pergunta ou processo de ensino/aprendizagem. Para diminuir essa possibilidade de risco de desconforto ou constrangimento, orientamos que você responda ou apenas realize as atividades que se sinta confortável, podendo, inclusive, deixar de realizar atividades ou responder questões ou desistir de sua participação, sem qualquer prejuízo ou consequência. Os benefícios desta pesquisa consistem em gerar dados e análises que possam inspirar processos, produtos, currículos e práticas pedagógicas que garantam aos estudantes acesso a uma educação de qualidade e baseada no diálogo, e acesso a produções historicamente importantes pra humanidade, bem como vir a realizar produções artísticas baseada em sua realidade local que visibiliza as questões ambientais de sua comunidade. Lembramos que é um direito seu desistir da participação na pesquisa em qualquer momento e por qualquer razão, sem qualquer prejuízo. Esclarecemos e garantimos que a

sua identificação será mantida em sigilo e toda informação coletada são estritamente confidenciais, os resultados obtidos por meio da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos científicos expostos acima, incluída sua publicação na literatura especializada.

O participante não terá qualquer tipo de despesa por participar desta pesquisa e sua participação é voluntária, não recebendo e nem cobrando qualquer tipo de remuneração por essa participação.

Em caso de dúvida ou para entender melhor a pesquisa, você poderá entrar em contato, em qualquer momento que julgar necessário, com a pesquisadora. Os contatos são os seguintes [nelialucia@yahoo.com.br](mailto:nelialucia@yahoo.com.br) ou [nelia.fonseca@ica.ufpa.br](mailto:nelia.fonseca@ica.ufpa.br), fone: 91-984889555(pesquisadora) e [rosangelamarquesbrito@gmail.com](mailto:rosangelamarquesbrito@gmail.com) (orientadora da pesquisa). Ao assinalar a opção “aceito participar”, a seguir, você atesta sua anuência com esta pesquisa, declarando que compreendeu seus objetivos, a forma como ela será realizada e os benefícios envolvidos, conforme descrição aqui efetuada.

( ) Aceito participar

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

---

Assinatura do estudante ou responsável legal

---

CPF ou RG

---

Assinatura da Pesquisadora

---

Local e Data



**APÊNDICE C – AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM****AUTORIZAÇÃO**

**Autorização de uso de imagem para a pesquisa de doutorado intitulada DA IMAGEM AO VÍDEO: experiências em Artes Visuais e questões ambientais com a Educação de Jovens e Adultos na Fundação Escola Bosque.**

Eu, \_\_\_\_\_, portador da cédula de identidade número: \_\_\_\_\_ CPF: \_\_\_\_\_, autorizo o registro de foto ou vídeo e a veicular minha imagem e depoimentos em qualquer meio de comunicação para fins de pesquisa acadêmicas e de conhecimento científico sem qualquer ônus ou restrição.

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos de veiculação, não recebendo e nem cobrando para tanto qualquer tipo de remuneração.

Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Assinatura

## APÊNDICE D – AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM PARA MENOR DE IDADE

### AUTORIZAÇÃO

**Autorização de uso de imagem para a pesquisa de doutorado intitulada DA IMAGEM AO VÍDEO: experiências em Artes Visuais e questões ambientais com a Educação de Jovens e Adultos na Fundação Escola Bosque.**

Eu, \_\_\_\_\_, portador da cédula de identidade número: \_\_\_\_\_ CPF: \_\_\_\_\_, autorizo o registro de foto ou vídeo e a veicular a imagem de meu filho(a)/sobrinho(a)/neto(a) e depoimentos em qualquer meio de comunicação para fins de pesquisa acadêmicas e de conhecimento científico sem qualquer ônus ou restrição.

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos de veiculação, não recebendo e nem cobrando para tanto qualquer tipo de remuneração.

Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Assinatura do responsável legal

**APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO – DISCENTE-EJAI****UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIA DAS ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES****QUESTIONÁRIO – DISCENTE-EJAI**

Prezado (a) Estudante

Este formulário destina-se à coleta de dados da pesquisa que realizo no Doutorado em Artes na Universidade Federal do Pará, sob o título: **Práticas Educativas em Artes Visuais e questões ambientais com a Educação de Jovens e Adultos na Fundação Escola Bosque.**

Orientada pela Pro<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosângela Marques de Britto.

O objetivo é pesquisar e analisar os processos de criação artística/estética dos estudantes da Fundação Escola Bosque Centro de Referência em Educação Ambiental Prof<sup>o</sup> Eidorfe Moreira, com ênfase para as questões ambientais a partir de um processo artístico/estético/pedagógico de ensino e aprendizagem em Artes Visuais. Eu pretendo defender a tese no final de 2023.

Conto com sua colaboração no sentido de responder com atenção e máximo de fidelidade às questões deste formulário. Sua participação é de fundamental importância, tanto para o levantamento de dados, quanto para a contribuição que a pesquisa possa promover ao campo da docência e do ensino/aprendizagem em Artes Visuais e questões ambientais

Por princípios éticos as informações coletadas serão resguardadas em total sigilo.

Caso queira ter acesso à tese, por favor, entre em contato diretamente com a pesquisadora através do email: [nelialucia@yahoo.com.br](mailto:nelialucia@yahoo.com.br) ou pelo fone: 91 984889555

Desde já agradeço sua atenção.

Belém, 01 de junho de 2021.

PERFIL SOCIOECONOMICO:

1-SEXO:

FEMININO( )

MASCULINO( )

OUTRO( )

2-Você se considera de que cor ou raça?

Branco

Negro

Indígena

Pardo

3-A quanto você mora em Outeiro?

menos de dois anos

de dois a quatro anos

mais de quatro anos

de cinco a sete anos

mais de 8 anos

mais de 10 anos

4-Que tipo de casa você mora?

Alvenaria

Madeira

Taipa

5- Quantos cômodos tem sua casa/

de um a dois

de três a quatro

mais de cinco

6- Sua casa possui esgoto e fossa séptica?

Sim  Não

7- Sua casa tem água encanada?

Sim  Não

Você paga serviço de água?

Sim  Não

Como é a qualidade da água de sua casa?

Boa, limpa e potável

Ruim, suja e não serve pra beber

9- Sua casa possui energia elétrica?

Sim     Não

10- Quantas pessoas moram na sua residência?

de 1 a 3 membros

de 4 a 6 membros

de 7 a 10 membros

11- Documentos pessoais dos membros da família

todos tem Certidão de Nascimento

Todos tem carteira de identidade

todos

12- Qual trabalho exercem os membros da família com renda?

13- Qual a Renda familiar?

15- Quantas horas de trabalho exercem as pessoas remuneradas de sua família?

16- Há outra Renda complementar? Qual?

17- Que tipo de Lazer você tem na ilha? e atividade cultural

18- Quais Utensílios domésticos há na sua casa?

19- Quais Aparelhos eletrônicos há na sua casa?

20- Quais Alimentos são consumidos pela sua família?

21- Qual o Acesso À internet?

*wifi*

dados móveis

nenhum acesso

## **QUESTIONÁRIO DE PESQUISA PARA OS ESTUDANTES/PARTICIPANTES**

### **PERFIL DE ATIVIDADE ESCOLAR COTIDIANA**

1- qual sua idade?

15 a20 anos

20 a 25 anos

26 a 30 anos

31 a 35 anos

35 a 40 anos

41 a 45 anos

46 a 50 anos

51 a 55 anos

56 a 60 anos

2 - Você considera a arte um conhecimento importante?

sim, muito importante

não, sem nenhuma importância

no caso de sim ou de não diga por que?

---

---

3 - Você já teve contato com o tema meio ambiente?

sim  não

4 - Caso sim, como? \_\_\_\_\_

5 - O que você entende por meio ambiente?

6 - Você conhece algum artista que aborda o tema meio ambiente em sua arte?

sim  não

7 - Caso sim, explique: \_\_\_\_\_

8 - na sua opinião é possível conhecer questões ambientais no ensino/aprendizagem em arte?

9 - Você possui um celular que filma e fotografa?

10 - Você já fez vídeos no seu celular? com que intenção?

sim, apenas como lazer;

sim, por curiosidade;

sim, gosto de produzir vídeos;

não, nunca fiz vídeos no meu celular.

11 - Caso sim, de quantos minutos são esses vídeos que você registrou?

---

12- Você tem preferência por fotografar ou filmar em sua vida cotidiana?

14 - De quantos minutos são esses vídeos que você registrou?

15- Você costuma assistir filmes, novelas e/ou seriados? (múltipla escolha)

filmes  novelas  seriados  todos  outros  
quais? \_\_\_\_\_

9 - Você lembra o nome do último filme, seriado ou novela que assistiu?

sim( ) não( ) se sim, qual? \_\_\_\_\_

10 - Você já acompanhou uma novela, seriado, filme do início ao fim? ( )sim qual?

11 - você sabe o que é enquadramento de imagem?

sim( ) não( )

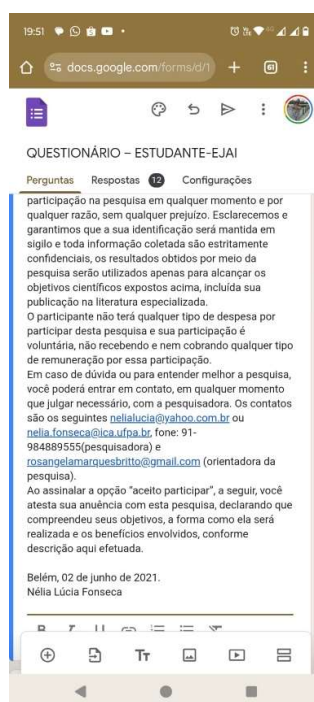
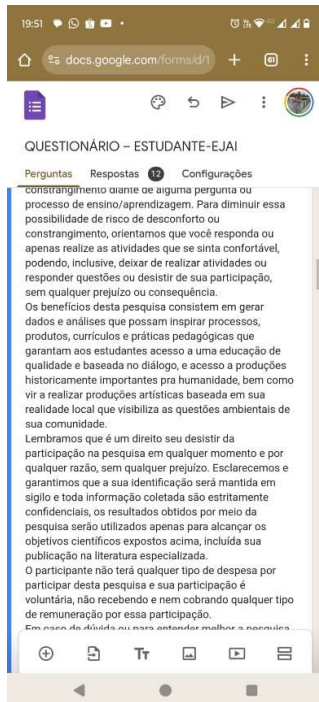
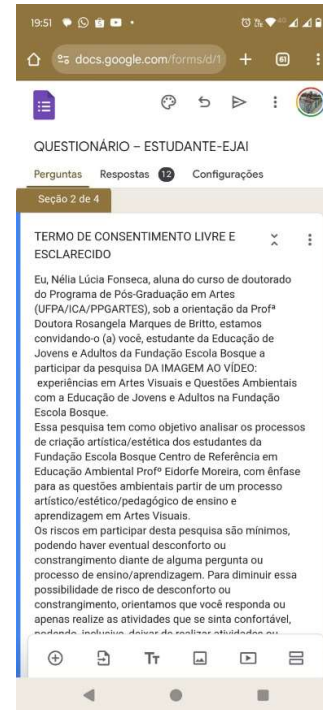
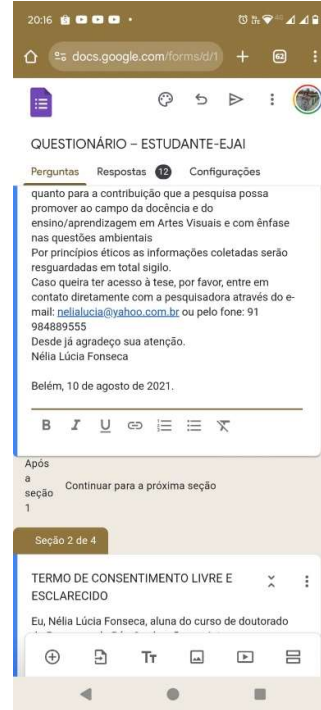
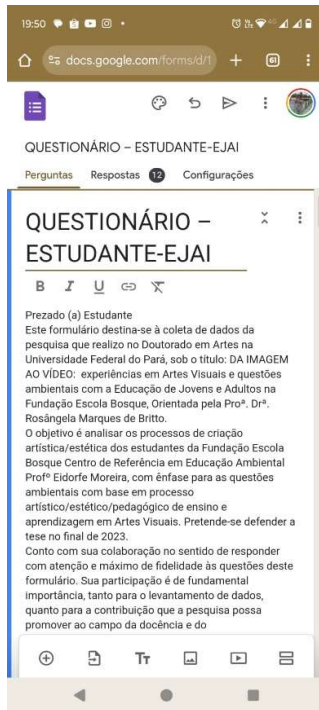
se sim, explique

é? \_\_\_\_\_

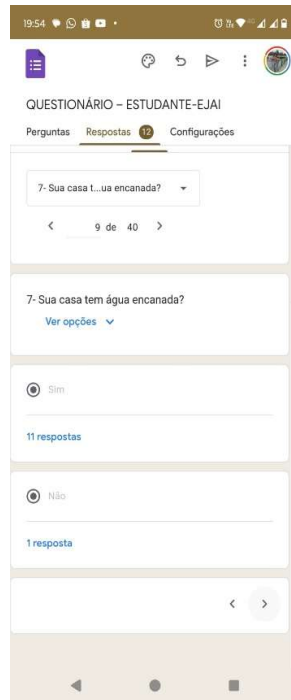
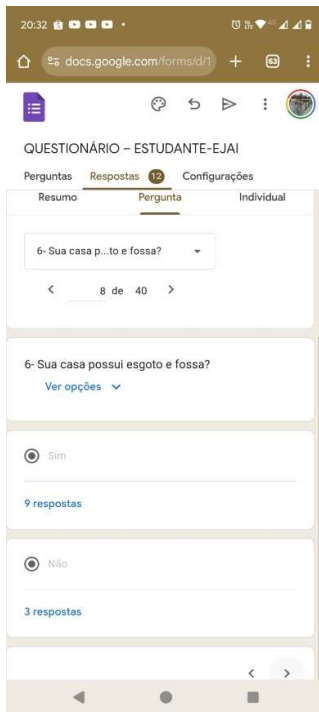
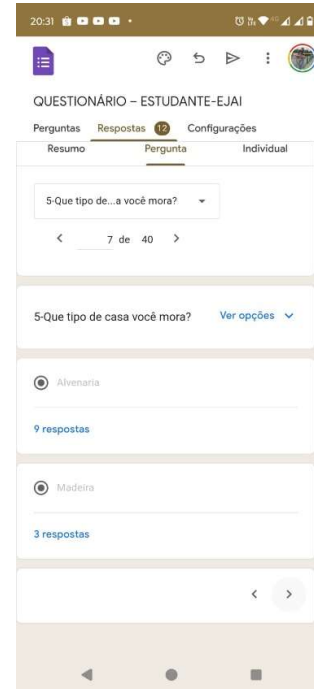
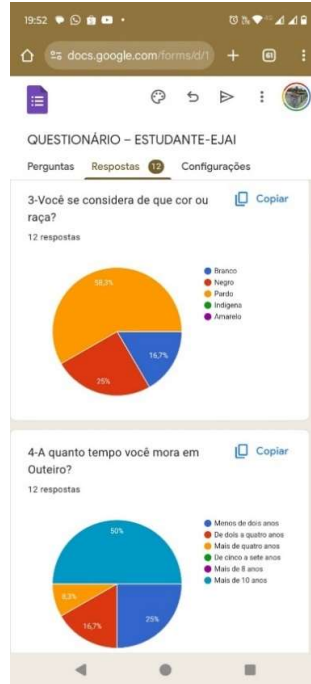
12- Conhece o que é primeiro plano, segundo plano, close?

sim( ) não( )

## APÊNDICE F – PRINTS DO QUESTIONÁRIO RESPONDIDO (10 QUESTÕES)







20:36

docs.google.com/forms/d/1

QUESTIONÁRIO – ESTUDANTE-EJAI

Perguntas Respostas 11 Configurações

9 - Como é a ...de sua casa?

< 11 de 40 >

9 - Como é a qualidade da água de sua casa?

Ver opções

Boa, limpa e potável

9 respostas

Ruim, suja e não serve pra beber

3 respostas

20:36

docs.google.com/forms/d/1

QUESTIONÁRIO – ESTUDANTE-EJAI

Perguntas Respostas 12 Configurações

10 - Você recebe alguma renda do governo?

Ver opções

Bolsa Família

4 respostas

Benefício Continúado

1 resposta

Não há renda complementar

7 respostas

## APÊNDICE G – PLANO DE CURSO DA EJA1




EDUCAÇÃO BÁSICA – MODALIDADE: EDUCAÇÃO DE JOVENS ADULTOS E IDOSOS - EJA1				
PLANEJAMENTO INTEGRADO E COLABORATIVO – PERÍODO SEMESTRAL – DE AGOSTO A DEZEMBRO DE 2021				
TOTALIDADE 4ª	TURMA(S) Dourada, Pescada e Tucunaré	PROFESSOR (A) REFERÊNCIA: Nélia Fonseca		
ÁREA DO CONHECIMENTO: Linguagens		COMPONENTE CURRICULAR: Arte		
<b>OBJETIVOS DE APRENDIZAGENS:</b> Ampliar o repertório artístico/estético/cultural por meio das Artes Visuais e suas relações com o Meio Ambiente; Conhecer as produções dos artistas visuais que trabalham com a perspectiva ambiental nos movimentos da história da arte (local, nacional e internacional); Vivenciar situações em que os jovens percebam por meio de vídeos de bolso e/ou “minutos Lumiere” a relação Arte/Meio Ambiente; Produzir vídeos de bolso e/ou “minuto Lumiere” sobre a temática Arte/Meio Ambiente no contexto do Objetivo 6 da Agenda 2030 da ONU que se interrelaciona com o Tema Gerador e o subeixo Consumo Consciente.				
<b>TEMA GERADOR:</b> Escassez e qualidade da água em Caratateua: ameaça à cidadania e ao bom viver <b>Subtema:</b> Consumo consciente – itens de abrangência: consumo sustentável da água, poluição, agroecologia, manejo de resíduos sólidos, energia				
OBJETOS DO CONHECIMENTO	HABILIDADES	PRESENCIAL	REMOTO	DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE REMOTA
UNIDADE TEMÁTICA: HISTÓRIAS E TÉCNICAS DAS	(EF69AR01) Pesquisar, apreciar e analisar formas	Apresentação de diferentes tipos de	Criar vídeos e vídeo aula com apresentação de	Será criado um vídeo aula com duração de 5 a 10



ARTES VISUAIS E AUDIOVISUAIS A PARTIR DO TEMA “CONSUMO SUSTENTÁVEL DA ÁGUA” - Fotografia - Cinema - Vídeo - A água sob o olhar dos artistas	distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, em obras de artistas brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas e em diferentes matrizes estéticas e culturais, de modo a ampliar a experiência com diferentes contextos e práticas artístico-visuais e cultivar a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético	imagens criadas em épocas e contextos variados, dialogar com a turma sobre elas, apresentar um breve histórico das primeiras imagens criadas em paredes de cavernas até a invenção dos primeiros brinquedos óticos que possibilitaram a imagem em movimento. Proporemos aos estudantes que criem alguns brinquedos como o taumatrópio e o zootrópio	slides exemplificando as artes visuais e audiovisuais, fazendo um breve histórico das primeiras imagens em cavernas, bem como de diversas culturas até a invenção dos primeiros brinquedos óticos que criam a ilusão de movimento. Proporemos aos estudantes que criem fotografias em perspectiva, vídeos de um minuto, alguns brinquedos como o taumatrópio e o zootrópio	minutos e durante a aula em vídeo a professora fará uso de slides mostrando um breve histórico das artes visuais e as primeiras imagens em movimento.
A POLUIÇÃO NO CONTEXTO DAS ARTES VISUAIS: -Poluição Plástica -4 artistas que transformam lixo em arte - 5 artistas que transformam lixo em arte com consciência social	Definir e exemplificar o que é Poluição. Identificar artistas visuais que trabalham com temas ambientais. Produzir um trabalho artístico com resíduos sólidos	Apresentar por meio de slides artistas visuais que expressam em suas obras uma preocupação com questões ambientais e dialogar com a turma sobre as imagens apresentadas	Produzir um podcast em forma de narrativa, demarcando conceitos de meio ambiente e questões ambientais e como artistas se apropriam em suas obras dessas questões	Criar um podcast em torno de 5 a 8 minutos, com um roteiro em forma de narrativa e abordando conceitos chaves sobre o tema da aula, também será enviada questionário em forma de



-Intervenção Artística Arte e lixo Transformando a poluição do Ar em Arte	-Conhecer artistas que paraenses que utilizam resíduos em suas obras artísticas.			quiz para os estudantes responderem
- O MANEJO DE RESÍDUOS NAS PROPOSTAS DOS ARTISTAS. - Arte e meio ambiente: grandes vertentes e poderes questionadores - Arte e reutilização de resíduos - Trabalho artístico e sustentabilidade	Observar desenhos, pinturas, fotos, vídeos que representem temas sobre consumo consciente. Produzir um trabalho visual com reutilização de material	Dialogar com os estudantes sobre consumo consciente e apresentar a visão dos artistas que abordam esse tema em suas obras, proporemos aos estudantes que criem um trabalho visual reutilizando materiais	Apresentar um vídeo aula sobre artistas que trabalham com tema do consumo, mostrando através de slides artistas e suas obras, fazendo contextualizações históricas e sociais. Proporemos que os estudantes produzam um trabalho reutilizando materiais	Produção de vídeo em torno de 3 a 5 minutos usando slides para mostrar visualmente as obras de artistas visuais que trabalham com tema do consumo consciente e no final do vídeo proporemos que os estudantes produzam e nos envie um trabalho artístico reutilizando material por meio de uma colagem ou de associação de peças que normalmente as pessoas descartam. Os estudantes irão fotografar e nos enviar por e-mail ou aplicativo de comunicação
- ENERGIA E OS ELEMENTOS DA	Identificar os diferentes elementos da linguagem visual e audiovisual	Dialogar com a turma sobre a linguagem visual e audiovisual, mostrando e	Apresentaremos um vídeo aula elencando os elementos da linguagem	Produziremos vídeo aula de 3 a 5 minutos usando slides para que os estudantes



LINGUAGEM VISUAL E AUDIOVISUAL -Luz e sombra -Texturas -Cores -Perspectiva -Enquadramentos	Exemplificar as diferenças entre imagem fixa e imagem em movimento produzindo fotografias e vídeos Identificar a temática da energia a partir das abordagens reflexivas dos artistas em suas obras	diferenciado as linguagens. Faremos uso de registros fotográficos dos trabalhos dos estudantes da aula anterior e pequenos curtas audiovisuais. Proporemos que os estudantes façam registros fotográficos de situações problemas relacionados ao meio ambiente em que vivem e nessa mesma linha que façam "Minutos Lumière".	visual e audiovisual, faremos uso de slides pra mostrar registros fotográficos da aula anterior e em vídeos curtos para exemplificar as diferenças e proporemos no final do vídeo aula que façam registro em fotografias tendo como tema situações problemas relacionadas ao meio ambiente em que vivem e nessa mesma linha façam também os minutos Lumière. (vídeos com câmera parada de 1 minuto)	possam visualizar os elementos da linguagem visual e audiovisual, selecionaremos imagens relacionadas ao consumo consciente, como poluição, energia, consumo da água, manejo de resíduos sólidos, saneamento básico. Seguiremos a linha das contextualizações das imagens e dos artistas, bem como faremos uso dos trabalhos visuais dos estudantes de aulas anteriores para servirem como exemplos de imagem visual. Além de registros fotográficos de situações problemas, proporemos também a criação de vídeos de 1 minuto com câmera parada dessas mesmas problemáticas vivenciadas pelos estudantes em suas
---	---	--	---	---



				comunidades (minuto Lumière)

**METODOLOGIA:** Para encaminhamento de nossas aulas a Abordagem Triangular sistematizada por Ana Mae Barbosa (2019) e desenvolvido por vários outros pesquisadores da área de Arte será a nossa referência para as três ações: ler, fazer e contextualizar as aulas de Artes Visuais. A Abordagem Triangular visa provocações de leitura das obras artísticas, observando as devidas contextualizações, bem como oportunizar a produção artística dos estudantes, nesta referida abordagem não há um fio condutor pré-estabelecido, portanto podemos começar pela contextualização da obra artística selecionada, depois podemos fazer a leitura, no sentido de fruir a obra e por fim provocar a produção artística dos estudantes. No entanto, essa ordem pode ser alterada conforme a necessidade dos estudantes.

Com isso, usaremos textos, livros didáticos e paradidáticos, imagens, jogos, quizzes, podcast, vídeos, áudios e outros recursos.


**AValiação:** A avaliação será sempre em processual, com participação dos estudantes, suas produções artísticas, respostas aos exercícios propostos ou quizzes dos conteúdos trabalhados que podem ser disponibilizados pelo Google formulários ou outro aplicativo.

No final do bimestre pretendemos criar uma exposição virtual usando sites como o padlet.



<p><b>RECURSOS MATERIAIS E TECNOLÓGICOS:</b> Computador, textos, imagens fotográficas, imagens de filmes curta metragem, animações, clip musicais, imagens de obras de arte clássicas e contemporâneas, imagens de diferentes culturas, lápis de cor, caderno de desenho, tintas, pincéis, livros, canetas hidrocor, giz de cera, projetor, tv,</p> <p>Referências: BARBOSA, Ana Mae. <b>A Imagem no Ensino da Arte:</b> anos de 1980 e novos tempos, 1. ed – São Paulo, Perspectiva, 2019</p>
--


## ANEXO A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA ESCOLA BOSQUE



**Prefeitura  
de Belém**  
GOVERNO DO POVO GRANDE

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM  
FUNDAÇÃO CENTRO DE REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL  
ESCOLA BOSQUE PROFESSOR EIDORFE MOREIRA  
GABINETE DA PRESIDÊNCIA

**FUNBOSQUE**  
FUNDAÇÃO  
ESCOLA BOSQUE



---


**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA**

Eu, **Alickson Sérgio Lopes de Souza**, Presidente da Fundação Centro de Referência em Meio Ambiente Escola Bosque Eidorfe Moreira – FUNBOSQUE, AUTORIZO **Nélia Lúcia Fonseca**, responsável pelo Projeto de pesquisa da UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA intitulado "DA IMAGEM AO VÍDEO: Experiência em Artes Visuais e questões ambientais com a Educação de Jovens e Adultos na Fundação Centro de Referência em Meio Ambiente Escola Bosque Eidorfe Moreira – FUNBOSQUE".


A pesquisadora acima qualificada se compromete a obedecer aos procedimentos éticos estabelecidos na Resolução nº 510 de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, que dispõe sobre os critérios éticos na pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, conforme enfatizado no Art. 3º:

- I. Reconhecimento da liberdade e autonomia de todos os envolvidos no processo de pesquisa, inclusive da liberdade científica e acadêmica;
- II. Defesa dos direitos humanos e recusa do arbítrio e do autoritarismo nas relações que envolvem os processos de pesquisas;
- III. Respeito aos valores culturais, sociais, morais e religiosos, bem como aos hábitos e costumes dos participantes da pesquisa;
- IV. Empenho na ampliação e consolidação da democracia por meio da socialização da produção de conhecimento resultante da pesquisa inclusive em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada;
- V. Recusa de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, a participação de indivíduos e grupos vulneráveis e discriminados e as diferenças dos processos de pesquisa;
- VI. Garantia de assentimento ou consentimento dos participantes das pesquisas esclarecidos sobre seu sentido e implicações
- VII. Garantia de confidencialidade das informações, da privacidade dos participantes e da proteção de sua identidade, inclusive do uso de sua imagem e voz
- VIII. Garantia da não utilização por parte da pesquisadora, das informações obtidas em pesquisa sem prejuízo dos seus participantes;
- IX. Compromisso de todos os envolvidos na pesquisa de não criar, manter ou ampliar as situações de risco ou vulnerabilidade para indivíduos e coletividade, nem acentuar o estigma, o preconceito ou a discriminação;
- X. Compromisso de propiciar assistência a eventuais danos materiais e imateriais, decorrentes da participação na pesquisa, conforme o caso sempre e enquanto necessário (BRASIL 2016)

---



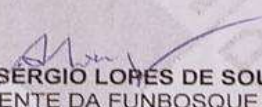
End.: Av. Nossa Senhora da Conceição s/nº \* Outeiro – Belém-Pa \* CEP.66.840-450  
Fone/fax (091) 3073-1850 \* E-mail [oficiofunbosque@gmail.com](mailto:oficiofunbosque@gmail.com)  
CNPJ. 00.986.621/0001-96



Além de obedecer aos critérios éticos na pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, a pesquisadora acima qualificada se compromete a:

- 1 - Iniciar a coleta de dados após a assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que possibilite aos sujeitos da pesquisa o mais amplo esclarecimento sobre investigação a ser realizada, seus riscos e benefícios, para que a sua manifestação de vontade no sentido de participar (ou não), seja efetivamente livre e consciente;
- 2 - Obedecer às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, garantindo-lhe o máximo de benefícios e o mínimo de riscos;
- 3- Assegurar a privacidade das pessoas citadas nos documentos institucionais e/ou contadas diretamente, de modo a proteger suas imagens, bem como garantir que não utilizará as informações coletadas em prejuízo dessas pessoas e/ou da instituição, respeitando desse modo as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS N° 466/2012 e obedecendo as disposições legais estabelecidas na Constituição Federal Brasileira artigo 5º incisos X e XIV e no Novo Código Civil, artigo 20;
- 4 - Devolutiva dos resultados da pesquisa, as escolas participantes, em cada etapa concluída;
- 5 - Devolutiva dos resultados finais da pesquisa por meio de encontros de Formação Continuada aos Professores da rede pública municipal de ensino

Ilha de Caratateua, 11 de fevereiro de 2021

  
**ALICKSON SÉRGIO LOPES DE SOUZA**  
PRESIDENTE DA FUNBOSQUE

**ANEXO B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM – TEMA GERADOR: “ESCASSEZ E QUALIDADE DA ÁGUA EM CARATATEUA: AMEAÇA À CIDADANIA E AO BOM VIVER”**


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE  
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO IMAGEM**

Eu, Edinilza Magalhães da Costa Souza, nacionalidade brasileira, estado civil, casada, portador da Cédula de identidade RG nº 2979601 inscrito no CPF sob nº 68354142272, residente à Passagem Dalva, n.1175, município de Belém/Pará. AUTORIZO o uso da imagem criada por mim que representa o Tema Gerador: “Escassez e qualidade da Água em Caratateua: ameaça à cidadania e ao bom viver” e toda sua rede temática para as reuniões de reorientação curricular da Educação de Jovens Adultos e Idosos da Escola Bosque Profº Eidorfe Moreira. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional.

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação dessa imagem na tese de doutorado: Práticas Educativas em Artes Visuais e as Questões Ambientais na Escola Bosque, não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso da imagem acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha autoria ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Belém, dia 30 de setembro de 2024.

Documento assinado digitalmente  
 EDNILZA MAGALHÃES DA COSTA SOUZA  
Data: 30/09/2024 15:43:52-0300  
Verificar em <https://validar.jf.gov.br>

---

EDNILZA MAGALHÃES DA COSTA SOUZA  
(Assinatura)